



Colm
Tóibín



Nora
Webster

romance

*"Este livro tem tudo que podemos
esperar de um grande romance: que ele
corresponda à densidade de nossas
vidas, que seja longo como a própria vida."*

THE GUARDIAN

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

COLM TÓIBÍN

Nora Webster

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DAS LETRAS

Bríd Tóibín (1921-2000)
Níall Tóibín (1959-2004)

1.

“Você deve estar de saco cheio deles. Será que eles nunca vão parar de vir aqui?” Tom O’Connor, seu vizinho, estava em frente à porta dele, olhando para ela, à espera de uma resposta.

“Eu sei”, disse ela.

“É só não atender. É o que eu faria.”

Nora fechou o portão do jardim.

“Eles têm boa intenção. As pessoas têm boa intenção”, disse ela.

“Noite após noite”, disse O’Connor. “Não sei como você aguenta.”

Nora gostaria de voltar para dentro de casa sem precisar responder de novo. Ele tinha um tom de voz diferente, um tom que nunca havia usado. Falava como se tivesse alguma autoridade sobre ela.

“As pessoas têm boa intenção”, ela repetiu, mas dessa vez dizer isso a deixou triste, a fez morder o lábio e reprimir as lágrimas. Quando seus olhos cruzaram com os de O’Connor, Nora entendeu que devia estar parecendo abatida, derrotada. Entrou em casa.

Naquela noite, bateram na porta quase às oito horas. Havia a luz de uma lareira na sala e os dois meninos faziam o dever de casa à mesa.

“Atende você”, disse Donal para Conor.

“Não, atende você.”

“Atenda, um de vocês dois”, disse ela.

Conor, o mais jovem, foi até a porta de entrada. Nora ouviu uma voz quando ele abriu a porta, uma voz de mulher, mas de ninguém conhecido. Conor trouxe a visita para a antessala.

“É aquela mulher pequena que mora na Court Street”, ele sussurrou para ela, quando chegou à sala.

“Que mulher pequena?”, perguntou Nora.

“Sei lá.”

May Lacey balançou a cabeça com tristeza quando Nora chegou à antessala.

“Nora, esperei até agora. Nem consigo dizer como lamento pelo Maurice.”

Estendeu o braço e segurou a mão de Nora.

“Ele era tão jovem. Eu o conheci quando era menino. Nós conhecíamos todos eles na Friary Street.”

“Tire o casaco e vamos lá para dentro”, disse Nora. “Os meninos estão fazendo as lições da escola, mas podem vir para cá e acender a lareira elétrica. Daqui a pouco eles vão mesmo para a cama.”

May Lacey, com tufo de cabelo grisalho à mostra por baixo do chapéu, a echarpe ainda enrolada no pescoço, sentou-se de frente para Nora, na sala, e começou a falar. Depois de algum tempo, os meninos subiram; Conor, quando Nora o chamou, ficou tímido e não quis descer para dar boa-noite, mas pouco depois Donal veio e sentou-se na sala com elas, observando May com atenção, sem falar nada.

Agora estava claro que ninguém mais ia aparecer. Nora ficou aliviada por não ser obrigada a entreter pessoas que não se conheciam ou pessoas que não gostavam umas das outras.

“Pois é”, prosseguiu May Lacey, “o Tony estava no hospital no Brooklyn, e aí colocaram o tal homem no leito ao lado do dele, os dois conversaram, Tony viu que o homem era irlandês, e ele contou que sua esposa era do condado de Wexford.”

May parou e contraiu os lábios, como se tentasse se lembrar de alguma coisa. De repente, começou a imitar a voz de um homem: “Ah, foi de lá que eu vim, disse o homem, e então o Tony disse que

ela era de Enniscorthy; ah, eu também sou de lá. E perguntou para o Tony de que parte de Enniscorthy ela era, e o Tony respondeu que era da Friary Street”.

May Lacey cravou os olhos no rosto de Nora, obrigando-a a manifestar interesse e surpresa.

“E o homem disse que também era de lá. Que coisa incrível!”

Parou, à espera de uma resposta.

“Então ele contou para o Tony que antes de ter saído da cidade fez aquele negócio de ferro — como é que a gente chama? —, uma grade ou uma proteção no parapeito da janela lá na casa do Gerry Crane. Então fui lá olhar e estava lá mesmo. O Gerry nem sabia dizer como foi que aquilo apareceu ali, nem quando. Mas o homem na cama ao lado de Tony no Brooklyn disse que tinha feito aquilo, que ele era serralheiro. Não é uma coincidência? Isso acontecer no Brooklyn.”

Nora fez chá, quando Donal foi para a cama. Levou o chá com biscoitos e bolo numa bandeja para a sala dos fundos. Depois que serviram o chá nas xícaras, May Lacey bebeu um pouco e recomeçou a falar.

“Claro, todos meus familiares pensavam demais em Maurice. Viviam perguntando dele nas cartas. Ele era amigo de Jack antes de Jack ir embora. E claro que Maurice era um grande professor. Os meninos adoravam o Maurice. Sempre ouvi dizerem isso.”

Olhando para a lareira, Nora tentava puxar pela memória, procurando saber se May Lacey já estivera algum dia naquela casa. Achava que não. Conhecia May Lacey fazia muito tempo, assim como muita gente na cidade, cumprimentava e trocava palavras amáveis, ou então parava e batia um papo rápido, caso houvesse alguma novidade. Conhecia a história da vida de May Lacey, seu nome de solteira, sabia em que jazigo no cemitério ela ia ser enterrada. Nora a tinha ouvido cantar um dia num concerto, lembrava de sua voz estridente de soprano — uma das canções foi “Home, Sweet Home” ou “Oft in the Stilly Night”.

Nora achava que May Lacey não era de sair muito de casa, exceto para fazer compras e ir à missa no domingo.

Então as duas se calaram e Nora achou que dali a pouco May iria embora.

“Foi gentileza sua vir me visitar”, disse.

“Ah, Nora, tive muita pena de você, mas achei melhor esperar um pouco, não quis ficar tumultuando sua casa, com um monte de gente aqui.”

Ela não quis mais chá e, quando Nora foi à cozinha com a bandeja, achou que May, quem sabe, fosse se levantar e vestir o casaco, porém ela não saiu da cadeira. Nora foi ao andar de cima ver se os meninos estavam dormindo. Sorriu consigo mesma ao pensar em simplesmente ir para cama, cair no sono e deixar May Lacey lá embaixo, olhando para a lareira, esperando em vão sua volta.

“Onde estão as meninas?”, perguntou May assim que Nora desceu. “Nunca vejo as meninas, elas viviam passando para lá e para cá o tempo todo.”

“Aine está na escola em Bunclody. Agora vai morar lá”, disse Nora. “E Fiona está em Dublin, estudando para ser professora.”

“Você vai sentir saudade quando elas forem embora”, disse Lacey. “Eu sinto saudade de todo mundo, verdade, mas, é engraçado, de todos é na Eily que eu penso mais, apesar de sentir falta do Jack também. Havia alguma coisa, sei lá, eu não queria perder a Eily. Depois que Rose morreu — você já sabe de tudo isso, Nora —, pensei que ela fosse voltar para casa, ficar aqui, arranjar um emprego, mas um belo dia, uma ou duas semanas depois de ela ter voltado, vi que estava muito calada e que aquele não era o seu jeito normal, então ela começou a chorar na mesa e foi aí que soubemos que o companheiro dela em Nova York só a deixou vir para casa se ela casasse com ele. E ela já tinha casado com ele, lá mesmo, sem contar nada para nós. ‘Bem, então é isso, Eily’, eu falei. ‘Você precisa voltar para ele, então.’ Eu não conseguia olhar nos olhos dela nem falar com ela, e ela me mandou fotografias dos dois juntos em Nova York, mas eu não consegui olhar para as fotografias. Eram a última coisa do mundo que eu queria ver. Sempre fiquei muito triste por ela não ter ficado aqui.”

“Sim, fiquei triste quando soube que ela voltou para lá, mas talvez ela esteja feliz”, disse Nora, e quando May Lacey baixou os olhos com ar tristonho e uma expressão magoada no rosto, Nora imediatamente achou que talvez tivesse falado algo que não devia.

May Lacey começou a remexer dentro da bolsa. Pôs nos olhos os óculos de leitura.

“Achei que eu tivesse trazido a carta de Jack, mas devo ter deixado em casa”, disse ela.

Examinou um pedaço de papel e depois outro.

“Não, não trouxe mesmo. Queria mostrar a você. Tinha uma coisa que ele queria perguntar para você.”

Nora não disse nada. Fazia mais de vinte anos que não via Jack.

“Talvez eu ache a carta lá em casa e mande para você”, disse May.

Levantou-se para ir embora.

“Não acho que ele vai voltar para casa”, disse enquanto vestia o casaco. “O que iria fazer aqui? Eles têm a vida deles toda lá em Birmingham, já me convidaram para ir lá e tudo, mas respondi para o Jack que eu preferia chegar ao fim dos meus dias sem ver a Inglaterra. Mas acho que ele bem que gostaria de ter alguma coisa por aqui, um lugar que pudesse visitar, talvez ver os filhos de Eily ou de outros.”

“Bem, ele tem você para visitar”, disse Nora.

“Ele achou que você ia vender Cush”, disse May, enquanto punha o cachecol no pescoço. Ela falou como se aquilo não fosse nada, mas, ao olhar para Nora, sua expressão era dura e concentrada e seu queixo começou a tremer.

“Ele me perguntou se você ia vender”, disse ela, e fechou a boca com firmeza.

“Ainda não fiz planos”, respondeu Nora. May contraiu os lábios de novo. Não se mexeu.

“Gostaria de ter trazido a carta”, disse. “Jack sempre adorou Cush e Ballyconnigar. Ele costumava ir lá com o Maurice e com os outros, e sempre se lembra. E o lugar não mudou muito, de lá para cá, todo mundo iria se lembrar dele. Na última vez em que veio, não conheceu metade das pessoas da cidade.”

Nora não disse nada. Queria que May fosse embora.

“Vou dizer a ele que falei com você sobre o assunto. É tudo que posso fazer.”

Como Nora não respondeu, May olhou para ela, nitidamente incomodada com o silêncio. Caminharam para o hall e pararam diante da porta.

“O tempo cura tudo, Nora. É o que tenho a lhe dizer. E digo por experiência própria.”

Suspirou, quando Nora abriu a porta.

“Obrigada pela visita, May”, disse Nora.

“Boa noite, Nora, e cuide-se.”

Nora observou-a indo embora lentamente pela trilha, a caminho de casa.

Nora foi de carro para Cush no velho Austin A40, num sábado daquele mês de outubro, deixando os meninos brincando com amigos e sem contar a ninguém para onde estava indo. Seu objetivo naqueles meses, enquanto o outono se aproximava do inverno, era se empenhar para reprimir as lágrimas, pelo bem dos meninos e, talvez, para seu próprio bem. O choro, que parecia vir sem nenhum motivo, assustava os filhos e os perturbava, enquanto iam se habituando à ausência do pai. Nora se dava conta de que eles tinham passado a se comportar como se tudo estivesse normal, como se na verdade nada estivesse faltando. Estavam aprendendo a disfarçar o que sentiam. Em troca, Nora aprendeu a identificar sinais de perigo, pensamentos que levariam a outros pensamentos. Nora media seu sucesso com os meninos pelo grau de controle que conseguia ter sobre os próprios sentimentos.

Quando descia o morro, já fora do povoado The Ballagh, e teve a primeira visão do mar, lhe ocorreu que nunca até então havia estado sozinha naquela estrada. Durante todos aqueles anos, bem naquele ponto da estrada, um dos meninos, ou uma das meninas quando eram menores, berrava: “Dá para ver o mar!”, e Nora precisava obrigá-los a ficar sentados e quietos.

Em Blackwater, Nora pensou em fazer uma parada a fim de comprar cigarros ou chocolate, ou qualquer coisa que servisse para adiar sua chegada a Cush. Mas tinha certeza de que algum conhecido iria vê-la e iria querer lhe dar condolências. As palavras vinham com facilidade: "Lamento muito" ou "Lamento muito sua situação". Todos acabavam falando a mesma coisa, só que não havia uma fórmula pronta para responder. "Eu sei" ou "Obrigada" parecia insensível, quase vazio. E as pessoas ficavam paradas, olhando para ela, até Nora não ver a hora de se livrar delas. Havia algo de faminto na maneira como seguravam sua mão ou fitavam seus olhos. Nora se perguntou se algum dia já teria feito aquilo com alguém; achava que não, nunca. Quando virou à direita para Ballyconnigar, se deu conta de que se sentiria pior se as pessoas comesçassem a evitá-la. Com um choque, lhe ocorreu que provavelmente elas estavam fazendo isso mesmo, só que ela não tinha notado.

O céu havia escurecido e gotas de chuva batiam no para-brisa. Ali parecia muito mais deserto e mais invernososo do que no campo, na estrada para Blackwater. Entrou à esquerda na rua da quadra de handebol irlandês* que levava a Cush e se permitiu um breve descanso para imaginar que ainda estava vivendo um momento do passado recente, um dia escuro de verão, com o céu ameaçador, e tinha ido a Blackwater comprar carne, pão e jornal. Havia jogado suavemente as mercadorias no banco de trás, e a família estava reunida dentro da casa junto ao lago lodoso, Maurice e os filhos, e talvez também mais um ou dois amigos, e os filhos tinham dormido tarde e agora iam ficar frustrados porque o sol não estava brilhando, mas aquilo não os impediria de ficar brincando de jogar e rebater a bola com um bastão ou de fazer bagunça na frente da casa, ou de ir para a margem do lago. Porém, se chovesse o dia todo, é claro, permaneceriam dentro de casa jogando cartas, até que os dois meninos se aborrecessem e fossem reclamar com ela.

Nora se permitiu imaginar tudo isso o tempo que quis. Porém, assim que teve a visão do mar e do horizonte por trás do telhado de Corrigan, tais fantasias já não tiveram nenhuma utilidade, e ela voltou de novo para o mundo nu e cru.

Conduziu o carro pela travessa e abriu a tranca dos portões grandes de ferro galvanizado. Estacionou em frente à casa e fechou os portões outra vez, para que ninguém visse o carro. Adoraria que alguma de suas antigas amigas estivesse ali, Carmel Redmond ou Lily Devereux, que sabiam falar com ela com sensatez, não sobre aquilo que Nora havia perdido, ou que sentiam muito por ela, mas sobre filhos, dinheiro, trabalho de meio expediente e como viver agora. Elas ouviriam Nora. Mas Carmel morava em Dublin e só vinha no verão, e Lily apenas de tempos em tempos, para ver a mãe.

Nora entrou no carro de novo, enquanto o vento do mar uivava à sua volta. A casa estaria fria. Ela devia ter pego um agasalho mais pesado. Sabia que desejar que suas amigas estivessem ali ou se deixar ficar no carro tremendo de frio daquele jeito não passava de meios para adiar o momento em que teria de abrir a porta e entrar na casa vazia.

Então o vento bateu ainda mais forte e sibilante e deu a impressão de que ia levantar o carro. Uma coisa que Nora não se permitira pensar antes, mas da qual já estava consciente havia alguns dias, irrompeu em sua mente, e ela fez uma promessa a si mesma. Nunca mais voltaria ali. Era a última vez que vinha à casa. Agora ela ia entrar e atravessar os poucos cômodos da casa. Levaria os objetos pessoais que não pudessem ser deixados lá, fecharia a porta, voltaria para a cidade e, no futuro, nunca mais faria aquela curva na rua estreita da quadra de handebol irlandês, na estrada entre Blackwater e Ballyconnigar.

A firmeza de sua decisão a surpreendeu. Como parecia fácil dar as costas para aquilo que tinha amado, abandonar aquela casa na travessa que ia dar no penhasco e deixá-la para outras pessoas, que viriam no verão e a encheriam de barulhos diferentes. Sentada, olhando para o céu machucado acima do mar, Nora soltou um suspiro. Por fim, se permitiu sentir quanta coisa havia perdido e quanta saudade ia ter. Saiu do carro, aprumando o corpo contra a força do vento.

A porta da frente se abria para uma saleta. Havia dois quartos de cada lado, os quartos da esquerda com beliches, à direita uma sala,

uma cozinha pequena e um banheiro, ao lado do qual ficava o quarto deles, sossegado, longe das crianças.

Todo ano, no início de junho, eles iam para lá, todos juntos, sábado e domingo, mesmo quando o tempo não estava bom. Levavam escovas, esfregões, detergentes e panos para limpar as janelas. Levavam colchões bem ventilados. Era um momento marcante, uma linha divisória no calendário que significava o começo do verão, ainda que o verão fosse cinzento e nebuloso. Nos anos que Nora queria recordar agora, as crianças eram barulhentas e animadas no início, como se fossem uma família de americanos saída do programa *The Donna Reed Show*. Imitavam o sotaque americano, davam instruções uns aos outros, mas logo ficavam entediados, se aborreciam, e Nora deixava que fossem brincar, que descessem até a margem do lago e fossem a pé para o povoado. E então começava o trabalho duro. Quando os filhos saíam de cena, Maurice fazia coisas como pintar as partes de madeira, passar tinta à base de água no cimento; o linóleo do chão era coberto nos locais onde havia furos, Nora remendava o papel de parede onde havia mofo ou manchas demais, e para isso ela precisava de silêncio e concentração. Nora gostava de medir até a última fração de centímetro, dar à cola a consistência exata e cortar remendos de papel de parede vistosos, com estampas florais.

Fiona tinha horror a aranhas. Nora se lembrou disso agora. E limpar a casa significava, acima de tudo, remover aranhas, percevejos e todo tipo de inseto rastejante. Os meninos adoravam ver Fiona gritar, e Fiona também adorava dar gritos, sobretudo porque seu pai a protegia com gestos calculados. "Onde ele está?", gritava o pai, imitando o gigante da história "João e o pé de feijão", e Fiona se voltava para o pai, que a abraçava.

Isso era passado, pensou Nora enquanto entrava na sala, e não podia ser recuperado. O frio e a estreiteza da sala lhe provocaram uma estranha satisfação. Havia evidentemente uma goteira no telhado de folhas de flandres galvanizadas, pois se via uma mancha recente no teto. A casa trepidava quando uma rajada de vento lançava um jato de chuva contra o vidro. As janelas teriam de ser consertadas em breve e a madeira começava a apodrecer. E quem

sabe quanto tempo faltava para o penhasco ser devorado até o local onde a casa estava, e ela então teria de ser demolida por ordem da prefeitura? Agora aquela seria preocupação de outras pessoas. Outras pessoas poderiam consertar as goteiras e cuidar da umidade nas paredes. Outras pessoas iriam trocar a fiação elétrica e pintar a casa, ou abandoná-la à força da natureza quando chegasse a hora.

Nora poderia vender a casa para Jack Lacey. Nenhum morador dali ia querer comprar a casa; sabiam que era um mau investimento comparado com as casas de Bentley, Curracloe ou Morriscastle. Ninguém de Dublin que visse o estado da casa faria uma proposta. Nora observou a sala e estremeceu.

Entrou nos quartos dos filhos e no quarto que tinha sido dela e de Maurice e percebeu que, para Jack Lacey, em Birmingham, ser dono daquilo representava um sonho, parte de uma lembrança de domingos de sol causticante, meninos e meninas andando de bicicleta e possibilidades esplêndidas à frente. Por outro lado, Nora imaginou Jack entrando na casa dali a um ou dois anos, quando fosse passar quinze dias de férias na Irlanda, com o teto meio tombado, teias de aranha por todo lado, o papel de parede descascado, as janelas quebradas e a luz cortada. E o dia de verão escuro, com um chuvisco incessante.

Nora abriu as gavetas, mas ali não havia nada que desejasse. Só jornais amarelados e pedaços de barbante. Mesmo as louças e os utensílios de cozinha pareciam não valer o trabalho de levá-los para casa. No quarto, achou algumas fotografias e livros dentro de um armário fechado à chave, e os juntou para levar consigo. Nada mais. Os móveis estavam imprestáveis, as luminárias já gastas e desbotadas. Nora lembrou que havia comprado aquelas peças na Woolworth's, em Wexford, poucos anos antes. Tudo apodrecia e desbotava naquela casa.

A chuva começou a cair com mais força. Nora tirou um espelho da parede do quarto e notou como o espaço que ele cobria estava mais claro, comparado com o papel de parede desbotado e poeirento em toda a volta.

A princípio achou que as batidas que ouviu eram alguma coisa que esbarrara na porta ou o vento na janela. Como as batidas continuaram e ela ouviu uma voz, entendeu que tinha visita. Ficou surpresa, pois achou que ninguém havia notado sua chegada nem visto seu carro. A primeira reação foi se esconder, mas sabia que já tinha sido vista.

Quando abriu o ferrolho, a porta da frente quase a golpeou. A figura lá fora usava um anoraque grande demais para seu tamanho, o capuz enorme cobrindo metade do rosto.

“Nora, ouvi o barulho do carro. Você está bem?”

Quando o capuz baixou, ela reconheceu a sra. Darcy, a quem não via desde o enterro. A sra. Darcy seguiu-a para dentro da casa, quando Nora fechou a porta.

“Por que não telefonou antes de vir?”, ela perguntou.

“Não vim para ficar muito tempo”, respondeu Nora.

“Pegue o carro e vá lá para casa. Você não pode ficar aqui.”

Mais uma vez, Nora percebeu o tom intimidante, como se ela fosse uma criança, incapaz de tomar as próprias decisões. Desde o enterro, Nora tentava ignorar aquele tom de voz, suportar aquilo. Tentava entender que se tratava de um sinal de generosidade.

Naquele momento, teria ficado aliviada em pegar seus poucos pertences da casa, pô-los no carro e ir embora de Cush. Mas não poderia fazer isso, tinha de aceitar a hospitalidade da sra. Darcy.

A sra. Darcy não quis ir de carro com ela, insistindo que estava molhada demais. Iria voltar a pé para casa, enquanto Nora iria dirigindo seu carro, disse.

“Vou ficar mais alguns minutos. Daqui a pouco alcanço você”, disse Nora.

A sra. Darcy olhou-a espantada. Nora havia tentado imprimir um tom natural à voz, mas em vez disso deu a impressão de que contava um segredo.

“Só quero pegar umas coisinhas para levar para casa”, explicou.

Os olhos da visitante bateram nas fotos, nos livros e no espelho encostado à parede, observando em seguida tudo mais que havia na sala. Nora percebeu que a sra. Darcy entendeu de imediato o que ela estava fazendo.

“Não demore muito”, disse. “Vou preparar um chá para você.”

Quando a sra. Darcy foi embora, Nora fechou a porta e voltou para dentro da casa.

Estava feito. Com seu olhar abrangente para a sala, a sra. Darcy tornara aquilo real. Nora deixaria aquela casa e nunca mais voltaria. Nunca mais iria caminhar por aquelas trilhas, e não iria se permitir nenhum arrependimento. Estava acabado. Pegou as poucas coisas que havia juntado e pôs no porta-malas do carro.

* * *

A cozinha da sra. Darcy estava quente. Ela pôs uns bolinhos frescos com manteiga derretida num prato e serviu o chá.

“Ficamos aqui pensando em como você estaria, mas Bill Parle nos contou que, na noite em que ele foi lá, sua casa estava cheia de gente. Talvez devêssemos ter ido, mas achamos melhor deixar para depois do Natal, quando você talvez necessitasse mais de companhia.”

“Recebi muitas visitas”, disse Nora. “Mas a senhora sabe que é sempre bem-vinda.”

“Bom, há muita gente que gosta bastante de você”, disse a sra. Darcy.

Ela tirou o avental e sentou-se.

“Todos nós ficamos preocupados com você, pensando que nunca mais você iria voltar para cá. Carmel Redmond, sabe, estava longe quando aconteceu, e ficou chocada.”

“Eu sei. Ela me escreveu”, disse Nora. “E depois foi me visitar.”

“Ela nos contou”, disse a sra. Darcy. “E Lily estava aqui naquele dia, e disse que devia estar cuidando de você. Eu sempre ficava esperando o dia em que vocês vinham para cá e deixavam a casa um brinco. Para mim, era o começo da temporada do tempo bom. Meu coração ficava leve quando eu via vocês chegando.”

“Eu me lembro de um ano”, disse Nora, “estava chovendo tão forte que você teve pena da gente e nos trouxe para cá, todos nós, para tomarmos chá.”

“Sabe”, disse a sra. Darcy, “seus filhos tinham um comportamento excelente. Eles são muito bem-educados. Aine adorava nos visitar. Todos eles gostavam, mas ela era quem conhecíamos melhor. E Maurice costumava vir no domingo, se havia jogo no rádio.”

Nora olhou a chuva lá fora. Sentiu a tentação de enganar a sra. Darcy e dizer que eles continuariam vindo para a casa, mas não foi capaz de fazer isso. E teve a sensação de que a sra. Darcy havia entendido seu silêncio, tinha procurado alguma dica, algo dito ou silenciado, para confirmar a impressão de que Nora ia vender a casa.

“Pois é, o que nós decidimos”, disse a sra. Darcy, “é que no ano que vem vamos arrumar a casa para vocês. Eu estava começando a tratar disso agora mesmo e pensando num jeito de fazer alguns reparos no telhado. Nós vamos ter de fazer esse mesmo trabalho no celeiro, então eles podem muito bem cuidar disso também na sua casa. Nós iremos nos revezar para cuidar de tudo. Tenho uma chave e podíamos fazer uma surpresa para vocês, mas Lily disse que antes eu devia perguntar a você, e eu ia fazer isso só depois do Natal. Lily disse que a casa era sua e que nós não devíamos nos intrometer.”

Nora sabia que agora precisava lhe contar, mas havia algo de tão efusivo e tão afetuoso no tom de voz da sra. Darcy que ela se conteve.

“Achei que seria agradável para você”, prosseguiu a sra. Darcy, “chegar e encontrar a casa toda arrumada. Não precisa dizer nada agora, mas me avise se não quiser que a gente faça isso. Eu posso ficar com a chave, a menos que você a queira de volta.”

“Não. Claro que não, sra. Darcy. Gostaria que a senhora ficasse com a chave.”

No carro, enquanto voltava para Blackwater, Nora pensou que talvez a sra. Darcy tivesse acreditado o tempo todo que ela ia vender a casa, e imaginado que fazer a limpeza e os consertos fosse aumentar o valor do imóvel; ou talvez a sra. Darcy não tenha pensado nada, talvez a própria Nora é que estivesse analisando

demais as pessoas, no esforço de descobrir o que estavam pensando dela. Mas Nora sabia que tinha se comportado de modo estranho ao fechar os portões, depois de estacionar o carro na frente da casa, sabia que tinha dado a impressão de se movimentar quase furtivamente, quando a sra. Darcy bateu na porta e também ao não aceitar de imediato, ou recusar, a ajuda dela para cuidar da casa.

Nora soltou um suspiro. Foi inconveniente e difícil, mas agora estava acabado. Ia escrever para a sra. Darcy, para Lily Devereux e para Carmel Redmond. Muitas vezes, no passado, quando ela tomava uma decisão como essa, acabava mudando de ideia na manhã seguinte, mas dessa vez não foi assim. Ela não ia mudar de ideia.

Na estrada, voltando para Enniscorthy, Nora começou a fazer cálculos. Não sabia quanto a casa valia. Ia pensar num valor e mandar para Jack Lacey num envelope — não queria negociar com May Lacey — e, caso ele oferecesse menos do que ela pedia, aceitaria, contanto que fosse uma quantia razoável. Nora não queria anunciar a casa no jornal.

Os impostos do carro e o seguro estavam pagos até o Natal. Nora tinha planejado se livrar dele no fim do ano, mas se vendesse a casa, pensou, ficaria com o carro ou compraria um modelo mais novo. O dinheiro da casa também pagaria a pedra de mármore preta da sepultura de Maurice que ela queria, e Nora ainda poderia alugar um trailer em Curracloe, por uma ou duas semanas, no verão seguinte. Com o que sobrasse, poderia cobrir as despesas da casa e ainda comprar roupas novas para ela e para as meninas. E guardaria alguma coisa, para uma emergência.

A casa, Nora sorriu consigo mesma, seria como as duas libras e seis pence que um homem dera a Conor alguns verões antes. Nora não conseguia lembrar em que verão tinha sido, mas fora antes de o pai dele adoecer e antes de Conor ser capaz de entender o valor do dinheiro. Conor tinha dado o dinheiro a Maurice, para que cuidasse dele, e depois, durante todo o verão, toda vez que eles iam a Blackwater, ele usava aquele dinheiro, pedindo ao pai, com

toda a segurança, uma parte da soma. Quando lhe disseram que o dinheiro tinha acabado, Conor se recusou a acreditar.

Nora escreveu para May Lacey e anexou uma carta fechada para Jack. Pouco tempo depois, recebeu uma carta dele concordando com o preço que ela havia proposto. Nora respondeu, representada por um advogado da cidade que faria o contrato de compra e venda.

Nora esperou o momento certo de contar aos meninos sobre a venda da casa em Cush e, quando começou, ficou chocada ao ver como os dois pareceram preocupados, atentos, como se, escutando com cuidado, pudessem ouvir algo que teria um efeito grave sobre o futuro deles. Enquanto Nora explicava como o dinheiro seria útil, se deu conta de que os dois já sabiam que ela planejava vender o carro, embora ainda não tivesse lhes contado. Os dois não sorriram nem se mostraram aliviados quando ela disse que iriam ficar com o carro.

“Ainda vamos poder ir para a universidade?”, perguntou Conor.

“Claro”, respondeu ela. “Por que está perguntando isso?”

“Quem vai pagar?”

“Eu tenho dinheiro guardado para esse objetivo.”

Nora não quis contar que talvez tio Jim e tia Margaret fossem pagar. Eram o irmão e a irmã de Maurice, que não haviam casado e moravam juntos na antiga casa da família na cidade. Os meninos continuavam absolutamente imóveis; olhavam fixo para a mãe. Nora foi à cozinha, acendeu o fogo da chaleira e, quando voltou para a sala, eles não tinham nem se mexido.

“Nas férias, vamos poder ir a lugares diferentes”, disse ela. “Vamos poder alugar um trailer em Curracloe ou em Rosslare. Nunca viajamos de trailer.”

“Será que vamos poder ficar em Curracloe na mesma época em que os Mitchell estão lá?”, perguntou Conor.

“Se quisermos, sim. Podemos descobrir quando eles vão ou até ir junto com eles.”

“Vamos ficar uma ou duas semanas?”, perguntou Conor.

“Até mais, se quisermos”, disse ela.

“Mas nós vamos c-c-comprar um t-t-trailer?”, perguntou Donal.

“Não, vamos alugar. Comprar um trailer seria uma responsabilidade grande demais.”

“Quem vai c-c-comprar a casa?”, perguntou Donal.

“Isso ainda é um pouco segredo. Se eu contar, vocês não podem dizer para ninguém, mas acho que o filho da May Lacey vai comprar. Sabem, aquele que mora na Inglaterra.”

“Foi por isso que ela veio aqui?”

“Acho que foi, sim.”

Nora fez o chá enquanto os meninos fingiam ver televisão. Ela sabia que os havia deixado perturbados. Conor tinha o rosto muito vermelho e Donal olhava fixo para o chão, como se esperasse algum castigo. Nora pegou um jornal e tentou ler. Sabia que era importante ficar na sala, não deixar os meninos sozinhos, apesar da grande vontade de ir para cima e fazer qualquer coisa, esvaziar os armários, lavar o rosto, limpar as janelas. Por fim, teve a impressão de que precisava dizer alguma coisa.

“Podemos ir a Dublin na semana que vem.”

Eles ergueram os olhos.

“Por quê?”, perguntou Donal.

“Passar um dia fora, vocês podem faltar na escola”, disse Nora.

“Tenho p-p-prova de ciências na quarta-feira”, disse Donal. “É chato, mas não p-p-posso faltar, e também tenho f-f-francês com a madame Duffy na segunda-feira.”

“Podemos ir na quinta-feira.”

“De carro?”

“Não, de trem. E podemos visitar Fiona, ela tem meio dia livre.”

“A gente precisa ir?”, perguntou Conor.

“Não. Só se quisermos”, respondeu ela.

“O que vamos dizer na escola?”

“Vou mandar um bilhete explicando que temos de ir ao médico.”

“Não preciso de bilhete, se for só um dia”, disse Donal.

“Então, pronto. Vamos ter um belo dia de folga. Vou escrever para Fiona.”

Nora tinha dito isso só para quebrar o silêncio e para que os meninos soubessem que sempre haveria passeios, coisas para fazer. Só que para eles não fez nenhuma diferença. A notícia de que Nora estava vendendo a casa em Cush pareceu ter tornado presente algo que eles vinham conseguindo manter longe de seus pensamentos. Nos dias seguintes, porém, os meninos se animaram outra vez, como se nada tivesse sido dito.

Para a viagem a Dublin, na noite anterior Nora tirou do armário as melhores roupas dos filhos, mandou que engraxassem os sapatos e os deixassem junto à porta. Quando tentou fazer os meninos irem para a cama cedo, os dois reclamaram que ia passar na televisão um programa que eles queriam ver, e Nora acabou deixando que ficassem acordados até tarde. Mesmo depois do programa, não quiseram ir para cama e, quando Nora insistiu, eles ficaram entrando e saindo do banheiro e acendendo e apagando a luz do quarto.

Por fim, ela subiu para o quarto deles e viu que estavam dormindo, a porta do quarto toda aberta, as camas desarrumadas. Nora tentou arrumar as roupas de cama de maneira mais confortável para eles, mas quando Conor começou a acordar, ela desistiu e fechou a porta sem fazer barulho.

De manhã, os meninos acordaram e se vestiram antes dela. Levaram o chá para Nora, forte demais, e as torradas. Quando ela se levantou, deu um jeito de derramar o chá na pia do banheiro sem que eles percebessem.

Fazia frio. Iriam de carro até a estação ferroviária, Nora explicou, e o deixariam na Railway Square. Seria cômodo para quando eles voltassem à noite, disse. Os dois concordaram com a cabeça, com ar sério. Já tinham posto o casaco.

A cidade estava quase deserta enquanto eles seguiam de carro para a estação. A manhã estava na semiescuridão e as luzes de algumas casas ainda estavam acesas.

“De que lado do trem a gente vai sentar?”, perguntou Conor quando chegaram à estação.

Estavam vinte minutos adiantados. Nora havia comprado as passagens, mas Conor não quis ficar sentado com ela e Donal na sala de espera aquecida, quis atravessar a passarela de ferro e acenar para eles do outro lado; quis caminhar até a cabine do sinaleiro. A todo instante ele voltava para perguntar a que horas o trem ia chegar, até que um homem lhe disse para observar a sinaleira entre a plataforma e o túnel; quando ela baixasse, significava que o trem estava chegando.

“Mas a gente já sabe que ele está chegando”, disse Conor com impaciência.

“A sinaleira vai baixar quando o trem estiver dentro do túnel”, disse o homem.

“Se a gente estivesse dentro do túnel e o trem chegasse de repente, a gente ia virar picadinho”, disse Conor.

“Ora essa, é claro, só iam achar pedacinhos de você. E, quer saber, todos os pires e xícaras sacodem dentro das casas quando o trem passa embaixo delas”, disse o homem.

“Na nossa casa não sacodem.”

“Isso é porque o trem não passa embaixo da sua casa.”

“Como é que você sabe?”, perguntou Conor.

“Ah, eu conheço bem a sua mãe.”

Nora reconheceu o homem, ela conhecia muitas pessoas na cidade; achava que ele trabalhava na oficina de Donoghue, mas não tinha certeza. Alguma coisa no jeito dele a irritou. Torcia para que não fosse para Dublin com eles.

Pouco antes de o trem chegar e de os meninos terem ido mais uma vez até a cabine do sinaleiro, o homem se virou para ela.

“Acho que eles ainda sentem falta do pai”, disse.

O homem observou o rosto de Nora, à espera de uma resposta, e estreitou as pálpebras, olhando com curiosidade. Nora teve a sensação de que precisava dizer alguma coisa depressa, adverti-lo com firmeza de que não devia falar mais do assunto e, acima de tudo, impedir que se sentasse junto com eles na viagem.

“Essa é a última coisa que eles precisam ouvir neste momento, obrigada”, disse.

“Ah, claro, eu não tive a intenção...”

Nora se afastou quando o trem chegou, e os meninos correram empolgados pela plataforma na direção da mãe. Nora sentiu o rosto ficar vermelho, mas eles não perceberam, enquanto discutiam sobre os melhores lugares para sentar no trem.

Quando o trem começou a andar, eles queriam tudo: ver o banheiro, ficar de pé no espaço precário entre os vagões, de onde se podia ver a terra passando depressa por baixo do trem, ir ao restaurante e comprar limonada. Na hora em que o trem parou em Ferns, tinham feito tudo isso e, na hora em que o trem chegou a Camolin, tinham adormecido.

Nora não dormiu; havia passado os olhos pelo jornal que comprara na estação, o deixara de lado e observava os dois meninos desabados em suas poltronas, dormindo. Adoraria saber o que estavam sonhando. Naqueles meses, ela se deu conta, algo havia mudado na relação direta e fácil entre ela e eles e, talvez, para os meninos, entre um e outro. Nora tinha a sensação de que nunca mais iria se sentir segura a respeito dos filhos.

Conor acordou, olhou para ela e voltou a dormir com a cabeça aninhada nos braços cruzados sobre a mesa. Nora estendeu a mão e tocou no cabelo dele, deixou as mãos correrem pela cabeça, virando o cabelo para o lado e pondo-o outra vez no lugar. Donal observava Nora, seu olhar calmo sugeria que ele entendia tudo que estava acontecendo, que não havia nada que ele não percebesse.

“Conor está dormindo pesado”, disse Nora, sorrindo depois.

“Onde a gente está?”, perguntou Donal.

“Perto de Arklow.”

Em Wicklow, Conor tinha acordado e ido ao banheiro de novo.

“O que acontece se dou a descarga quando o trem está na estação?”, perguntou.

“A coisa cai em cima dos trilhos”, ela respondeu.

“E quando o trem está andando, para onde ela vai?”

“Vamos perguntar ao bilheteiro”, disse Nora.

“Ap-p-posto que você não vai perguntar”, disse Donal.

“Que mal faria se eu fosse ao banheiro com o trem parado na estação?”, perguntou Conor.

“Ia ficar cheirando mal”, respondeu Donal.

Não ventava naquela manhã, as nuvens no horizonte estavam cinzentas e o mar atrás de Wicklow tinha cor de aço.

“Quando vão começar os túneis?”, perguntou Conor.

“Agora, já falta pouco”, respondeu Nora.

“Depois da próxima estação?”

“Sim, depois de Greystones.”

“Falta muito tempo?”

“Leia sua revista em quadrinhos”, sugeriu Nora.

“Os trilhos sacodem muito.”

No primeiro túnel, os meninos taparam os ouvidos por causa do barulho trovejante, brincaram um com outro, fingindo que estavam com medo. O túnel seguinte era muito mais comprido. Conor quis que Nora tapasse os ouvidos também, e ela fez isso para agradá-lo, porque sabia que o menino tinha dormido pouco, podia ficar irritadiço e se aborrecer facilmente. Donal já estava entediado de tapar os ouvidos, mas se aproximou da janela quando o trem saiu do túnel para uma descida acentuada em direção às águas agitadas lá embaixo. Conor agora estava ao lado de Nora e obrigou-a a trocar de assento para que ele pudesse ficar na janela também.

“A gente podia despencar”, disse ele.

“Não, não, o trem só anda nos trilhos. Não é como um carro”, explicou Nora.

Ele ficou com o nariz grudado no vidro, fascinado com o perigo. Donal também não se afastou da janela, mesmo quando o trem chegou à estação de Dún Laoghaire.

“Aqui é o fim?”, perguntou Conor.

“Já estamos perto”, disse ela.

“E aonde a gente vai primeiro? Vamos ver a Fiona primeiro?”

“Vamos para a Henry Street.”

“Oba!”, gritou Conor. Estava tentando ficar de pé em cima da poltrona, mas Nora obrigou-o a sentar.

“E vamos jantar na loja Woolworth’s”, disse ela.

“No self-service?”

“Isso mesmo, assim a gente não precisa ficar esperando.”

“Posso tomar suco de laranja no jantar, em vez de leite?”, perguntou Conor.

“Pode”, respondeu Nora. “Pode tomar o que quiser.”

Desembarcaram na Amiens Street e caminharam pela estação úmida e degradada. Andaram devagar pela Talbot Street, parando a fim de olhar as vitrines. Nora se obrigou a relaxar, não havia nada para fazer, podiam passar o tempo onde quisessem. Deu dez xelins para cada um gastar, mas assim que fez isso teve a impressão de que estava cometendo um erro, era dinheiro demais. Eles examinaram o dinheiro e olharam para ela com ar desconfiado.

“A gente tem que co-comprar alguma coisa?”, perguntou Donal.

“Talvez a gente compre uns livros”, disse Nora.

“Podemos comprar revistas em quadrinhos ou uma agenda?”, perguntou Conor.

“Ainda está muito cedo para uma agenda”, disse Donal.

Quando se aproximaram da O’Connell Street, quiseram ver o lugar onde antes havia um monumento chamado Coluna de Nelson.**

“Eu me lembro dela”, disse Conor.

“Você não po-pode lembrar. Você era muito pequeno”, disse Donal.

“Lembro, sim. Era alta e o Nelson ficava lá em cima, e aí explodiram tudo em caquinhos.”

Atravessaram a O’Connell Street atentos ao trânsito que vinha de várias ruas estreitas, esperando com cuidado o sinal ficar verde. Quando entraram na Henry Street, Nora teve consciência de que eles deviam dar a impressão de ser pessoas do campo. Os meninos conseguiam assimilar tudo e, ao mesmo tempo, manter tudo à distância. Com o canto dos olhos, eles observavam aquele mundo de gente desconhecida e de prédios estranhos.

Conor ficou impaciente para entrar numa loja, em qualquer loja, para comprar alguma coisa.

“Gostaria de ver sapatos?”, perguntou Nora, imaginando que quando ele dissesse não, se sentiria satisfeito por ter sido ele a decidir aonde iam.

“Sapatos?” Ele franziu o rosto, contrariado. “Foi para isso que a gente veio a Dublin?”

“Então aonde você quer ir?”, perguntou Nora.

“Quero subir e descer numa escada rolante.”

“E você também quer fazer isso?”, ela perguntou a Donal.

“Eu a-acho q-q-que sim”, ele respondeu de mau humor.

Na loja Arnott's, na Henry Street, Conor quis que Nora e Donal ficassem vendo enquanto ele subia de escada rolante, depois esperassem e o vissem descer. Fez questão de que não fossem junto com ele e não saíssem do lugar. Obrigou os dois a prometer. Donal se aborreceu.

Na primeira vez, Conor ficou olhando para trás, na direção deles, e Nora e Donal esperaram enquanto ele sumia no alto e depois reaparecia na escada rolante, descendo. Conor sorriu radiante para eles. Na segunda vez, tomou coragem e subiu alguns degraus, dois de cada vez, sempre apoiado no corrimão. Na vez seguinte, quis que Donal fosse junto, mas fez questão de que Nora continuasse lá embaixo, esperando. Nora explicou que aquela teria de ser a última vez, que talvez pudessem voltar ali à tarde, mas que subir e descer a escada rolante três vezes já era o suficiente.

Quando eles voltaram, Nora viu que Donal também estava animado. Disseram que tinham achado um elevador mais adiante e que também queriam subir e descer no elevador.

“Só mais uma vez e pronto”, respondeu Nora.

Ela se afastou e começou a olhar os guarda-chuvas, observou alguns que eram dobráveis e ficavam pequenos o bastante para guardar dentro da bolsa, algo que nunca tinha visto. Pensou em comprar um, para o caso de chover. Enquanto esperava na fila do caixa, procurou os meninos, mas eles não apareceram. Depois que pagou, Nora voltou ao ponto de encontro e depois ao lugar perto de uma porta lateral à qual o elevador dava acesso.

Os meninos não estavam lá. Nora ficou esperando entre os dois pontos, olhando em volta o tempo todo, em busca dos meninos. Pensou em pegar o elevador também, mas se deu conta de que isso apenas serviria para aumentar a confusão. Se ficasse ali, pensou, acabaria encontrando os filhos.

Quando eles a encontraram, fingiram que não tinha acontecido nada de mais, que o elevador apenas havia parado em todos os andares. Quando Nora lhes disse que pensou que eles tinham se

perdido, os dois se olharam, como se algo tivesse ocorrido com eles no elevador e não quisessem que a mãe soubesse.

Às três horas, tinham visto tudo que desejavam ver em Dublin. Tinham ido à Moore Street e comprado um saquinho de pêssegos, tinham jantado no self-service da Woolworth's e foram à loja Eason's, onde compraram revistas em quadrinhos e livros. Os meninos estavam cansados quando sentaram no café Bewley's à espera de Fiona. Nora achava que a única coisa que ainda mantinha Conor acordado era a ideia de que podia pegar quantos bolinhos de passas quisesse no prato de dois andares.

"Vamos ter que pagar pelos bolinhos", disse Nora.

"Mas como eles sabem quantos bolinhos a gente pegou?"

"As pessoas costumam ser honestas", disse Nora.

Quando Fiona chegou, os meninos ficaram agitados e alegres outra vez, os dois querendo falar ao mesmo tempo. Para Nora, Fiona pareceu magra e pálida, quando sentou diante dela.

"Quer ouvir o sotaque de D-d-dublin?", perguntou Donal para a irmã.

"Fomos à Moore Street", disse Nora.

"Comprar pêssegos maduros", falou Donal com voz cantada e sem gaguejar.

"Olhe meu *lifro*", acrescentou Conor.

"Que engraçado", disse Fiona. "Desculpe o atraso, passam dois ou três ônibus juntos e depois a gente precisa ficar esperando um tempão pelo próximo ônibus."

"Quero ir no segundo andar de um ônibus duplo", disse Conor.

"Conor, deixe a Fiona falar um segundo, depois você fala", disse Nora.

"Estão tendo um dia agradável?", perguntou Fiona.

O sorriso de Fiona era tímido, porém o tom de voz era adulto e confiante. Ela havia mudado ao longo daqueles poucos meses.

"Sim, mas agora estamos todos cansados, e é bom podermos ficar sentados aqui."

Ninguém parecia saber o que dizer em seguida. Nora se deu conta de que sua resposta tinha sido formal demais, como se estivesse falando com uma pessoa estranha. Fiona pediu café.

“Você comprou alguma coisa?”, perguntou Fiona.

“Na verdade não deu tempo”, respondeu Nora. “Comprei um livro, só isso.”

Nora notou a maneira seca e eficiente de Fiona pedir o café e como olhou em redor com olhos aguçados, quase críticos. Quando falou com os irmãos, porém, se tornou quase infantil outra vez.

“Teve notícias de Aine?”, perguntou Nora.

“Ela me mandou uma carta pequena. Acho que ficou com medo de que as freiras lessem a carta, e com razão, porque elas leem mesmo. Portanto, Aine não contou grande coisa. Só que gosta do professor de irlandês e que está tirando notas boas de redação em francês.”

“Podíamos ir visitá-la na semana que vem.”

“Ela falou sobre isso.”

“Vamos vender a casa”, disse Conor para Fiona, de repente, em voz alta.

“E vão morar na rua?”, perguntou Fiona, rindo.

“Não, a gente vai alugar um trailer em Curracloe”, disse ele.

Fiona olhou para Nora.

“Estou pensando em vender a casa de Cush”, explicou Nora.

“Eu imaginei mesmo”, disse Fiona.

“Só resolvi há pouco tempo.”

“Então vai mesmo vender?”

“Vou, sim.”

Nora ficou surpresa de ver que, enquanto Fiona tentava sorrir, havia lágrimas em seus olhos. Ela não tinha chorado no enterro de Maurice, apenas permaneceu calada, perto da irmã e das tias, mas Nora percebeu o que ela estava sentindo, e mais ainda por justamente não demonstrar. Nora não sabia o que mais dizer a ela.

Tomou um gole do café. Os meninos não se mexeram nem falaram.

“A Aine sabe?”, perguntou Fiona.

“Não tive coragem de contar por carta. Vou contar quando eu estiver com ela.”

“E você já decidiu mesmo?”

Nora não respondeu.

“Eu tinha pensando em ir lá no verão”, disse Fiona.

“Achei que no verão você fosse para a Inglaterra.”

“E vou, no fim de junho, mas as aulas terminam no fim de maio. Eu tinha pensado em passar o mês de junho em Cush.”

“Lamento”, disse Nora.

“Ele adorava aquela casa, não?”

“Seu pai?”

Fiona baixou a cabeça.

Nora levou Conor ao banheiro. Quando voltou, pediu mais um café.

“Para quem você vai vender a casa?”, perguntou Fiona.

“Jack Lacey, o filho de May Lacey, que está na Inglaterra.”

“May Lacey foi lá em casa”, interrompeu Conor.

Donal cutucou o irmão e pôs o dedo nos lábios.

“O dinheiro vai vir a calhar agora”, disse Nora.

“Daqui a dois anos, passarei a receber um salário”, disse Fiona.

“Precisamos do dinheiro agora”, disse Nora.

“Você não vai receber uma pensão?”, perguntou Fiona. “Isso não ficou acertado?”

Nora achou que talvez não devesse ter dito que precisava do dinheiro.

“Isso significa que não vamos precisar vender o carro”, explicou Nora, tentando sinalizar a Fiona que talvez elas não devessem perturbar os meninos falando de dinheiro.

“Passamos verões maravilhosos lá”, disse Fiona.

“Eu sei.”

“É triste pensar que vamos perder a casa.”

“Vamos passar as férias em outros lugares.”

“Pensei que sempre teríamos a casa”, disse Fiona.

Elas não disseram nada por alguns minutos. Nora queria ir embora, levar os meninos de volta para a Henry Street.

“Quando você vai vender?”, recomeçou Fiona.

“Assim que o contrato estiver pronto.”

“Aine vai ficar chateada.”

Nora se conteve para não dizer que não suportava mais ir para lá. Não seria capaz de dizer ali, na frente dos meninos; ia soar

emotivo demais, revelador demais.

Nora se levantou para ir embora.

“Como é que se paga aqui? Não me lembro mais.”

“Tem de chamar a garçonete para ela preencher a comanda”, respondeu Fiona.

“E você vai ter que dizer para ela quantos bo-bolinhos pegou”, disse Donal.

Quando eles saíram para a Westmoreland Street, Nora quis falar mais alguma coisa para Fiona, mas não lhe ocorreu o quê. Fiona parecia abatida, parada na rua. Por um momento, Nora se sentiu impaciente com ela. Fiona estava começando a vida, podia morar onde quisesse, fazer o que bem entendesse. Não tinha que pegar o trem e voltar para a cidade onde todo mundo a conhecia e onde todos os anos que tinha pela frente já lhe estavam traçados.

“Nós vamos andando até a Henry Street, pela ponte Ha’penny”, disse Nora.

“Cuidado para não perderem o trem”, disse Fiona.

“Como você vai fazer para voltar à faculdade?”, perguntou Nora.

“Eu ia passar primeiro na Grafton Street.”

“Não vai até a estação conosco?”, perguntou Nora.

“Não, preciso ir embora”, disse Fiona. “Tenho de pegar uma coisa antes de voltar, porque por algum tempo não virei outra vez ao centro.”

Enquanto as duas se olhavam, Nora sentiu que Fiona parecia hostil, e se esforçou para se lembrar de como a filha devia estar abalada, além de solitária também. Sorriu quando disse que tinham de ir embora e, em troca, Fiona sorriu para ela e para os meninos. Porém, assim que se afastou, Nora sentiu-se desamparada e se arrependeu de não ter dito algo gentil ou especial, de não ter consolado Fiona antes de se despedirem; quem sabe até algo simples, como perguntar quando ela iria visitá-los outra vez, ou mesmo enfatizar como estavam ansiosos para voltar a vê-la. Nora gostaria de ter um telefone em casa para manter um contato mais regular com Fiona. Achou que poderia escrever um bilhete para a filha na manhã seguinte, agradecendo por ela ter ido se encontrar com eles.

Na Talbot Street, a caminho da estação de trem, Conor quis gastar o que restava de seu dinheiro comprando Lego, mas não conseguia decidir que cor das peças devia escolher. Apesar de cansada, Nora escutou, prestou atenção e ofereceu sugestões, enquanto Donal se mantinha à parte. Ela sorriu para o caixa quando Conor mudou de ideia na hora de pagar e voltou para trocar uma caixa de Lego por outra.

Agora estava escuro e começava a esfriar. Eles sentaram em bancos de plástico quebrados no pequeno café da estação ferroviária. Quando Nora meteu a mão na sacola de compras para pegar sua bolsa, descobriu que os pêssegos, que poucas horas antes pareciam tão frescos e firmes, estavam moles e encharcados. O saco de papel tinha se rasgado. Ela jogou os pêssegos numa lata de lixo, sabendo que não adiantava tentar levá-los, pois só iriam apodrecer ainda mais no trem.

Os meninos não tinham imaginado que já estaria escuro na hora de voltar para casa, e quando o trem começou a viagem para o Sul, o vidro da janela estava coberto pela condensação. Abriram a caixa de Lego e Conor brincou com ele, enquanto Donal lia. Depois de algum tempo, Conor foi para o lado da mesa onde Nora estava e dormiu encostado nela. Quando Nora olhou para Donal, notou como ele parecia estranhamente adulto ao virar uma página de seu livro.

“Amanhã a gente vai para a escola, não é?”, perguntou ele.

“Ah, sim, claro, eu acho que vocês devem ir mesmo”, respondeu Nora.

Donal fez que sim com a cabeça e voltou a olhar para o livro.

“Quando a Fiona vai voltar?”, perguntou ele.

A conversa dela com Fiona no café, Nora sabia, iria produzir um efeito silencioso na mente do menino. Ela se perguntou se haveria alguma coisa que poderia dizer para evitar que Donal se preocupasse e ficasse remoendo o assunto.

“Sabe, a Fiona vai adorar o trailer”, disse ela.

“Do je-jeito qu-que ela falou, não parece”, ele replicou.

“Donal, nós temos que começar uma vida nova”, disse Nora.

Ele refletiu um pouco sobre a afirmação da mãe, como se tivesse diante de si um dever de casa complicado. Em seguida encolheu os ombros e voltou a ler seu livro.

Com delicadeza, Nora empurrou Conor para o lado, enquanto tirava o casaco, pois estava quente demais no trem. O menino acordou um instante, mas nem chegou a abrir os olhos. Nora anotou na memória que precisava perguntar sobre trailers em Curracloe.

Em pensamento, ela foi para a casa de Cush e tentou imaginar os filhos num dia de verão, pegando as roupas e as toalhas no varal e descendo até a beira do lago, ou ela e Maurice caminhando pelas trilhas em direção à casa, no crepúsculo, tentando se esquivar do enxame de mosquitos e entrando na casa ao som dos filhos, que jogavam baralho. Tudo tinha acabado, não ia mais voltar. A casa estava vazia. Nora imaginou os quartos pequenos na escuridão e como eles deviam estar tristes. Inóspitos. Imaginou o barulho da chuva no telhado de metal galvanizado, as portas e as janelas chacoalhando com a batida do vento, as camas nuas, os insetos à espreita nas rachaduras escuras e o mar sempre revolto.

Enquanto o trem se aproximava de Enniscorthy, Nora teve a sensação de que agora a casa de Cush estava mais desolada do que nunca.

Quando Conor acordou, olhou em volta e sorriu para ela, sonolento. Espreguiçou-se e deitou-se, encostado em Nora.

“Já estamos perto de casa?”, perguntou Conor.

“Agora falta pouco”, respondeu ela.

“Quando estivermos em Curracloe”, disse Conor, “vamos pôr o trailer perto de Winning Post ou vamos ficar no estacionamento de trailers lá no alto do morro?”

“Ah, perto de Winning Post”, respondeu ela.

Nora sabia que tinha respondido rápido demais. Donal e Conor refletiram com ar sério sobre o que a mãe dissera. Em seguida, Conor olhou para Donal e esperou a reação dele.

“Isso é d-d-definitivo?”, perguntou Donal. Enquanto o trem reduzia a velocidade, Nora conseguiu rir pela primeira vez naquele dia.

“Definitivo? Claro que sim.”

Quando o trem sacudiu e parou, eles juntaram seus pertences rapidamente. No caminho para a porta, encontraram o bilheteiro.

“Pergunte para ele sobre os ba-banheiros”, sussurrou Donal, cutucando a mãe com o cotovelo.

“Vou dizer que você é que quer saber”, disse Nora.

“Será que esta salsichinha aí não quer seguir conosco até Rosslare?”, perguntou o bilheteiro.

“Ah, não, ele precisa ir à escola amanhã”, respondeu Nora.

“Não sou salsichinha”, disse Conor.

O bilheteiro riu.

* * *

Na hora em que manobrava o carro para deixar a Railway Square, Nora se lembrou de uma coisa e se viu dizendo aos meninos o que lhe passou pela cabeça.

“Uma vez, pouco depois que nos casamos, deve ter sido nas férias de verão, chegamos à estação de carro, de manhã, e vimos que tínhamos perdido o trem por um segundo de atraso. O trem tinha ido embora e, meu Deus, ficamos arrasados. Mas naquele dia o gerente da estação não era o mesmo de sempre, era um jovem que tinha sido aluno do pai de vocês, então ele nos disse para voltarmos para o carro e irmos até Ferns, pois ele ia pedir que o trem nos esperasse lá. Ficava só a dez ou onze quilômetros de distância, e assim acabamos conseguindo pegar o trem naquela manhã e fomos para Dublin.”

“Você d-d-dirigiu ou foi ele que d-d-dirigiu?”, perguntou Donal.

“Papai dirigiu o carro.”

“Ele deve ter corrido feito louco”, disse Conor.

“Ele dirigia melhor do que você?”, perguntou Donal.

Ela sorriu enquanto respondia.

“Ele era um bom motorista. Você não lembra?”

“Lembro de um dia em que ele atropelou uma ratazana”, disse Donal.

As ruas da cidade estavam desertas e não havia nenhum outro carro. Os dois meninos pareciam alertas, prontos para falar mais, perguntarem mais. Quando chegassem em casa, pensou Nora, ela ia acender a lareira e os dois logo se mostrariam cansados depois daquele dia longo.

“Por que, naquele dia, vocês não foram de carro para Dublin e deixaram o trem para lá?”, perguntou Donal.

“Não sei, Donal”, respondeu Nora. “Vou ter de pensar sobre isso.”

“Um dia a gente pode ir a Dublin de carro?”, perguntou Conor. “E a gente pode parar onde quiser?”

“Claro que sim”, ela respondeu enquanto parava o carro na frente da casa.

“Eu bem que gostaria de fazer isso”, disse ele.

Em pouco tempo ela havia acendido a lareira e os meninos estavam de pijama e prontos para dormir. Tinham ficado mais quietos, e Nora sabia que iam pegar no sono assim que a luz do quarto se apagasse. Nora pensou se alguém teria ido à casa dela à tarde e imaginou uma pessoa se aproximando no escuro, batendo na porta da frente sem que ninguém atendesse, esperando ali por algum tempo e depois indo embora.

Nora serviu-se de uma xícara de chá e sentou na poltrona perto da lareira. Ligou o rádio, mas estavam falando dos resultados esportivos e ela desligou o aparelho. Quando subiu, encontrou os meninos dormindo profundamente e ficou olhando para eles um pouco antes de fechar a porta e deixá-los entregues à noite. Desceu e pensou que podia estar passando algo interessante na televisão. Ligou o aparelho e esperou aparecer alguma imagem. Como ela iria preencher as horas? Naquele momento Nora daria tudo para estar de novo no trem ou andando pelas ruas de Dublin. Quando o televisor acendeu, estava passando uma comédia americana. Nora assistiu por algum tempo, mas os risos enlatados a irritaram e ela desligou. A casa ficou em silêncio.

Pensou no livro que havia comprado em Dublin. Não conseguia lembrar o que a levava a comprá-lo. Foi à cozinha e o procurou na

sacola. Assim que abriu o livro, baixou-o de novo. Fechou os olhos. No futuro, ela esperava, menos gente viria visitá-la. No futuro, depois que os meninos fossem para a cama, ela teria a casa só para si mais vezes. Aprenderia como passar aquelas horas. Na paz das noites de inverno, planejaría de que jeito iria viver.

* Esporte em que os jogadores lançam a bola com a mão contra uma parede alta, no fundo da quadra, e apanham o rebote. (N. T.)

** Monumento erguido em Dublin em 1808 e destruído em 1966, por uma bomba lançada por republicanos irlandeses. (N. T.)

2.

Tia Josie foi visitar Nora sem avisar, num sábado, no fim de janeiro. Nora tinha acendido a lareira na sala e os meninos estavam lá, envolvidos com um programa de televisão, enquanto ela lavava louça na cozinha. Quando ouviu a batida na porta, pensou que devia tirar o avental e arrumar-se diante do espelho antes de atender, mas em vez disso enxugou as mãos no avental despreocupadamente e atravessou depressa a salinha que dava para a porta da frente. Nora quase adivinhou que era Josie, ao espiar pelo vidro embaçado; como se houvesse algo na presença da tia à espera, na entrada, algo cortante, impositivo, impaciente, que se fazia sentir mesmo através da madeira e do vidro.

“Eu estava lá na cidade, Nora”, disse Josie, assim que a porta abriu. “E John me deu carona. Agora ele tem uns negócios para resolver, mas vai me pegar mais tarde. Eu queria ver você.”

Nora viu John, o filho de Josie, manobrando o carro e se afastando da casa. Ela segurou a porta aberta enquanto a tia entrava na saleta.

“Os meninos estão aqui?”

“Estão vendo televisão, Josie.”

“E estão bem?”

Nora percebeu que não podia levar a tia para a sala de visitas e ligar a lareira elétrica. A sala estava fria demais. Mas também sabia que, se Josie fosse para a sala de estar, ia fazer questão de conversar, pois ela não sabia ficar calada, e os meninos teriam de desligar a televisão ou ficar sentados bem perto do aparelho para conseguir ouvir. Nora não lembrava que programa eles estavam vendo nem quando ia terminar. Os meninos raramente ficavam juntos daquele jeito; ela gostaria de ter dado o devido valor à calma, à paz, ao contentamento que havia na casa antes de Josie bater na porta e entrar.

“Bem, sua sala está linda e aquecida, isso sou obrigada a reconhecer”, disse Josie.

Quando cumprimentou os meninos, eles se levantaram com cuidado. “Ah, cada vez mais altos toda vez que eu vejo vocês, ah, veja só, uns homenzinhos. Donal já está da minha altura.”

Nora viu que Donal e Conor lançavam olhares em sua direção e ela quase pediu que Josie não falasse muito até o programa que eles estavam vendo terminar.

“E as meninas?”, perguntou Josie. “Como vão elas?”

“Ah, estão ótimas”, disse Nora em voz baixa.

“Fiona não veio passar o fim de semana em casa?”

“Não, ela decidiu ficar em Dublin.”

“E a Aine?”

“Ela está muito bem, Josie.”

“Bunclody é um colégio muito bom. Estou feliz que ela esteja lá.”

Nora pôs alguns pedaços de lenha na lareira.

“Eu trouxe uns livros para você”, disse Josie, pondo no chão a sacola de compras que estava segurando. “Não sei o que você vai achar deles, tem uns romances e o resto pode chamar de teologia, embora não sejam tão áridos quanto pareçam. O livro de cima é de Thomas Merton, eu já falei dele com você, logo depois do enterro, e tem um do Teilhard de Chardin. Falei sobre ele com Maurice no hospital. Enfim, veja o que você acha.”

Nora olhou para Donal e Conor. Eles tinham os olhos fixos na televisão. Nora estava à beira de sugerir que aumentassem o volume.

“Que bom saber que todos estão bem”, disse Josie. “Aine deve estar estudando muito. Hoje em dia isso é muito bom, há muita competição.”

Nora fez que sim com a cabeça, educadamente.

“Esse programa não vai acabar tão cedo”, disse. “Os meninos quase nunca veem televisão, mas gostam desse programa.”

Donal e Conor não tiravam os olhos do televisor.

“Ah, quando eles ficam lá em casa, são grandes leitores, os dois. Só vemos televisão na hora do jornal. Nada desses programas americanos podres”, disse Josie. “A gente nem entende o que estão falando, nesses programas americanos.”

Quando Donal se virou para falar, Nora notou que sua gagueira estava mais acentuada. Ele não conseguiu terminar a primeira palavra; Nora nunca tinha visto Donal fazer um esforço tão grande e fracassar, gaguejando antes mesmo de começar. Seu irmão menor, ela viu, moveu o braço na direção dele, como se quisesse ajudá-lo. Nora tentou imaginar o que Donal queria dizer e, por um momento, teve vontade de completar a frase para auxiliá-lo, a fim de interromper o som bloqueado e em staccato que Donal emitia, com a testa contraída por causa do esforço. Em vez disso, ela desviou os olhos, na esperança de que ele conseguisse relaxar e expressasse o que queria dizer. No entanto, quando ficou claro que Donal não ia conseguir, ele parou de se esforçar, desistiu e, à beira das lágrimas, virou-se para a televisão.

Nora se pegou pensando se havia algum lugar para onde pudesse ir, alguma cidade ou parte de Dublin com uma casa como aquela, uma casa modesta e um pouco afastada, numa estrada margeada de árvores, onde ninguém pudesse visitá-los e eles pudessem ficar sozinhos, os três. Então viu sua mente indo para o pensamento seguinte — a possibilidade de um lugar assim, de uma casa assim, incluiria a ideia de que o que havia acontecido pudesse ser apagado, que o fardo que pesava sobre ela agora pudesse ser removido, que o passado pudesse ser reconstruído e avançar, sem esforço, em direção a um presente sem dor.

“Não concorda, Nora?”, disse Josie, olhando para ela com atenção.

“Nossa, eu não sei, Josie”, ela respondeu e levantou-se, imaginando se o assunto da conversa teria mudado e resolvendo que o melhor seria oferecer chá e um sanduíche para a tia, ou um pedaço de bolo.

“Não quero dar trabalho para você agora, basta uma xícara na minha mão”, disse Josie.

Nora sorriu, aliviada, quando se viu na cozinha. Sabia que os meninos não iam tirar os olhos da televisão, a menos que Josie se dirigisse a eles de forma direta e enfática, e, pelo silêncio que vinha da sala, sabia que Josie continuava pensando que pergunta seria melhor fazer para atrair a atenção dos dois meninos. Enquanto fervia a chaleira e preparava uma bandeja com xícaras e pires, Nora escutava atenta, mas só ouvia as vozes abafadas vindas da televisão. Até agora, pensou, os meninos estavam vencendo.

Quando o programa terminou e eles se levantaram para sair da sala, Nora nunca tinha visto os dois tão estranhos, não apenas tímidos, mas estabanados, quase com maus modos. O rosto de Donal continuava vermelho; ele não conseguia fitar Nora nos olhos.

Josie começou a falar com eles sobre o trabalho que planejava fazer no jardim, a grande horta que iria criar atrás do celeiro, e depois falou sobre os vizinhos dela. Quando os meninos saíram da sala e a televisão foi desligada, Josie perguntou a Nora sobre o Natal.

“Puxa, que bom que o Natal já acabou”, disse Josie. “Sempre passo janeiro todo dizendo isso. A gente percebe que os dias vão ficando mais longos.”

“Nosso Natal foi tranquilo”, disse Nora. “E também fiquei contente por ele já ter acabado.”

“Mas deve ter sido bom ter as meninas em casa, não foi?”

“Foi bom, sim. Mas todas nós temos nossos pensamentos e às vezes era difícil saber o que dizer. Fizemos o melhor possível, todos nós.”

Depois de manifestar sua admiração pelo cardigã que Nora estava usando, Josie passou a falar de roupas e moda, o que não era, pensou Nora, um assunto que normalmente interessava sua tia.

“Sabe, há uma loja em Wexford chamada Fitzgerald’s”, disse ela, “e eu a notei quando estava passando; o meu problema era matar o tempo por duas horas, até o John terminar não sei que negócio ele estava fazendo. Então entrei e veio uma vendedora muito gentil e disposta a ajudar. Comecei a experimentar as roupas e ela trouxe uma porção de acessórios. Você precisava ver os preços! Ah, ela me vestiu toda umas dez vezes e ainda foi buscar mais coisas que poderiam cair melhor em mim. Eu estava ali só fazendo hora. Fiquei na loja uma hora inteirinha. Ela não parava de falar da cor, da tonalidade, do corte, da nova moda, do que caía bem em mim e do que não caía bem em mim. Depois, quando vesti de novo minhas roupas e me preparei para ir embora, não é que ela reclamou de mim com raiva, dizendo que tomei o tempo dela à toa? E ainda foi andando atrás de mim até a porta e me disse para eu nem pensar em entrar na loja dela de novo.”

Nora riu tanto que sua barriga ficou a ponto de doer. Josie continuou séria, só com uma cintilação nos olhos.

“Portanto, não vou à loja Fitzgerald’s comprar minhas roupas de primavera”, disse ela com ar triste e balançando a cabeça. “Que descaramento daquela mulher! Que desaforada.”

Josie revirou sua bolsa e tirou de lá um envelope grande.

“Olhe, eu estava fazendo uma faxina num canto da casa velha, Nora, coisa que eu raramente faço, ou então começo a fazer e depois paro, por isso o lugar está naquele péssimo estado, tenho até vontade de me divorciar do meu falecido marido por desleixo. Uma viúva divorciada. Bem, mas acabei encontrando isto aqui. Eles sempre devem ter estado comigo, e achei que devia mostrar a você.”

Dentro do envelope, havia uma pasta velha de cor sépia, com fotografias em preto e branco num bolso e os negativos no outro; a costura entre os dois bolsos estava bastante rasgada. Quando Nora puxou as fotografias, na mesma hora reconheceu seu pai, e em seguida viu que a criança no colo dele era ela; a fotografia seguinte mostrava o pai e a mãe juntos, de pé, posando orgulhosos, eles deviam ter vinte poucos anos, pensou Nora; usavam roupas boas. O

restante das fotos era de seu pai, de sua mãe ou dos dois juntos e, em algumas, ela mesma aparecia, quando bebê.

“Nunca soube da existência dessas fotos”, comentou Nora. “Nunca tinha visto.”

“Acho que fui eu que tirei essas fotos”, disse Josie, “não tenho certeza. Sei que eu tinha uma câmera, era a única que possuía uma câmera na época, na certa mandei revelar e depois me esqueci delas.”

“Ele era muito bonito, não era?”

“Seu pai?”

“Sim.”

“Ah, era mesmo. Me lembro de todas nós dizendo a ela que, se não se casasse logo, outra mulher iria se casar com ele, e bem depressa.”

“Você acha que meu pai e minha mãe também nunca viram essas fotografias?”, perguntou Nora.

“A não ser que essas sejam cópias”, disse Josie. “Eu não sei. É esquisito eu não lembrar. Podem ter sido tiradas por outra pessoa, mas então não sei por que as fotografias estariam comigo.”

“É engraçado como eles sabiam pouco na época”, disse Nora. “Como todos nós sabíamos pouco. Sobre tudo. Eu estava com ele, quando ele morreu.”

“Todos vocês estavam com ele.”

“Não, não estávamos. Eu estava sozinha. Tinha catorze anos.”

“Sua mãe sempre contou que vocês todos estavam com ele em volta da cama, quando ele morreu. Nora, foi isso que ela sempre disse.”

“Sei que ela dizia isso, mas ela inventou. Não foi verdade. Ela dizia isso até na minha frente. Mas eu estava sozinha com ele e esperei um ou dois minutos antes de descer a escada correndo. Esperei um ou dois minutos só para poupá-los, ou para poupar a mim mesma. Fiquei ali com ele, em silêncio, depois que ele morreu. E assim que contei à minha mãe, ela correu para a rua berrando, nunca entendi por que ela fez aquilo, e praticamente a cidade inteira entrou em casa quando ele ainda estava quente na cama.”

“Devem ter rezado o rosário ou algo assim.”

“Ah, o rosário. Espero nunca mais ouvir um rosário.”

“Nora!”

“É verdade. Deus sabe que é verdade. Prefiro dizer logo.”

“Às vezes elas nos confortam bastante, as antigas orações.”

“A mim não confortam nada, Josie. Ou pelo menos o rosário.”

Josie pegou as fotografias de novo e começou a olhar para elas.

“Você sempre foi a favorita do seu pai, mesmo depois que os outros nasceram.”

Ela passou a Nora a foto em que ela estava nos joelhos da mãe. Nora viu sua mãe posando para a câmera, sentada, rígida, como se o bebê no colo não lhe pertencesse.

“Acho que ela não sabia o que fazer com você”, disse Josie. “Desde o início você soube o que queria da vida.”

“Foi mais fácil para os outros dois”, disse Nora.

Josie começou a rir.

“Lembra o que ela disse sobre você? E foi culpa minha, por ter perguntado de qual dos dois enteados ela gostava mais, e ela respondeu que, quanto mais pensava no assunto, mais se convencia de que gostava dos dois enteados e das outras duas filhas mais do que de você, Nora. E eu nem tinha perguntado nada sobre você. Não sei o que você tinha feito para ela na época.”

“Nem eu. Mas tenho certeza de que tinha feito alguma coisa. Ou talvez não. Talvez não tenha feito nada.”

Josie riu de novo.

“Você ficou uma fera comigo, quando lhe contei.”

“Mas tenho a impressão de que também achei engraçado. Ou talvez só tenha achado engraçado depois, quando pensei no assunto.”

“Seja como for, encontrei essas fotografias e tenho certeza de que, com os negativos, Pat Crane pode fazer cópias para os outros, caso eles se interessem.”

“Claro que eles vão ficar chateados por não aparecerem em nenhuma foto.”

“Acho que vão gostar de terem uma nova fotografia da mãe, quando ela era jovem. Acho que não tiraram muitas fotografias dela nessa época. Eles vão gostar de ver como ela era, quando jovem.”

Nora entendeu as implicações do comentário e a sugestão de que ela não ia gostar. Olhou para Josie e sorriu.

“Sim, é verdade.”

* * *

Os meninos entraram na sala e deram boa-noite muito antes de Josie ir embora. Mais tarde, Nora subiu para dar uma olhada: eles estavam dormindo. Depois de trancar as portas e apagar todas as luzes de baixo, Nora foi para seu quarto e se preparou para a noite. Na cama, ficou acordada por algum tempo, lendo a apresentação do livro de Thomas Merton que a tia havia trazido. Quando notou que não estava se concentrando, apagou a luz e ficou deitada no escuro, antes de, lentamente, ir pegando no sono.

Quando acordou, não sabia que horas eram, mas achou que devia estar no meio da madrugada. Um dos meninos havia gritado. O som foi tão alto e cortante que ela achou que alguém tinha invadido a casa; pensou se devia abrir a janela e gritar para os vizinhos, tentar acordar alguém e pedir que chamassem os guardas.

Quando o grito do menino soou de novo, ela percebeu que era Donal. O fato de Conor não ter gritado também assustou-a ainda mais e levou Nora a pensar, de novo, se devia pedir socorro, em vez de ir direto ao quarto dos filhos. Quando abriu a porta de seu quarto e parou no patamar da escada, ouviu Donal gritando algumas palavras e depois gritando de novo. Ele estava tendo um pesadelo. Nora abriu a porta do quarto dos meninos e acendeu a luz. Quando Donal a viu, sentou-se na cama e começou a gritar mais alto ainda, como se fosse da mãe que ele tivesse medo. Quando Nora se moveu na direção dele, Donal se encolheu e esticou as mãos para a frente, como se quisesse rechaçá-la.

“Donal, é um sonho, é só um sonho”, disse ela.

Agora ele estava mais chorando do que gritando e enterrando as unhas nos braços, de aflição.

“Querido, é só um sonho. Todo mundo tem pesadelos.”

Nora virou-se e olhou para Conor. Ele olhou para ela com ar calmo.

“Você está bem?”, perguntou Nora.

Ele fez que sim com a cabeça.

“Talvez seja melhor a gente descer e preparar um copo de leite para ele. Você não gostaria de um copo de leite, Donal?”

Ele estava se balançando para a frente e para trás, soluçando, e não respondeu.

“Você está bem”, disse ela. “É verdade, está tudo bem com você.”

“Ele não está bem”, disse Conor em voz baixa.

“O que há de errado com ele?”, perguntou Nora.

Conor não respondeu.

“Conor, você sabe o que há de errado com ele?”

“Ele geme dormindo toda noite.”

“Mas não como hoje.”

Conor encolheu os ombros.

“Donal, com o que você sonhou?”

Donal continuava a balançar o corpo para a frente e para trás, mas agora estava calado.

“Você me conta, se eu trazer um copo de leite para você? Quer um biscoito também?”

Ele fez que não com a cabeça.

Nora desceu e pegou dois copos de leite. Na cozinha, viu que faltavam quinze para as quatro. Lá fora, a escuridão era total. Quando subiu de novo e entrou no quarto, notou que os meninos estavam olhando um para o outro e que desviaram os olhos quando ela apareceu.

“O que é?”, perguntou Nora. “Foi só um pesadelo mesmo?”

Donal fez que sim com a cabeça.

“E você lembra sobre o que era?”

Ele começou a chorar de novo.

“Você quer que eu deixe a luz acesa? Posso deixar a porta aberta também. Isso seria bom?”

Ele fez que sim com a cabeça.

“O que ele estava falando, quando gritou?”, Nora perguntou a Conor.

Ela percebeu que Conor estava avaliando de que maneira devia responder.

“Não sei”, respondeu.

“Foi a visita de Josie?”, Nora perguntou a Donal. “Foi isso que perturbou você? Você não gosta de Josie?”

Nora olhou de um para o outro.

“Vocês não gostam?”, ela repetiu.

Nenhum dos dois respondeu. Conor parecia disposto a se enrolar de novo sob os cobertores. Ele nem tinha tocado no leite. Donal bebeu devagar e evitou o olhar de Nora.

“Vamos conversar sobre isso amanhã de manhã?”

Donal fez que sim com a cabeça.

“Podemos ir à missa das onze horas, portanto podemos dormir até mais tarde”, disse ela.

Mais uma vez, Nora percebeu que os dois se entreolharam.

“Há alguma coisa errada?”, perguntou.

Donal olhou para além de Nora, como se algo no patamar da escada tivesse chamado sua atenção. Ela olhou para trás e não viu nada.

“Vou deixar a porta do meu quarto aberta também. Assim fica melhor?”

Donal fez que sim com a cabeça mais uma vez.

“Você acha que vai conseguir dormir de novo?”, perguntou ela.

Donal acabou de beber o leite e pôs o copo no chão.

“E me chame, se tiver pesadelos outra vez.”

Ele tentou sorrir em sinal de concordância.

“E se eu apagar a luz do quarto, deixar a porta aberta e a luz do corredor acesa?”

“Está bem”, sussurrou ele.

“Depois que a gente acorda, os pesadelos não voltam mais”, disse Nora, enquanto saía do quarto lentamente. “Acho que agora você vai ficar bem.”

No dia seguinte, enquanto ela preparava o café da manhã deles, ficou claro que Donal não iria lhe contar o pesadelo, mesmo que se

lembrasse dele, e Nora resolveu não tocar mais no assunto, a não ser que ele ou Conor tomasse a iniciativa, e também resolveu não comentar o que havia acontecido à noite, para não deixar Donal mais nervoso. Iria perguntar ao dr. Cudigan se algo podia ser feito sobre a gagueira, mas não levaria Donal. Nora achava que chamar a atenção para aquilo só serviria para piorar. Talvez a gagueira acabasse passando. Ninguém da escola nunca havia falado com ela sobre o assunto, e Nora se perguntava se não era uma coisa que só acontecia em casa. A ideia de que aquilo continuaria com ele a vida toda, ou mesmo por toda a adolescência, a assustava tão profundamente que Nora evitava pensar no assunto.

Enquanto tomava café da manhã com os filhos e depois, andando com eles pela Back Road rumo à catedral, e durante toda a missa, a imagem voltava a ela, dos dois erguendo os olhos quando Josie tinha entrado na sala na noite anterior. Houve algo de inquietante, de quase pânico no olhar deles, especialmente no de Conor, mas também no de Donal. Na hora ela pensou que era porque Josie vinha atrapalhar o programa de televisão deles. Mas depois, quando Donal acordou do pesadelo e ela mencionou a visita de Josie, os dois emudeceram. Mais tarde, se surgisse a oportunidade, pensou Nora, ela falaria sobre Josie de novo para observar a reação deles, mas depois também lhe ocorreu que era melhor deixar aquilo de lado por algum tempo, torcer para que Donal não tivesse mais pesadelos e para que os meninos se habituassem à casa, que aos poucos eles se acostumassem com a ideia de que o pai tinha morrido, mas que a vida continuava, que as coisas iam mudar, e que talvez algumas coisas mudassem para melhor.

Apesar de nenhum dos dois falar de Josie, o modo como reagiram à presença dela permaneceu no ar à medida que a semana passava, até que Nora começou a se perguntar se Josie teria vindo no sábado para de algum modo sondar o terreno, para ver como os meninos reagem a ela ou descobrir se eles tinham contado algo sobre ela para Nora. Ela refletia sobre a visita de Josie, sobre como sua tia não parou de falar quando chegou, como se estivesse

nervosa com alguma coisa. E quanto mais Nora pensava, mais estranho parecia. Os meninos haviam ficado com Josie nos dois meses que precederam a morte de Maurice, e desde o enterro não a tinham visto mais. Sem dúvida, quando Josie entrou na sala, os meninos deveriam ter se mostrado mais amigáveis e, na conversa, era de esperar que tivesse havido referências ao tempo que ficaram juntos, até piadas ou comentários sobre coisas que tinham feito. Josie se mostrou distante deles, assim como eles dela, como se Josie fosse uma estranha ou algo pior, pensou Nora.

Na sexta-feira, Fiona chegou para passar o fim de semana. No dia seguinte, Nora contou a ela e aos meninos que ia a Wexford fazer compras e que voltaria na hora do chá. Fiona levantou os olhos de seu livro, mas não fez nenhuma pergunta. Os meninos, pensou Nora, ainda eram pequenos demais para imaginar que sua mãe mentisse sobre o lugar aonde estava indo.

Nora seguiu de carro em direção a Bunclody e depois se afastou do rio, a caminho da casa de Josie. Talvez não tivesse sorte, pensou, pois Josie podia muito bem ter saído ou ter alguma visita em casa, mas Nora tinha a sensação de que era melhor chegar assim, sem avisar, e fazer aquilo logo, para não ficar mais pensando sobre o que podia ter acontecido nos dias em que os meninos ficaram na casa de Josie, meses antes da morte de Maurice.

De propósito, não planejou o que dizer nem como começar a conversa. Simplesmente foi seguindo em direção à casa de Josie, acreditando que saberia o que fazer assim que visse a tia. Josie tinha construído sua própria casa ao lado da velha casa de fazenda, quando John se casou e ela se aposentou como professora. Tinha orgulho do projeto da casa, do jeito como ela ficou, parecendo parte da casa original, com janelas do mesmo formato e o telhado com telhas iguais. Ela tinha construído uma ala de veraneio, uma sala de estar no andar superior, com vista para as montanhas, e um quarto pequeno com banheiro ao lado. Embaixo, havia outro quarto com banheiro e depois uma aconchegante sala de estar com uma lareira aberta e uma pequena cozinha à parte. Os portais e os banheiros, ela adorava contar isso às visitas, foram projetados para permitir a passagem de uma cadeira de rodas, mas ela ainda não

tinha resolvido em que andar iria morar quando não pudesse mais andar. Em seguida ria da ideia de não poder mais andar. Preenchia seus dias cuidando do jardim, lendo, ouvindo rádio e falando ao telefone.

Nora tentou lembrar como foi que os meninos acabaram passando dois meses na casa dela, se Nora tinha pedido a Josie ou se a própria Josie havia se oferecido. Pensou naquela época, mas algumas imagens estavam tão carregadas de detalhes, algumas horas estavam tão repletas de momentos puros, inesquecíveis, que o tempo restante dava a impressão de ser visto através de um vidro coberto por água da chuva. Entrar com Maurice no saguão do hospital ciente de que ele talvez não saísse vivo de lá. O momento em que ele disse que gostaria de ver o céu mais uma vez e que ela devia esperá-lo no saguão, deixá-lo fazer aquilo sozinho. E depois, de longe, vendo-o chorar assim que chegou à porta. Tudo aquilo era doloroso e recente demais para que outras coisas, como as providências que precisou tomar para que os meninos ficassem na casa de Josie, viessem com clareza à sua memória.

Nora acabaria se lembrando do que tinha acontecido, ela sabia disso. Ela estava presente e alerta quando aquelas providências foram tomadas. Quaisquer que tivessem sido tais providências, Nora estava certa de que pareceram algo natural na ocasião, uma solução óbvia. Nora se sentiu grata a Josie por ela ficar com os meninos, e aliviada por eles estarem em segurança e longe de Maurice quando ele voltou do hospital para casa e sua saúde começou a declinar de uma forma que era preferível que seus dois filhos não fossem obrigados a presenciar.

Maurice não havia morrido em casa, claro. No final, ela teve de removê-lo para Brownswood, o antigo hospital de tuberculosos, na periferia da cidade, agora usado por pacientes em geral, quando a dor se tornou grande demais, as faculdades mentais de Maurice fraquejaram e Nora não foi mais capaz de cuidar dele. Embora estivesse numa maca, de olhos fechados, e sem dizer uma frase clara sequer durante dias, Nora sabia que Maurice tinha consciência de que estava deixando sua casa pela última vez. Ela segurava a mão dele, mas toda vez que Maurice tentava apertar a mão de

Nora, sua mão estremecia, fora de controle, como uma garra. Pelo menos os meninos não estavam ali para presenciar aquilo.

Nora conduziu o carro até a casa de Josie pela longa alameda cheia de sulcos, abriu e fechou os dois portões de ferro que havia no caminho, tentando não pisar nas poças de lama e esterco, notou a nudez das valas dos dois lados e algumas flores muito vermelhas cujo nome não sabia. O céu escurecia, com nuvens baixas pairando acima das montanhas Blackstairs. Nora percebeu que tremia quando parou no caminho de cascalhos. O carro de John, ela notou, não estava lá. Nora não sabia se era melhor bater primeiro na porta da antiga casa de fazenda ou dar a volta e bater na porta da cozinha da casa de Josie, que era a única entrada para a parte dela da casa. Como não havia nenhum sinal de vida na casa de fazenda, Nora deu a volta, com o sapato afundando na grama. Devia ter chovido um pouco antes ali, mais do que na cidade, ela pensou. Quando olhou pela janela, viu uma poltrona com uma mesinha ao lado, uns óculos em cima de um jornal aberto e outra mesa com um vaso de lírios radiantes misturados com flores vermelhas iguais às que tinha visto na vala. Através de outra janela, Nora viu uma cama de casal desfeita e livros espalhados pelo chão, que davam a impressão de ter caído da cama. Josie devia estar desfrutando de seu isolamento, pensou Nora, sorrindo.

Nora bateu de leve na porta da cozinha, mas não houve resposta. Agora era aquele silêncio absoluto que a impressionava, um silêncio rompido apenas pelo crocitar dos corvos ao longe e depois pelo débil som de um trator que de início pareceu estar se aproximando, mas que depois pareceu estar se afastando. Nora olhou ao redor, para os lariços e as bétulas, que quase encobriam o telhado de metal galvanizado do celeiro. Havia uma trilha através da grama até o local onde ela sabia que, antigamente, ficava um pomar. Lembrava-se de uma inesperada safra de peras e maçãs, alguns anos antes, que nasceram com tamanha abundância justamente porque ninguém havia cuidado das árvores, ninguém havia podado os galhos, ou pelo menos foi o que Josie lhe contou, e depois daquela colheita imensa as árvores morreram, ou algumas morreram, e as outras não deram mais frutos, exceto algumas

maçãs silvestres que ninguém quis comer. Era mais fácil, ou dava menos trabalho, disse Josie, comprar maçãs no supermercado, e ninguém gostava das peras duras que davam ali, mesmo quando deixadas para amadurecer e amaciar um pouco.

Em todo caso, Josie decidira se dedicar a um jardim novo que tinha feito atrás do pomar, ao lado do celeiro. John preparou a terra para ela e Josie comprou livros e manuais que ensinavam a plantar flores e legumes. Em sua velhice, como tinha prazer de explicar, Josie aos poucos descobrira um bom motivo para morar numa fazenda, e pela primeira vez havia entendido a serventia não só do estrume mas da própria terra, e na verdade das estações do ano. Nora quase podia ouvir a voz dela falando tudo aquilo, enquanto se enfiava sob os galhos das árvores e se esquivava dos arbustos espinhentos, para ver se conseguia encontrar a tia no jardim.

Subiu os degraus que passavam pela cerca da horta. Josie estava plantando algo que exigia fios de arame e varas de bambu. Nora não teve certeza se eram pés de framboesa. Ao lado, havia covas bem-feitas onde haviam sido plantadas batatas. Atrás delas, ficavam os canteiros de flores, mas agora não havia nenhuma flor ali. Tinha-se a impressão de que o trabalho era enorme no pomar, e Nora se perguntou como as costas de Josie aguentavam todo aquele esforço. Na hora em que ela se virou, viu a tia e se deu conta de que Josie a observava em silêncio fazia algum tempo.

“Nora, você vai estragar seu sapato”, disse Josie. Ela estava com um ancinho pequeno e alguns talos de planta na mão. Usava luvas de jardinagem que pareciam grandes demais para ela.

“Não vi você.”

“Pensei em deixar você à vontade por um tempo, para ver como eu trabalho duro.”

Havia um toque de desafio no tom de voz de Josie, como se seu território tivesse sido invadido. Ela devia estar imaginando, pensou Nora, qual seria o motivo da visita, e no entanto falava como se as duas já estivessem no meio de uma conversa.

“Acho que já trabalhei bastante por hoje”, disse Josie. “Em geral começo cedo, estou deixando tudo pronto para eu poder semear algumas plantas anuais assim que o tempo melhorar. Depois eu leio

o jornal, tomo o café da manhã e volto de novo, para ver tudo que já fiz. A essa altura do dia, já terminei. Vim agora só para admirar meu trabalho e arrumar um pouco o lugar.”

Enquanto andava na direção de Nora, ela parecia preocupada com alguma coisa. Seu passo era lento e estudado, os lábios estavam contraídos.

“Quando você ficar velha, vai ver, Nora, aí você vai saber. É uma mistura de se alegrar mesmo com as mínimas coisas e depois sentir uma grande insatisfação com tudo. Não sei o que é isso. Não me sinto cansada o tempo todo, mas ainda assim fico exausta só de me levantar.”

Ela se apoiou em Nora para subir a escadinha que atravessava a cerca da horta e tirou as luvas enquanto caminhavam pelo pomar.

“Agora vamos lá para cima”, disse, quando chegaram à casa. “Está mais arrumado lá, tenho um aparelho novo de fazer chá, uma geladeirinha no hall da escada e tudo o mais. Vou só lavar as mãos e o rosto e num instante encontro você.”

Nora tinha se esquecido de como os tetos dos cômodos eram altos no andar de cima. A sala estava tomada por uma luz pesada, cinzenta e aquosa, que batia no tapete cinzento, nas paredes pintadas de branco, nas luminárias muito azuis, nas almofadas azuis sobre o sofá, nas cortinas azuis, no tapete estampado e na comprida estante de livros, e dava à sala uma espécie de opulência que ninguém que viesse pela alameda ou que olhasse para a casa de fora ou que andasse pelo pomar morto poderia prever.

Quando parou junto à janela e olhou para fora, ocorreu à Nora, pela primeira vez, como os dois filhos deviam ter perturbado a vida daqueles cômodos, arrumados com tanto esmero. Até o desleixo fazia parte da vida de Josie, uma vida que parecia criada para não ser perturbada. Nora pensou que tinha sido uma ideia razoável deixar os filhos com a tia em vez de deixá-los com as irmãs. Nora não os levou para a casa de Catherine, em Kilkenny, apesar de Catherine ter se oferecido, porque Catherine já tinha de cuidar dos próprios filhos. E Una, a irmã mais nova de Nora, se mudou para a casa dela e cuidou de Aine, e também de Fiona, quando ela vinha no fim de semana. Una não conseguiria cuidar também dos dois

meninos, e tampouco Margareth, a irmã de Maurice, apesar de ser louca por eles. Nora também não podia deixar os meninos aos cuidados dos vizinhos ou dos primos. Josie, por seu lado, tinha espaço em casa, tinha tempo e morava bem perto da cidade; os meninos conheciam Josie, John e a mulher de John; a casa da fazenda e até a ampliação construída por Josie eram familiares a eles. Na ocasião, lhe pareceu uma ideia razoável. Mas agora, quando Nora olhou pela janela e depois se virou e avaliou o espaço que Josie havia preparado para sua aposentadoria, a ideia de que ela havia deixado os meninos ali por tanto tempo não lhe pareceu mais tão razoável assim.

Josie tinha penteado o cabelo e vestido um suéter de caxemira. Veio para a sala empurrando um carrinho com uma chaleira e duas xícaras e pires, além de um açucareiro e uma jarra de leite.

“Vamos deixar o chá descansar um pouco”, disse, indo depois até a janela.

“Aqui é agradável quando o tempo está bom e o sistema de calefação funciona; agora fica quente dentro de casa também no inverno. Andei preocupada com a calefação. Pensei que ela fosse deixar o ar seco, mas funciona bem...”

“Josie, eu queria lhe perguntar sobre os meninos”, interrompeu Nora.

“Eles estão bem?”, perguntou Josie, andando na direção do carrinho.

“Nunca perguntei para você como foi ficar com eles aqui.”

“Como foi para mim?”, perguntou Josie.

Nora não respondeu.

“Eu me ofereci para ficar com eles, Nora, e fiz isso com sinceridade.”

“Como foi para eles?”, perguntou Nora em um tom tranquilo.

“Nora, você está me acusando de alguma coisa?”, perguntou Josie.

“Não, estou apenas perguntando, só isso.”

“Bem, sente-se e pare de me olhar desse jeito.”

Nora sentou-se no sofá e Josie na poltrona ao lado dela.

“Donal voltou para casa com aquela gagueira horrível.”

“Sim, ele começou com ela aqui, Nora. Começou aqui.”

“E o Conor. Não sei o que há com ele. Donal teve um pesadelo no sábado à noite. Isso foi o pior.”

Josie começou a servir o chá, depois de puxar o carrinho mais para perto.

“Ponha o açúcar e o leite você mesma. Nunca consigo acertar a quantidade.”

“O que aconteceu com eles aqui?”, perguntou Nora.

Josie colocou um torrão de açúcar no chá e depois um pouco de leite. Tomou um gole e baixou a xícara sobre o carrinho.

“Acho que eles estranharam o silêncio”, disse Josie.

“O silêncio? Só isso?”

“Sim. Eles são da cidade. Talvez eu devesse ter dado um jeito de eles brincarem com os meninos da região, mas eles também não quiseram saber disso. Então ficavam em casa. E havia muito silêncio. Achavam que você ia chegar, e você nunca chegava. Às vezes, quando um carro começava a subir a alameda ou estacionava na beira da estrada, os dois logo paravam o que estavam fazendo e ficavam alertas. E o tempo foi passando. Não sei o que você estava pensando quando os deixou aqui por tanto tempo, sem vir vê-los nem uma vez.”

“Maurice estava morrendo.”

“Conor fazia xixi na cama quase todas as noites. Não sei o que você estava pensando quando os deixou aqui por tanto tempo”, repetiu Josie.

“Eu não tinha escolha.”

“Pois é. E você achou que eles iam voltar para casa sem nenhuma alteração?”

“Não sei o que eu pensava. Quis vir aqui e perguntar a você.”

“Pois bem, já perguntou, Nora.”

As duas ficaram em silêncio por alguns momentos. Nora começou a falar alguma coisa, mas depois parou.

“Eu estava cuidando de Maurice”, disse por fim.

“Qualquer que seja a maneira como você prefira encarar o problema, para mim está ótimo. Quando Conor começou a ficar agitado, tentei conversar com ele, tranquilizá-lo, mas eu não sabia

quando você viria. Eu nunca sabia o que Donal estava pensando. É dele que você vai ter de cuidar com mais atenção, ou talvez precise cuidar mesmo dos dois. Eu telefonava para aquela pensão onde você se hospedou, mas você nunca me ligava de volta.”

“As coisas mudavam todos os dias.”

“Eu telefonava e você nunca ligava de volta.”

“Todo mundo vivia me fazendo perguntas.”

“E eu também era todo mundo?”

“Eu nunca sabia dizer quanto tempo...”

“E os meninos também não. Então todos nós fizemos o melhor que pudemos. No fim, eles melhoraram. No fim, Conor só fazia xixi na cama algumas vezes.”

“Eu não sabia do xixi na cama. Sou grata a você pelo que fez.”

“Agora volte para junto deles.”

“Vou fazer isso, Josie.”

Ela não havia terminado o chá, mas se levantou. Esperou um momento, pensando que Josie também fosse se levantar, mas Josie não se levantou. Sua tia estava inclinada para a frente na poltrona, olhando para o chão, com os ombros arqueados.

“Talvez a gente venha ver você em breve”, disse Nora.

“Vou dar um pulo na sua casa outra vez, quando eu for à cidade.”

Nora desceu a escada e deu a volta pela casa, em direção ao carro. Ainda era de tarde. Quando olhou para o relógio de pulso, viu que sua visita não tinha durado nem meia hora. Ainda havia tempo para ir a Wexford, se quisesse, e fazer umas compras antes de voltar para casa.

3.

Jim, o cunhado dela, estava sentado numa poltrona reclinável, do outro lado, em frente à lareira. Ele esperou até que os meninos entrassem na saleta para tirar as folhas de papel do bolso interno do paletó e entregar a ela.

“Você ainda quer usar essas orações?”, perguntou ele.

“Quero”, disse Nora.

“Tínhamos esperança de que você tivesse mudado de ideia.”

Margaret, a cunhada dela, sorriu.

“Jim não gosta das orações”, ela disse a Nora, quase em tom confidencial, como se Jim não estivesse presente. “Para a sua mãe e para as nossas, sabe Deus, só temos as orações simples dos cartões fúnebres.”

“Além disso, elas iriam custar mais caro”, disse Jim.

“Vai ser pouco para o Maurice”, disse Nora. “E vai me deixar feliz.”

“Nós não conhecemos essas orações, em absoluto”, disse Margaret.

Nora olhou para a folha de papel que Jim lhe dera e começou a ler:

“Jovem demais para morrer, dizem. Jovem demais? Não, melhor dizer que ele é abençoado por ser tão jovem e mesmo assim tão

rapidamente se tornar imortal. Ele escapou das mãos trêmulas do tempo.' Aqui diz uma coisa importante. Ele se tornar imortal rapidamente."

"Por que você mesma não manda imprimir isso?", sugeriu Margaret. "Nós cuidaremos das orações mais simples. Temos conhecidos antigos pela região, todo o pessoal lá de Kiltealy, os Ryan em Cork, e eles também vão achar muito estranho, Nora. Todos prefeririam um cartão fúnebre simples para lembrar de Maurice."

"Será que eles não vão pensar que nós brigamos, se fizermos cartões fúnebres separados?", perguntou Nora.

"Eles sabem que somos muito unidos, Nora, sobretudo agora."

"Essa deve ser a melhor solução", disse Jim.

Então ficou claro para Nora que ele e Margaret tinham conversado sobre aquilo em minúcias antes de chegarem à casa dela. Nora ficou contente com a tolerância de ambos e feliz por não ter cedido à vontade deles, que desejavam cartões fúnebres simples, com as mesmas orações antigas que todo mundo usava.

O silêncio foi logo quebrado por uma batida na porta. Um dos meninos atendeu e os três adultos prestaram atenção, quando ouviram uma voz de mulher na entrada. Nora guardou os papéis em silêncio; não sabia quem era. Atravessou a sala e abriu a porta.

"Ah, sra. Whelan, entre", disse ela. "Que prazer ver a senhora."

Maurice tinha morrido seis meses antes e as visitas haviam diminuído; em algumas noites, ninguém aparecia, e Nora sentia-se aliviada. Não conhecia bem a sra. Whelan e achava que Maurice não tinha sido professor de nenhum dos filhos dela. Talvez eles tivessem frequentado a escola vocacional, pensou Nora, mas ela nem sabia ao certo se eles continuavam morando na cidade.

"Não vou demorar", disse a sra. Whelan. Depois de cumprimentar Margaret e Jim, ela acabou aceitando ocupar uma cadeira, embora não tivesse tirado a echarpe e o casaco.

"Não é nada, apenas tenho um recado para você, por isso não vou demorar... Não, eu não quero uma xícara de chá nem nada. Vim só transmitir o recado. Agora eu trabalho para os Gibney, não sei se você já sabia. De todo modo, Peggy Gibney me pediu que eu lhe

dissesse que ela adoraria conversar com você, e o William também, qualquer dia desses depois do almoço. Ela está sempre em casa, mas se você indicar um dia, eles certamente podem vir aqui.”

Nora notou que Margaret e Jim examinavam a sra. Whelan com atenção; perceberam que aquele convite não era gratuito. Apesar de Nora ter estudado com Peggy Gibney, fazia anos que não a via. E, antes de casar, Nora havia trabalhado com William, no escritório do moinho da família dele, na época em que o pai dirigia a empresa. Agora William era o proprietário de tudo, não só do moinho como também do maior mercado atacadista da cidade. Ele e Peggy não mandavam nenhum convite à toa, ela sabia disso. Depois que se mudou para a casa do pai e herdou tudo, William se tornou um homem distante, ou pelo menos era o que Nora tinha ouvido falar.

“Qualquer dia que eles quiserem, sra. Whelan”, respondeu Nora, “para mim está ótimo.”

“Digamos então na quarta-feira, que tal? Às três horas? Três e meia?”

“Quarta-feira está ótimo.”

A sra. Whelan recusou o chá outra vez e insistiu que não ia ficar mais. Na saída, sozinha com Nora, começou a falar em sussurros.

“Eles gostariam que a senhora voltasse a trabalhar no escritório. Mas talvez seja melhor não mencionar isso quando estiver com eles. Deixe que eles mesmos falem do assunto.”

“Há uma vaga no escritório?”, perguntou Nora.

“É melhor que eles mesmos falem tudo com você”, sussurrou a sra. Whelan.

Quando voltou à sala de visitas, Nora percebeu que Margaret e Jim examinavam seu rosto em busca de um sinal do que tinha sido dito na saída. Quando Nora sentou, por um momento nenhum dos dois falou nada, à espera de que ela lhes contasse. Nora pôs mais lenha na lareira, como forma de aliviar a tensão.

“Os Gibney estão fazendo muito dinheiro, eu acho”, disse Margaret. “Estão se ramificando em todo tipo de negócios, além do moinho. Todos os fazendeiros vão lá em busca de implementos agrícolas, e muitas vezes a gente vê filas compridas de

caminhonetes no mercado atacadista. As vendas por atacado estão indo de vento em popa. Os filhos são muito dinâmicos.”

“De fato, não se pode deixar de reconhecer a força deles”, disse Jim.

Logo depois, Donal e Conor entraram na sala para dar boa-noite e Jim e Margaret se levantaram, dizendo que estava na hora de irem para casa. Nora acompanhou-os até a porta.

“Então, vamos mesmo fazer cartões fúnebres separados”, disse Jim. “Talvez com a mesma fotografia.”

Nora assentiu com a cabeça e não disse nada.

Abriu a porta da frente. Quando Jim passou por ela, entregou-lhe disfarçadamente um envelope.

“Apenas para ajudar nas despesas”, disse ele. “Não diga nada.”

“Não posso aceitar mais dinheiro de você. Você já pagou tudo.”

“Só para ajudar a cobrir as despesas”, disse ele de novo, e ela entendeu pelo seu tom de voz que voltar a trabalhar com Gibney depois de vinte e um anos não só teria a aprovação de Jim como atenderia as expectativas dele. Antes de Jim descer a escadinha para a rua, lançou um olhar significativo para ela, e Nora se perguntou se o próprio Jim, que conhecia todo mundo na cidade, não teria dado uma mãozinha para que a sra. Whelan lhe fizesse aquela visita.

Depois que eles foram embora, Nora sentou de novo na poltrona e pensou em Gibney. Lembrou que, depois que o pai dela morreu, as freiras, em especial a irmã Catherine, foram à sua casa perguntar a sua mãe se não havia alguma coisa que pudesse ser feita, qualquer coisa, se não havia um jeito de arranjar dinheiro para pagar mais três anos de estudo para Nora, que depois ela até poderia conseguir uma bolsa de estudos para cursar a universidade, mas certamente poderia arranjar um emprego bem remunerado no serviço público. Nora sabia que a mãe tinha tentado e, ao tentar, acabara brigando com os dois lados da família. Sabia que a mãe não tinha dinheiro, portanto, como também se sabia que Nora era bastante inteligente, conseguiram arrumar um emprego para ela na empresa de Gibney, em vez de ela continuar na escola. Nora começou a trabalhar lá com catorze anos e meio; com quinze, teve

aulas de estenografia e datilografia à noite, a fim de melhorar suas oportunidades de promoção. Nos primeiros anos, quando recebia o salário, entregava tudo à mãe, cuja lojinha dispunha de poucas mercadorias; ela vendia cigarros por unidade e aumentava a receita cantando em casamentos na catedral, quando as pessoas tinham dinheiro para pagar. Naquele tempo, sua mãe, a própria Nora e as duas irmãs viviam com quase nada, até que Una e Catherine também arranjam emprego em escritórios na cidade.

Então, por onze anos Nora trabalhou cinco dias e meio por semana na empresa de Gibney, mal conseguia suportar a mãe em casa e, no trabalho, cumpria as tarefas com uma eficiência ainda lembrada. Nos anos em que foi casada e teve filhos, jamais sonhou em voltar ao trabalho; aquele emprego parecia pertencer a um passado muito distante. Tinha só uma amiga daquela época, e ela também havia se casado; ela e o marido se mudaram da cidade. Nora e sua amiga encaravam o escritório dos Gibney como um lugar onde haviam passado tantos anos trabalhando apenas por não ter surgido uma oportunidade que fizesse jus à inteligência delas, inteligência que, na condição de mulheres casadas, elas haviam cultivado com zelo.

Nora pensava na liberdade que o casamento com Maurice lhe havia proporcionado, a liberdade de, quando os filhos estavam na escola ou quando um bebê dormia, poder ir para o quarto a qualquer hora do dia, pegar um livro e ler; a liberdade de ir para a sala a qualquer hora e olhar pela janela, para a rua e para o monte Vinegar, do outro lado do vale, ou para as nuvens no céu, deixando a mente à deriva, ou de voltar à cozinha, ou de cuidar dos filhos quando eles regressavam da escola, mas tudo como parte de uma vida tranquila que incluía suas obrigações. O dia lhe pertencia, ainda que outras pessoas pudessem visitá-la, ocupar seu tempo, distraí-la. Nos vinte e um anos em que se dedicou à vida doméstica, Nora nunca sentiu um só momento de tédio ou frustração. Agora seu dia ia ser tirado de suas mãos. Sua única esperança era que os Gibney, quando a vissem, na verdade não lhe oferecessem um emprego. Trabalhar naquele escritório pertencia à lembrança de um tempo em que vivera engaiolada. Porém sabia que não tinha

condições de recusar a proposta dos Gibney, caso eles lhe oferecessem de fato alguma coisa. Seus anos de liberdade haviam chegado ao fim; simples assim.

Nora olhou de novo as orações que havia escolhido para o cartão fúnebre de Maurice. Por um instante, as palavras a distraíram das reflexões sobre como iria ganhar a vida e quanta coisa havia perdido, mas, quando olhou de novo as orações, lágrimas encheram seus olhos, e ela ficou feliz por Jim e Margaret não estarem mais lá e os meninos terem ido dormir, quando leu as primeiras palavras: "Nós os devolvemos a Ti, Deus, que os deste a nós".

Aquilo, pensou Nora, estava bem próximo do que havia acontecido. Ela tinha devolvido Maurice; não havia quase mais nada a ser dito. Nora passou os olhos de novo pela segunda oração. "Às vezes, em sua insensatez, alguns falam de pessoas ceifadas na primavera da vida. Ele não foi ceifado. Ao contrário, se pudermos modificar a metáfora, ele foi, isso sim, transportado mais rapidamente à primavera da vida, à plenitude da vida. Foi erguido para fora desta nossa vida, que não passa de uma espera até que a morte nos encontre. Ele foi retirado daqui. Ele escapou, esse homem do qual nos dizem que foi abatido precocemente. Jovem demais para morrer, dizem. Jovem demais? Não, melhor dizer que ele é abençoado por ser tão jovem e mesmo assim tão rapidamente se tornar imortal. Ele escapou das mãos trêmulas do tempo."

As palavras, pensou Nora, pareciam exatas. Onde quer que Maurice estivesse naquele momento, ele sentiria saudades do conforto daquela casa e dela, assim como Nora gostaria que o último ano da vida dela fosse apagado e que Maurice voltasse para eles.

Na quarta-feira de manhã, Nora foi ao centro da cidade, fez o cabelo e conversou com Bernie, no salão de beleza, a respeito de um novo método de tingimento capilar sobre o qual tinha lido, e pensou se já não estaria na hora de tomar alguma providência quanto aos cabelos grisalhos.

“Eu não gostaria que ele ficasse azul”, disse.

“Entendo o que você quer dizer”, respondeu Bernie.

“E, também, se ficar preto demais vai parecer que foi tingido. E eu nunca fui loura, todo mundo na cidade sabe que eu nunca fui loura. Existe algum castanho bonito, que não dê a impressão de ser tintura?”

“Posso experimentar este aqui.” Bernie mostrou uma pasta com a fotografia de uma mulher com um cabelo castanho cacheado de aspecto bem natural.

“Talvez a gente possa começar só com um pouquinho”, sugeriu Nora.

“As instruções dizem para aplicar tudo de uma vez. Já usei essa cor. É muito popular. Você ficaria surpresa se soubesse quem está usando.”

“Então experimente”, disse Nora.

Quando a tintura foi aplicada, Bernie pôs uma rede de náilon na cabeça de Nora e deixou-a folheando revistas. Quando viu que não chegaria em casa a tempo de fazer o jantar para os meninos, se arrependeu de ter ido ao salão e entendeu que teria de ir embora depressa. Fez um sinal a Bernie, agora ocupada com duas mulheres que tinham entrado juntas e pareciam ter de se consultar mutuamente sobre cada pequena tesourada.

“Já vou cuidar de você”, disse Bernie.

Quando chegou para retirar a rede, Bernie disse para ela não se preocupar nem ficar olhando com muita atenção, pois a mudança de verdade só ocorreria quando o secador, a escova e o pente comessem a trabalhar. Nora estava ciente de que as duas mulheres que Bernie estivera atendendo a examinavam com atenção. Nora se perguntou se não teria sido melhor ter consultado outras mulheres antes de tingir o cabelo pela primeira vez, mas não conseguia pensar em ninguém a quem pudesse ter falado do assunto. Suas irmãs, ela achava, já tingiam o cabelo, mas Nora nunca tinha ouvido nenhuma delas comentar sobre aquilo. Aos poucos, enquanto observava Bernie trabalhar com o secador de cabelo, se deu conta de que ela tinha adquirido o estilo de uma mulher muito mais jovem e que as duas clientes que assistiam a

toda a operação sabiam disso e conversavam a respeito com bastante satisfação.

Quanto mais Bernie trabalhava, mais seu cabelo parecia uma peruca. Ela sabia que o tingimento levaria tempo para sair, mas no espelho Nora via a satisfação de Bernie com seu trabalho. Não fazia sentido reclamar.

“Não ficou um pouco jovem demais para mim?”, perguntou Nora.

“Acho que você está ótima”, respondeu Bernie. “Esse corte está no auge da moda.”

“Nunca tive um corte de cabelo no auge da moda”, disse Nora.

Quando o trabalho terminou, Nora sabia que todo mundo que a visse na rua ia pensar que ela havia perdido o juízo ou que estava tentando parecer jovem, em vez de uma mulher que ficara viúva recentemente.

“Vai levar alguns dias para você se acostumar”, disse Bernie. “Mas ninguém mais fica com cabelo grisalho.”

“Mas o tingimento não ficou muito artificial?”

“Daqui a alguns dias vai ficar com um aspecto diferente e as pessoas vão achar que seu cabelo sempre foi assim. Você está preocupada demais, prometo que no fim de semana você vai adorar.”

“Você não pode tirar a tintura, pode?”

“Não, mas ela vai descolorir e garanto que você vai voltar daqui a um mês para repetir a dose. Nunca vi ninguém voltar ao cabelo grisalho depois de ter tingido. Mas quem sabe da próxima vez a gente faça umas luzes. Estão na crista da onda agora.”

“Luzes? Ah, não, acho que não quero.”

Lá fora, Nora ergueu a cabeça bem alto e torceu para que todas as mulheres da Court Street e da John Street estivessem ocupadas no fogão e que nenhuma estivesse na porta de casa. Rezou para não encontrar ninguém conhecido. Em pensamento, fez uma lista dos piores encontros possíveis, as pessoas que mais iriam deplorar a ideia de que, com o marido apenas há seis meses no cemitério, Nora houvesse tingido o cabelo de outra cor. Pensou em Jim e sabia que teria de encará-lo, assim como Margaret, dali a uma semana. Eles não iam saber o que pensar.

Quando viu a sra. Hogan vindo pela John Street em sua direção, Nora não soube dizer se a sra. Hogan simplesmente não a reconheceria ou se iria querer passar por ela sem cumprimentar. Na hora em que a sra. Hogan chegou bem perto, pareceu dar um pulo. Seu rosto estremeceu e depois ela parou.

“Puxa, vai levar um tempo para a gente se acostumar com isso”, disse.

Nora tentou sorrir.

“Foi a Bernie?”, perguntou a sra. Hogan.

Nora fez que sim com a cabeça.

“Ouvi falar que ela recebeu uns produtos novos. Meu Deus, eu também preciso dar um pulo lá.”

Se a sra. Hogan, com seu avental e sapato surrado, achava-se no direito de fazer comentários sobre o cabelo de Nora, então, ela pensou, não havia motivo nenhum para ela não responder com um comentário também.

“Bem, a senhora sabe onde ela trabalha”, disse Nora em tom seco, olhando para o cabelo da sra. Hogan, nitidamente sugerindo que faria bem a ela experimentar o tratamento. A sra. Hogan levou um instante para considerar a possibilidade de estar sendo insultada.

O encontro fez Nora se sentir corajosa. Não ia parar para conversar com mais ninguém, mas sabia que o que ocorrera fora um erro. Tentou lembrar se já havia feito algo assim na vida, se já tinha agido por impulso, sem pensar nas consequências. Lembrou que um dia, antes de se casar, quando voltava do trabalho para casa, na hora do jantar, viu uma pilha de livros velhos sobre uma bancada, na porta dos Leiloeiros Warren, ao pé da Castle Hill. Quando examinou os volumes, encontrou um livro de poemas de Browning e lembrou que, na escola, tinha adorado um poema dele. Estava folheando as páginas, quando a sra. Carty, da Bohreen Hill, apareceu a seu lado. As duas olharam o preço do livro, anotado a lápis na contracapa. Estava caro demais e, de qualquer forma, Nora não tinha dinheiro. As duas seguiram em frente juntas, passando pela praça Friary e subindo o morro Friary. Quando se separaram,

no alto do morro, a sra. Carty lhe entregou o livro, que tirou de dentro do casaco.

“Ninguém vai se incomodar com isso”, disse. “Mas não conte a ninguém onde conseguiu o livro.”

Caminhar para casa com o cabelo tingido fez Nora se lembrar de como havia entrado na casa da mãe com o volume de poemas de Browning. Era o mesmo sentimento de culpa, o mesmo sentimento de que alguém iria segui-la, desmascará-la.

Assim que chegou, pôs algumas batatas para cozinhar, abriu uma lata de ervilhas e levou três costeletas de porco à frigideira. Quando os meninos chegaram, as batatas ainda não estavam prontas. Ela estava esperando no andar de cima e, de lá, avisou a eles que o jantar ia demorar um pouco. Sentou-se na frente do espelho da penteadeira e tentou imaginar alguma coisa que pudesse fazer com o cabelo para ele ficar com um aspecto mais natural. Gostaria de ter dito a Bernie para não pôr laquê, que agora estava grudento e tinha um cheiro adocicado.

Assim que os meninos a viram, ficaram calados. Donal desviou os olhos, enquanto Conor se aproximou dela. Estendeu a mão e tocou em seu cabelo.

“Está todo duro”, disse. “Onde você fez isso?”

“Fui ao salão hoje de manhã”, respondeu Nora. “Gostou?”

“O que tem aí embaixo?”

“Embaixo do quê?”

“Embaixo disso que você pôs na cabeça.”

“O que eu tenho na cabeça é o meu cabelo mesmo.”

“E você vai sair na rua com isso?”, perguntou ele.

Donal lançou um olhar para ela e desviou os olhos de novo.

Nora não tinha certeza do que vestir para ir ver os Gibney. Caso se arrumasse demais, podia dar a impressão de que não precisava de um emprego e que estava indo à casa deles como alguém do mesmo nível, numa visita meramente social. Mas também não podia usar roupas velhas. O problema do que vestir não tinha fim, Nora se deu conta. Se voltasse para o escritório, seria vista por

todos como uma amiga de William e Peggy Gibney. Lá ainda havia pessoas que Nora conhecera naquela época, muitos anos antes, mas com as quais não mantivera mais contato. Nora tinha certeza de que elas iam encará-la com desconfiança, tratá-la de modo estranho, caso voltasse de repente a trabalhar com elas.

Depois que resolveu ir de carro até o outro lado da cidade e estacionar na Railway Square, para que ninguém comentasse sobre seu cabelo, Nora não sentiu mais medo. Olhou para as roupas penduradas no guarda-roupa e escolheu uma saia cinzenta e uma blusa azul-escura. Ia calçar seu melhor sapato. Não sabia o que os Gibney pretendiam lhe dizer ou se iam mesmo lhe oferecer um emprego. Dificilmente discutiriam valores salariais durante um chá da tarde, pensou ela. Seja lá o que tivessem em mente, Nora agora achava importante não chegar ao casarão deles como uma pessoa que passasse necessidade.

A porta foi aberta pela sra. Whelan, que conduziu Nora a uma ampla sala de estar à direita da entrada. A sala estava repleta de móveis com estofamento escuro e pinturas antigas. Apesar de ainda ser de tarde, a sala estava cheia de sombras. A janela comprida não deixava entrar muita luz.

Peggy Gibney se levantou da poltrona. Quando o cardigã que tinha sobre os ombros escorregou, a sra. Whelan se adiantou às pressas para recolocá-lo no lugar. Peggy Gibney não agradeceu o gesto, como se ele fizesse parte dos serviços normais prestados a ela, habitante de uma sala luxuosa. Disse a Nora para se sentar numa poltrona em frente a ela e depois se voltou para a sra. Whelan.

“Maggie, poderia telefonar para o escritório e avisar o sr. Gibney que a sra. Webster chegou?”

Nora lembrou que, anos antes, quando Peggy descobriu que estava grávida, ela ainda não era casada com William, e que os pais dele não a aprovavam. Certo dia, quando estava na recepção do escritório, Nora ouviu a voz do velho sr. Gibney dizendo a William que Peggy podia ir para a Inglaterra, ter o filho e encontrar uma casa para morar lá mesmo. Quando William saiu do escritório naquele dia, Nora imaginou que ele ia se encontrar com Peggy para

lhe contar a decisão do pai. Porém, em vez disso, ele se casou com Peggy, que teve o filho numa maternidade da cidade, e aos poucos os pais de William se habituaram a ela e se afeiçoaram ao neto. Agora Peggy Gibney morava naquela casa e estava ali conversando com Nora como se nunca tivesse havido dúvida sobre o lugar que ocupava no mundo.

A voz de Peggy não tinha nada da velha entonação descuidada das pessoas da cidade. Ela falava de um jeito quase preocupado.

“Ah, pois é”, disse, como se Nora ou alguém tivesse levantado a questão. “Com todos os impostos que existem hoje em dia e com o custo de vida do jeito que está, não sei como muita gente consegue viver.”

Quando Nora perguntou sobre o irmão e as irmãs dela, Peggy se deu conta de que havia cometido um erro.

“Vão bem, Nora, muito bem”, respondeu com um tom que se tornou ligeiramente pomposo. “Vamos todos tocando as nossas vidas.”

Nora entendeu que aquilo significava que eles não frequentavam a sala de estar de Peggy. No entanto, quando perguntou sobre os filhos de Peggy, ela logo se animou.

“Sabe, o William quis que todos se formassem antes de começarem a trabalhar na empresa, para que tivessem uma especialidade.”

A palavra “especialidade” foi pronunciada de maneira bem destacada.

“Assim, o William Junior é um contador altamente qualificado, Thomas é especialista em eficiência e Elizabeth fez um curso de comércio numa das melhores faculdades de Dublin. Portanto, todos são capazes de se virar por conta própria.”

“É mesmo, Peggy?”, comentou Nora.

Ela pensou na velha sra. Lewis, da Mill Park Road, cujo único assunto de conversa eram os filhos e suas carreiras, e como toda vez ela terminava dizendo que agora planejava fazer da sua filha caçula, Christine, uma datilógrafa. Nora achou difícil não rir ali no ar sombrio da sala de Peggy. Era obrigada a se concentrar com muito esforço, para manter o rosto sério.

“Muita coisa mudou na cidade, é o que vivem me dizendo”, continuou Peggy. “Eu não saio muito de casa, e, sabe, vamos a Rosslare quando podemos. Lá é bem sossegado, mas, onde quer que eu esteja, sempre descubro que tenho muita coisa para fazer.”

Nora tentou se lembrar de quem havia lhe contado que Peggy tinha uma empregada em horário integral, além da sra. Whelan.

“Mas não consigo convencer William a tirar férias de verdade. Ah, ele vive preocupado demais com uma coisa ou outra. Ele vai de carro comigo até Rosslare, é verdade, mas não chamo isso de férias.”

Quando William entrou na sala, pareceu mais baixo do que Nora se recordava. Vestia terno e colete. Ao apertar a mão de Nora, ela se perguntou se ele ainda se lembraria da maneira como o pai o havia tratado depois que o tirou da escola, com dezesseis anos, de como o havia punido ao longo dos anos e de como se referia a ele como “o tolo” na frente de quem quisesse ouvir. Mas agora fazia muito tempo que o pai de William havia morrido, a empresa passara para as mãos dele, pensou Nora, e tudo aquilo tinha se apagado da lembrança de todos, exceto da sua.

“Foi muita bondade sua vir até aqui”, disse ele, sentando, enquanto a sra. Whelan entrava com chá e biscoitos.

“Sensato, sensato”, acrescentou ele, como se sua cabeça tivesse se voltado para outro assunto, mais sério.

Nora olhou para ele de modo sereno e não disse nada. Não ia agradecer a ele por coisa nenhuma.

“Meu pai sempre disse que você era a melhor e que nunca cometia nenhum erro, você e Greta Wickham. Ele costumava dizer: ‘Se Nora e Greta estivessem aqui agora, nós não estaríamos nesta bagunça’, ainda que não houvesse bagunça nenhuma.”

“Ah, ele falava de você com muita afeição”, interveio Peggy. “E William Junior e Thomas só tinham coisas boas a dizer de Maurice Webster, quando ele foi professor deles. Lembro que um dia o Thomas teve febre e queríamos que ele ficasse de cama, mas ele não quis, ah, não, porque tinha uma aula dupla de comércio com o sr. Webster e não podia faltar. Você sabe que queriam que o Thomas ficasse em Dublin, quando ele se formou lá? Ah, ele

recebeu propostas com ótimas perspectivas! Dissemos que ele deveria avaliá-las bem, mas Thomas preferiu voltar para casa. Pois é. E foi assim também com William. Com Elizabeth, a gente nunca sabe. Ela pode ir para qualquer lugar. Ela é que nos dá alguma preocupação.”

Na loquacidade de Peggy Gibney, na maneira como se sentia à vontade para falar de si e de sua família, havia algo que Nora julgou calculado, quase intencional, para miná-la, para deixar estabelecido que Peggy era alguém com uma opinião muito elevada de si mesma e que esperava que os outros também tivessem. William, Nora supôs, devia empregar umas cem pessoas, talvez mais. Nora imaginava que devia ser difícil para Peggy Gibney continuar sendo uma pessoa comum, mas não via motivo para se sentar à frente dela e não lhe oferecer nada mais que o silêncio.

Com William era diferente. Ele parecia resmungar e tinha um jeito nervoso de repetir as palavras e depois parar, como se procurasse outra palavra.

“Sempre tivemos uma vaga, Nora”, começou ele, “uma vaga...”

Nora olhou para ele e sorriu.

“Algumas garotas do escritório mal conseguem escrever direito algumas palavras”, interveio Peggy de novo. “E mal sabem fazer contas, mas quando se trata de tirar dias de folga e faltar porque estão doentes...”

“Pois é”, disse William. “Pois é.”

Nora observou William com atenção, em busca de alguma indicação de que ele achasse Peggy tão irritante quanto ela achava, mas William parecia muito distante e nervoso para sequer notar a esposa.

“E a maneira como algumas se vestem, então! Elizabeth diz...”

“Thomas acha”, interrompeu William, “que o mundo da srta. Kavanagh, e ela é a chefe do escritório, e talvez se eu conseguir que você e Thomas tomem pé dos detalhes rapidamente, e os detalhes ele conhece melhor do que eu.”

Parou um momento e olhou para Nora, como se estivesse inseguro do que deveria dizer em seguida.

“Só Deus sabe”, prosseguiu, com os olhos fincados no tapete. “Sou apenas o diretor da empresa, o cabeça da empresa. Mas ele pode apresentar você à srta. Kavanagh e depois você podia, se entende o que quero dizer, começar quando achasse melhor. Você pode começar quando quiser.”

“É a Francie Kavanagh?”, perguntou Nora.

“Acho que sim”, respondeu William. “Embora já faça um bom tempo que ninguém a chame assim.”

“Ah, claro”, disse Peggy. “Você a deve ter conhecido nos velhos tempos. Thomas fala dela com entusiasmo. Mas vocês duas continuaram amigas?”

“Desculpe, o que você disse?”, perguntou Nora em tom seco.

“Perguntei se você e a srta. Kavanagh continuaram amigas.”

A pergunta implicava que Peggy, ao longo dos anos, não tivera tempo para se dar ao trabalho de se informar sobre tais assuntos ou para manter amizade com quem quer que fosse. No entanto, Nora se perguntava quanta coisa ela saberia, se estivesse ciente, por exemplo, de uma quinta-feira, vinte e cinco anos antes, ou mais — certamente aquilo tinha sido comentado —, um dia de trabalho de meio expediente na empresa dos Gibney, quando Nora e Greta Wickham resolveram fazer um passeio de bicicleta até Ballyconnigar, e Francie Kavanagh pediu para ir junto, e as duas pedalaram bem depressa para ficarem à frente dela e depois foram para Morriscastle em vez de Ballyconnigar. E como riram quase descaradamente, em vez de pedir desculpas, quando souberam que o pneu da bicicleta de Francie tinha furado perto do povoado The Ballagh, a caminho de casa, e ela ficou toda ensopada com a chuva que caiu depois do anoitecer, abrigou-se embaixo de uma árvore e só voltou para casa nas primeiras horas da madrugada. Depois disso, Francie nunca mais falou com elas.

William e Peggy observavam Nora com atenção. Ela não tinha respondido à pergunta sobre Francie Kavanagh e agora era tarde demais para isso. Portanto, pensou Nora, ao longo daqueles anos em que esteve casada e teve filhos, Francie continuara na empresa dos Gibney e se tornara chefe do escritório, assim como Peggy Gibney, que agora erguia a xícara de chá com um gesto indolente,

tinha ficado naquela casa e viajava para Rosslare no verão, se tornara falsamente superior, moldando a si mesma segundo a imagem da sogra, ou da esposa de outro comerciante qualquer da cidade. Nora sentiu-se tão distante daquelas duas mulheres quanto o silêncio está distante do som.

William se levantou e houve uma mudança na sala. De certo modo, ele e Peggy conseguiram sugerir que, como as cordialidades tinham terminado, Nora estava dispensada. Quando ela se levantou para sair, Peggy continuou sentada; estava claro que não sentia como parte de sua obrigação acompanhar as pessoas até a porta da casa. William apertou a mão de Nora.

“Você pode ir falar com Thomas na segunda-feira às duas horas? Chame-o na recepção do escritório, sim, na recepção do escritório”, disse, e em seguida se retirou da sala com ar alheio. Nora o ouviu fechando a porta da frente depois de sair. Em seguida, a sra. Whelan, que ficara rondando o corredor, acompanhou Nora até a saída.

“Ela vai ficar encantada por você ter vindo”, sussurrou. “Sabe, ela vê pouca gente.”

“É mesmo?”, disse Nora. De novo ela se lembrou de seu cabelo tingido, quando a sra. Whelan o examinou com uma curiosidade quase desavergonhada.

4.

Nora não contou a ninguém sobre o acordo que tinha feito com Thomas Gibney nem sobre a primeira reunião que teria com Francie Kavanagh depois de mais de vinte anos. Logo contaria a Jim e Margaret, pensou, mas sentiu-se grata a eles, quando foram de novo à sua casa e não perguntaram como tinha sido o encontro com os Gibney. Quando sua irmã Una perguntou a respeito, Nora se limitou a dizer que ainda não havia decidido.

“Ouvi dizer no clube de golfe que você vai voltar a trabalhar lá no escritório”, disse Una.

“O clube de golfe é um lugar excelente para obter informações”, retrucou Nora. “Eu também ficaria sócia, se soubesse jogar ou se fosse bem bisbilhoteira.”

Quando sua outra irmã, Catherine, escreveu para dizer que Nora e os meninos deveriam ir ficar um tempo com ela e sua família, e que poderiam ir em qualquer fim de semana, Nora respondeu que eles iriam na sexta-feira seguinte, pois os meninos já haviam terminado o período letivo, e ficariam com Catherine até domingo. Antes de adoecer, Maurice gostava de ir à casa de fazenda onde eles moravam, na periferia de Kilkenny, no sábado à noite, e conversar com o marido de Catherine sobre colheitas e preços,

discutir sobre política, além de ouvir novidades sobre os vizinhos. Os dois casais muitas vezes iam a um bar, deixando os filhos aos cuidados de Fiona ou Aine. Os meninos também pareciam apreciar a mudança de ares, pois dormiam em quartos estranhos, numa casa bem maior do que aquela onde moravam.

Era verdade, pensou Nora, o que sua mãe tinha dito; que todos eles, inclusive suas irmãs, preferiam Maurice a ela e davam mais atenção ao que ele dizia. Quando os quatro saíam para um drinque, os dois homens conversavam um com o outro, mas Catherine gostava de ficar ouvindo a conversa deles, ou lhes fazer perguntas, ou levantar questões que, ela sabia, iam interessá-los. Nora nunca se importou; ouvia tudo por alto, porque não tinha opiniões tão definidas quanto Maurice sobre o que estava acontecendo no país. Além do mais, Catherine e o marido, Mark, eram tão religiosos quanto Maurice. Acreditavam em milagres e no poder da prece, mas também gostavam da maneira como a Igreja vinha se modernizando. Nenhum deles jamais perguntou a Nora o que ela achava daquilo; Nora mesma não tinha certeza, apenas sabia que não pensava da mesma forma que eles e que era a favor de uma modernização muito mais ampla do que eles esperavam. Nora não encarava as coisas da mesma forma que eles. Também sobre outros assuntos tinha ideias próprias, mas sentia-se feliz mantendo-se à parte na conversa. Agora que Maurice havia morrido, ela se perguntou se aquilo iria mudar, se ela teria de falar mais.

Na hora em que os meninos chegaram da escola, Nora já tinha feito as malas e posto no carro tudo de que iam precisar. Combinou com eles que Donal podia ir no banco da frente até Killealy e depois trocaria de lugar com Conor, que iria no banco da frente o resto da viagem.

Nos velhos tempos, quando eles passavam pela entrada de determinada fazenda depois de Milehouse, Maurice ficava tenso, fechado em seus pensamentos, não importava o que estivesse sendo dito dentro do carro. Nunca haviam conversado sobre aquilo. Era algo que ele jamais quisera falar. Nora sabia do assunto porque ouvira Margaret e um primo conversando no velório de sua sogra. Lá ficava a fazenda de onde, no fim do século anterior, o avô de

Maurice fora despejado. Quando ele, a esposa e os filhos chegaram à cidade, o avô de Maurice não possuía nada além de uma má reputação na polícia por causa de sua posição política e alguns livros e roupas guardados num saco velho. Nora sempre havia se perguntado até que ponto Maurice levava a sério aquele fato, ou pelo menos por que ele se mostrava tão estranhamente preocupado sempre que passavam naquele local, dando a impressão de que simplesmente falar daquilo já representaria a profanação de uma parte sagrada de um passado sofrido.

Em algum ponto depois de Tullow, ela sabia, havia uma casa onde a mãe de Nora tinha trabalhado como empregada e onde o dono da casa, ou o irmão, ou o filho, chegava perto demais dela todos os dias e às vezes à noite. Sua tia Josie havia lhe contado todos os detalhes e como, no fim, o padre teve de ser chamado, e que o padre procurou o gerente da loja de departamentos Cullen's, em Enniscorthy, fazendo-lhe um apelo especial para ajudá-lo a salvar a virtude de uma empregada numa distante fazenda depois de Tullow. Nora se lembrou de que a ideia da virtude da mãe, do padre, da casa remota depois de Tullow, do proprietário, do irmão e do filho haviam lhe parecido algo tão improvável que chegou a achar aquilo engraçado. Quando Josie enfatizou que era tudo verdade, Nora se viu rindo mais ainda, até que a tia a advertiu de que ela nunca deveria contar essa história a ninguém, mas que, se o fizesse, não contasse que tinha rido. As pessoas pensariam mal de Nora, disse Josie, se soubessem que ela achava tais coisas engraçadas.

A estrada era estreita e Nora dirigia com cuidado. Aquelas histórias antigas, pensou, logo iriam desaparecer. Logo ninguém mais se lembraria daquilo, ninguém mais daria importância a um despejo ocorrido tanto tempo antes. O avô e a avó de Maurice estavam enterrados em sepulturas anônimas, no cemitério; ninguém nunca saberia quem tinham sido aquelas pessoas. E Nora supunha que nenhuma de suas irmãs sabia acerca da casa depois de Tullow, de sua mãe e daqueles homens. Era provável que elas nem soubessem que a mãe tinha trabalhado como empregada

depois que abandonou a casa do pai, até o dia em que foi trabalhar na loja Cullen's, em Enniscorthy.

Depois de Killealy, quando Conor já ia sentado no banco da frente, ele contou a Nora histórias da escola, dos colegas e dos professores. Parecia ansioso para passar um tempo com os primos e visitar a fazenda.

"A casa da tia Catherine é mal-assombrada?", perguntou.

"Não, Conor, é só uma casa velha e maior do que a nossa, mas não é mal-assombrada."

"Mas muita gente morreu dentro dela?"

"Não sei."

"E como é que uma casa fica mal-assombrada?", perguntou Conor.

"Sabe, eu acho que toda essa história de casas mal-assombradas não passa de conversa fiada."

"A casa dos Phelan, na Back Road, é mal-assombrada. Joe Devereux viu um homem do lado de fora, à noite, e ele não tinha rosto. Estava acendendo um cigarro, mas não tinha rosto."

"Eu acho que isso foi só por causa das sombras", disse Nora. "Se o Joe tivesse uma lanterna, teria visto perfeitamente o rosto do homem."

"Por isso é que nós andávamos do outro lado da rua quando voltávamos para casa", prosseguiu Conor.

"Pelo menos você não precisa mais voltar lá."

"Todo mundo sabe que t-t-tem um fantasma lá dentro", disse Donal no banco de trás.

Eu nunca ouvi falar disso", retrucou Nora.

Embora os meninos não falassem nada por algum tempo, ela sabia, enquanto o carro passava por Borris, que o assunto continuava na cabeça deles.

"Acho que toda essa conversa de fantasma não passa de bobagem", disse ela.

"Mas deve ter morrido uma porção de gente na casa da tia Catherine. Sabe, nos quartos de cima", continuou Conor.

"Mas fantasmas e espíritos não existem", disse ela.

"E o Espírito Sa-Santo?", lembrou Donal.

“Donal, você sabe que é diferente.”

“Mesmo assim, eu não vou sozinho ao andar de cima da casa da tia Catherine”, disse Conor. “Mesmo de dia, eu não vou lá sozinho, não.”

Quando chegaram, já fazia algum tempo que eles estavam calados. Nora tentara mudar de assunto, mas percebeu que não havia conseguido impedir os meninos de pensar em fantasmas e casas mal-assombradas. As estradas estreitas, ela refletiu, e o súbito isolamento das casas que passavam, com estradas que corriam quilômetros até chegar a fazendas solitárias, isoladas de tudo, valas malcuidadas nas margens da estrada e árvores com ramos que pendiam sobre ela, tudo isso combinava com a ideia de fantasmas e de barulhos noturnos. Logo que Catherine se casou, Nora lembrava, a irmã contava sobre uma casa cujo dono era primo de Mark, uma construção antiga e coberta por hera, onde móveis se mexiam sozinhos e a porta se abria sem motivo. Catherine e Mark falavam daquilo com minúcias, sem a menor dúvida de que fosse verdade. Nora se perguntava se não teria a ver com algum testamento, ou um dinheiro antigo, ou uma briga, ou com alguém expulso da casa, mas com direito de ficar lá. Em todo caso, esperava que nenhum deles falasse desse assunto com os meninos no fim de semana.

Uma das características de Catherine era que ela raramente ficava quieta. A mãe delas, Nora lembrava, era do mesmo jeito, sempre agitada. Nora e Una chamavam aquilo de “mexe-mexe”. O pior é que a mãe não admitia que mulheres ficassem paradas quando ainda houvesse trabalho a fazer. Ao longo de toda a sua vida de casada, Nora sempre cuidara de ficar sentada e quieta o maior tempo possível, todas as noites, depois de lavar a louça do chá; tentava se assegurar de que nada a obrigaria a se levantar de novo para ficar mais tempo na cozinha, exceto, talvez, se precisasse ferver a chaleira para fazer chá para ela e Maurice, ou preparar uma garrafa de água quente no inverno.

Assim que levou a mala para o quarto onde ia ficar hospedada, o mesmo quarto em que ela e Maurice sempre haviam ficado, Nora sentiu uma premência esmagadora de não sair mais dali, de mandar um recado de que não se sentia bem e precisava descansar. A expressão do rosto de Catherine quando viu seu cabelo não tinha ajudado muito; o fato de ela não ter falado nada na hora significava que estava guardando aquilo para mais tarde, e Nora tinha certeza de que a irmã teria muito para falar.

A fazenda de Mark era grande; Nora não sabia quantos acres ele possuía, porque Catherine não tinha contado a ninguém do lado dela da família. Isso significava que ele possuía mais terras do que Catherine gostaria de admitir. Caso a fazenda fosse pequena, Catherine teria gostado de ficar reclamando disso. Durante toda a vida, ela havia comprado roupas de liquidação e não mudou esse hábito depois que se casou. Mas agora, quando se tratava de qualquer tipo de mercadoria que não roupas, e sobretudo quando se tratava de algo para a casa, Catherine gastava bastante dinheiro. A frase de Mark que Maurice e Nora mais apreciavam era “uma coisa só custa caro no dia em que a gente compra”. Tal ideia era inteiramente estranha para os dois.

O resultado é que havia dois carros novos em folha na garagem, e sempre havia móveis novos ou objetos novos na cozinha, comprados na Brown Thomas ou na Switzer’s, em Dublin. Nora tinha certeza de que Catherine fazia o cabelo em Dublin ou em algum salão especial de Kilkenny que atendia mulheres de fazendeiros ricos. A ideia de deixar Bernie tingir seu cabelo em Enniscorthy era algo que apavoraria Catherine.

Se Maurice estivesse com ela, pensou Nora, o foco da atenção seria ele, e Maurice saberia reagir com naturalidade e um charme tranquilo. Quando Nora desceu a escada atapetada, observando o papel de parede caro e novo e as gravuras recém-emolduradas que ela sabia terem pertencido à mãe de Mark, Nora se deu conta de que, embora parecesse que ela era o foco das atenções, na verdade ela não passava de um objeto de comiseração. Catherine e Mark ficariam felizes de ter Nora e os meninos em casa naquele fim de semana, se mostrariam gentis e hospitaleiros, mas também

ficariam contentes quando ela fosse embora e eles tivessem acabado de cumprir sua obrigação. Quando começasse a trabalhar na empresa de Gibney, pensou Nora, usaria isso como desculpa para não voltar lá por algum tempo.

Donal e Conor sempre demoravam um pouco para se habituar à fazenda. Eles gostavam de algumas coisas lá. Se havia algum motivo para irem ao pomar com os primos, aceitavam a ideia, embora não os deixassem chegar perto das urtigas. E havia uma bomba manual que fornecia água para a casa e que tinha de ser movida por uma alavanca que eles empurravam para baixo e para cima, e os dois gostavam de brincar com aquilo. Porém, se alguma atividade exigisse deles calçar bota, vestir roupas velhas e ficar perto de animais da fazenda, ou entrar no estábulo da ordenha, ou no celeiro, onde havia esterco de vaca, os meninos reagiam com desconfiança. Permaneciam atentos e à espera, vendo se os deixavam ficar onde estavam, junto com os adultos, ouvindo a conversa.

Quando foi à cozinha, Nora viu que Catherine havia comprado uma nova máquina de lavar roupas; tinha sido trazida de Dublin no dia anterior, e Catherine estava com o manual na sua frente, aberto sobre a mesa da cozinha.

“Há também uma secadora”, disse ela, “que ainda não tiramos da embalagem. Pensei em primeiro me concentrar na máquina de lavar roupas. Eu devia ter pedido ajuda ao homem que veio fazer a instalação hidráulica. Achei que quando ele terminasse, a máquina iria funcionar direto. Uma amiga minha, Dilly Halpin, tem uma igual e, quando telefonei para ela, me disse que quase precisou fazer um curso universitário completo para conseguir entender as instruções.”

Catherine abriu espaço para Nora na mesa, enquanto Donal, Conor e dois primos deles olhavam.

“Vai até ser sorte minha se a máquina tiver algum defeito e eu precisar devolver. A verdade é que não consigo nem ligá-la.”

E apontou para uma série de diagramas.

“Está vendo? Tem uma porção de maneiras diferentes de lavar, para lençóis e toalhas de mesa, para camisas e blusas, e para tecidos mais delicados. As instruções vêm em alemão e francês,

além de inglês, mas talvez seja um problema de tradução e, em outro idioma, fique mais claro.”

Nora se perguntou se Catherine e sua família já haviam tomado o chá. Já passava das seis da tarde e Catherine concordou que as crianças podiam ir ver desenhos animados na televisão e qualquer outro programa infantil que passasse depois. Mas não houve nenhuma referência a chá ou comida. Nora sabia que seus filhos logo ficariam com fome e se perguntava se Catherine achava que eles já tinham comido antes da viagem. O estranho, Nora notou, é que Catherine não lhe dava oportunidade de tocar no assunto comida; falava com ela como se Nora, na verdade, não estivesse ali.

Quando se deu conta disso, Nora viu que não conseguia prestar atenção em mais nada. Catherine não estava falando consigo mesma, tinha perfeita consciência da presença da irmã, porém havia criado uma atmosfera em que Nora não podia ter nada a dizer. Se Catherine tivesse feito isso de propósito, Nora achou, não teria dado certo, o efeito poderia ser anulado com facilidade. No entanto, aquilo parecia natural em Catherine. Era algo de que Nora se dera conta outras vezes, mas agora, com a irmã, a sensação foi mais intensa. Era algo sólido, como a parede sólida de uma abóbada, construída mais para resistir à pressão do que para sustentar. Nora sentia-se presa junto com a irmã num espaço sem ar, enquanto Catherine tagarelava sobre a máquina de lavar roupas e a secadora; depois ela foi até o telefone no corredor e ligou para Dilly Halpin, que aceitou ir até lá ver se podia ajudar Catherine a pôr a máquina nova para funcionar.

“Não fale para a Dilly que contei a você”, pediu Catherine, “mas fui a Dublin com ela na semana passada e nos hospedamos na casa da irmã e do cunhado da Dilly, que é advogado. Ah, que casa esplêndida, Nora, fica em Malahide, e eles têm um barco. Era tudo moderno, nunca vi nada igual. A família dele é muito importante na área de negócios imobiliários, eles fazem uma porção de contratos, mas ele está muito bem de vida trabalhando por conta própria. E a outra irmã da Dilly, que é muito gentil, casou com o sr. Murphy, juiz da Suprema Corte. São pessoas muito respeitadas no partido

republicano irlandês. Uma outra irmã é casada com um Delahunt, e eles estão podres de ricos, pelo menos foi o que a Dilly me contou.”

Nora nunca tinha ouvido a irmã dizer “podre de ricos” nem conversar sobre famílias daquela maneira.

“A questão é que, à noite, eles nos levaram para jantar no Intercontinental Hotel. Fergus e Con, que são os dois cunhados da Dilly, e as duas irmãs dela, só nós seis. Nunca vi comida como aquela, e o vinho então... Nem vou lhe dizer quanto foi a conta, mas consegui ver, olhei a nota de cabeça para baixo, e quase tive um ataque do coração. Não contei nem para o Mark. Ele não gastaria tanto dinheiro, você sabe. Pelo menos não num jantar. E o restaurante estava cheio. Tinha todo tipo de gente. A Dilly foi me ver no dia seguinte e então compramos a máquina de lavar roupas e a secadora. Eu quis comprar a mesma que ela.”

Conor apareceu e esperou Catherine terminar.

“A que horas a gente vai tomar o chá?”, perguntou ele. “Todo mundo já tomou. Quando a gente vai tomar?”

Catherine olhou para ele como se não tivesse ouvido nada. Conor não cedeu e, como não obtivesse resposta da tia, olhou para Nora.

“Vocês não estão vendo televisão?”, perguntou Catherine.

“Nós não tomamos nosso chá”, repetiu ele.

“Não tomaram?”, perguntou Catherine e olhou para Nora, perplexa.

Nora teve a sensação de estar sendo acusada de alguma coisa.

“A gente saiu de casa assim que os meninos chegaram da escola. Pensei que tomaríamos o chá aqui.”

“Ah, desculpe. A Dilly está para chegar, e o Mark também, mas não sei exatamente a que horas ele estará em casa.”

Catherine parecia distraída. Nora estava prestes a dizer que um sanduíche ou uma torrada com feijão já seria suficiente para eles, mas preferiu não dizer nada. Olhou para longe, como se não fosse problema seu. Estava quase zangada. Conor continuou ali, observando a mãe e a tia.

“Me desculpe”, disse Catherine. “Eu devia ter pensado nisso.”

De repente, ela se tornou afetuosa e dinâmica, mostrando-se tão prestativa em atender todas as necessidades deles que ocorreu a

Nora que algo na maneira como ela se sentia acabara sendo transmitido à irmã, embora ela não tivesse falado nada. Catherine foi até uma geladeira grande na despensa.

“Tenho uns hambúrgueres”, disse, “e posso fritar umas batatas. Será que eles gostam? E você gostaria de um bife, Nora? Ou então posso fazer costeletas, que tal? E por que os meninos não lancham na sala de televisão?”

“O que for mais fácil”, disse Nora.

Quando Dilly Halpin chegou, Nora ficou cuidando da cozinha, enquanto as duas mulheres estudavam o manual de instruções da máquina de lavar roupas. Nora as ignorou, quando começaram a mexer nos diversos botões e ficaram inteiramente concentradas na tarefa. Nora percebeu que seria conveniente para Catherine servir o chá na sala onde estavam as crianças. Decidiu não sugerir isso e esperou para fazer sua própria comida só depois de servir Donal e Conor e ter certeza de que eles tinham tudo de que precisavam.

Quando a máquina enfim funcionou e Dilly Halpin convenceu Catherine de que a secadora era muito mais fácil, que seria só uma questão de ligar e desligar, Dilly ficou sentada à mesa da cozinha, enquanto Catherine não parava de se movimentar de lá para cá. Quando Nora se ofereceu para fazer chá para elas, aceitaram. Depois que as costeletas ficaram prontas, Nora as levou para a mesa, junto com pão preto e manteiga. Ela serviu o chá quando ele ficou pronto. Não sabia se era sua presença que tornava a conversa difícil, quase artificial. Nora tinha a impressão de que Catherine e Dilly estavam representando papéis, com falas estudadas especialmente para ela, em vez de falarem de fato uma para a outra. Discutiam sobre um leilão a que haviam comparecido, o leilão dos objetos e do mobiliário de uma mansão, na periferia de Thomastown,

“Sabe, dei um lance para um par de atizadores de lareira”, disse Dilly. “Eram do século XVIII, mas não consegui arrematar. Um negociante de Dublin deu lances contra os meus. Lancei olhares

terríveis sobre ele, mas não adiantou. Você é que se deu bem, Catherine. Que tapete bonito. Onde vai pôr?”

“Vou fazer uma surpresa para o Mark”, respondeu Catherine, “e pôr no quarto. Mas vou precisar de ajuda, pois uma parte do tapete vai ter de ficar embaixo da cama. Espero que ele perceba, é só o que tenho a dizer.”

“E o leilão demorou tanto que precisei ir ao banheiro”, disse Dilly, “então decidi ir por dentro do casarão e esbarrei com um cartaz que dizia ‘Entrada proibida. Propriedade particular’. Mas fui em frente assim mesmo, e não é que eu estava subindo a escada em busca de um banheiro, quando fui surpreendida por uma velha protestante com a maior cara de tia solteirona? Expliquei que eu precisava ir ao banheiro e não estava conseguindo achar um, e ela me disse que eu podia ir aonde quisesse entre Thomastown e Inistioge, mas que eu tinha de descer a escada imediatamente. E começou a vir na minha direção, a matrona. Senti tanta raiva que, quando estava indo embora e vi um curral cheio de ovelhas, saí do carro e abri a porteira.”

“Fez muito bem”, disse Catherine.

“Fiz mesmo, e espero que ainda estejam procurando aquelas ovelhas até agora. Que mulher mais grossa! Acham que ainda são donos do país!”

“Você não imagina como as coisas são por aqui”, Catherine disse a Nora.

“Aquela mulher teve sorte de eu não ter comprado os atizadores de lareira e não estar com eles na mão naquela hora. Nem sei o que eu teria feito.”

Dilly foi ficando cada vez mais indignada, Catherine lhe deu apoio e Nora, então, começou a rir.

“É que pensei nos atizadores de lareira”, explicou.

Levantou-se da mesa ainda rindo. Notou que o rosto de Catherine tinha ficado vermelho e que ela parecia cerrar os dentes com força. Nora foi ver se os filhos e seus primos continuavam diante da televisão e depois foi ao banheiro, e lá ficou até ter certeza de que não iria rir de novo. Quando se sentiu capaz de se controlar de fato, voltou e viu que Dilly Halpin tinha ido embora. Catherine ficou

atarefada na cozinha e, mesmo quando Mark chegou, Nora se deu conta de que a irmã mal falava com ela. Aquilo fez Nora tomar a decisão de se mostrar simpática e animada ao máximo com Mark. Ao agir assim, notou como Catherine se irritou.

“Nora, para você não tem importância”, disse ela. “Mas nós temos que viver aqui e, muito embora eu encontre os protestantes das mansões na Associação das Compatriotas Irlandesas ou no clube de golfe, e embora eles conheçam o Mark da Associação dos Fazendeiros Irlandeses e tenham conhecido o pai e a mãe dele, se virem você subindo a rua principal em Kilkenny nem vão olhar para você. Na verdade, nem sei por que fomos àquele leilão.”

“Que leilão?”, perguntou Mark.

“Dilly, a amiga de Catherine, agrediu uma protestante com dois atizadores de lareira”, disse Nora.

“Não foi nada disso!”

“Ela me pareceu muito simpática, Catherine”, disse Nora. “Mas, para ser franca, achei que ela só estava brincando. Sabe, com a história dos atizadores e das ovelhas, tive dificuldade de ficar séria.”

“Que ovelhas?”, perguntou Mark.

* * *

Foram para a cama cedo. Nora ficou feliz por estar longe deles e daquela conversa sobre leilões, mansões e novas máquinas de lavar roupas. Para ela, ficou claro que não havia nada que pudesse ter falado com Catherine e Dilly, nada que interessasse a ela e às duas amigas. Quando se perguntou em quê, afinal, tinha interesse, Nora viu-se obrigada a concluir que não tinha interesse por nada. O que importava para ela, agora, não podia ser compartilhado com ninguém. Jim e Margaret estavam com ela quando Maurice morreu, e isso significava que os três podiam conversar com naturalidade, quando Jim e Margaret iam à sua casa, porque, embora não falassem dos dias passados no hospital, o que tinham vivido naquela época permanecia subjacente a tudo que diziam. Estava junto com eles, assim como o ar na sala era tão presente que

ninguém jamais comentava o assunto. Agora, para eles, conversar era um modo de administrar as coisas. Porém para Catherine, Dilly e Mark, a conversa era algo normal. Nora se perguntava se algum dia seria capaz de ter de novo uma conversa normal e quais assuntos ela iria discutir com naturalidade e interesse.

No momento, o tema sobre o qual podia discutir era ela mesma. E todos, Nora sentia, já estavam fartos de ouvir sobre ela. Achavam que estava na hora de Nora parar de ficar remoendo o passado e pensar em outras coisas. No entanto, não havia outras coisas. Só o que tinha acontecido existia. Era como se ela vivesse embaixo d'água e tivesse desistido de fazer força para subir rumo ao ar da superfície. Seria demais para ela. Parecia impossível se sentir livre no mundo dos outros; era algo que ela nem mesmo desejava. Como Nora poderia explicar aquilo a alguém que tentasse entender como ela era ou a alguém que perguntasse se estava conseguindo superar o que havia acontecido?

Nora acordava de manhã com medo do dia que tinha pela frente. Imaginava se os meninos também não se sentiam assim. Será que quando Fiona e Aine acordavam elas também temiam o dia que tinham pela frente? E Jim e Margaret? Talvez, pensou Nora, eles tivessem encontrado outras coisas com que se preocupar. Ela também podia achar outras coisas para pensar — dinheiro, por exemplo, ou os filhos, ou o trabalho na empresa dos Gibney. Encontrar coisas para pensar não era problema para ela; o problema era que estava sozinha agora e não tinha a menor ideia de como viver. Teria de aprender, mas era um erro tentar fazer aquilo na casa de outra pessoa. Era um erro ficar ali deitada numa cama estranha, quando sua própria cama, em casa, também era estranha. A estranheza do lar, porém, não requeria uma reação vigorosa de sua parte. Iria demorar muito tempo, pensou Nora, até ela conseguir passar uma noite fora de casa de novo.

No térreo, viu que Catherine e uma mulher dos arredores que vinha ajudá-la nos afazeres domésticos tinham resolvido fazer uma faxina completa na cozinha e na despensa antes que a secadora fosse instalada ao lado da máquina de lavar roupas, na despensa. Todos os pratos e as panelas tinham sido retirados das prateleiras,

para que o pó fosse removido de lá, e Catherine limpava as gavetas e separava todos os objetos, alguns para descartar, outros que depois voltariam ao lugar. Conor e um de seus primos estavam ajudando, enquanto Donal mantinha-se à parte, sentado. Assim que Donal viu Nora, encolheu os ombros, como que para dizer que tudo aquilo não tinha a ver com ele.

“Prepare um chá para você, Nora”, disse Catherine. “E se conseguir achar o pão e a torradeira... Meu Deus, vai ser um alívio depois que isso estiver terminado. Pelo menos estou tendo muita ajuda.”

“Vou dar uma volta lá fora”, disse Nora.

Catherine virou-se e pareceu admirada.

“O tempo está chuvoso. Não sei se é um bom dia para caminhar, e mais tarde vamos a Kilkenny, preciso comprar detergente para essa máquina. Sabe, estou quase arrependida de tê-la comprado. Mas Dilly disse que ela reduz à metade o trabalho da gente.”

“Vou procurar um guarda-chuva”, disse Nora.

“Os guarda-chuvas ficam na prateleira ao lado da porta da frente”, explicou Catherine. “Por favor, cuidado com a porta da frente, se for usá-la, está bem? Ela fica meio dura com esse tempo úmido.”

Era aquilo que ninguém dizia a Nora. Ela não podia ter sentimentos comuns, desejos comuns. Catherine percebia, pensou Nora, ela mesma não tinha a menor ideia de como tratar a questão, o que piorava as coisas. Enquanto Nora saía da casa, caminhando em direção à rua, sentiu uma raiva que não conseguiu controlar. Mas ia ter que controlar, ela sabia. Não fazia sentido pensar que não ia mais voltar ali, sentir uma raiva da irmã que, até agora, Nora só havia dirigido contra o médico responsável pela enfermaria onde Maurice ficara em seus últimos dias de vida; uma raiva que a levou a escrever cartas para ele em pensamento, cartas que ela imaginava assinar e pôr no correio, cartas desaforadas ou friamente presas aos fatos, cartas que o ameaçavam, pois aonde quer que ele fosse Nora contaria às pessoas o que ele tinha feito quando seu marido estava morrendo, que ele se recusara a aliviar a dor que fazia Maurice gemer. Ela havia procurado o médico várias vezes,

perguntara às enfermeiras mil vezes se elas não podiam fazer alguma coisa. Todas a acompanhavam de volta até a cama, assentiam com a cabeça, admitindo que algo precisava ser feito. O médico, porém — só de pensar nele Nora andava mais depressa e se tornava mais indiferente às nuvens que se acumulavam no alto —, não voltava com ela para junto da cama de Maurice e lhe dizia que seu marido estava muito doente, que o coração dele estava fraco, por isso ele não queria prescrever nada que aliviasse a dor e que pudesse afetar também o coração.

Assim, Nora, Jim e Margaret ficaram sentados junto à cama de Maurice, com uma cortina puxada em torno deles, para que os outros pacientes e suas visitas não os vissem. Mas eles ouviam. E quando o padre Quaid, da Residência Paroquial, e a irmã Thomas, do convento São João de Deus, foram visitá-lo, os dois também ouviram. Nora e Margaret seguravam as mãos de Maurice, falavam com ele, tentavam atenuar, consolar, prometiam que tudo ia ficar bem, mas sabiam que ele nunca mais deixaria de sentir dor até morrer.

A morte, porém, não vinha. E Maurice sentia tanta dor que segurar sua mão quando ele a estendia chegava a ser perigoso, pois ele apertava com muita força. Estava mais vivo, então, do que jamais tinha estado, pensava Nora, por causa de suas necessidades, de seu pânico, de seu medo e por causa da dor que parecia queimar dentro dele, até fazê-lo parecer um animal urrando e ser ouvido não só no corredor, mas até na recepção do hospital.

Trabalhar num hospital tão pequeno como aquele, um hospital que logo estaria fechado, pensava Nora, obviamente não era o que o médico havia planejado quando fez medicina. Parecia ser o único médico ali, a postos dia e noite, o que significava que raramente era encontrado. Trabalhar num hospital rural sem enfermarias cirúrgicas ou quartos privados, sem nenhum especialista em cardiologia e sem professores de medicina guiando estudantes pelas enfermarias devia ser humilhante. Ele nada sabia sobre dor ou morte, e Nora se lembrava do médico lhe falando como se ela estivesse desperdiçando o tempo de um homem muito ocupado. Nora foi sentindo um ódio profundo e crescente do médico, e o

sentimento era como uma estranha espécie de prazer enquanto ela caminhava e a chuva começava a cair.

Quando a chuva se tornou mais pesada, Catherine foi pegá-la de carro. Donal estava no banco da frente e saiu para deixar Nora sentar ali. Enquanto o menino segurava a porta aberta, sorriu para ela, como se os dois estivessem unidos numa conspiração. Era a primeira vez que Nora via o filho sorrir, em meses, e enquanto voltavam para a casa em silêncio, aquilo era a única coisa em que ela pensava.

Catherine levou-a de volta para casa como se Nora fosse uma criança que não obedecera à recomendação de pessoas mais ajuizadas.

“Seu sapato está destruído”, observou Catherine.

“Ele vai secar.”

Nora trocou de roupa e depois achou um romance que ela havia trazido. Desceu a escada na ponta dos pés e foi para a sala de estar, em vez de ir para a cozinha. A sala estava cheia de quadros, porcelanas, vasos e lustres que Mark tinha herdado. A mobília, ela sabia, também pertencia à família dele havia gerações, e não fazia muito tempo o estofado tinha sido reformado por alguém em Dublin. Como raramente usavam a sala, Nora supôs que a ideia de ficar ali agora, com suas roupas comuns, sentada numa poltrona, lendo um livro, irritaria Catherine, que ainda trabalhava na cozinha. Nora achou um banco e apoiou nele os pés calçados de meia. Gostaria de estar mais avançada na leitura do livro, para logo se entreter com ele. Dali a pouco, baixou o livro, recostou a cabeça e fechou os olhos. Visualizou o rosto de Donal segurando a porta do carro aberta para ela entrar e se perguntou o que Catherine teria dito ao menino quando eles saíram para procurá-la. O que quer que tivesse dito, ou, mais provavelmente, o silêncio impaciente dela ou seu tom de voz exasperado, havia divertido Donal, e esse pensamento divertiu Nora também.

Ela sabia que Catherine iria telefonar para Una, muito embora, como havia herdado estranhos resíduos da frugalidade da mãe, Catherine não gostasse de gastar dinheiro com interurbanos, sobretudo quando havia a probabilidade de durarem muito tempo,

como era o caso. Catherine precisava contar a alguém que Nora tinha sido mal-educada com sua amiga Dilly Halpin, que chegara até a rir na cara de Dilly, e que havia ido caminhar debaixo de chuva feito uma louca, tendo que ser resgatada de carro. Depois, quando voltou para casa, tinha apoiado os pés em cima de um banquinho cujo estofado havia sido reformado fazia pouco tempo. Una, ela imaginou, escutaria as queixas mostrando-se solidária a Catherine.

À uma da tarde, a cozinha estava em ordem outra vez. Catherine adorava sua cozinha, Nora percebeu, e parecia feliz ao lado do fogão ou pondo a mesa, ou falando com qualquer um que aparecesse, inclusive dois homens que trabalhavam para Mark. Tinha o exemplar do *Irish Independent* daquela manhã aberto na mesa da cozinha e, a intervalos, lia alguma matéria do jornal, embora nunca se demorasse na leitura. Nora ficou sentada na frente dela e procurou se interessar pelo que os filhos de Catherine falavam, quando eles apareciam. Por intermédio de Conor, soube que Donal tinha achado um tabuleiro de xadrez e estava ensinando um dos primos a jogar.

Catherine se movimentava entre a despensa e a cozinha, enquanto começava a preparar o jantar. Nora se perguntou se devia oferecer ajuda, mas, em vez disso, começou a ler o jornal distraidamente. Desde que Maurice fora internado, Nora havia parado de ler jornais, mas agora achou que talvez devesse começar a ler *The Irish Times*. Embora fosse um jornal protestante, tinha artigos mais longos, ela analisou, e mais bem escritos do que os artigos de outros jornais. Havia algo mais sério em *The Irish Times*. Ia esconder o jornal de Jim e Margaret, quando fossem à sua casa, pois sabia que eles preferiam o *Irish Press*; de todo jeito, iam achar que ela estava jogando dinheiro fora.

Quando Mark chegou, a atmosfera mudou. Assim que ele tirou o gorro, deu a impressão de que era aquilo que ele vinha esperando encontrar a manhã inteira, não só comida, mas companhia. Mark tinha um jeito natural que Nora apreciou. Ela se perguntou se aquilo vinha do fato de ele ter sido criado naquela casa, sempre ciente de que iria herdar a fazenda, mas depois Nora achou que

devia ser mais do que isso. Mark tinha boas maneiras que seriam notadas em qualquer lugar. Em circunstâncias semelhantes, Maurice sempre se mostrava preocupado com alguma coisa, com algum jornal, com algo no noticiário, ou com um livro, muitas vezes se queixava do barulho que as crianças faziam, embora tais queixas fossem expressas com bom humor e ninguém as levasse a sério, muito menos as crianças.

Aos poucos, Nora observou, Catherine foi mudando na presença de Mark. Ela se mostrava interessada por tudo que ele dizia, fazia perguntas inteligentes ao marido. Já não se movimentava tanto nem parecia querer fazer duas coisas ao mesmo tempo. Quando as crianças se sentaram à mesa, Nora também ficou feliz de estar ali, feliz de estar afastada de seus pensamentos. Ela se deu conta de que aquela era praticamente a primeira vez que se via livre de todo o peso do que havia acontecido. E se via livre daquele peso apenas por estar ouvindo Mark e Catherine conversarem descontraidamente; era como se ela tivesse conseguido soltar o ar que mantinha preso nos pulmões e ficar quieta, sem pensar nem sentir nada. Ela não sabia que aquilo podia ocorrer e se perguntou quanto tempo iria durar.

À tarde, Catherine quis ir de carro até Kilkenny, mas Nora se mostrou inflexível e disse que não iria.

“Prefiro um livro, uma boa poltrona e um quarto sem ninguém dentro dele”, disse.

“Para mim parece bem sensato”, disse Mark. “Encontrar uma vaga para estacionar o carro em Kilkenny, num sábado, é uma tarefa ingrata.”

“Nós estamos precisando de algumas coisas”, disse Catherine, “e não vamos demorar muito. Talvez as crianças acabem indo cedo para a cama hoje, e aí poderemos ficar à vontade.”

Nora viu que Donal, que estava ouvindo, se alarmou com aquilo. Assim como Nora, ele não queria ir a lugar nenhum. Porém, mais que isso, não queria se juntar ao resto das crianças e ir cedo para a cama. Quando sob pressão, Donal mantinha os olhos abaixados, depois erguia a cabeça para dirigir um olhar de medo para cada pessoa e em seguida baixava os olhos outra vez.

“Donal vai ficar aqui comigo”, disse Nora.

Porém Donal não ergueu os olhos para ela. A ideia de ir a Kilkenny com a tia e os primos, e depois encarar a necessidade de dormir mais cedo, havia despertado nele uma impressão da qual demoraria para se recuperar. Logo ficou acertado que um dos primos ia ficar em casa para jogar xadrez com ele, e os demais, inclusive Conor, iriam a Kilkenny.

“Sabe, nem cavalos selvagens me arrastariam para Kilkenny”, Mark disse a Nora. “Vou lá duas vezes por ano para falar com um contador, mas preferia pagar para que ele se mudasse para cá, assim eu nunca mais precisaria ir a Kilkenny. Não me importo de ir a Thomastown ou Callan, mas há alguma coisa em Kilkenny. Lojas demais. Compradores demais. Pessoas demais que a gente mal conhece. No entanto, essa aí não se cansa de ir lá.”

Acenou com a cabeça na direção de Catherine, que passava batom.

“E quando não é Kilkenny, é Dublin. Também não me incomodo muito de ir a Dublin, sobretudo numa quinta-feira, embora eu tenha ouvido dizer que ela não está mais tão segura como antigamente.”

“Tentar convencer você a comprar roupas me deixa arrasada”, disse Catherine.

Mark logo pôs o gorro de novo na cabeça e calçou a bota no vestíbulo. O trabalho rural, pensou Nora, deve ser um alívio constante. Sorriu consigo mesma ao pensar nisso. Catherine tinha esvaziado sua bolsa em cima da mesa da cozinha, parecendo procurar alguma coisa. Quando encontrou o que queria e a bolsa ficou cheia de novo, ela permaneceu parada, olhando em volta. De repente Nora entendeu que esperavam que ela lavasse a louça enquanto eles estivessem fora; então ela decidiu que não chegaria nem perto da pia de Catherine em momento nenhum daquela visita.

“Acho que vou acender a lareira da sala de estar”, disse Nora. “Estou com um pouco de frio.”

Embora a casa tivesse um sistema de calefação central, Nora sabia que ele raramente era usado. A cozinha ficava aquecida por causa do fogão e do forno.

“Desde o Natal não acendemos a lareira daquela sala”, disse Catherine, “e mesmo assim foi só por algumas horas. Não sei em que estado se encontra a chaminé.”

Nora fez que sim com a cabeça, esperando que Catherine dissesse que, apesar de tudo, ela podia tentar acender a lareira. Como a irmã não falou nada, Nora decidiu procurar outro livro na velha estante no alto da escada, um livro com um início mais interessante do que aquele que estivera lendo antes do jantar, e passar a tarde na cama. Talvez até dormisse. Gostava da ideia de relaxar daquele jeito num sábado à tarde, enquanto a irmã percorria Kilkenny de alto a baixo, levando as crianças de uma loja a outra.

Quando eles voltaram, já estava escuro, Nora tinha dormido um pouco e agora estava na sala de estar, depois de ter encontrado um aquecedor elétrico de duas resistências e tê-lo ligado.

“Ah, como está abafado aqui dentro”, comentou Catherine.

“Acho que você quer dizer que está quente”, retrucou Nora. “O resto da casa está um gelo. Não sei como você aguenta.”

“O aquecimento central consome gasolina demais”, disse Catherine. “É um sistema velho. A gente devia mesmo substituir.”

Nora estava gostando do romance e agora desejava que a irmã a deixasse em paz até a hora de dormir. Entendeu, então, que Catherine gostaria de ter a sensação de que, de algum jeito, havia ajudado a cuidar de Nora. Aquela visita era uma forma de fazer isso. E, como queria cuidar dela, pensou Nora, então Catherine podia se encarregar sozinha de cozinhar, de fazer a faxina e lavar a louça, e deixá-la ler. Pensou na conversa entre Catherine e Una ao telefone, pensou que Catherine poderia acrescentar a pia cheia de louça suja e o aquecedor elétrico ardendo na potência máxima à sua lista daquilo que Nora tinha aprontado no fim de semana.

Naquela noite, quando as crianças foram para a cama e a casa ficou em silêncio, Mark perguntou a Nora se ela tinha planos e ela respondeu que ia voltar a trabalhar na empresa dos Gibney. Ainda

não havia contado a ninguém, disse, nem a Jim e Margaret, nem a Fiona e Aine, nem aos meninos.

“Vou contar quando estiver mais perto da hora de eu começar.”

Pela maneira como Catherine olhou para ela, Nora percebeu que Una já havia contado a Catherine o que ela tinha ouvido falar no clube de golfe.

“É muita sorte deles poderem contratar você”, disse Catherine.

“Não havia outra opção”, retrucou Nora. “Não tenho nenhuma qualificação, a não ser a datilografia e a estenografia, mas já esqueci as duas coisas. Imagino que as pessoas sintam pena de mim, mas ninguém a não ser os Gibney sente pena de mim o bastante para me oferecer um emprego.”

“Você não conseguiria se sustentar com a pensão de viúva e o dinheiro que economizou?”, perguntou Catherine.

“Não economizamos nada. Não temos nada a não ser a casa em Cush, que eu já vendi. Guardei parte do dinheiro para uma emergência e tenho vivido com o resto. A pensão de viúva é de seis libras por semana.”

“É o quê?”, perguntou Mark.

“Devia haver outra pensão, uma pensão de contribuição por causa dos anos em que trabalhei na empresa dos Gibney, antes de me casar, mas isso é só para casos de muita carência de recursos, e o homem do serviço de Bem-estar Social acha que eu tenho dinheiro guardado. Mas não tenho e, quando ele se convencer, eu também vou poder ganhar isso.”

“E o que os Gibney estão oferecendo?”, perguntou Catherine.

Nora sorriu.

“Lembra aquela noite em que Billy Considine perguntou ao Mark quantos acres de terra ele possuía?”

“Lembro muito bem”, disse Mark, rindo. “Ele não arrancou nada de mim naquela noite, e imagino que você também não vai nos contar nada hoje. Ele estava tentando provar que os fazendeiros viviam na fartura e na moleza, enquanto os professores eram os únicos que davam duro de verdade.”

“Você não tem mesmo nenhum dinheiro?”, perguntou Catherine.

“Não, mas vou trabalhar, e Jim e Margaret estão pagando a escola da Aine, e a Fiona vai se formar daqui a dois anos. Então vou conseguir tocar a minha vida e a dos meninos.”

“Você está pensando no Donal?”, perguntou Catherine. “Ele não falou nenhuma palavra desde que chegou aqui, a tia Josie está preocupada com a fala dele.”

“Ele começou a gaguejar”, comentou Nora. “E tem plena consciência da gagueira. Eu o tenho deixado em paz quanto a isso. Espero que seja apenas uma situação temporária.”

“Será que você não devia procurar um fonoaudiólogo?”, perguntou Catherine.

“Sabe que quando ele fala com a tia Margaret ele não gagueja nada? Fala com ela sem parar e sem nenhum problema. Está acostumado com ela, então é isso que me faz pensar que ele vai acabar melhorando.”

“Margaret sempre adorou o Donal”, disse Catherine. “Lembra o primeiro verão em Cush, quando ela ia lá de carro toda noite para vê-lo? Mesmo quando ele estava dormindo, Margaret sentava ao lado da caminha do Donal sem fazer nada, só ficava olhando para ele.”

Nora se sentiu triste ao recordar aquele tempo. Quando percebeu o olhar de Mark, viu que a observava com compaixão. Nora desejou não ter deixado que eles fizessem nenhuma pergunta sobre sua vida.

“Tem certeza de que vai conseguir se sair bem na empresa dos Gibney?”, perguntou Catherine. “Sabe, será que não é cedo demais?”

“Não tenho opção. E aquela velha matrona da Francie Kavanagh é quem comanda o escritório.”

“Francie Kavanagh? Antigamente, nós a chamávamos de Sagrado Coração”, disse Catherine. “Nem sei mais por quê.”

“E você devia ver como está a Peggy Gibney. Está mais pomposa do que sua amiga Dilly. Tão pomposa que mal consegue se mexer.”

“Mas a Dilly é pomposa?”, perguntou Mark.

“É, sim, Mark”, disse Nora, e olhou para Catherine.

“Quando saiu, ela comentou que você está com ótima aparência”, disse Catherine. “Deve ser o novo corte de cabelo.”

“Eu estava esperando você falar dele.”

“Há uma mulher maravilhosa lá em Kilkenny”, disse Catherine. “Todas nós confiamos nela cegamente. Na próxima vez, eu gostaria muito que você a conhecesse, nem que seja só para falar das opções que você tem.”

“E cobra cinco libras por hora”, disse Mark.

“Não, não é isso, Mark”, disse Catherine. “Sério, você devia falar com ela.”

“Acho que devia mesmo”, respondeu Nora, sorrindo.

5.

Quando chegaram em casa, estava quase escuro e a casa estava fria. Rapidamente, ela acendeu a lareira na sala e tratou de não dar nenhuma ordem para Donal e Conor. Sentia que os dois já tinham passado por pressão de sobra no fim de semana; agora estavam em casa e podiam fazer o que quisessem. Comeram torradas com feijão e Conor ficou vendo televisão enquanto Donal andou pela casa, inquieto.

A caminho de casa, Nora parou em Killealy para que os meninos trocassem de lugar e, ao ver uma loja aberta, comprou o *Sunday Press*. Quando verificava a programação da televisão para Conor, ela viu que ia passar um filme depois do noticiário das nove da noite: *À meia luz*, com Ingrid Bergman e Charles Boyer. Quando Donal entrou na sala, ela apontou o filme para ele.

“É um dos melhores filmes que eu já vi”, disse.

Foi antes de casar, ela lembrou, havia uma sala de cinema temporária na Abbey Square, e Nora foi ver o filme com Greta Wickham. Maurice raramente ia ao cinema com Nora nos anos em que os dois namoraram, e depois que casaram ele perdeu todo o interesse por cinema. Ocupava-se demais com o Partido Republicano Irlandês, escrevendo artigos e corrigindo trabalhos de

casa dos alunos. E gostava de ficar sozinho no final da tarde, sabendo que depois eles estariam juntos. Uma coisa que nunca diminuía em Maurice era o puro prazer da ideia de estarem casados, de que não precisavam se separar e ir cada um para sua casa, como faziam antes de se casar.

“Sobre o que é o filme?”, perguntou Conor ao ouvi-la falar dele.

“É sobre uma mulher dentro de uma casa”, respondeu Nora.

“Só isso?”

“Talvez alguma coisa ac-c-conteça com el-l-la na c-c-casa”, disse Donal.

Conor olhou para Nora.

“Tem ladrões?”

“Vocês precisam assistir ao filme para ver como ele é bom. Se eu explicar muito, perde a graça, e aí não adianta mais nada.”

“A gente pode ver?”

“Vai passar muito tarde.”

“Você vai ver?”

“Vou, acho que sim.”

“Então a gente podia ver o começo e depois a gente decide.”

“Vocês não vão acordar cedo de manhã.”

“É o Donal que não gosta de acordar cedo.”

“D-d-detesto acordar cedo”, disse Donal.

Quando o noticiário das nove horas estava terminando, Nora notou que os meninos não se mexiam. Ela não conseguia se lembrar de um dia ter visto um filme com eles, e sentiu-se quase lisonjeada por terem confiado em sua opinião sobre *À meia luz*.

Quando o filme começou, porém, Nora percebeu que Conor estava decepcionado, e provavelmente Donal também.

“É só com essas pessoas?”, perguntou Conor.

No primeiro intervalo para os comerciais, Nora resolveu contar a história do filme da melhor maneira possível e deixá-los resolver se queriam ver o restante do filme ou não.

“O homem está tentando tomar a casa dela, está tentando internar a mulher num hospício para que ele possa achar as joias da

tia dela. É isso que ele fica fazendo no sótão, está procurando as joias.”

“Por que ele não mata a mulher de uma vez?”, perguntou Conor. “Dá uma facada ou um tiro? Ou amarra a mulher?”

“Aí ele poderia ser preso. Ele quer morar na casa sem ela. Mas não quer ir para a cadeia.”

Os dois meninos aceitaram isso em silêncio, quando o filme recomeçou. Depois de alguns minutos, numa cena em que Ingrid Bergman ficou assustada e perplexa, enquanto o lampião de gás piscava, com ela sozinha na casa, Conor se aproximou de Nora e sentou-se a seus pés.

Havia algo no filme de que Nora não tinha se lembrado. Antes, lhe parecera um filme de suspense ou uma espécie de filme de terror. Mas agora havia outra coisa. Ingrid Bergman parecia estranhamente sozinha e vulnerável no filme; toda vez que a câmera focalizava seu rosto, mostrava algum profundo tumulto interior, ou alguma incerteza, bem como susto e terror. Ela vivia apavorada e estranhamente distante das coisas. Seus olhares eram sempre nervosos, os sorrisos tinham um toque de inquietação. Havia uma sensação de vida interior fragilizada. Agora Donal e Conor estavam paralisados pelo filme e, quando veio um novo intervalo comercial, Donal também foi para perto da poltrona de Nora.

Quando o homem tentava convencer a mulher de que ela estava esquecendo as coisas e deixava os objetos fora do lugar, os meninos observavam com toda a atenção. A intriga do homem contra ela, suas mentiras e a insolência da criada ao falar com ela, tudo se encaixava numa finalidade, uma finalidade dissimulada e incômoda. Nora se perguntava se alguma vez já vira Ingrid Bergman representar uma comédia. Para ela, estava claro que, se houvesse uma batida na porta da casa naquele momento, nenhum dos três seria capaz de atender.

E quando no filme a luz do lampião de gás piscou outra vez e a mulher se assustou ainda mais, os três olharam com uma preocupação concentrada. Nora se deu conta de que até então os meninos só tinham visto filmes de aventura ou episódios de *Tolka*

Row, que Conor achava especialmente engraçados por causa do sotaque de Dublin. Os dois nunca tinham visto um filme como aquele, e a história atingiu algo cru e desprotegido neles, como se estivessem numa casa com uma mulher que, apesar de todos os seus esforços, também se encontrasse aflita e preocupada, mantendo em silêncio tudo que lhe passava pela cabeça. Quanto mais o filme avançava, mais impossível parecia a ideia de que Ingrid Bergman tinha vindo de uma família grande e feliz, mas talvez Nora estivesse imaginando isso, pensou, exagerando a interpretação das imagens. Talvez Ingrid Bergman fosse apenas uma grande atriz. Qualquer que fosse a razão, ela evocava algo oculto e estranho, assim como a ausência de Maurice e seu corpo na sepultura deviam parecer algo oculto e estranho para os meninos. Nora se perguntava se teria sido melhor não ter falado do filme e os meninos não passarem a noite de domingo vendo aquilo.

Quando terminou, os dois foram para a cama. Nora ficou sozinha, com as imagens do filme na cabeça, sentindo, na casa onde havia morado com Maurice por mais de vinte anos, os ecos do que tinha visto na tevê. Cada cômodo, cada barulho, cada recanto estavam cheios não só do que se havia perdido, mas dos próprios anos e dias. Agora, no silêncio, ela sentia isso e sabia disso; para os meninos, veio num tumulto. No filme, de certo modo, era algo óbvio, mas de um jeito ou de outro servira para perturbá-los ainda mais. Nora se perguntou quantos filmes antigos reapareceriam agora para ela com significados novos e mais sombrios. Continuou ali sentada, imaginando Ingrid Bergman como alguém desprotegida e inocente; depois apagou as luzes e subiu para o quarto, na esperança de dormir direto até de manhã.

O domingo seguinte seria seu último dia de liberdade antes de começar no escritório dos Gibney. Quando Fiona foi para casa no sábado, Nora contou a ela; quando contou aos meninos, eles pareciam já saber. Nora tinha certeza de que não havia contado a ninguém na frente deles, dera a notícia para Jim e Margaret numa noite, quando os meninos já tinham ido dormir fazia tempo. No

domingo, Aine foi para casa à tarde, depois da escola, levada por uma família vizinha cuja filha também estudava em Bunclody. Nora levaria as duas jovens de volta, de carro, no começo da noite.

Margaret sempre lia os jornais minuciosamente e olhava os anúncios de emprego. Nora costumava brincar com Maurice, dizendo que se houvesse uma vaga de assistente de bibliotecário em West Mayo, Margaret ia ficar sabendo e se lembraria do prazo para a apresentação dos candidatos e das qualificações necessárias. Assim, quando foi anunciado que havia bolsas para estudantes universitários de famílias com renda inferior a certa quantia, Margaret mencionou isso para Nora, dizendo estar certa de que Aine tinha condições de ser aceita. O único problema, disse Margaret, era Aine ter abandonado o curso de latim, pois ia precisar de latim para ser admitida no University College de Dublin, onde Maurice havia estudado com uma bolsa. Nora não sabia que Aine havia abandonado o curso de latim. A filha devia ter contado à tia, mas não para ela.

No domingo, Aine contou a Nora que Margaret tinha escrito para ela se oferecendo para pagar aulas particulares de latim nas férias e sugerindo que ela apenas tirasse a nota mínima para passar, pois assim teria tempo de se concentrar nas outras matérias. Nora não sabia se reclamava por Margaret não a ter consultado primeiro ou, enfim, se reclamava de toda aquela ideia. Margaret parecia ter assumido a educação de Aine. Porém, Nora concluiu que era melhor não pensar demais no assunto. Disse a Aine que concordava com Margaret de que ela devia ter aulas particulares de latim.

Por algumas horas naquela tarde, Nora viu os meninos transformados pela presença das irmãs. Conor seguia as duas jovens de um cômodo a outro e, quando foi expulso do quarto das duas, ele desceu para o térreo para saber quanto tempo faltava para Fiona pegar o trem para Dublin e para Aine voltar à escola. Então, Conor sentou no alto da escada e ali ficou, até que elas cederam e deixaram o menino entrar no quarto.

Donal havia comprado filme para sua câmera; fez todos posarem para fotografias. Embora o flash só funcionasse de vez em quando,

Donal não desanimou. Ficou com a máquina pendurada no pescoço e parecia mais alerta e envolvido que de costume.

À medida que a tarde passava, Nora percebeu que ela não era necessária. Sorriu sozinha ante a ideia de que, caso escapulisse de casa sem ser vista e fosse dar uma caminhada, ninguém teria percebido. Só quando Una chegou e as jovens desceram, começaram a prestar atenção nela.

“Que ótimo que você fez o cabelo antes de começar a trabalhar”, disse Aine.

“Eu ia dizer que achei lindo”, comentou Fiona. “mas fiquei tão surpresa...”

“Meninas, quando vocês chegarem à nossa idade”, interrompeu Una, “vão entender tudo sobre cabelo.”

“Você vai trabalhar em horário integral?”, perguntou Aine.

Nora fez que sim com a cabeça.

“E o que os meninos vão fazer enquanto você estiver trabalhando?”

“Vou chegar em casa às seis horas.”

“Mas eles voltam para casa às três e meia, quatro horas.”

“Eles podem ficar fazendo os deveres de casa.”

“Vamos limpar a casa”, disse Conor.

“Não precisam limpar nosso quarto”, retrucou Aine.

“Vamos limpar, sim, vamos virar tudo de pernas para o ar e achar todas as cartas dos seus namorados.”

“Mãe, eles vão entrar no nosso quarto”, disse Aine.

“Conor é a discrição em pessoa”, respondeu Nora.

“O que quer dizer a discrição em pessoa?”, perguntou Conor.

“Quer dizer que você é um grande abelhudo”, respondeu Fiona.

“Falando sério”, disse Aine. “Não seria melhor se os dois fossem para a casa de alguém e esperassem você lá?”

“Não v-v-vou para lugar nenhum”, disse Donal.

“O Donal toma conta do Conor, se houver algum problema”, disse Nora. “E vou estar em casa para o almoço, no meio do dia.”

“Quem vai fazer a comida?”

“Vou deixar pronta na noite anterior, e Donal põe as batatas para cozinhar assim que chegar.”

Nora se sentiu submetida a um interrogatório e pensou em mudar de assunto. Os cinco pareciam estranhamente desconfiados dela, como se ir trabalhar na empresa dos Gibney fosse algo que estivesse fazendo para se esquivar de suas verdadeiras obrigações. Nenhum dos filhos sabia que Nora tinha pouco dinheiro, e ela desconhecia o que Margaret havia contado a Una. Como o carro ainda estava na porta e a casa parecia não ter sido tocada pela pobreza, ninguém fazia a menor ideia de como a situação era precária, apesar de Nora ter vendido a casa de Cush. Se em algum momento não começasse a trabalhar, também precisaria vender o carro e seria obrigada a pensar em se mudar para uma casa menor.

“Por que não se muda para Dublin e arranja um emprego lá?”, perguntou Aine.

“Que tipo de emprego?”

“Não sei. Num escritório.”

“Não quero ir para Dublin”, disse Conor. “Detesto as pessoas de Dublin.”

“O que há de errado com elas?”, perguntou Una.

“São que nem a sra. Butler de *Tolka Row*”, disse Conor, “ou a sra. Feeney, ou Jack Nolan, ou Peggy Nolan. Todos falam daquele jeito.”

“Podemos deixar você aqui, assim você não perde nenhum episódio na televisão”, disse Fiona.

“Aquela mulher, a Sagrado Coração, ainda é a diretora do escritório dos Gibney?”, perguntou Una. “Como ela se chama mesmo?”

“Francie Kavanagh”, respondeu Nora.

“Lembra da Breda Dobbs?”, perguntou Una. “Pois é, a filha dela trabalhou nesse escritório. Ah, meu Deus, talvez eu não deva contar essa história. Conor, se você contar essa história para alguém, arranco suas orelhas a dentadas.”

“Seus segredos estão seguros com o Conor”, disse Fiona.

“Não vou contar nada”, disse Conor.

“A filha de Breda detestava a Sagrado Coração, e ela trabalhou anos lá antes de casar. E no último dia ela se vingou.”

Una parou.

“O que ela fez?”, perguntou Fiona.

“Não sei se eu devia ter começado essa história”, disse Una.

“Vá em frente”, disse Fiona.

“Todos sabiam que uma das manias da Sagrado Coração é não fazer intervalo para almoçar. Ela trabalha o dia inteiro, direto, sem comer. Imagino que isso a deixe muito mal-humorada lá pelas quatro horas. Naquela época, ela tinha o hábito de pendurar o casaco no corredor, onde todos os casacos também ficavam pendurados. A filha da Breda detestava tanto a mulher que passou uma semana recolhendo cocô de cachorro, daí em algum momento da manhã encheu os dois bolsos do casaco da Sagrado Coração com o que havia juntado e, às quatro horas, perguntou à Coração, ou sei lá como ela se chama, se podia sair quinze minutos mais cedo, já que era seu último dia, e a Coração respondeu que não podia de jeito nenhum e que ela precisava voltar à sua mesa de trabalho imediatamente. Como naquele dia a Sagrado Coração ficou no escritório até tarde, ninguém viu o que aconteceu. Talvez ela só tenha percebido quando já estava a caminho de casa e pôs as mãos nos bolsos.”

“Os bolsos eram grandes?”, perguntou Conor.

“Por isso, agora ela pendura o casaco em sua própria sala”, prosseguiu Una. “O engraçado é que no dia seguinte ela foi trabalhar com o mesmo casaco, como se nada tivesse acontecido. É um casaco velho e marrom que, pelo que sei, ela ainda usa.”

“Que nojo”, disse Fiona.

“Acho que fazer isso não trouxe muita sorte para a filha de Dobbs”, disse Nora.

“Ah, ela se casou com um dos Gething de Oulart, ele é um sujeito muito bom, e eles têm um chalé novo. Ele é dono de um negócio. Joguei golfe com ela algumas vezes e digo que não existe jovem mais simpática. Ela não aguentava mais, foi só isso.”

“Seria pior se fosse com cocô de vaca”, disse Conor.

“Ou de b-b-boi”, disse Donal.

No carro, a caminho de Bunclody, no banco do passageiro, Aine perguntou a Nora se ela sabia que Una andava saindo com um

homem do clube de golfe. A amiga de Aine, no banco de trás, confirmou que sua mãe, que frequentava o clube, também tinha ouvido falar do assunto.

“A Una?”, exclamou Nora.

“Isso mesmo, por isso ela anda tão bem-humorada. Quando ela foi ao nosso quarto, perguntamos para ela, mas ela apenas ficou vermelha e disse que as pessoas viviam inventando fofocas no clube de golfe.”

Nora calculou que, como ela tinha quarenta e seis anos, Una tinha quarenta, ou faria quarenta em breve. Anos antes, ela e Catherine haviam chegado à conclusão de que Una não iria mais se casar, e que continuaria trabalhando no escritório da fábrica de malte Roche’s e vivendo na casa onde havia morado com a mãe até a morte dela.

“Então vocês não sabem quem é o sortudo?”, perguntou Nora.

“Não, mas dissemos para ela que, se não contasse logo para nós, iríamos espalhar para todo mundo que o namorado dela era o Larry Kearney. Ela ficou furiosa, mas mesmo assim não contou nada.”

Larry Kearney, Nora sabia, era um beberrão da cidade que muitas vezes ficava sentado no chão na frente dos bares onde não o deixavam entrar. Anos antes, quando Catherine e Una foram a um hotel de golfe no condado de Cavan com Rose Lacey e Lily Devereux, elas tomavam seu chá, num fim de tarde, com um casal de Dublin muito esnobe que não tinha parado de falar de seu clube de golfe chique em Dublin. Ficaram contando vantagem até que Lily Devereux falou com voz impostada, para o marido de Dublin, que ele era igualzinho a um homem de Enniscorthy, um dos melhores jogadores de golfe do condado de Wexford, chamado Larry Kearney, e que ela achava que os dois podiam ser aparentados de alguma forma. Catherine teve de sair correndo do restaurante, quase uivando de tanto rir, logo seguida por Una.

“Do que você está rindo?”, Aine perguntou a Nora, quando passaram por Clohamon.

“Larry Kearney entrou para o clube de golfe?”, perguntou Nora.

“Não, não seja tola.”

Mais tarde, Donal e Conor foram com ela até o trem que Fiona ia pegar para Dublin. Quando os meninos esperavam o trem na ponte de metal, Nora percebeu que Fiona parecia triste.

“Você está bem?”, perguntou.

“Odeio ter que voltar”, respondeu Fiona.

“Há algo errado?”

“As freiras, o dormitório, o curso para professores. Na verdade, tudo.”

“Mas você tem amigas lá?”

“Sim, e todas nós detestamos aquilo.”

“No verão, você vai para Londres e aí vai faltar só um ano; depois você volta para casa.”

“Casa?”

“Para onde mais você iria?”

“Posso ficar em Dublin e fazer faculdade à noite.”

“Fiona, a situação aqui está muito difícil para mim. A verdade é que eu não sei se vou ter dinheiro suficiente.”

“Você não recebe a pensão? E o dinheiro da casa de Cush? E você não vai trabalhar na empresa dos Gibney?”

“Gibney vai me pagar doze libras por semana.”

“Só isso?”

“Ele foi muito seco quando falou desse assunto, o Thomas, o filho. Mais ou menos, disse que eu podia aceitar a proposta ou ir embora. O pai e a mãe dele foram só gentileza comigo. Mas é ele que é o homem do dinheiro. É assim que os negócios funcionam, não que eu entenda alguma coisa de negócios.”

“Talvez eu possa procurar um emprego por aqui”, disse Fiona em voz baixa.

“Vamos esperar e ver o que acontece”, sugeriu Nora.

Fiona fez que sim com a cabeça, e então Conor anunciou que o trem estava chegando.

“Lamento sobre a casa de Cush”, disse Nora.

“Ah, já esqueci o assunto”, disse Fiona. “Fiquei chateada no dia, quando soube, mas agora não estou mais ligando.”

Ela pegou sua pequena mala.

Quando voltavam de carro para casa, Donal disse que tinha dado uma olhada no *Sunday Press* e viu que ia passar outro filme na televisão naquela noite.

“Qual é o título?”, perguntou Nora.

Donal ficou calado, Nora sabia, porque, qualquer que fosse o nome do filme, ele não ia conseguir pronunciar.”

“Prenda a respiração e pronuncie devagar”, disse Nora.

“*Ho-o-orizonte Perdido*”, respondeu.

“Não sei bem sobre o que é o filme, mas de todo jeito podemos começar a ver.”

“Aquele da noite passada foi de meter medo mesmo”, disse Conor.

“Mas você gostou?”, perguntou Nora.

“Contei o filme para a minha turma na escola e a sra. Dunne disse que eu não devia ficar acordado até tão tarde.”

“Por que você contou o filme para eles?”

“Todos tinham que contar uma história. Na sexta-feira foi a minha vez.”

“Isso f-f-foi na aula de inglês ou de irlandês?”, perguntou Donal.

“De inglês, seu burro.”

“Não chame seu irmão de burro”, disse Nora.

“Mas como é que a gente fala *À meia luz* em irlandês?”, perguntou Conor.

Assim que leu a sinopse do filme no jornal, Nora reconheceu a história. Lembrou-se do nome Shangrilá e teve certeza de que Maurice e ela riram juntos de uma casa em Dublin com aquele nome na porta. Os dois se perguntaram se os donos tinham se aventurado a sair para o mundo exterior e descoberto qual era a idade verdadeira deles. Ao recordar o filme, ele pareceu uma fantasia inofensiva comparado com *À meia luz*, e quando os meninos perguntaram se podiam ver o filme, ela concordou, dizendo que poderiam ir para a cama se o achassem muito chato.

Porém, assim que o filme começou, havia algo de penetrante e estranho nele. Primeiro, a música; depois, o próprio acidente de

avião, assustador, quase difícil de ver de tão realista. Quando veio o primeiro intervalo comercial, os meninos pediram para ela contar a história.

“É como *Tír na nÓg*”, disse ela. “Em Shangrilá, as pessoas não ficam velhas. Algumas podem ter cem ou duzentos anos e mesmo assim parecem jovens.”

“São tão velhas quanto a sra. Franklin?”, perguntou Conor.

“São, e mais velhas ainda. Ela ia parecer uma mocinha se entrasse em Shangrilá. Mas é só um filme.”

No entanto, lentamente, à medida que a história avançava, Nora percebeu que tudo o que os meninos vissem, fosse o que fosse, acabaria lembrando aos dois as circunstâncias em que estavam, mais do que qualquer coisa que tivesse sido dita na casa o dia inteiro. Nora não sabia se era correto ou não, para ela, ficar assim com eles num silêncio quebrado pela música dramática e pelas vozes suaves que vinham da televisão. Não conseguia se lembrar do nome do ator que fazia o papel principal; achava que não o tinha visto em nenhum outro filme. Era um tipo bonito, confiável, forte, romântico, cheio de franqueza e curiosidade.

Durante a cena em que o Lama começou a fraquejar e ficou claro que ele ia morrer, Conor foi para perto de Nora, até que ela lhe deu uma almofada e o menino sentou-se no chão, a seu lado. Donal continuou longe. Parecia ainda mais envolvido com aquele filme do que com *À meia luz*. Na hora do intervalo comercial, ficou olhando para os anúncios e nem desviou os olhos quando Conor começou a fazer perguntas que Nora tentava responder.

Ela sabia o que ia acontecer no filme; agora tinha se lembrado: os três personagens indo embora, caminhando pelas montanhas elevadas, na esperança de ser resgatados e levados de volta para a Inglaterra. Então o rosto da mulher murchou assim que eles se afastaram da terra sagrada de Shangrilá. Em seguida veio a morte da mulher, e o irmão do herói pulou para a própria morte, tomado de horror, seguido pelo resgate do herói e seu regresso à Inglaterra.

Foi a última parte do filme que deixou Donal inquieto na poltrona. O herói queria voltar, queria deixar o mundo e tudo que lhe era familiar para sair andando até encontrar outra vez aquele

lugar fora do mundo, onde ninguém conseguiria achá-lo, onde ele não sentiria saudade de casa e viveria num paraíso onde jamais envelheceria. A mensagem daquilo era tão óbvia que Nora nem precisou se perguntar o que os meninos estariam pensando: estavam pensando que era aquilo que seu pai tinha feito. E era também o que ela pensava, o filme havia sido entendido do mesmo jeito pelos três, pensou Nora, portanto, agora que o filme tinha acabado não havia necessidade nenhuma de falar sobre o assunto. Desligaram a televisão e ela foi preparar a comida do dia seguinte, enquanto os meninos foram para a cama.

Na manhã seguinte, enquanto ela caminhava pelas ruas da cidade para ir ao trabalho pela primeira vez, sentiu que estava sendo observada com atenção. Tinha acordado cedo e perdera algum tempo escolhendo a roupa que iria vestir. Precisava ter certeza de não usar nada muito chique, mas também não podia aparecer com uma roupa velha ou desleixada. Não estava fazendo frio suficiente para ela vestir um de seus dois casacos de lã, por isso escolheu uma capa de chuva vermelha que havia comprado antes de Maurice adoecer e que nunca tinha usado. Era vistosa demais e talvez parecesse melhor numa mulher mais jovem, mas era o único agasalho que tinha que não era pesado demais para uma manhã como aquela.

Agora, quando pegou a Court Street, Nora entendeu que tinha sido um erro. Passava por mulheres a caminho do trabalho no hospital St. John e por homens a caminho do trabalho na fábrica de malte Roche's. Todos olhavam para ela, com seu cabelo tingido e sua capa vermelha. Torcia para não encontrar ninguém mais íntimo, ninguém que fosse detê-la, falar e fazer perguntas. Nora esgueirou-se pelo morro Friary e pela praça Friary a fim de evitar encontros com quem quer fosse. Atravessou a praça Slaney e, com alívio, alcançou a ponte. Estava quase lá. Ao chegar ao prédio do escritório, Nora devia pedir à recepcionista que avisasse a srta. Kavanagh. Não fazia sentido, pensou, tentar ser simpática e afetuosa com Francie Kavanagh. As duas nunca haviam gostado uma da outra e não era agora que iam gostar. Tudo que Nora podia esperar era que a notícia de que ela havia recebido a proposta de

emprego do próprio William Gibney, na presença de sua mulher, Peggy, e de que Maurice tinha sido professor dos filhos de Gibney, pudesse fazer Francie Kavanagh mostrar um pouco de bons modos.

Quando a recepcionista perguntou seu nome, Nora se viu falando em tom altivo, o que levou a mulher a olhá-la com desconfiança. Aquele tom, ali, pensou Nora, não adiantava nada. Concentrou-se em se mostrar calma e delicada, mas também eficiente e em pleno controle de si mesma. Não tinha ideia de que trabalho iria fazer. Thomas Gibney disse que era algo que caberia à srta. Kavanagh resolver, mas, fosse o que fosse, seria novo para Nora, e ela levaria tempo para aprender. Nora ficou esperando na recepção, enquanto alguns funcionários do escritório passaram por ela no corredor estreito. A maioria eram mulheres, e muitas delas mais jovens do que Nora. Algumas pareciam estudantes.

Por fim, a srta. Kavanagh foi avisada pela recepcionista da presença de Nora.

“Ah, você escolheu logo a pior manhã do ano”, gritou ela através da janelinha semiaberta, entre a sala da recepcionista e o corredor. “Não sei o que vamos fazer. Quem foi que disse para você vir hoje?”

“O sr. Thomas Gibney disse que era para eu começar esta manhã”, respondeu Nora.

“Ah, o sr. Thomas Gibney. Ela me paga!”, disse a srta. Kavanagh e vasculhou nas gavetas de um fichário.

Depois de algum tempo, a srta. Kavanagh desapareceu e, como não voltou, Nora tentou atrair a atenção da recepcionista, mas a recepcionista nem ergueu os olhos. Nora pensou se devia levantar a voz e exigir que alguém a atendesse, mas achou que não era o caso.

Quando estava parada, esperando, a porta se abriu com o empurrão dado por uma jovem que parecia diferente de todos os que haviam entrado antes. Seu cabelo tinha um corte lindo e suas roupas pareciam caras. Até os óculos eram diferentes.

“É a sra. Webster?”, perguntou ela.

“Ah, já sei quem é você”, disse Nora. “Você não se parece com ninguém que chegou para trabalhar. Você é a Elizabeth.”

“Deus me livre, espero mesmo não parecer com nenhuma das outras!”

“Você é uma Gibney, eu logo percebi”, disse Nora.

“Bem, eu faria qualquer coisa para não parecer uma Gibney, mas aqui estou. Ninguém mais queria me aceitar, por isso voltei para Enniscorthy, moro em casa e trabalho no escritório. As duas coisas que eu dizia que nunca mais iria fazer.”

“Conheci sua avó paterna”, disse Nora, “e você se parece muito com ela.”

“Eu me lembro bem da minha avó”, disse Elizabeth. “Ela foi para a cama lá em casa e nunca mais se levantou. Pelo que consta, pode ser que ela esteja naquela cama até hoje.”

Nora hesitou um momento, imaginando se devia pedir a Elizabeth que a ajudasse a encontrar a srta. Kavanagh.

“Você quer falar com alguém?”, perguntou Elizabeth.

“Sim, com a srta. Kavanagh.”

“Não consegue encontrá-la? Ela costuma ficar para lá e para cá o tempo todo.”

“Ela apareceu e depois sumiu.”

“Pois é, ela agora vive indo ao departamento de contabilidade e berra um bocado. O melhor a fazer é vir comigo e depois a gente pega a srta. Kavanagh de surpresa.”

Nora seguiu Elizabeth através de uma porta que dava para um escritório amplo e movimentado e, em seguida, por uma sala menor com uma janela com vista para as montanhas ao longe e para o pátio embaixo, onde muitos carros e caminhões estavam estacionados. Havia duas escrivaninhas na sala e alguns arquivos.

“A única coisa que eu consegui realizar desde que voltei”, disse Elizabeth, “foi a transferência de Elsa Doyle deste escritório para o escritório vizinho, junto com seu avental e seu estrabismo. Ela começou a escutar minhas conversas ao telefone e a querer discuti-las comigo.”

“Elsa Doyle?”, perguntou Nora. “A filha de Davy Doyle?”

“Ela mesma”, respondeu Elizabeth. “Tão barulhenta quanto o pai, mas sem a sagacidade dele. Falei para o pessoal lá de casa que eu ia voltar para Dublin e ganhar a vida na rua se ela não fosse

transferida do meu escritório. Veja, aqui era o escritório dela antes de eu chegar. Você gostaria de ficar na mesa dela?"

"Que mesa?"

Elizabeth apontou para a escrivaninha perto da porta.

"Por que não solicita logo essa mesa antes que alguém impeça? Vou dizer que meu pai mandou e ninguém vai me contestar."

Nora sentou-se diante da escrivaninha, enquanto Elizabeth saiu e voltou em seguida, trazendo uma bandeja com chá e biscoitos.

"Eu tenho meus próprios biscoitos. Tenho um esconderijo para eles. E tome cuidado, Francie Kavanagh anda à sua procura. Está em pé de guerra. Perguntou se eu vi você. Eu não disse que sim nem que não."

"Não é melhor eu ir falar com ela?"

"Tome um chá primeiro."

Dali a pouco, alguém veio dizer que a srta. Kavanagh estava em sua sala à espera da sra. Webster e que tinha instruções de acompanhar a sra. Webster até lá imediatamente. A sala da srta. Kavanagh ficava na extremidade do escritório geral; pela janela, ela tinha uma visão completa de tudo que acontecia.

"O sr. William ou o sr. Thomas disse a você o que vai fazer aqui?", perguntou a srta. Kavanagh, erguendo os olhos por um momento e depois folheando papéis sobre a mesa.

"Não, não disseram."

"Bem, eles também não me disseram, e os dois foram para Dublin, portanto vamos ter que nos virar sozinhas."

Nora não reagiu.

"Essa Elizabeth Gibney é a jovem mais preguiçosa da Irlanda", disse a srta. Kavanagh, "e a mais desagradável também. Filha do patrão ou não, para mim não faz a menor diferença. Trato todo mundo do mesmo jeito. E ela pôs a pobre Elsa Doyle para fora do seu escritório. Elsa é muito prestativa."

De repente, ela ergueu os olhos.

"Olhe, tem uma coisa que eu sempre faço com as pessoas que começam a trabalhar aqui."

Pegou uma pasta.

“É uma soma comprida”, disse, entregando a Nora uma folha de papel grosso, com seis algarismos em cada linha, até o fim da página da frente e até a metade do verso.

“Veja se consegue somar isso para mim, como uma boa mulher”, disse, olhando para Nora bem de frente, e lhe entregando uma caneta.

Nora começou a somar. Era uma das coisas que tinha feito muito bem quando trabalhou ali, uma das coisas que o velho sr. Gibney, que não conseguia somar sem cometer erros, sempre lhe pedia para fazer. Nora ignorou a srta. Kavanagh, que continuou olhando fixamente para ela enquanto somava os números. Quando terminou a soma da primeira coluna, anotou o resultado.

“Não escreva os números na folha! Quero usá-la de novo. Use isto aqui!”

A srta. Kavanagh entregou-lhe um pedaço de papel, o que fez Nora perder a concentração. Resolveu começar de novo, para ter certeza de que tinha feito tudo certo. Quando terminou as duas primeiras colunas e estava a meio caminho da terceira, a srta. Kavanagh a interrompeu de novo.

“O sr. William ou o sr. Thomas disse que você devia dividir o escritório com Elizabeth?”

Nora ergueu os olhos para a srta. Kavanagh e sustentou seu olhar por um momento.

“Então?”, perguntou a srta. Kavanagh.

Nora baixou os olhos e começou a somar a terceira coluna de algarismos desde o início. Tentou não pensar que a srta. Kavanagh estava sentada à sua frente e, em vez disso, voltou toda sua concentração para a soma dos números. Agora era quase uma batalha entre as duas e, caso a srta. Kavanagh falasse mais uma vez, ela estava disposta a pedir, da maneira mais educada possível, que não a interrompesse. Mas, ao pensar nisso, perdeu-se na conta e não tinha mais certeza de quanto havia transportado da terceira coluna para a quarta. Parou um segundo e, ao parar, perdeu completamente a concentração.

“Vamos logo”, disse a srta. Kavanagh. “Não tenho o dia inteiro.”

Nora resolveu recomeçar desde o início outra vez. Somou os números da primeira coluna o mais depressa que pôde, mas o resultado não foi o mesmo que havia anotado depois da primeira tentativa. Ia tentar de novo e agora faria a soma devagar e com todo o cuidado. Se um ano antes essa cena tivesse ocorrido, teria sido um pesadelo. A ideia de somar números sob a vigilância de Francie Kavanagh seria algo inimaginável. Não pertencia a nenhum futuro que ela tivesse imaginado para si. Mais uma vez, os pensamentos interferiram em sua concentração e ela teve de parar. Nora olhou para o escritório.

“Não há ninguém lá fora que seja do seu interesse”, disse a srta. Kavanagh. “Baixe a cabeça e olhe para os números.”

Não havia mais nada que pudesse fazer. Por um segundo, pensou se em todos os anos que ficou longe do trabalho, os anos que passara cozinhando, limpando a casa, cuidando dos filhos e depois de Maurice, quando ele adoeceu, haviam afetado sua capacidade de concentrar o pensamento numa coisa só. Se fosse o caso, Nora teria de se esforçar mais, limitar-se a somar os números e não pensar em mais nada. Não era impossível. Não importava o que lhe viesse à cabeça, ela teria de apagar do pensamento. Voltou ao início mais uma vez e avançou com confiança e eficiência, não deixando que nada interferisse na obtenção do resultado correto, na linha de baixo e no transporte do número certo para o alto da coluna seguinte, e depois apresentou o número final para a srta. Kavanagh, em silêncio, com apenas um leve toque de arrogância e desprezo.

A srta. Kavanagh olhou o número final, depois abriu a primeira gaveta da escrivaninha e pegou uma máquina de calcular. Saiu para o escritório e berrou:

“Alguém, aqui, rápido. Você! Srta. Lambert. Venha cá agora mesmo!”

Uma jovem entrou na sala sem olhar diretamente nem para a srta. Kavanagh nem para Nora.

“Muito bem, quero que você confira estes números com a máquina de calcular. Ah, e não deixe a sra. Webster ver o resultado

antes de mim. Leve direto para mim. Estarei na contabilidade. E depressa com isso! A sra. Webster já me tomou o dia todo.”

A mocinha pegou a folha de papel da srta. Kavanagh e saiu da sala.

Quando chegou a hora do almoço, Nora tinha passado a manhã inteira à espera da srta. Kavanagh ou ouvindo suas provocações. Quando saiu do escritório e atravessou a ponte, era como se tivesse voltado vinte e cinco anos no tempo; o sentimento de pura liberdade foi o mesmo. Quando saía da empresa dos Gibney na hora do almoço e no fim da tarde, Nora sempre tentava fingir que nunca mais ia voltar, que seu tempo ali tinha terminado. Agora, ao passar embaixo de Castle Hill, a caminho de casa, não foi difícil experimentar o mesmo sentimento; era quase necessário. Nora iria sentir isso outra vez, às cinco e meia, quando o dia de trabalho estivesse encerrado.

6.

Depois de muita negociação, ficou acertado que Nora ia passar as manhãs na sala de Elizabeth, trabalhando com pedidos e faturas, e depois do almoço ia ficar no escritório geral, tratando dos salários, bônus e despesas de todos os representantes de vendas da empresa. A srta. Kavanagh explicou-lhe que aquele era o trabalho mais difícil, pois cada vendedor recebia um valor diferente, e ela podia recorrer aos registros dos arquivos para obter todos os detalhes. Os valores tinham sido negociados muitos anos antes com os caixeiros-viajantes mais antigos, explicou a srta. Kavanagh, e depois, mais recentemente, com os mais jovens, pelo sr. Thomas Gibney. Nenhum deles sabia quanto os outros ganhavam nem precisava saber, disse a srta. Kavanagh, mas todos viviam cheios de desconfiança e rancor.

“Se fosse eu”, acrescentou, “só daria a eles os bônus e nenhum salário, depois veríamos os resultados, e aí, sim, eles mostrariam um pouco mais de educação. Se algum deles procurar você quando souberem que é você quem está cuidando dos pagamentos, nem se preocupe em levantar os olhos para eles. Faça uma pequena prece e depois mande falar comigo. E se eles armarem ciladas e procurarem você quando eu não estiver aqui, diga que recebeu

instruções da srta. Kavanagh de não falar com eles em circunstância nenhuma.”

Por um momento, Nora foi distraída pelo casaco marrom pendurado num gancho na sala da srta. Kavanagh. Ela imaginou se não seria o mesmo da história que Una havia contado.

“Sra. Webster”, perguntou a srta. Kavanagh, “devo concluir que a senhora me entendeu direito?”

“Entendi perfeitamente”, respondeu Nora com frieza.

Entre os doze caixeiros-viajantes, alguns utilizavam os carros da empresa, outros não. Alguns recebiam subsídios por quilometragem maiores do que outros, e alguns também tinham um acordo de que, se vendessem certa quantia em determinado ano, seu subsídio de quilometragem ou seu bônus, ou em certos casos as duas coisas, aumentariam. Havia uma gaveta de arquivo cheia de faturas dos caixeiros-viajantes, algumas contendo acordos minuciosos sobre os valores dos pagamentos. Havia também uma gaveta com queixas ou solicitações dos caixeiros-viajantes, e essas, quando Nora as examinou, lhe deram uma indicação muito clara dos acordos feitos entre a empresa e os caixeiros-viajantes.

Quando Nora falou com Elizabeth sobre a complexidade da questão do pagamento daqueles homens, ela riu.

“Meu pai, o velho William, diz que é o único jeito de manter os caixeiros-viajantes alertas.”

Aos poucos, Nora se deu conta de que a srta. Kavanagh, apesar de afirmar o contrário, não entendia o sistema. Uma jovem chamada Marian Brickley havia cuidado do assunto por muitos anos, mas deixara o emprego para se casar. Desde então, era um caos. Tudo o que a srta. Kavanagh fazia era ameaçar de expulsão de seu escritório qualquer um que reclamasse. A cada nova funcionária incumbida da tarefa de pôr ordem na bagunça, a bagunça piorava, até que alguns caixeiros-viajantes foram falar com o sr. William Gibney, que encarregou o filho, Thomas, a tratar do assunto. Thomas resolveu que Nora seria a melhor pessoa para lidar com a questão dos pagamentos dos caixeiros-viajantes e também com a própria srta. Kavanagh, que nutria uma forte antipatia pessoal pelos caixeiros-viajantes e parecia achar que um dia de trabalho sem

alguma confrontação ruidosa com pelo menos um deles era um dia desperdiçado.

Nora encontrou uma pilha de pastas no armário que ficava na extremidade do comprido escritório. Sem consultar ninguém, levou as pastas para sua mesa, escreveu o nome de cada vendedor na capa de cada pasta e começou a compilar anotações no acordo que cada um deles tinha feito com a empresa dos Gibney. Quando encontrava algum caixeiro-viajante, sem que a srta. Kavanagh estivesse vendo, Nora lhe pedia um relatório detalhado do acordo que ele tinha feito com a empresa, bem como uma folha de papel com uma estimativa de quanto dinheiro o vendedor achava que lhe era devido e por quê. Fazia muito tempo que a maioria dos caixeiros-viajantes estava esperando para receber seus bônus e subsídios. Como Nora era nova no emprego, eles começaram a observá-la com atenção, alguns inquietos, outros mais determinados e dispostos a aguardá-la na porta, quando ela chegava de manhã ou quando saía.

Um deles disse a Nora que ela devia anotar numa folha de papel o valor devido a cada um, apenas o valor, depois escrever "Pagamento urgente" e entregar à srta. Kavanagh. Quando olhou nas pastas, Nora encontrou várias folhas de papel daquele tipo, por isso acreditou que era mesmo verdade. Mas também lhe disseram que os pagamentos seriam feitos só uma vez por mês, num dia que nunca fora fixado, e que a pessoa que decidia a data do pagamento era a srta. Kavanagh.

Se os caixeiros-viajantes iam falar com a srta. Kavanagh quando Nora estava lá, ela sempre começava do mesmo jeito, enquanto ia até a porta de sua sala para atendê-los.

"A sra. Webster e eu estamos até aqui de trabalho, como podem ver." Em seguida, recuava, berrando: "Vocês vão ter que voltar outra hora, como bons homens!", e fechava a porta na cara deles.

Na organização das pastas, Nora desenvolveu uma estenografia própria para os caixeiros-viajantes. MC queria dizer muito careca; PO era pele e osso; RS era risonho; PC era picareta. DR queria dizer dentes ruins; CP era caspa. Em pouco tempo, tinha nomes para todos eles, nomes que ela só compartilhava com Donal e Conor,

que guardavam na memória todos os nomes, assim que Nora os inventava. Ela os fez jurar segredo.

A srta. Kavanagh brigava com todo mundo, menos com o sr. William Gibney e seus dois filhos. Quando eles apareciam, a srta. Kavanagh ficava mansa, mas depois de sorrir e se curvar para eles, assim que iam embora, ela convocava à sua sala um dos guarda-livros mais modestos ou uma das datilógrafas mais humildes e começava a berrar, ou então ficava andando pelo escritório, parava atrás de uma jovem e gritava: "O que é que você está fazendo? O que você está fazendo agora, neste minuto, para justificar a sua presença neste prédio?"

A srta. Kavanagh e Elizabeth Gibney ignoravam-se mutuamente.

"Ela é fora do comum", Elizabeth disse a Nora, "porque morde mais do que late. Acho que disseram a você que a mulher que trabalhou aqui antes saiu para se casar, não foi?"

Nora fez que sim com a cabeça.

"Um dia, a pobre mulher ficou tão alucinada que tirou tudo que havia dentro de um arquivo e jogou para o alto, usando palavras nada edificantes para se referir à srta. Francie-Calcinha. Em seguida, exprimiu sua opinião sobre meu pai, meus irmãos e sobre mim também, e depois saiu correndo aos berros pela rua. A família, que mora em Ballindaggin, foi chamada para levá-la para casa. Thomas e eu tivemos que ficar aqui até tarde naquela noite, tentando arrumar os papéis no arquivo, antes que meu pai, o velho William, descobrisse tudo. Ele não suportaria ouvir nenhum pio contra a Francie-Calcinha. Ele não sabe que eu não tenho nada a ver com essa velha desaforada. Consegui fazer um trato com o William filho e com o Thomas, porque os ameacei. Jurei que iria me vingar por meios que ninguém jamais imaginou se eles não me dessem uma sala só minha e dissessem a Francie-Calcinha que eu estava fora da jurisdição dela."

Nora apreciava as manhãs com Elizabeth, mesmo quando notou quanto tempo do dia, na verdade, ela gastava fazendo planos para o fim de semana seguinte ou conversando sobre o fim de semana anterior. Nora percebeu que podia trabalhar com facilidade na companhia dela. Elizabeth só falava com Nora quando as pessoas

para quem ela telefonava não podiam atender. Elizabeth possuía uma linha particular, e seu outro telefone era uma extensão da linha do escritório. Muitas vezes conversava sobre os mesmos fatos de sua vida pessoal com várias amigas em sequência. Nora ficou sabendo que havia um homem em Dublin chamado Roger, que era sério, confiável e bem situado na vida. Ele queria ver Elizabeth todo fim de semana.

Elizabeth passou algumas semanas evitando os telefonemas dele, deixando seu telefone pessoal tocar até cansar, quando achava que era Roger. Então ligava para uma amiga, contava a respeito do telefonema de Roger e pedia conselhos sobre a melhor maneira de evitar Roger em Dublin, no sábado à noite, mas depois, numa conversa com Roger, procurava garantir que ele estivesse a postos para lhe fazer companhia em alguma festa ou baile, caso ela fosse a Dublin.

“Eu gosto dele. Não sei bem o que ele me lembra”, ela disse a Nora. “Talvez um carro bom, ao qual a gente está acostumada e que nunca quebra no meio do caminho. Ou um casaco de inverno que a gente nunca usa, mas fica contente por ter no armário. E ele é doido por mim, o que ajuda. Mas eu adoraria viver um grande romance! Sabe, com alguém um pouco mais arrojado. Eu adoraria, digamos, um jogador de rúgbi internacional. Mike Gibson, sabe, ou Willie John McBride. Roger me levou a uma festa de rúgbi e todos eles estavam lá. Não ouvi nenhuma palavra de Roger a noite inteira. Se ele tivesse me dito que Deus Todo-Poderoso era uma mulher e que ela estava morando em Bellefield com o marido, eu teria feito que sim com a cabeça. Eu queria que Thomas ou William jogasse rúgbi e me apresentasse, de modo adequado, aos seus companheiros de time. Eu adoraria ir a uma partida em Lansdowne Road, sabendo que iria encontrar os jogadores no Jury’s ou no Gresham, depois que todos tivessem tomado seu banho e já estivessem bem vestidos... e eles iriam saber quem eu era.”

Toda sexta-feira às quatro horas, Elizabeth Gibney saía do escritório e ia de carro a Dublin. Dividia um quarto num apartamento da Herbert Street e saía com amigas na noite de sexta e de sábado e, domingo à noite, voltava de carro para Enniscorthy.

Nas tardes de sábado, fazia compras na Grafton Street. Em alguns fins de semana, se encontrava com Roger; em outros, escondia dele que ia a Dublin e depois, na segunda-feira, contava a Nora como, por muito pouco, não tinha esbarrado com ele, relatava suas fugas por um triz em vários bailes de jogadores de tênis e de rúgbi. Durante a semana, Elizabeth tentava se recuperar do fim de semana, e lamentava não poder sair na cidade, pois todo mundo sabia que ela era uma Gibney. Portanto, se saía durante a semana, era para ir a Wexford ou Rosslare e, em geral, na companhia dos irmãos e dos amigos deles. Ela falava de tais passeios como se fossem uma obrigação. Sua vida real durante a semana era a que passava ao telefone, falando com as amigas de Dublin. Nora se admirava de que Elizabeth nem sabia o nome das mulheres que trabalhavam no escritório geral, a não ser o de Elsa Doyle, que ela havia removido de sua sala. Se uma delas entrasse quando estava ao telefone, Elizabeth pedia que o interlocutor esperasse um momento e em seguida, com um olhar gelado, encarava a intrusa fixamente, até obrigá-la a sair, para que pudesse continuar conversando sobre seu fim de semana.

Numa segunda-feira, Elizabeth só apareceu para trabalhar às onze horas. Nora descobriu que podia terminar suas tarefas da manhã em menos de duas horas, sem a distração causada pela filha do patrão, e que podia resolver rapidamente a questão dos bônus dos caixeiros-viajantes e desemaranhar os detalhes, se não tivesse que lidar também com a srta. Kavanagh. Nora gostava de tranquilidade, gostava de ter a sala só para si.

Quando Elizabeth chegou, parecia muito excitada.

“Alguém ligou?”

“Não”, respondeu Nora.

“Em nenhum dos dois telefones?”

“Ninguém ligou.”

Ela verificou se as linhas estavam funcionando.

“Tem certeza?”

“Tenho.”

“O que é um secretário da Câmara Municipal?”, perguntou Elizabeth. “Quando perguntei a minha mãe, ela disse que era uma

pessoa que tomava conta de um município. É isso mesmo?”

“É”, respondeu Nora. “É um bom emprego. Muitos acabam virando superintendentes do condado.”

“Conheci um na noite passada.”

“Secretário da Câmara Municipal de onde?”

“Esse é o problema. Não lembro. O nome dele era, ou é, Ray, é tudo que sei. E alguém me apresentou como noiva dele, então talvez ele tenha uma noiva que ficou em casa vendo televisão ontem à noite, ou quem sabe eu tenho cara de noiva de alguém.”

“Ele foi gentil?”

“Às quatro da manhã, ele me pediu em casamento, ou chegou bem perto disso. Foi uma coisa gentil.”

“E o que você respondeu?”

Elizabeth verificou os telefones outra vez.

“Eu o conheci com a sua irmã, Nora, e o noivo dela no clube de golfe de Rosslare. Eles esticaram em outro lugar e eu fui junto. Thomas ficou comigo por um tempo. Fui com ele e a namorada, mas depois fiquei conversando com a sua irmã, que foi muito simpática, e, como Thomas e a namorada sem graça dele estavam indo embora, ela fez seu noivo me oferecer uma carona até em casa depois de tomarmos uns drinques no Talbot, mas claro que no final não peguei a carona. Quem me levou para casa foi o secretário da Câmara Municipal. Talvez seja secretário da Câmara Municipal de Wexford.”

“Se for isso, é um emprego muito bom”, disse Nora. “A gente pode verificar com facilidade.”

“Se ele não telefonar, você pode ligar para a sua irmã e obter todos os detalhes sobre ele?”

Nora hesitou. Ela via Una com regularidade, mas a irmã não havia contado que tinha um namorado, muito menos um noivo. Nora não queria telefonar naquele momento, a pedido de Elizabeth, porque podia parecer que estava xeretando a vida da irmã.

“Tenho certeza de que ele vai telefonar. Imagino que um secretário da Câmara Municipal esteja atarefado numa segunda-feira de manhã”, lembrou Nora.

“Ou ele pode ter ligado para a noiva verdadeira”, disse Elizabeth.

“E a Una estava bem?”

“Ah, sim, eles são um casal adorável. Alguém falou isso em Rosslare, na noite passada, e é mesmo verdade.”

7.

Quando o verão chegou, Fiona foi para Londres, onde havia conseguido um emprego num hotel em Earl's Court, e escreveu para contar que estava aproveitando a vida. As lojas de roupas, dizia na carta, eram as melhores do mundo e as feiras de sábado eram um sonho. Londres era muito melhor do que ela havia imaginado. Aine também escreveu de Kerry Gaeltacht para dizer que tinha conhecido um homem que se lembrava do pai dela e do tio Jim, quando eles estudaram irlandês uns quarenta anos antes. Havia até uma mulher, ela disse, que tinha dado em cima do tio Jim naquela época, muitos anos antes, mas, como a mulher disse, ele era lento demais e ela acabou se casando com outro homem.

Os meninos iam ao clube de tênis na maior parte dos dias. Conor estava sempre esperando pela mãe, quando ela chegava; Nora via Conor espiando através da janela, quando ela estava chegando. Sabia que ele era pequeno demais para ficar sozinho em casa e tentava combinar de ele ir para a casa de amigos, isso até que Aine voltasse de Gaeltacht em agosto e pudesse tomar conta dele, ou pelo menos estar lá se ele fosse para casa durante o dia.

Nos sábados e domingos, quando o tempo estava bom, Nora ia de carro com os meninos até Curracloe ou Bentley, e certa vez se

aventurou mais ao sul, até a praia de Rosslare. Era difícil imaginar que apenas um ano antes eles estavam na casa de Cush, como se nada fosse mudar. Nora receou que na praia de Curracloe os meninos fossem olhar para o norte e pensar na praia mais estreita e pedregosa que ficava ao pé do penhasco, que eles haviam frequentado a vida toda. Porém, em vez disso, a preocupação deles foi, acima de tudo, com o lugar onde Nora ia estender a toalha de praia, e eles procuraram entre as dunas o local mais adequado e protegido. Conor quis ficar perto dela; Nora não soube se se deitava e lia seu livro ou o jornal, ou se devia tentar saber o que Conor queria conversar ou o que ele queria fazer. Donal levou um livro sobre fotografia que tia Margaret lhe dera e estava satisfeito, porque ficou combinado que ele não precisaria entrar no mar e que eles voltariam à cidade às seis da tarde, quando ele gostava de ir ao clube de tênis.

Era estranho, pensou Nora, que ela nunca tivesse parado para pensar se eles eram felizes ou não ou que nunca tivesse tentado imaginar o que estavam pensando. Nora tinha cuidado deles, até uma hora em que se tornou difícil. Maurice quis que ela ficasse com ele, quando estava no hospital em Dublin, depois do primeiro ataque do coração; Nora não podia lhe negar isso. Não podia deixá-lo sozinho no hospital. Lembrava-se dos olhos dele procurando por ela todos os dias, quando Nora chegava, a sensação de pânico dando lugar ao alívio, e depois a preocupação de Nora todas as noites, quando ia embora. Ela sabia como ele devia se sentir solitário. Maurice devia saber que seu estado era grave. Mas Nora não tinha certeza; ele parecia acreditar que estava sendo transferido para casa porque estava se recuperando. Maurice, porém, deve ter se dado conta de que Nora não passaria todo aquele tempo com ele em Dublin, se ele não estivesse morrendo.

Nora notou que Conor a observava.

“Você vai nadar?”, perguntou Conor.

“Daqui a pouco. Por que você não vai ver se a água está quente?”

“E se ela não estiver quente?”

“Nós vamos entrar na água de qualquer jeito. Mas pelo menos vamos saber antes.”

Nora pensou que aquele momento seria algo de que no futuro ela se lembraria como um tesouro. Dali a um ou dois anos, Donal não iria mais à praia com eles. Talvez só tivesse ido agora por achar que ela queria muito que ele fosse. Donal adivinhava os pensamentos da mãe, ou captava o sentido de uma situação, de um jeito que Conor ainda não era capaz de fazer e que talvez jamais conseguisse. Donal sabia, ou quase sabia, que naquele instante ela estava pensando em Maurice. Conor, por outro lado, ficava inconsciente de tudo, exceto do que ocorria na sua frente ou do que viria a seguir. Estar com Donal às vezes deixava Nora com medo, mas estar com Conor podia deixá-la com mais medo ainda, por sua inocência, por sua doce lealdade, por sua franca necessidade de que ela cuidasse dele.

Quando Fiona voltou de Londres, Nora convidou Jim, Margaret e Una para um chá. Una disse que passaria lá bem cedo, quando saísse do trabalho, mas que não poderia ficar para o chá. Não deu uma explicação.

Tão logo Una chegou, Fiona desceu com todas as roupas novas que ela tinha comprado em Londres. Nora havia notado uma mala grande quando foi buscar a filha na estação ferroviária, mas Fiona não falou de suas compras. Tinha comprado um brinco bem discreto para Nora, uma blusa para Aine e livros para os meninos. Agora, porém, com Una em casa, ficou claro que havia comprado uma porção de saias, blusas e vestidos coloridos, muitos deles decotados e de tecidos leves. Una incentivou Fiona a vestir algumas roupas novas compradas em Londres e mostrar para ela na sala. Comentou todos os detalhes, disse que Fiona estava desenvolvendo um estilo bem moderno, sobretudo quando usava os brincos de argola e um lenço na cabeça. Aine se juntou à conversa, sugeriu várias combinações e acessórios, e às vezes se levantou para arrumar o cabelo da irmã. Havia um vestido cor de ferrugem, de algodão leve, que Una e Aine admiraram; sugeriram que Fiona o usasse junto

com os brincos e um lenço da mesma cor em volta da cabeça, sem meia e com uma sandália leve.

“Se você for assim à missa, a cidade inteira vai olhar para você, isso eu garanto”, disse Una.

“Ficaria ótimo para usar aos domingos”, disse Aine.

“Você não vai à missa nesta cidade vestida desse jeito”, cortou Nora.

As três viraram e olharam para Nora, como se ela fosse uma intrusa na sala.

“Não vai dar certo, a não ser que o dia esteja quente”, acrescentou Una. “Quer dizer, o tecido é muito leve. Mas o visual está lindo.”

Nora interrompeu outra vez.

“Pode ser lindo lá em Londres ou numa loja, mas aqui não é.”

As três se voltaram para ela e depois olharam uma para a outra. Era óbvio que elas vinham conversando sobre Nora ultimamente, ou tinham escrito uma para a outra a respeito dela. Durante o tempo em que Maurice esteve doente e os meninos ficaram com Josie, Una tinha morado naquela casa com Aine e, às vezes, elas encontravam Fiona. O estranho era que, desde a doença de Maurice, aquela era a primeira vez que Nora se reunia com as três ao mesmo tempo. Era como estar com pessoas que se conheciam de um modo que ela não conhecia, pessoas que tinham uma linguagem comum e que também, o que talvez fosse ainda mais importante, conseguiam entender o silêncio uma da outra.

Naquele segundo, Nora descobriu, surpresa, que Fiona e Aine sabiam mais do que ela sobre o romance de Una, que sua irmã havia contado às duas quem era seu noivo e quais eram seus planos. Apesar dos vinte anos de distância entre Una e as garotas, o tempo que passaram juntas as havia unido. Conversavam sobre roupas e sobre suas vidas com naturalidade, como irmãs. Tinham excluído Nora, como faziam agora; ou talvez, pensou Nora, ela as havia excluído. Sentia-se muitos anos mais velha. O vínculo entre as três era algo declarado, um vínculo surgido de modo tão natural que Nora sentiu que nenhuma delas se dava conta de sua existência. Devia ter se formado tanto por causa da ausência de

Maurice quanto por causa da ausência da própria Nora, e devia ser um jeito de mascarar a dor que as garotas sentiam. Nora atravessou a sala sem olhar para elas e foi para a cozinha.

Quando Jim e Margaret chegaram e os meninos apareceram, ficou mais fácil. Margaret não tinha nenhum interesse por roupas e limitou-se a ficar contente por Fiona ter voltado para casa em segurança. Quando Una foi embora e Margaret foi até a outra sala para conversar com Donal, Aine e Jim, ficaram comentando sobre vários lugares da península de Dingle, sobre as famílias que Aine tinha conhecido em Ballyferriter e Dún Chaoin, cujos membros da geração anterior Jim talvez tivesse conhecido. Nora percebeu uma ligeira luz nos olhos dele, quando era mencionado o nome de certo lugar ou de certa pessoa. Jim tinha sessenta e poucos anos; era quinze anos mais velho do que Maurice. Trabalhava no mesmo emprego de sempre. Tinha sido mensageiro na Guerra da Independência e foi preso na Guerra Civil. Aqueles anos de agitação, seguidos de verões passados na península de Dingle, Nora imaginava, deviam ser para ele coisas de um passado remoto. Jim era o homem mais conservador que ela conhecia. Sempre fora assim, desde quando Nora o conheceu.

Como Margaret trabalhava na Assembleia do Condado, ganhava mais do que Jim, embora tivesse necessidades menores. Pagar os estudos de Aine e dar alguns trocados a Fiona e aos meninos a deixava contente, pois lhe dava a chance de participar um pouco da vida deles e do que planejavam fazer no futuro. Quando se sentaram para comer, Nora se admirou de ver como Fiona descrevia os eventos culturais de Londres para a tia e para o tio, em vez de falar das feiras de sábado e das lojas de roupas baratas. Fiona tinha ido ver uma peça de Shakespeare na qual alguns atores estavam na plateia e se levantavam de repente nos momentos mais inesperados.

“Como você sabia que eles eram mesmo atores?”, perguntou Donal.

“Era exatamente isso que eu ia perguntar”, disse Margaret.

“Eles estavam com roupas típicas e sabiam suas falas”, respondeu Fiona. “Era um tremendo choque quando se

levantavam.”

“Bem, espero que essa moda não se espalhe”, disse Margaret. “Senão a gente nunca vai saber onde está. O homem ao nosso lado pode ser Bull McCabe.”

“Não, acho que eles fazem isso só em Londres mesmo, é uma novidade”, disse Fiona.

Houve uma discussão sobre as aulas particulares de latim de Aine, e Margaret insistiu que ela devia ter mais aulas no Natal e na Páscoa, para ter certeza de que ia passar. Depois o assunto mudou para câmeras fotográficas e a melhor maneira de Donal comprar filmes e mandar revelar os negativos.

“Você podia ficar no lugar de Pat Crane e Sean Carty como fotógrafo de primeira comunhão e de crisma”, sugeriu Jim. “Ponha um anúncio no *Echo* oferecendo o serviço pela metade do preço.”

“Ou pode tirar fotos coloridas”, disse Fiona.

“Eu n-n-não gosto de foto colorida”, disse Donal, muito sério.

“Não, ele só gosta de preto e branco”, confirmou Margaret.

Ninguém perguntou nada a Nora sobre seu trabalho na empresa dos Gibney nem fez a menor referência a isso. Ninguém tampouco falou do trabalho de Jim ou de Margaret. Toda a atenção estava voltada para os quatro filhos de Nora e seu futuro. Cada palavra que eles diziam era ouvida com atenção pela tia e pelo tio, que logo comentavam e desenvolviam o assunto. A queixa de Conor sobre sua raquete de tênis e seu comentário de que um amigo tinha uma raquete melhor foram tratados com seriedade e simpatia. Discutiram se era seguro Fiona e suas amigas pegarem carona para Dublin, depois conversaram sobre os preços das passagens de volta de trem nos fins de semana comparados aos dos dias de semana, e depois o preço da viagem de ônibus.

Quando a noite chegou, Nora tinha a sensação de estar conhecendo mais detalhes da vida dos filhos do que soubera por meses. Jim e Margaret cuidaram para que não houvesse nenhum momento de silêncio e para que tudo que fosse discutido parecesse natural e de interesse imediato para algum de seus filhos. Porém, o fato de Donal e Conor ficarem sozinhos na casa quando Nora ainda estava no trabalho, nos dias em que não iam ao clube de tênis,

nunca foi mencionado, tampouco o fato de a srta. Kavanagh estar começando a tratar Nora com o mesmo nível de desprezo clamoroso com que tratava os membros mais desdenhados da equipe feminina do escritório. Foi uma noite comum, a primeira desde muito tempo, e Nora se sentia quase grata quando foi para a cama.

* * *

No trabalho, na segunda-feira seguinte, Elizabeth estava muito ocupada se esquivando dos telefonemas de Roger, para depois aguardá-los com uma ansiedade frenética. Duas ou três vezes, falou com Ray e, quando pôs o telefone no gancho, discutiu com Nora a possibilidade de alguém contar a Roger sobre Ray ou de ela encontrar Ray num baile de um clube de rúgbi ou num bar de um clube de golfe, quando estivesse com Roger.

“O problema é que eu gosto dos dois”, disse Elizabeth. “Roger é muito confiável, e membro de todos os clubes abaixo do sol, e todo mundo fala bem dele. Mas eu ia acabar morrendo de tédio se não fosse o Ray. Não sei se você consegue imaginar como é uma noite na companhia do velho William, do jovem William e de Thomas, quando os três ficam falando de estratégias de negócios. E continuam nessa lenga-lenga mesmo quando estamos comendo. Não admira que minha mãe nunca saia de casa; é por causa da vergonha de se sentir tão entediada. Não sei sobre o que os três estão falando neste instante, mas eles têm planos em andamento. Conversam por horas seguidas, fazem listas, anotam números. A gente até pensa que estão governando o país.”

À medida que a vida romântica de Elizabeth se tornava mais rica e mais complexa, ela passava mais tempo ao telefone, conversando com as amigas sobre as implicações daquilo tudo. Em pouco tempo, o lote de faturas pelas quais ela era a responsável se acumulou numa pilha. Numa manhã de sexta-feira, Nora a viu entupindo envelopes com faturas que ela não anotava no livro de contabilidade. Apesar de Elizabeth não falar com a srta. Kavanagh

nem trabalhar diretamente para ela, toda semana o livro de contabilidade com a lista das faturas emitidas tinha de ser levado à sala da srta. Kavanagh para que ela o conferisse com seu meticuloso rigor. Mesmo gastando tanto tempo ao telefone, Elizabeth não costumava cometer erros no trabalho. No entanto, muitas vezes surgiam dúvidas, mas como a srta. Kavanagh não tinha permissão para falar com Elizabeth, muitas vezes ela falava com Nora num tom de raiva controlada a duras penas e lhe pedia que transmitisse à srta. Gibney o que ela estava dizendo. Às vezes mandava uma das mocinhas do escritório até a sala de Elizabeth com instruções de ficar plantada na frente da srta. Gibney até ela desligar o telefone, para então obter alguns detalhes de que a srta. Kavanagh precisava sobre as faturas.

Quando a srta. Kavanagh descobriu que as faturas tinham sido emitidas sem registro no livro de contabilidade, ela procurou Thomas Gibney e, Nora soube, sugeriu que tanto Nora quanto Elizabeth é que não haviam registrado as faturas. Quando, uma tarde, Thomas foi ao escritório da srta. Kavanagh, eles chamaram Nora e fecharam a porta.

“Esta é uma situação muito perigosa”, disse Thomas. “Não temos nenhum registro das faturas e, se elas não estão pagas, não temos como saber. Isso nunca aconteceu.”

A srta. Kavanagh estava de pé ao lado dele, com uma expressão de grande tristeza no rosto. Nora não falou nada, olhando de um para o outro.

“Sra. Webster, sei que meu sistema de trabalho lhe foi explicado muitas vezes”, disse Thomas. “Não é muito complicado.”

Ainda assim, Nora permaneceu calada.

“Nenhuma fatura pode ser emitida a menos que seus detalhes estejam registrados no livro de contabilidade”, prosseguiu Thomas. “O que aconteceu é imperdoável e vai representar um prejuízo potencial para a empresa.”

“Terminou, sr. Gibney?”, perguntou Nora.

“O que a senhora quer dizer?”, perguntou Thomas.

“Quero saber se o senhor acabou de falar. E, quando tiver terminado, talvez possa perguntar à srta. Kavanagh se isso tem

alguma coisa, qualquer coisa a ver comigo, e ela vai lhe dizer...”

Como a srta. Kavanagh fez menção de interrompê-la, Nora saiu da sala e fechou a porta. Logo, viu Thomas sair da sala da srta. Kavanagh e se dirigir à sala ocupada por sua irmã. Ele parecia determinado. Nora ficou de cabeça baixa, enquanto ouvia os gritos. Sabia que todos no grande escritório estavam ouvindo. A srta. Kavanagh fechou a porta de sua sala e não saiu de lá durante o resto da tarde.

Na semana seguinte, a srta. Kavanagh começou a atormentar Elizabeth Gibney, depois de ter obtido a aprovação de Thomas para fazê-lo, pelo que Nora deduziu. Com a própria Nora, ela se portava friamente e parecia em dúvida de como proceder. De manhã, esperava Elizabeth chegar e então anunciava que queria ver no livro de contabilidade todas as entradas do dia anterior; as faturas à espera de ser emitidas deviam ser guardadas numa caixa fora da sala dela, para que a srta. Kavanagh pudesse conferi-las.

Na terceira manhã, depois de ter ido quatro vezes à sala de Elizabeth e sempre encontrando-a ao telefone, a srta. Kavanagh pegou uma cadeira e sentou-se na frente dela, escutando com ar de impaciência. Como Elizabeth continuasse combinando seu fim de semana, a srta. Kavanagh estendeu o braço e pegou o livro de contabilidade que estava na mesa dela. Virou o livro para Elizabeth e começou a conferir as anotações.

“Desculpe”, disse Elizabeth ao telefone. “Vou ter que desligar, mas ligo depois. Tem uma pessoa aqui na minha frente com a maior cara de bruxa, só que muito mais mal-educada.”

Pôs o telefone no gancho.

“Muito bem, srta. Kavanagh”, disse Elizabeth. “Se algum dia você entrar de novo na minha sala e tocar em alguma coisa da minha mesa, vou achar uma gaiola bem grande e bem bonita e vou prendê-la lá dentro, que é mesmo o melhor lugar para você ficar.”

“Srta. Gibney, não estou aqui para ouvir desaforos seus.”

“Talvez seja para isso mesmo que você está aqui.”

“Vou falar com seu pai sobre você.”

“Pois bem, srta. Francie. Vou ligar para ele agora mesmo.”

Elizabeth pegou o telefone, discou o número de um ramal e pediu que chamassem o pai.

“É o velho William? Oi, pai. Estou aqui com a tal da srta. Kavanagh e ela quer falar com você. E, por favor, pai, quando estiver com ela, diga para manter suas garras afastadas das minhas coisas e seus pés sujos longe da minha sala. E ponha o Thomas de volta no canil, está bem? Sim, vou mandá-la subir agora mesmo.”

Nora não conseguiu reprimir a vontade de parabenizar Elizabeth por ter enfrentado a srta. Kavanagh, embora soubesse que era fácil para ela, assim como era impossível para qualquer outra pessoa. As duas estavam rindo quando a srta. Kavanagh voltou para pegar o livro de contabilidade. Por um segundo, a srta. Kavanagh cruzou os olhos com Nora. Era um olhar ferido e ameaçador.

Numa noite de sábado, em outubro, com Jim e Margaret lhe fazendo uma visita, Nora ligou a tevê para eles verem o noticiário das nove horas. Assim que o programa começou, surgiram imagens de um protesto na rua e de um ataque de policiais com escudos e cassetetes, enquanto o locutor dizia que aquilo havia acontecido à tarde, em Derry. Nora chamou Donal, que estava na outra sala, para ver. Logo depois, Conor, que estava de pijama, se juntou a eles. Os meninos ficaram olhando, enquanto a câmera parecia oscilar e as pessoas na televisão gritavam e fugiam correndo de alguma coisa.

“É um filme?”, perguntou Conor.

“Não, é o jornal. É em Derry.”

O locutor explicou que uma passeata em Derry acabou virando um tumulto quando a polícia agrediu as pessoas com cassetetes. Então, apareceram mais imagens, uma em que vários policiais erguiam o cassetete contra homens que estavam com as mãos na cabeça para se proteger. Um dos atingidos pelos golpes de cassetete, disse o locutor, era Gerry Fitt, membro do Parlamento. A câmera mostrou dois ou três manifestantes caídos no chão e depois alguns correndo dos policiais, que corriam, céleres, em seu encalço. Em seguida, a câmera focalizou uma mulher gritando.

Quando o noticiário terminou, Conor voltou para seu quarto. Donal perguntou qual era o motivo da passeata.

“É por causa dos direitos civis”, disse Jim.

“Uma manifestação de católicos em defesa dos direitos civis”, acrescentou Margaret.

“D-d-derry fica na Irl-l-landa do Norte”, disse Donal. “Tem uma cor diferente no mapa.”

“Sim, mas é o mesmo país”, disse Margaret.

Nora percebeu como Jim tinha ficado alerta. Quando Donal saiu, ela baixou o volume da televisão, imaginando que ele queria fazer algum comentário. Se algo assim acontecesse quando Maurice estava vivo, ele e Jim teriam conversado demoradamente sobre todos os aspectos da questão. Como Jim não falou nada, Nora perguntou o que ele achava.

“Eu não queria estar no meio daquela pancadaria”, disse ele. “Vai ser muito difícil resolver essa situação.”

No dia seguinte, depois da missa, Nora conversou com algumas pessoas que também tinham visto a agressão da polícia pela televisão; ela comprou alguns jornais de domingo para ler sobre os acontecimentos. Mais tarde, foi dar uma caminhada, mas não encontrou nenhum conhecido, portanto não pôde conversar com ninguém sobre Derry.

No trabalho, na segunda-feira, Nora achou que todo mundo fosse discutir aquela notícia, mas parecia um dia de trabalho comum. Elizabeth tinha passado o fim de semana em Dublin e nem vira o noticiário sobre os tumultos. Quando Nora lhe contou, ela assentiu com a cabeça de modo vago. Ela deu alguns telefonemas, enquanto Nora trabalhava.

À tarde, enquanto Nora trabalhava nas pastas com uma das jovens guarda-livros, a srta. Kavanagh se aproximou e ficou observando.

“O que vocês duas estão fazendo aí, pelo amor de Deus?”, perguntou.

Nora resolveu ignorar.

“Sra. Webster, olhe para mim quando falo com você!”, berrou a srta. Kavanagh.

Nora levantou-se de sua mesa.

“Posso falar com você em particular, na sua sala, srta. Kavanagh?”

“Estou ocupada, sra. Webster.”

“Preciso falar com você na sua sala.”

Nora a acompanhou, quando, relutante, a srta. Kavanagh se virou e entrou em sua sala.

“Srta. Kavanagh, eu vou para casa agora”, disse Nora.

“Mas não são nem cinco e meia.”

“Srta. Kavanagh, quando eu estiver trabalhando, tenha a bondade de controlar seus nervos e não levantar a voz.”

“Sou contratada para que este escritório funcione direito e não preciso dos seus conselhos nem de ninguém do seu tipo.”

“Sou contratada para fazer o meu trabalho, srta. Kavanagh, e seus berros não ajudam nada.”

“Então vá para casa, sra. Webster. Em casa vai ter todo sossego que deseja! Saia daqui já! Se encontrar o sr. Thomas, pode dizer a ele que fui eu que a mandei para casa.”

Nora atravessou a cidade. Se encontrasse algum conhecido, tentaria cumprimentá-lo como sempre fazia. Quando estava chegando perto de casa, Nora se encheu de energia e se perguntou se não devia voltar e enfrentar a srta. Kavanagh mais uma vez. Quando subiu a escadinha da porta da frente, seus pensamentos sobre o que ia dizer à srta. Kavanagh, e até a Thomas Gibney, foram interrompidos pelo som de um choro. Quando abriu a porta com a chave, o choro parou e veio o silêncio.

“Quem está aí?”, gritou ela. “Tem alguém em casa?”

Donal veio da outra sala com ar de culpado. Foi seguido por Conor, que evidentemente estava chorando.

“O que aconteceu? Qual é o problema?”

Nenhum dos dois respondeu.

“Conor, você está bem?”

“A gente não a-achou que você fo-fosse voltar para casa tão cedo”, disse Donal.

“Donal, por que o Conor está chorando?”

“Eu não estou chorando mais.”

“Mas você estava chorando. Eu ouvi da porta.”

“Ele t-t-tentou abrir a minha c-c-câmera”, explicou Donal.

Devagar, foi ficando claro que todos os dias eles travavam algum tipo de disputa no intervalo entre a volta da escola e a chegada da mãe. Nenhum dos dois parecia achar aquilo estranho. O tom de Donal era desafiador e o de Conor, quase envergonhado. Eles não queriam que Nora se envolvesse no assunto. Depois de ouvir os dois, Nora esperou Conor sair da sala.

“Ele é mais novo que você, não há mais ninguém para cuidar dele.”

Donal não respondeu.

“Quero que prometa que não vai mais fazer o Conor chorar. Guarde bem a sua câmera, que ele não vai poder mexer nela. Promete que vai fazer isso?”

Ele fez que sim com a cabeça e depois ficou sentado, olhando para o vazio.

Naquela noite, Nora não conseguiu dormir. Ficou pensando se havia alguma coisa que os meninos pudessem fazer depois da escola ou alguém que pudesse ficar em casa com eles por duas horas, até ela voltar do trabalho. No ano seguinte, era o que ela esperava, Fiona iria lecionar na cidade e estaria em casa no fim da tarde. Até lá, Nora ia ter que falar com Donal constantemente e prestar muita atenção em Conor. Ela lembrou como Donal sentia ciúmes de Conor quando ele era bebê e as pessoas lhe dedicavam muita atenção. Lembrou também que, quando Conor ganhava um presente novo, ainda que Donal já fosse crescido demais para o presente, ele manipulava a situação para controlar o brinquedo e decidir quando Conor podia brincar e quando não podia. Conor sempre deixara Donal fazer isso, como se fosse algo natural. Mas agora não era natural, como também não era natural os dois ficarem sozinhos em casa.

Nora imaginou a casa, como ela devia estar estranhamente cheia de uma ausência. Agora podia dizer que as mudanças na vida deles haviam se tornado algo normal para os meninos. Eles não eram como Nora, que encarava cada situação, cada momento, buscando sinais do que estava faltando ou de como poderia ter sido. Até onde

podia ver, a morte do pai havia penetrado numa parte dos meninos que eles mesmos desconheciam. Não percebiam como estavam inquietos, e talvez mais ninguém senão a mãe deles fosse capaz de ver isso; e não era algo que ia deixá-los agora, pensou ela, nem ainda por muitos anos. Nora não ficaria surpresa se encontrasse os dois brigando quando chegasse do trabalho mais cedo. Teria de fazer o possível para diminuir a desconfiança que os meninos sentiam um do outro e de todos à sua volta.

Nora foi dormir uma hora antes de o dia nascer e depois acordou sobressaltada, se dando conta de que não ouvira o despertador tocar. Eram vinte para as nove. Levantou-se depressa e viu que os meninos continuavam dormindo. Se fosse rápida, pensou, conseguiria preparar o café da manhã deles. Mas chegaria tarde ao trabalho, mesmo indo de carro, o que nunca tinha feito.

Ficou feliz por ninguém ter notado que ela havia se atrasado. Elizabeth chegou meia hora depois de Nora, cheia de casos para contar sobre a noite anterior, que ela havia passado no bar Pike Grill do Talbot Hotel e depois no Kelly's Hotel, em Rosslare.

“Sua irmã me contou uma história maravilhosa. Não sei por que achei tão engraçada. No sábado, ela estava em Paddy Mckenna's, na Slaney Street, comprando alimentos, quando a nova cabeleireira que cuida do cabelo dela no Wheeler's, Tara ou Lara, sei lá como ela se chama, entrou e disse que tinha ouvido falar que ela estava usando um anel de noivado lindo, e pediu para ver. Quando Una se virou, como se fosse mostrar o anel, Tara ou Lara começou a dar gritinhos estridentes, dizendo que o anel era uma maravilha, incrível, só que quando prestou mais atenção viu que naquele dia, na verdade, Una não estava com o anel. Ela o tinha deixado no joalheiro, porque ele estava apertado demais. E Tara ou Lara tinha feito o maior escândalo, com a loja inteira ouvindo. Mas, pelo visto, a mulher não ficou nem um pouco sem graça. Continuou conversando como se nada tivesse acontecido.”

Nora quis dizer que não sabia que a irmã estava noiva, mas resolveu se conter.

“E o noivo da Una também estava lá ontem à noite?”, perguntou.

“Ah, Seamus é ótimo. O velho William diz que ele é o único homem do banco com quem consegue conversar. Sabe, ouvi dizer que em todas as cidades onde ele esteve arranhou uma namorada firme e que, quando foi transferido, deixou a mulher para trás sem a menor cerimônia. Mas esta é a primeira vez que ele fica noivo. Os dois são mesmo feitos um para o outro, não são? Quem dera eu pudesse dizer o mesmo sobre mim e o Roger ou sobre mim e o Ray. Eu gostaria de ter metade do Ray e metade do Roger. Mas, com a sorte que tenho, acabaria ficando com a metade mais chata do Roger e com a metade do Ray que só fica feliz quando ele já está a caminho de outro lugar.”

Nora gostaria de saber em que banco Seamus trabalhava e se o conhecia de vista.

Quando voltou ao trabalho à tarde, encontrou um motorista de caminhão cujo nome ela não sabia. Era um homem grande de rosto vermelho e cabelo ruivo. Ela notou a aura de pura liberdade e autoconfiança que ele exalava e que tanto faltava aos funcionários do escritório e aos caixeiros-viajantes.

“Meu Deus, foi um negócio terrível o que aconteceu no sábado”, disse ele. “Foi o tipo de coisa que teria deixado louco da vida o seu marido, o sr. Webster, que Deus o tenha.”

“É verdade”, disse Nora.

“O sr. Webster”, prosseguiu o homem, “nos fazia riscar a palavra London, Londres, no nome Londonderry em todos os atlas. Acho que ainda tenho um lá em casa.”

“Tenho certeza de que eu também tenho um.”

“Uma agressão de policiais com cassetete, francamente. E contra uma manifestação pacífica.”

“Vi o ataque dos policiais na televisão”, disse ela.

“A última vez que vi uma agressão de policiais com cassetete”, contou o motorista, “foi na noite em que Bill Haley e Seus Cometas tocaram no Royal, em Dublin. Estávamos esperando do lado de fora para ver o Bill Haley, e os homens de azul acharam que aquilo era uma agitação, e partiram para cima da gente com os cassetetes levantados. Mas a agressão do sábado foi muito grave. Eles estavam fazendo uma passeata em defesa dos direitos civis.

Estavam em suas próprias ruas. Vou lhe dizer uma coisa, isso é uma vergonha.”

O motorista de caminhão se encontrava em tal estado sobre os tumultos que Nora só conseguiu se livrar dele com a chegada da srta. Kavanagh. Ela vinha acompanhada de três caixeiros-viajantes, que tinham ido à sala dela no dia anterior, insistindo que não haviam recebido as bonificações. Nora foi chamada para ir com eles até a sala dela.

“Pois bem, estes cavalheiros formaram uma delegação e foram procurar o sr. William Gibney filho, que os encaminhou a mim. Eles querem ver todos os acordos feitos. Não sei quem eles pensam que estão representando, mas, como eu disse ao sr. Gibney, essas informações não estão disponíveis. É um assunto privado entre a empresa e cada caixeiro-viajante.”

“Bem”, disse o caixeiro-viajante que Nora conhecia como PDP, abreviação para “passo de pato”, “nesse caso, pensamos em pedir para ver os detalhes dos nossos próprios acordos, só de nós três, para podermos comparar.”

Os outros dois assentiram com a cabeça.

“Não, vejam bem”, disse a srta. Kavanagh, “não temos esse tipo de informação em nenhum formato. Temos, sra. Webster?”

Mais tarde, Nora se perguntou como teria respondido se não estivesse tão cansada.

“Bem, na verdade, temos”, ela disse. “Tenho uma pasta para cada caixeiro-viajante e, na primeira página de cada uma, tenho anotados todos os detalhes de seus acordos, e isso significa que posso calcular os bônus muito rapidamente e sem erros.”

“Então podemos ver as pastas uns dos outros?”, perguntou um dos homens.

“Se voltarem amanhã”, disse a srta. Kavanagh.

“Vamos ver as pastas agora e voltaremos amanhã também.”

Nora se lembrou de que havia anotado apenas as iniciais na frente das pastas e esperava que, quando os caixeiros-viajantes vissem suas pastas, não precisasse lhes explicar o que significavam as abreviações.

“Eu mesmo vou pegar as pastas, se a senhora nos disser em que arquivo elas estão”, disse Passo de Pato.

“Vocês não vão tocar em nada, aqui”, disse a srta. Kavanagh.

“A senhora nos disse que não tinha a informação. Agora a gente vê que a informação existe. Não vamos sair daqui antes de ver nossas pastas.”

“Bem, vocês podem ver por um minuto só”, disse a srta. Kavanagh. “Não temos o dia todo para desperdiçar.”

Fez um sinal com a cabeça para Nora, que saiu e procurou no armário até achar a pasta dos três caixeiros-viajantes. Eles abriram espaço na mesa da srta. Kavanagh, sem consultá-la, e abriram as três pastas. Numa folha grampeada na primeira página, Nora havia registrado, numa caligrafia clara e grande, o que era devido a cada homem. Um deles começou a anotar.

“Esperem só até os outros saberem disso”, disse ele.

Quando aquilo terminou, a srta. Kavanagh não se mexeu. Nora levou as pastas de volta ao armário. Estava se sentindo desesperadamente cansada, poderia muito bem pegar no sono em cima de sua mesa. Quando consultou seu relógio de pulso, viu que eram apenas duas e meia. Não sabia como iria aguentar o resto da tarde.

“O que você está fazendo agora?” A voz da srta. Kavanagh atrás dela soou baixa e calma.

Nora notou que não havia nenhum serviço em sua mesa.

“O que está fazendo agora?”, repetiu a srta. Kavanagh, com a voz mais baixa ainda.

“Bem, eu vou verificar que solicitações de bônus chegaram hoje.”

“Não perguntei a você o que vai fazer. Essa é uma pergunta que qualquer preguiçoso é capaz de responder. Perguntei o que está fazendo agora.”

“Srta. Kavanagh, o que acha que estou fazendo? Estou conversando com você.”

A srta. Kavanagh atravessou o longo escritório, foi até uma jovem que tinha acabado de começar a trabalhar ali e levou-a até sua própria sala.

“Sra. Webster, poderia trazer para cá todas as pastas sobre os caixeiros-viajantes?”, gritou.

Nora foi ao armário, pegou as pastas e levou-as até a sala.

“Na mesa! Coloque-as na mesa!”, gritou a srta. Kavanagh.

“Pegue esta tesoura”, ela disse à novata. “Quero que você corte em pedacinhos todas estas pastas e jogue tudo no lixo. Tenho instruções específicas do sr. William Gibney pai, e estas pastas não são necessárias nem desejáveis. Ele sabe o que é devido a cada caixeiro-viajante. Se quiséssemos que a sra. Webster organizasse essas pastas, teríamos lhe pedido.”

Virou-se para Nora.

“E o que você ficou conversando com aquele motorista de caminhão fora do prédio? Que outra travessura estava planejando?”

“O assunto da nossa conversa não é da sua conta, srta. Kavanagh”, respondeu Nora.

“Olhe só para ela, chega tarde ao trabalho, estaciona o carro de qualquer jeito, passa a manhã fofocando com a srta. Gibney, a garota mais preguiçosa da Irlanda, e depois com um motorista de caminhão! Ela não vai durar muito tempo aqui, sabe? Entendeu bem isso, sra. Webster?”

“Não tenho nenhum interesse em ficar ouvindo isso, srta. Kavanagh”, disse Nora. “E deixe-me sugerir que guarde para si mesma suas opiniões sobre a srta. Gibney e... quem sabe sobre a maioria dos assuntos?”

A srta. Kavanagh pegou uma das pastas e tentou rasgá-la ao meio. Como o papel se mostrou muito resistente, ela tomou a tesoura da mão da jovem e começou a picar a pasta.

“Você agora não está na sua casa, em Ballyconnigar, sra. Webster, nem no sofá do pub Etchingham’s. Você não é mais uma madame metida a besta. Você está aqui, trabalhando para mim. E eu dirijo este escritório da maneira como o sr. William Gibney pai mandou, e uma das regras tácitas é que ninguém que trabalha aqui se relaciona com motoristas de caminhão, a menos que faça parte de suas tarefas cotidianas. Você acha que pode fazer o que bem entende, com uma filha para um lado e outra filha para o outro, e com a sua irmã no clube de golfe, uma situação muito

desagradável, para dizer a verdade. E seu marido, de fato, ah, ele era um grande homem...”

“Não fale do meu marido!”

Nora pegou a tesoura. Mais tarde, não conseguiu entender por que tinha feito isso. Saiu da sala da srta. Kavanagh com a tesoura na mão, pegou seu casaco e saiu como se nada de especial tivesse ocorrido. Quando entrou no carro, viu as horas. Ainda não eram três horas. Os meninos nem estariam em casa.

8.

Quando ligou o carro, resolveu ir a Ballyconnigar. O dia estava bonito e a praia em Keatings' devia estar vazia. Ia caminhar, e andar talvez lhe desse uma ideia do que fazer. A despeito do que acontecesse, não voltaria mais ao escritório dos Gibney. Pensou que podia vender a casa em Enniscorthy e alugar uma menor, ou se mudar para Dublin. Poderia ser mais fácil arranjar um emprego melhor em Dublin. Aine estaria lá no ano seguinte, talvez Fiona conseguisse arrumar um emprego de professora lá, e ela conseguiria uma escola para os meninos. Quando pensava nisso, lhe veio a imagem de deixar Jim, Margaret e sua irmã Una, e com isso se lembrou do que a srta. Kavanagh tinha dito sobre Una no clube de golfe, "uma situação muito desagradável, para dizer a verdade". Nora riu. Nessas palavras, como também no fato de a srta. Kavanagh saber que ela e Maurice frequentavam o pub Etchingham's, em Blackwater, algumas noites no verão, indicavam claramente que Francie Kavanagh vinha observando Nora com muita atenção.

Nora se lembrou do dia, anos antes, em que Greta lhe contou que Francie queria ir com elas a Ballyconnigar e que não havia nada que elas pudessem fazer a respeito. Ela e Greta estavam decididas a

não ser vistas na companhia de Francie Kavanagh. Até suas roupas e o aspecto de sua bicicleta sugeriam uma casa velha no campo, sem água corrente, uma dessas casas em que o primeiro andar era chamado de "sótão". A voz, o sotaque, as expressões que usava faziam ambas ter vontade de ficar longe dela. Mas Francie quis juntar-se a elas naquele dia.

As duas recorreram a todas as suas energias para pedalar suas bicicletas muito leves e se adiantarem bastante, até perderem Francie de vista; depois foram a Morriscastle. Nora imaginou Francie chegando a Ballyconnigar na expectativa de encontrar as duas. Na certa, alimentava o sonho de se transformar, de se tornar igual a uma garota da cidade. Greta e ela mesma, pensou Nora, eram muito inocentes na época, mas tinham ambições. A regra de Greta de que elas só iriam falar com homens que não cometessem erros de sintaxe e ignorar todo mundo que fosse ruim de gramática começou como uma brincadeira, mas aos poucos se tornou uma coisa séria para elas. As duas se casaram com homens instruídos, as duas aprenderam a dirigir e, quando tiveram filhos, as duas iam para perto do mar no verão e ficavam lá o maior tempo possível. Ao tentar se juntar a elas naquele dia, Francie Kavanagh talvez também quisesse uma parte daquilo que elas desejavam, por menos que assim parecesse na época. E as duas ainda tinham rido no dia seguinte, quando souberam dos apuros de Francie e da chuva. Claro que não pediram desculpas. E agora ela era a diretora do escritório e vivia para lá e para cá feito uma louca. Quando Nora virou em Finchogue, pensou se existiria um emprego normal disponível, um emprego onde sua chefe não fosse uma doida cheia de ódio contra ela. Mas agora, em todas as entrevistas ou em todas as conversas com um possível empregador, Nora ia ter que explicar por que, numa bela tarde de outubro, ela havia saído do escritório de Gibney com uma tesoura na mão.

Nora parou em Blackwater e comprou um maço de cigarros Carroll's e uma caixa de fósforos. Fazia anos que não fumava e jurou que não ia fumar todos os cigarros, só dois ou três, depois jogaria o maço fora. Quando tragou, sentiu-se tonta, e isso a fez lembrar de como estava cansada. Jogou o cigarro pela janela,

depois recostou a cabeça no banco e adormeceu. Quando acordou, viu uma mulher parada na ponte olhando para seu carro. Quando a mulher se aproximou, Nora ligou o motor.

Sentiu-se tentada a ir a Cush para dar uma olhada na casa e se Jack Lacey havia feito alguma reforma. Mas tinha certeza de que seu carro seria notado. Por um momento, brincou com a ideia de voltar para casa e escrever uma carta de demissão bem ríspida para Gibney. Começou a compor a carta em pensamento. Mas então sua energia para isso foi embora e ela decidiu ir seguindo em direção ao mar, até Keatings'.

Nora não esperava encontrar neblina sobre a água. Ficou sentada no carro, na frente da casa de Keatings', e olhou para baixo, na direção de Rosslare, contemplando a luz pesada e leitosa que se estendia sobre a praia, que avançava rumo a Curracloe e Raven Point. Quando saiu do carro, sentiu o ar úmido e carregado, como se fosse ouvir uma trovoada. Calçou uma sandália que tinha no carro. Não havia mais nenhum automóvel no estacionamento. Caminhou com cuidado no trecho pedregoso entre o capim e o rio, atravessou a pequena ponte de madeira e seguiu para o sul.

Ao longo de todos aqueles anos, pensou Nora, ela nunca tinha ido ali em outubro, numa época em que o outono já estivesse perto do fim; agora imaginou como o lugar ficaria estranho em dezembro e janeiro, que frio cortante devia fazer, como ele seria ventoso e sempre varrido por tempestades.

Quase não havia cor nenhuma. O mundo na frente de Nora tinha desbotado. Se ela chegasse mais perto da margem, poderia ver as pedrinhas fazendo um barulho chocalhante quando as ondas quebravam em cima delas. Nora viu como a cor de cada pedra era perfeita, o que a fez esquecer Francie Kavanagh e os Gibney e parar de se preocupar com o que iria fazer.

Enquanto caminhava, mal conseguia enxergar o que havia à frente. Podia ser fácil imaginar que aquele era um lugar que pertencia mais a Maurice do que a ela. Um mundo repleto de ausências. Tudo que havia era apenas o som sussurrante da água e

pios dispersos de pássaros voando rente à superfície do mar calmo. Ela conseguia vislumbrar o sol brilhando por trás da cortina de névoa. Era improvável que Maurice estivesse em algum lugar que não no cemitério onde ela o enterrara. No entanto, persistia a ideia de que se ele, ou seu espírito, estivesse em algum lugar no mundo, haveria de ser ali.

Nora achava quase natural que, se o espírito de Maurice estivesse naquele trecho de praia, ele teria suas próprias preocupações. Os detalhes da vida dela — seu trabalho na empresa dos Gibney ou o que poderia acontecer no futuro com Fiona e Aine, com Donal e Conor — pareceriam questões vagas para Maurice, assim como a imagem que ela via à distância, naquele instante, pareciam coisas que iam passar, como a vida de Maurice havia passado. O que tinha acontecido nos dias anteriores à morte dele, o entupimento em seu sistema circulatório que o fez gritar com tanta força que sua voz foi ouvida no hospital inteiro, aquilo ainda estaria com Maurice agora, mais do que qualquer outra coisa.

E a morte dele voltou a Nora. Ela reviu em pensamento as pessoas que estavam lá — Jim e Margaret, a irmã Thomas, que fizera preces especiais, e o velho padre Quaid. Nos dois últimos dias, a própria Nora tinha ficado junto à cama de Maurice. Mas ele já estava longe de todos, tão longe que eles eram como sombras, pessoas já perdidas para ele. Talvez Maurice pudesse apenas imaginá-los como presenças vagas, as pessoas a quem amava, mas o amor, então, dificilmente tinha importância, assim como a névoa ali, agora, significava que a fronteira entre as coisas não tinha nenhuma importância.

Quando Nora chegou a Ballyvaloo e a luminosa brancura cinzenta foi empurrada da praia pelo vento brando que soprava na direção de Curracloe, Nora viu uma freira andando sozinha, de volta à ruela que levava à casa de retiro das Irmãs de São João de Deus. Com seu hábito preto completo, a freira caminhava devagar e com dificuldade. Nora achou que devia ser uma das irmãs do retiro, que muitas vezes iam para lá em férias ou para se retirar.

Quando se aproximou mais, viu que era a irmã Thomas. Nora ficou surpresa por ela estar em Ballyvaloo; nunca soubera que ela

saía de seu convento nem da cidade. Caminhou na direção dela e, quando a alcançou, a irmã Thomas a cumprimentou de mãos estendidas, segurando as mãos de Nora e apertando-as.

De repente, Nora sentiu frio e começou a tremer. Escutava o vento soprando ao longe, quase assobiando, mas, quando olhou para o mar e para a extensão de praia, tudo parecia calmo. Não havia nenhum sinal de que a névoa estava subindo.

“Você não devia estar aqui sozinha”, disse a irmã Thomas. “Eu fui a Blackwater hoje de manhã ver uma amiga. E agora há pouco ela viu você dormindo profundamente no carro e, depois, dirigindo para a praia, e ela me telefonou no convento, porque ficou preocupada e queria saber o que devia fazer. Então desci até aqui, achando que podia encontrar você.”

“Quem foi que me viu lá?”

“Achei que eu devia vir até a beira do mar ver se você estava por aqui”, disse a irmã Thomas com voz serena. “Não costumo sair da casa de retiro. Hoje, isto aqui mais parece o paraíso do que a terra.”

“Eu também vi essa mulher. Alguém que não consegue cuidar da própria vida.”

“É uma maneira de ver a coisa. Trata-se de alguém que se preocupa com você.”

A irmã Thomas soltou as mãos de Nora.

“Não me surpreendi de ver você aqui”, disse. “Tinha de acontecer, nós nos encontrarmos desse jeito. É assim que o Senhor faz as coisas.”

“Não venha me dizer como é que o Senhor faz as coisas! Não me fale disso de novo!”

“Quando Maurice estava morrendo, pedi a Deus que tornasse tudo mais fácil para ele e para você. Eu não tinha nenhuma necessidade pessoal e fazia muito tempo que não pedia nada a Ele. Mas pedi isso e Ele me negou. Deve ter havido uma razão para Ele me dizer não, e a razão está oculta para nós. Mas sei que Ele está protegendo você e talvez por isso nos encontramos aqui hoje, para que eu possa lhe dizer isso.”

“Ele não está me protegendo! Ninguém está me protegendo!”

“Hoje, quando acordei e fiz minhas orações, eu sabia que ia encontrar você.”

Nora ficou calada.

“Então agora volte, antes que a neblina baixe e fique tão pesada que você nem consiga mais voltar de carro para casa”, disse a irmã Thomas. “Vá para casa que os meninos logo vão chegar da escola. Os meninos estarão em casa, esperando por você.”

“Não posso mais trabalhar no escritório dos Gibney. A srta. Kavanagh grita comigo. Hoje ela disse coisas que tornam impossível eu continuar lá.”

“Vai ficar tudo bem. A cidade é pequena e ela vai proteger você. Agora volte. E pare de sofrer, Nora. O tempo para isso já passou. Está me ouvindo?”

“Enquanto eu caminhava por aqui, tive a sensação...”

“Todos temos essa sensação em dias como hoje”, interrompeu a irmã Thomas. “E mesmo em outros dias. Por isso vimos para cá. Aqueles que partiram têm aqui um abrigo em seu caminho para o outro lado. É bom ficar entre eles num dia como hoje.”

“Entre eles? O que quer dizer?”

“Às vezes, andamos no meio deles, daqueles que nos deixaram. Eles estão repletos de alguma coisa que nenhum de nós ainda conhece. É como um mistério.”

Ela segurou de novo as mãos de Nora, depois se virou e caminhou devagar, como se sentisse dor, em direção às dunas e à ruazinha que levava à casa de retiro. Nora esperou para ver se a freira ia se virar e olhar para ela, mas como a irmã Thomas não fez isso, Nora ficou parada um instante, olhando para o mar ainda coberto pela neblina. Em seguida começou a refazer seu caminho pela praia, rumo ao lugar onde havia deixado o carro. A grande tesoura da srta. Kavanagh estava no banco do passageiro, ao lado do maço de cigarros. Nora pôs os cigarros no porta-luvas, mas tirou a tesoura do carro e a deixou sobre o cascalho, para que alguém a encontrasse.

9.

Nora não contou a ninguém o que havia acontecido no escritório dos Gibney nem que estava pensando em vender a casa e se mudar para Dublin com os meninos. Sorriu ao imaginar os dois filhos encontrando uma placa de “Vende-se” na casa ou um anúncio no jornal. Nora mandou um bilhete à srta. Kavanagh, dizendo que estava doente; não ia se dar ao trabalho de mandar outro bilhete a William ou Peggy ou Elizabeth, dizendo que não ia voltar. Eles teriam de descobrir sozinhos. Para eles, não haveria importância nenhuma, embora não fossem querer, pensou Nora, que as pessoas na cidade soubessem que ela havia sido maltratada no escritório. Sabia que Conor havia contado a Fiona que a mãe não tinha ido trabalhar, mas Fiona não tinha perguntado nada a Nora.

Numa sexta-feira ao anoitecer, no fim de outubro, quando Fiona e Aine estavam em casa, Una chegou para mostrar seu anel de noivado. Catherine, quando Nora telefonou a ela uns dias antes, da cabine telefônica de Back Road, disse que Una e Seamus haviam passado alguns dias em sua casa. Ela e Mark gostaram de Seamus. Catherine acrescentou que Una tinha dito que estava nervosa por ter de falar com Nora sobre o noivado. Una, disse Catherine, não sabia como Nora ia reagir, já que não fazia muito tempo que

Maurice havia morrido. Nora também recebeu a visita de sua tia Josie, que disse que Una ia se casar com Seamus no Ano-Novo e que a única preocupação dela era como Nora ia encarar a notícia.

“Suas irmãs têm medo de você”, disse Josie. “Sempre tiveram. Não sei por quê.”

Nora começou a ficar sem muita paciência com a irmã, e nada mais sentia senão uma irritação seca por ela e seu noivo e um prazer distante com a notícia que recebera de Elizabeth sobre Una e Seamus metidos em farras em Wexford e Rosslare, como duas pessoas com metade da idade que tinham.

“Ah, já soube de tudo sobre esse anel”, disse Nora quando Una apareceu para mostrá-lo. “Acho que Tara Reagan adorou o anel, ou ao menos foi o que ela disse.”

“Imagino que foi a Elizabeth Gibney quem lhe contou.”

“A cidade inteira me contou”, disse Nora.

“Tara Reagan é tão boba.”

“Ela sabe reconhecer um anel bom, quando vê um”, disse Nora.

Una olhou para Fiona e para Aine como se quisesse dizer que ela sempre havia esperado que aquilo ia ser difícil.

“De todo modo, é uma ótima notícia. Catherine me contou e a tia Josie também me contou. Todo mundo me contou. Parabéns!”

Una ficou vermelha.

“Algumas vezes que estivemos juntas pensei em contar, mas depois achei melhor esperar, e fui deixando.”

“Ah, nada de pressa. Como eu disse, a cidade inteira está falando disso, bastava eu pôr o pé na rua para ficar sabendo.”

Una, Nora percebeu, queria ir embora, mas tinha vindo para obter a aprovação de Nora e para isso contava com a presença atenuante de Fiona e de Aine. Ela queria, pensou Nora, telefonar para Catherine e Josie e contar que finalmente havia dado a notícia à irmã e que agora tudo ia correr mais facilmente. Nora sentiu o peso de todas falando a seu respeito, pensando que ela poderia, de algum modo, fazer objeções à intenção da irmã de se casar ou então falar algo maldoso a Una por causa disso. Nora gostaria de sentir vontade de dizer algo generoso, mas não conseguia imaginar o que poderia ser. Também queria que as três fossem embora, as

duas lá para cima de novo ou para a outra sala, e Una para a sua casa. Quanto mais elas ficassem esperando algo de Nora, mais perto ela se sentiria de uma espécie de raiva que sabia provir de sua conversa com a srta. Kavanagh e de não ter dormido bem desde que deixara o escritório. Mas também provinha de Una, Fiona e Aine.

“Ouvi dizer que ele trabalha no banco”, disse Nora. “É o gerente?”

“Bem, não”, respondeu Una.

“Ouvi dizer que alguns dos melhores funcionários se tornam gerentes bem jovens.”

“É muita responsabilidade”, disse Una.

“E também é por isso que ele não se casou até agora?”

Una pegou sua bolsa e fez menção de se levantar.

“Talvez não tivesse achado a mulher certa”, disse Fiona. “Até a nossa Una aparecer.”

“Sei”, disse Nora.

Ela se deu conta de que tinha ido longe demais. Novamente, pensou em algo para dizer que amenizasse depressa a situação, mas não conseguiu pensar em nada. Aine atravessou a sala e saiu.

“Mas é uma excelente notícia”, disse Nora, “e eu gostaria muito de conhecê-lo.”

Una tentou sorrir. Fiona olhou fixamente para Nora.

“Bem, acho melhor eu ir embora”, disse Una.

Saiu da sala seguida por Fiona.

Na segunda-feira à noite, a sra. Whelan bateu à porta e Conor a levou para a sala.

“Olhe, trago um recado da própria Peggy Gibney para a senhora. Ela disse que adoraria receber a senhora amanhã à tarde. Se puder ir às três horas, estaria bem, mas, se não puder, vá às quatro.”

“Ah, não estou me sentindo bem para sair de casa, sra. Whelan.”

“E Elizabeth está com saudade. Também me pediram para dizer isso.”

“Claro. Mas não estou me sentindo bem para sair de casa.”

“Então o que eu digo à sra. Gibney?”

“Diga que não estou boa para sair, mas que gostei muito da sua visita e que você e eu tomamos uma xícara de chá.”

“Ah, não posso, sra. Webster.”

Nora fez questão de servir o chá. Mais uma vez lhe ocorreu que não devia ser conveniente para os Gibney que os outros soubessem que a viúva de Maurice Webster tinha sido ofendida e posta para fora do escritório. Nora não sabia o nome da jovem que havia testemunhado a cena final com a srta. Kavanagh, mas imaginava que ela devia ter contado para todo mundo no escritório. Em pouco tempo chegaria aos ouvidos das poucas pessoas na cidade cuja opinião importava para os Gibney.

Quando levou a bandeja para a sala, fez um grande esforço para se mostrar animada e em perfeita saúde. Esperava que a sra. Whelan contasse aos Gibney que não acreditava que a sra. Webster, na verdade, estivesse doente.

Dois dias depois, a irmã Thomas lhe fez uma visita. Estava mais fraca do que havia parecido na praia de Ballyvaloo.

“Eu queria falar com você antes que os meninos chegassem da escola”, disse quando se sentou na poltrona da sala. “Agora descobri tudo. Você vai ficar surpresa quando eu contar quem passa lá no nosso convento. Nada nos escapa. Ou talvez algumas coisas escapem, mas são sempre coisas em que não temos interesse. Pois é, eu soube de tudo, até da tesoura. Ela é uma das filhas de Deus, a Frances Kavanagh, e muito santa. Se as pessoas soubessem! Então fui falar com Peggy Gibney e ela mesma pode contar a você o que eu disse. E ela reuniu todos, a família dela e sua amiga, a srta. Kavanagh. Por mais estranho que pareça, todos têm medo dela. Não sei por quê, pois ela é muito gentil. Peggy pode lhe contar a história toda. Eu falei a ela que podia. Nunca contou a ninguém, mas acho que quer contar a você. Vá falar com ela amanhã.”

“Não quero voltar lá.”

“Ela tem outra proposta para lhe fazer, e você não deve recusar. E eu também tenho uma coisa para lhe pedir. Pode ser mais gentil com sua irmã?”

“Como sabe sobre isso?”

“Ela foi à nossa pequena capela, aonde você ia depois que Maurice morreu, quando queria evitar as pessoas. Falei com sua irmã, sempre tive um pouco de pena dela, da maneira como ficou sozinha depois que sua mãe morreu.”

“E o que ela falou de mim?”

“Nada, ou muito pouco. Mas o suficiente. Agora preciso ir, porque estou atarefada. E você precisa fazer duas coisas. Falar com Peggy e cuidar de Una. E talvez dizer uma ou duas preces por todos nós também.”

Ela foi caminhando devagar para o corredor.

“Não sei o que dizer”, disse Nora. “Não gosto que as pessoas fiquem sabendo da minha vida.”

“Sua mãe também era assim. Eu a conheci quando ela cantava. Uma cantora maravilhosa, mas o orgulho ou o fato de não gostar que as pessoas soubessem da vida dela foi o que a tornou uma pessoa difícil. E isso não lhe fez nenhum bem. Mas você é mais prática. E todos devemos ser gratos por isso.”

“Quer que eu vá falar com Peggy Gibney amanhã?”

“Quero, Nora, às três horas, ou às quatro, ou perto desse horário.”

“Então eu vou.”

“E vai convidar Una e seu noivo para virem à sua casa para ele conhecer os meninos. Um casamento é uma coisa muito alegre, e eles vão gostar de saber disso.”

Nora abriu a porta da frente para a freira e, enquanto ela descia com dificuldade a escadinha da porta, falou: “Só espero que no paraíso as coisas sejam mais simples. Reze para que as coisas sejam mais simples no paraíso”.

Quando a sra. Whelan atendeu a porta, sussurrou que tinha dito à sra. Peggy Gibney que Nora estava doente demais para ir visitá-la.

“Devo dizer que a senhora está melhor?”, perguntou ao pegar o casaco de Nora.

“Se quiser.”

Peggy Gibney estava sentada exatamente na mesma poltrona da última vez. Não havia nenhum livro ou jornal por perto. Nora se perguntou se ela ficava sentada ali o dia inteiro, todos os dias, naquele cômodo sombrio, com as árvores verdejantes balançando do lado de lá da janela, concentrada em seus pensamentos, tomando o chá que a sra. Whelan lhe servia de vez em quando.

“Aqui estamos nós outra vez, Nora”, disse, como um médico falando a um paciente que tinha vindo remover um curativo ou medir a pressão.

Nora olhou-a com frieza.

“Houve uma guerra nesta casa”, disse Peggy. “Elizabeth está ficando com a língua muito afiada, mas é claro que culpo o Thomas. É uma forma de responsabilizar meu marido sem ter de dizê-lo. Com todas as mudanças que estão em andamento, William Gibney pai já tem problemas demais para resolver e não precisa ser responsabilizado também. E o Thomas aguenta o tranco, claro.”

“Peggy, não faço a menor ideia do que você está dizendo.”

Peggy pôs o dedo nos lábios, levantou-se, andou com firmeza para a porta e abriu-a de repente.

“Maggie, precisamos de privacidade”, disse. “Se quisermos chá, mais tarde eu chamo você na cozinha.”

Sentou-se de novo na poltrona.

“Nora, você vai ter de me dizer o que deseja. E eu providencio para você.”

“Nada”, respondeu Nora.

“A irmã Thomas me disse que eu fizesse você descer do seu pedestal, se você estivesse em cima dele.”

“Não quero nada, obrigada.”

“Todos dizem, quer dizer, todos menos Elizabeth, que Francie Kavanagh é uma diretora de escritório inestimável. Que ela conhece a empresa de trás para a frente e por isso não precisa que nada seja anotado. E que ela pode ser cáustica, ou assim me foi dito, porque, se não fosse, nada andaria direito. Meu marido e Thomas acham que ela é a maravilha das maravilhas. Na minha opinião, ela é uma selvagem brutal, mas, como ninguém me escuta, nem Elizabeth sabe que eu concordo com ela. Pois bem, eu disse que

ninguém me escuta, mas de vez em quando eu imponho a lei nesta casa. A primeira coisa que faço é fechar a cozinha. Eles podem comer onde quiserem, mas aqui não vão conseguir nada. E depois eu espero. Então digo a eles o que desejo, e consigo. Portanto, tudo que você tem a fazer é me dizer o que você deseja.”

“Quero trabalhar só de manhã, trabalho sob as ordens de Elizabeth e Thomas, mas a srta. Kavanagh não terá permissão nem de olhar para mim. Creio que posso dar conta do mesmo volume de trabalho, mas talvez precise de alguma ajuda. Aceito um pequeno corte no salário, mas não muito.”

“Feito”, disse Peggy Gibney. “Esteja aqui na segunda-feira de manhã, para que você e Elizabeth cheguem juntas ao trabalho.”

“O que a irmã Thomas tem a ver com isso?”

“É uma longa história, Nora, faz muito tempo.”

“Foi na época em que você namorava o William?”

“Você era a única que sabia, porque William disse que você ouviu de passagem a discussão que ele teve com o pai. E sempre fomos gratos a você por não ter contado a ninguém. Eu estava prestes a ir para a Inglaterra. Era o que o pai de William queria. Você sabe disso. Então procurei as freiras do convento de São João para perguntar a elas para onde eu poderia ir. E a irmã Thomas chegou naquele instante. Ah, ela era muito diferente das outras freiras. Tinha trabalhado na Inglaterra, você sabe, tinha visto tudo, as garotas irlandesas chegando. Ela trabalhou para Michael Collins,* sabe. As freiras eram ótimas mensageiras e ela foi uma das mensageiras dele. Ela nunca contou isso a você? Ah, se não contou creio que foi porque você estava no Partido Republicano Irlandês.”

“Maurice estava, e o Jim também. O Jim ainda está.”

“Deve ter sido por isso que ela não mencionou Michael Collins. Seja como for, ela veio até aqui e, nesta mesma sala, ameaçou o pai de William. Disse que ia falar com o bispo, que ela havia conhecido anos antes, e que eles iriam encerrar todos os negócios com as empresas dos Gibney. Disse que ia pedir ao bispo, como um favor pessoal, que viesse a esta casa também, a menos que a questão fosse resolvida de um modo que a deixasse satisfeita. William e eu iríamos nos casar, ela disse, e era o que nós

desejávamos, claro, ainda que Gibney não me achasse boa o bastante. E isso foi o fim de todos os nossos problemas. Então eu disse à irmã Thomas que se um dia ela precisasse de alguma coisa, viesse falar comigo. Ela esperou todos esses anos. Então você vê por que não posso recusar. Se não fosse por ela, William filho estaria num orfanato ou teria sido adotado na Inglaterra, e não sei onde eu mesmo estaria.”

“Michael Collins, essa é boa”, disse Nora.

“Ela me contou isso muitas vezes. Pelo visto, as freiras comiam na mão dele.”

“Parece que agora todos nós é que estamos comendo na mão dela.”

“Venha na segunda-feira de manhã e tome café comigo e com Elizabeth. Muitas vezes, de manhã, tomamos o café juntas. Ela anda muito animada ultimamente, a Elizabeth. Não sei o que há de errado com ela. Ou talvez seja um bom sinal.”

Para Nora, ficou claro que ela não devia contar a ninguém o que tinha acontecido. Quando foi ver Una no sábado, disse apenas que havia passado a trabalhar em regime de meio expediente na empresa dos Gibney porque estava achando penoso ficar lá o dia inteiro. Pela reação de Una, Nora teve a impressão de que a irmã já tinha ouvido falar da briga com Francie Kavanagh.

Ficou combinado que Una e Seamus iam levá-la para tomar alguns drinques no clube de golfe qualquer noite da semana seguinte.

Quando contou aos meninos que ia trabalhar só meio expediente, eles reagiram com o mesmo ar desconfiado com que recebiam a notícia de qualquer mudança. E quando Nora disse que ia deixá-los sozinhos numa noite para ir ao clube de golfe com Una, e seria a primeira vez que eles ficariam sozinhos em casa à noite, mostraram-se mais desconfiados ainda e perguntaram se ela ia se tornar sócia do clube de golfe. Quando souberam que Nora iria apenas ao bar do clube, quiseram saber a que horas ela ia voltar para casa.

Demoraram algum tempo para se habituar ao fato de Nora não voltar para o trabalho à tarde e de ela estar em casa quando eles chegavam da escola. Embora brigassem às vezes e Donal, nitidamente, provocasse Conor, aquilo tinha se tornado a vida deles e uma mudança de sistema os deixava inseguros, como se tivessem de começar tudo de novo.

Una perguntou se Nora podia pegá-la de carro e levá-la ao clube de golfe, pois, como Seamus tinha uma folga à tarde, ele ia jogar uma rodada de golfe e depois comer uns sanduíches na sede do clube antes de encontrá-las. Embora Nora achasse que Seamus é quem deveria ir à cidade buscá-las de carro e imaginasse que talvez aquilo fosse uma desculpa para ela cancelar tudo, acabou resolvendo concordar, com receio de encontrar a irmã Thomas, que certamente ia lhe perguntar sobre os Gibney e sobre Una. Ocorreu a Nora que, em qualquer outro século, a irmã Thomas teria sido queimada como feiticeira.

À tarde, antes de ir ao clube de golfe, ela foi ao salão para lavar e pentear o cabelo. Usaria um vestido de lã com um cardigã por cima, e também levaria o casaco de inverno, caso tivesse que caminhar do estacionamento até a sede do clube.

“Seamus está encantado por você ir conosco”, disse Una quando a irmã foi buscá-la. “Os Gibney estão entre os melhores clientes do banco e ele tem o sr. William Gibney pai em alta conta. Diz que ele é um verdadeiro cérebro para os negócios. Os filhos vão promover mudanças importantes e Seamus também está muito bem impressionado com eles. Parece que a empresa está com um excedente de mão de obra. Sabia disso? Seamus diz que cortes na folha salarial tornarão a empresa mais eficiente.”

Seamus estava na sede, à espera delas. Foi pedir drinques.

“Tive um dia ruim no golfe”, disse quando voltou. “Isolei a bola no terceiro buraco, quando o mais sensato teria sido desistir do jogo ali mesmo.”

Era alto e de cara vermelha. O sotaque, pensou Nora, era da Inglaterra Central. Falava com Nora como se a conhecesse desde sempre. Aquilo devia ser útil, ela pensou, para alguém que trabalhava num banco e se mudava de uma cidade a outra.

Logo dois homens se juntaram ao grupo, um deles proprietário de uma farmácia na cidade. Nora já estivera na sua farmácia, mas nunca havia falado com ele.

“Eu podia ter tido mais sorte no quinto buraco”, disse ele. “Entende, se eu tivesse posicionado a bola melhor. Acho que bateu um vento na hora.”

“Ah, é, notei isso também” disse o outro homem. “O ar não estava tão parado como parecia.”

“Acho que só entrei no ritmo depois do quinto buraco”, disse o farmacêutico. “E depois, quando consegui um *birdie* no oitavo buraco, aí sim me dei bem.”

Olhava para Nora e Una como se elas também tivessem participado do jogo.

“Sabem”, ele prosseguiu, “sempre digo que esta é a melhor época do ano para uma boa partida de golfe. Se o tempo está seco, bem entendido.”

“E tem andado bem seco, não tem?”, observou Una.

“Eu devia ter dado o dia por encerrado no terceiro buraco, com temporal, garoa ou céu limpo”, disse Seamus.

“Nem o próprio Christy O’Connor teria conseguido tirar a bola daquela encrenca”, disse o farmacêutico.

“Mas deve haver um jeito de fazer isso”, rebateu Seamus. “Quando eu morava em Castlebar, eu tinha um taco de ferro que teria servido ali. Era leve, entende, com um impulso tremendo.”

“E você não pode arranjar um substituto?”, perguntou Una.

“Perdi o taco num jogo de pôquer”, respondeu Seamus. “E o cara que ganhou acabou vencendo o campeonato do clube daquele ano e do ano seguinte.”

O farmacêutico foi ao bar pedir uma rodada de drinques.

“Prefiro aqui a Rosslare, você também?”, perguntou Seamus ao outro homem. “Gosto de campos de golfe bem projetados, de nove buracos. Algumas pessoas adoram Rosslare e podem até ter razão

no fim de semana, quando uma multidão vai para lá. Porém nada se compara a um dia de semana tranquilo aqui.”

“Tinha muita gente jogando?”, perguntou Una.

“Muito pouca. Havia umas senhoras, eram quatro. Não sei quem são. É o que dá ser novo na cidade. Você também joga?”, ele perguntou a Nora.

“Não”, ela respondeu.

“Ah, é um jogo excelente. Além do exercício, também é um jeito de conhecer uma cidade. A gente conhece uma cidade pelo seu clube de golfe.”

Quando o farmacêutico voltou com os drinques, Una pediu licença e foi ao banheiro. Nora foi junto.

“Seria ótimo se você pudesse ficar um pouco mais”, disse Una.

“Não se preocupe comigo”, disse Nora. “Quando Maurice estava vivo, eu tinha que ficar ouvindo todos eles conversando sobre o Partido Republicano Irlandês, e a coisa só piorava a cada eleição. E também é agradável relaxar, já que não preciso prestar atenção.”

O que ela gostaria de dizer era que aquilo era o tipo de conversa que Maurice desprezara a vida toda, quase tanto quanto ela desprezava agora. Por um segundo, pareceu que Una ia se ofender com o comentário de Nora de que não precisava prestar atenção, mas Una sorriu quando olhou para o espelho.

“Sei o que você quer dizer.”

Mais tarde, um homem e uma mulher, apresentada como noiva dele, se juntaram ao grupo. Aos poucos, Nora se deu conta de que se tratava do Ray de Elizabeth. Ray levou um pouco mais de tempo para entender quem era Nora.

“Ela fala muito de você”, disse Ray. “Diz que é a funcionária mais ágil que ela já viu. Talvez seja melhor ela não saber que saí esta noite. Entende, talvez seja melhor você não contar a ela.”

“Elizabeth e eu temos muitos outros assuntos para conversar”, disse Nora.

“Bem, ela nunca fica sem assunto. Isso eu tenho de reconhecer.”

“Ela é muito eficiente no trabalho”, disse Nora, num tom que ela esperava que ia pôr um fim na conversa. “Puxou bastante ao pai.”

“É uma garota maravilhosa”, disse Ray e tomou um gole de sua caneca de cerveja.

“Sabe, quando contei que viria para cá esta noite, Elizabeth disse que talvez passasse aqui mais tarde, se tivesse tempo”, revelou Nora. “Ela tem uma vida social muito movimentada, como você sabe.”

Não era verdade. Nora não tinha dito nada a Elizabeth, mas quis ver o que ia acontecer. Ficou satisfeita ao notar Ray muito preocupado, olhando em volta como se quisesse conferir onde ficavam as saídas.

De manhã, Nora ficou surpresa por Elizabeth ter chegado ao trabalho antes dela.

“Um passarinho que estava no clube de golfe na noite passada”, disse Elizabeth, “me contou que você teve uma longa conversa com Ray.”

Nora tinha certeza de que nenhum Gibney estivera no clube. Ela não conseguia imaginar quem teria contado a Elizabeth.

“Ele mesmo me telefonou”, explicou Elizabeth. “Hoje bem cedo. Ontem ele me disse que queria sair à noite e eu me arrumei toda. Mas aí ele disse que não ia poder mais. Mas depois o Seamus telefonou para ele e disse que estava apavorado por conhecer você e pediu o apoio dele.”

“Apavorado por me conhecer? Não, ele não estava mesmo!”

“Foi o que o Ray me disse. E também que sua irmã recomendou ao Seamus que não ficasse falando sobre golfe com você, que ele devia inventar algum assunto mais sério para discutir, pois você era muito inteligente. Então o Seamus ficou tão nervoso que só conseguiu falar sobre golfe, e agora você está pensando que ele só fala merda.”

“Fala merda?” Nora jamais ouvira Elizabeth usar essa expressão. “Tenho certeza de que ele é muito boa pessoa”, retrucou ela. “Mas fico feliz de saber que ficou apavorado. Ele tem um jeito bem curioso de demonstrar isso.”

Elizabeth não desconfiava que Ray, na verdade, estivera no clube de golfe com a noiva, mas, quando Nora começou a executar o trabalho da manhã, não viu motivo para contar isso a Elizabeth.

À medida que o Natal se aproximava, Nora ficou aliviada ao saber que Una ia passar a noite de Natal com Catherine e os dias seguintes com Seamus. A ideia de que iria precisar entreter Una e Seamus na companhia de Jim e Margaret era mais do que ela poderia enfrentar. Não sabia se Jim, em seus tempos de rebelde, havia tentado explodir o clube de golfe, mas tinha certeza de que ele estivera de olho em alguns de seus membros mais proeminentes. E o relato de Seamus dos desdobramentos de uma de suas partidas de golfe não seria recebido com nenhum entusiasmo por Jim.

Houve muita alegria quando Fiona e Aine chegaram em casa para passar as férias de fim de ano; as duas tinham sido convidadas para festas e para irem com as amigas a um bar na cidade. Quando Nora protestou, alegando que Aine era nova demais para aquele tipo de bar e, além disso, precisava estudar latim, Aine reagiu com energia, perguntando se ela e Fiona, depois do difícil ano letivo que haviam enfrentado, iam ter, agora, que ficar confinadas na sala com Nora, Donal, Conor e a televisão. Nora se calou. Aine nunca havia falado com ela desse modo, e Nora se admirou. Uma noite, quando ouviu as garotas chegando em casa às quatro da manhã, ficou tentada a descer e descobrir aonde elas tinham ido, mas resolveu voltar a dormir e perguntar a elas no dia seguinte, quando voltasse do trabalho.

No domingo antes do Natal, Nora convidou Jim e Margaret para um chá. Assim que chegaram, Margaret foi para a saleta para conversar com Donal, como costumava fazer, deixando Nora com Jim, que quase não reagia aos esforços de Nora para entabular uma conversa. No entanto, ele se animou ao ver Fiona e Aine.

Nora não lembrava como surgiu a conversa sobre a Irlanda do Norte. Sabia que Aine fazia parte do grupo de debates da escola e

uma vez tinha visto a filha discursar, mas não sabia que eram debates sobre política.

“Uma garota lá da escola”, disse Aine, “tem uma prima em Newry, e ela diz que é uma vergonha. Não sei como deixamos isso acontecer. Acho que uma sociedade que deixa isso acontecer tem muito a responder.”

“Engraçado”, disse Jim, “quando fiquei preso no Curragh, não gostávamos dos caras de Limerick, principalmente porque eles queriam organizar uma liga de futebol, mas depois vimos que eles não representavam nenhum perigo. Mas nunca nos habituamos com os nortistas. Foram os nortistas que resistiram.”

“Mas isso é preconceito”, disse Aine. “Um país como a Irlanda é pequeno demais para ser dividido.”

Quando Margaret entrou na sala, perguntou sobre o que estavam conversando.

“Irlanda do Norte, veja você”, disse Nora. “Como se já não tivéssemos o bastante na televisão.”

“Ah, meu Deus”, disse Margaret. “Fomos lá numa viagem de ônibus. Não sei em que parte do norte estávamos, mas as pessoas jogaram pedras no ônibus. Fiquei muito feliz quando atravessamos a fronteira de volta, a salvo. Uma multidão de protestantes, imagino.”

Na véspera de Natal, Una deixou os presentes na casa de Nora antes de seguir para Kilkenny. Trouxe para Fiona e Aine a mesma maquiagem cara que ela própria usava, e as duas jovens passaram a tarde experimentando a maquiagem e escolhendo roupas para Fiona usar num encontro que ela ia ter no começo da noite e sobre o qual Nora talvez nem ficasse sabendo, envolvida que estava nos preparativos para o dia seguinte.

Quando Jim e Margaret chegaram com os presentes para as crianças, Donal e Conor tiveram de ir até o carro de Margaret para ajudá-los a carregar os pacotes. Todos demoraram algum tempo para perceber que para Donal só havia uma caixa de balas e

chocolates sortidos. Nora notou Margaret estranhamente nervosa ao dar explicações sobre o presente principal.

“Vai ser uma bela surpresa para todo mundo”, disse.

“Mas o que é, tia Margaret?”, perguntou Fiona.

“Eu já sei”, disse Conor.

“Conte para nós”, pediu Aine.

“É uma câmara escura”, disse ela.

Soube-se então que, meses antes, Margaret havia transformado o pequeno armário do corredor de sua casa, entre a cozinha e o banheiro, numa câmara escura para a revelação de fotografias. Quando Nora soube que isso significara a instalação de água corrente, de uma pia e do equipamento fotográfico, entendeu que Margaret e Jim tinham feito uma despesa considerável. Era isso que se passava na saleta, quando Margaret ficava conversando a sós com Donal toda vez que ia lá. O menino havia cativado a simpatia dela, a ponto de levá-la a montar um lugar especial onde ele pudesse revelar os filmes fotográficos, sem consultar Nora, que certamente não deixaria Margaret fazer isso. Fiona e Aine se espantaram tanto quanto Nora. Mais tarde, quando os meninos tinham ido para a cama e Fiona saído para seu encontro, Aine perguntou a Nora se ela de fato não sabia sobre a câmara escura.

“Ele pode acabar se desinteressando de fotografia”, ponderou Aine. “E aí o que a Margaret vai fazer com a câmara escura?”

“Eles vivem conversando a sós e Donal deve ter dito a ela que era isso que ele queria”, disse Nora.

“Mas ninguém tem uma câmara escura na própria casa”, disse Aine.

“Pois agora o Donal tem uma”, disse Nora, “e vai ser uma boa desculpa para ele sair de casa. Talvez seja isso o que ele mais precisa.”

* Líder revolucionário irlandês, dirigente do IRA (Exército Revolucionário Irlandês), assassinado em 1922. (N. T.)

10.

Depois de muita discussão, Nora havia conseguido receber uma segunda pensão, e as duas pensões tinham se somado ao orçamento do ano anterior. No início, ela não havia se dado conta de que o dinheiro extra era retroativo a seis meses e ficou surpresa quando recebeu pelo correio cheques com o que lhe pareceu quantias volumosas de dinheiro. Quando contou a Jim e Margaret, Jim disse que Charlie Haughey tinha sido um ministro da Justiça laborioso, um ministro da Agricultura horrível, mas, se mantivesse a cabeça no lugar, acabaria entrando para a história como um grande ministro da Economia.

Nora lembrou-se de ter estado com Maurice, anos antes, na casa do dr. Ryan, em Delgany. Era a festa de noivado da filha dele. O dr. Ryan era o ministro da Economia na época. Nora ficara surpresa com a opulência da casa e com o fato de terem sido contratados garçons e auxiliares de garçom. Todos os convidados, exceto os que tinham vindo de Wexford, vestiam trajes de gala. O dr. Ryan exalava uma espécie de nobreza e ela se surpreendeu por Maurice e Shay Doyle, que tinha vindo de Enniscorthy junto com eles, parecerem amedrontados e nervosos diante do ministro. Quando estavam na entrada, junto do ministro, com toda sua imponência,

os dois se mostraram diferentes, menores do que eram. Nora também tinha se surpreendido com a facilidade com que o ministro descartou Haughey, dizendo que ele não passava de um pirralho muito afoito e sem raízes no Partido Republicano Irlandês.

“Ele se uniu a nós porque estávamos no poder”, Nora lembrou-se das palavras do dr. Ryan. “É só isso que ele quer: poder.”

Lembrava-se também do silêncio no carro na primeira meia hora da viagem de volta para casa e, dias mais tarde, da seriedade com que Maurice transmitira a Jim as palavras do ministro. Depois ela percebeu que, quando a conversa se voltava para política, inclusive com Catherine e Mark, ou com sua tia Josie, Maurice nunca repetia o que tinha ouvido do dr. Ryan nem sequer se referia àquilo. Tratava-se de uma informação secreta, não devia ser compartilhada.

Só uma vez Nora tinha visto Maurice tão intimidado. Foi numa reunião de um grupo católico laico na cidade, com o dr. Sherwood do St. Peter College na presidência da mesa, quando um teólogo falou sobre mudanças na Igreja. O teólogo frisou que o poder da Igreja devia ter precedência, vir antes dos demais poderes, inclusive antes da lei, da política, dos direitos humanos. Para os membros da Igreja, disse ele, a Igreja tinha que vir primeiro, não apenas nas questões religiosas mas em todas as questões. Isso não significava, explicou, que ela era o único poder e que a lei civil não tinha importância, mas a Igreja era o poder primordial. Nora cutucou Maurice, quando chegou a hora das perguntas e dos comentários, porque sabia que ele não concordava com o que o teólogo tinha dito, como ela mesma também não, seguramente. Mas se pôr de pé em público e dirigir uma pergunta a um teólogo não era algo que ele fosse capaz de fazer. Nora jamais esqueceu a expressão no rosto de Maurice; ele não estava só perplexo ou impotente, mas também intimidado, como havia ficado com o dr. Ryan no saguão da casa dele, em Delgany.

Enquanto Jim falava calorosamente sobre as esperanças de Haughey, Nora sabia que, no fundo, ele não o aprovava, como não aprovava a maioria dos jovens ministros. Ela própria gostava de Haughey e do que sabia sobre ele; admirava sua ambição e seu

interesse em mudar as coisas. Gostava ainda mais dele agora, que tinha lido seu recente discurso no Parlamento, em que Haughey apresentou o orçamento geral do governo e mencionou as viúvas. Mais uma vez, Haughey aumentou a pensão e ainda determinou que o aumento fosse retroativo. Se ela soubesse antes daqueles aumentos, pensou Nora, talvez não tivesse vendido a casa de Cush. Quando recebeu o último pagamento retroativo, Nora decidiu depositá-lo na mesma conta bancária em que havia deixado parte do dinheiro recebido pela venda da casa de Cush, sem saber o que iria fazer com ele.

Quando Jim e Margaret foram visitá-la, Nora falou de novo sobre Haughey. Jim não se impressionou.

“Ele está querendo ganhar popularidade, é só o que faz agora. Vi uma fotografia dele montado num cavalo, como um lorde.”

“Ah, aquilo foi mesmo muito ridículo”, concordou Margaret.

“Dele, nada virá de bom”, disse Jim.

“Bem, é o único político que conheço que se preocupou com as viúvas”, lembrou Nora.

“Jim ouviu falar dele em Courtown”, disse Margaret.

“Bebendo champanhe”, contou Jim, “e pedindo mais, com todo tipo de esnobes, empreiteiros, advogados e sujeitos loucos para se dar bem. E todo mundo olhando para ele. Pareceu uma tremenda encenação, isso sim.”

“Não vejo nenhum problema em ele se divertir”, rebateu Nora.

Se Maurice estivesse aqui agora, defenderia Haughey, pensou Nora. Ao contrário de Jim, ele achava errado que homens de setenta anos ocupassem postos de poder e defendia mudanças.

Jim bateu no braço da poltrona com o dedo indicador da mão direita e assoviou baixo ao soltar um suspiro. Não estava habituado a ver uma mulher discordar dele, e Nora sorriu ao pensar que, caso ele quisesse continuar vindo à casa dela, era melhor que aprendesse a tolerar aquilo.

Certa noite, em março, ela foi atender a porta e reconheceu o motorista de caminhão da empresa dos Gibney com quem ela havia

conversado sobre os protestos em Derry. Quando o convidou para entrar, por um momento pensou que algo tivesse acontecido com um de seus filhos e recapitulou onde cada um estava. Donal estava na casa de Margaret, revelando fotografias, Conor estava em casa, lá dentro. Era improvável que o homem conhecesse Fiona ou Aine, ou mesmo Una, Margaret ou Jim. Ele parecia nervoso.

“Creio que não sei seu nome”, disse Nora.

“Sou Mick Sinnott. Conheci bem seu pai. Fomos vizinhos na Ross Road. E o chefe, o sr. Webster, Deus proteja sua alma, foi meu professor.”

“O senhor conheceu meu pai?”

“Faz muito tempo, na verdade. Já não tem muita gente que o conheceu. Eu e ele vivíamos nos visitando, um indo à casa do outro. Era assim.”

De repente, o motorista ficou à vontade, mas Nora não conseguia imaginar por que ele tinha ido à sua casa.

“E o que eu posso fazer pelo senhor?” Ela tentou não parecer muito autoritária.

“Vou explicar. Os outros me disseram que era melhor eu não vir, mas quando fui para casa contei para a minha mulher e discutimos o assunto. Olhe, todo o pessoal da empresa dos Gibney, com poucas exceções, está se filiando ao Sindicato Irlandês dos Trabalhadores em Transportes, e vamos fazer isso em segredo, amanhã à noite, na cidade de Wexford. Se eles descobrirem, vão querer nos deter, vão nos dividir, vão fazer propostas melhores para algumas pessoas que não são capazes de dizer não. Os outros pensaram em deixar você de fora, por você ser muito amiga da família, só trabalhar meio expediente e ser nova na empresa. Mas resolvi avisar você. Vi você minha vida toda. Me lembro do seu casamento e tudo. De qualquer modo, para encurtar a conversa, vamos nos filiar ao sindicato, e conheço você o bastante para ter certeza de que não vai contar nada para a filha do patrão, quando for trabalhar amanhã. E se quiser vir conosco, tem carona para você; se não quiser, ninguém vai ficar sabendo que falei com você.”

“A que horas?”

“A gente tem de estar lá às oito da noite.”

“Alguém vem me pegar?”

“Vem, sim, eles vão adorar.”

“Todos os trabalhadores do escritório vão se filiar?”, perguntou Nora.

“Todos para quem a gente perguntou”, ele respondeu.

Ela ficou calada por um momento.

“Quer um tempo para pensar?”, perguntou ele.

“Não, eu estava pensando quanto tempo vamos ter ficar lá.”

“Para ser sincero, nenhum de nós fez isso antes e a única coisa que eu sei é que eles querem todos nós lá. Não querem saber de ninguém dizendo que vai se filiar e depois procurando os Gibney para dizer que, na verdade, eles não pretendiam fazer isso.”

“Está certo”, disse Nora. “Vou arranjar alguém para tomar conta dos meninos.”

“Eu não estava sugerindo que você podia ser uma das pessoas que ia dizer uma coisa e fazer outra”, explicou ele.

“Eu sei que não.”

“Seu pai teria orgulho de nós agora. Ele não dava moleza para os patrões desta cidade. Não era nenhum cabeça-dura nem nada, era um sujeito decente.”

“Eu era a filha mais velha, por isso me lembro bem dele”, disse Nora, sorrindo. “Ele faria oitenta este ano, se estivesse vivo. É difícil imaginar, não é?”

“É mesmo.”

“Então amanhã estarei aqui esperando às sete e meia.”

“Tem gente que vai ficar surpresa quando eu contar. Tentamos fazer isso há alguns anos, só uns poucos de nós, e o velho ameaçou nos demitir. Disse que ia fechar tudo e fomos obrigados a recuar, porque não tínhamos nenhum apoio. Mas com aquele filho dele, o especialista em eficiência, e a ideia de que ninguém mais tem segurança no emprego, acho que dessa vez conseguimos apoio. E tem um cara importante em Wexford chamado Howlin, braço direito de Brendan Corish. Sei que esse não é mais o seu partido, mas podem estar vindo mudanças por aí, é o que andam dizendo. De todo modo, esse cara lá de Wexford vai fazer os Gibney pensar

melhor na maneira como estão tratando a gente, especialmente o filhote deles.”

Nora abriu a porta para ele.

“A gente se vê amanhã, dona”, disse o motorista, descendo a escadinha da varanda.

Depois que ele foi embora, por um momento Nora sentiu-se leve, quase feliz. Algo no tom de voz de Mick Sinnott — sua confiança, sua eloquência e sua educação — fez Nora se lembrar de anos antes, quando ela era jovem e frequentava os bailes. Mas não era só isso; era a ideia de ela haver tomado uma decisão sozinha, de não ter pedido conselho a ninguém. Desde que vendera a casa de Cush, era a primeira vez que uma oportunidade qualquer surgia tão fácil, e Nora ficou feliz de ter aproveitado a chance. Talvez não fosse algo sensato; talvez fizesse mais sentido ela se mostrar agradecida aos Gibney. Mas agora ela estava gostando de não se sentir grata a ninguém.

Combinou com Donal e Conor, mais uma vez, que eles não iam precisar de babá e que Donal deveria voltar da casa da tia Margaret às sete horas.

Nora não sabia o que vestir e achou engraçado que ninguém, nem suas irmãs, certamente, nem suas filhas nem sua tia, poderia lhe dar conselhos sobre como se vestir para uma reunião do Sindicato Irlandês dos Trabalhadores em Transportes. Um pouco desleixada, pensou ela. Roupas que ninguém notasse.

Quando desceu a escada com uma saia e blusa comuns e um pulôver quente, gostou da ideia de que os Gibney nem imaginavam o que estava acontecendo. Ela não sabia bem se fazer parte de um sindicato fosse fazer alguma diferença para os funcionários da empresa dos Gibney, e se a família, com o tempo, acabaria se acostumando. Mas o fato de aquilo estar sendo feito pelas costas deles os deixaria irritados, talvez até escandalizados. Peggy Gibney, pensou Nora, nunca mais falaria com ela quando soubesse que Nora havia participado, e isso lhe deu uma estranha satisfação.

Nora tinha pensado que o próprio Mick Sinnott iria pegá-la e, quando bateram à porta e ela foi atender, ficou surpresa ao ver Passo de Pato. E à espera, no banco traseiro do carro, estava a

jovem guarda-livros que a srta. Kavanagh mandara tesourar as pastas.

Durante o caminho para Wexford, Nora se espantou com o quanto eles pareciam detestar os Gibney, sobretudo Thomas e Elizabeth.

“Ele segue a gente em todo lugar”, reclamou Passo de Pato. “Um dia eu tive de atender pedidos em Blackwater, Kilmuckridge, Riverchapel e depois ainda em Gorey. Então, como era um belo dia de verão, levei Rita e as crianças comigo. O plano era deixar todos em Morriscastle e depois apanhá-los no fim do dia para darmos um mergulho. Quando eu estava passando por The Ballagh, percebi que havia um carro logo atrás de mim. Sabe quem era? O próprio Thomas Gibney, que me seguiu por todo o caminho. Ele nunca tocou no assunto quando me viu, mas passou o dia inteiro fazendo isso.”

“E a Elizabeth então”, disse a jovem guarda-livros. “Ela nunca nem olha para a gente, quanto mais falar.”

“Gosto muito de trabalhar com ela”, declarou Nora.

“Não ligo nem um pouco para a srta. Kavanagh”, disse a guarda-livros. “Quer dizer, a gente leva tempo para se habituar com ela. Ela sabe de cada detalhe do que acontece no escritório e nunca esquece nada. Sabe, ela ia ser contadora, mas aí o pai morreu e ela teve de voltar para casa.”

“Não”, disse Nora. “Ela sempre trabalhou na empresa dos Gibney. Já estava lá quando fui trabalhar lá pela primeira vez, muito tempo atrás.”

“Certo, mas ela arranjou um emprego em Dublin quando já estava com os Gibney fazia um tempo e passou um ano lá. Mas depois teve que voltar. E a mãe dela ainda está viva e ela precisa cuidar dela.”

“Eu não sabia disso”, disse Nora.

“Meu pai”, prosseguiu a guarda-livros, “trabalha para os Armstrong e ele diz que é melhor trabalhar para os protestantes. Não sei. Os Armstrong disseram que se o pessoal deles se unir a um sindicato, eles fecham as portas e vão embora da cidade. Não acho que os Gibney façam isso.”

Nora lamentou não ter perguntado a Mick Sinnott onde ia ser a reunião em Wexford. Podia ter ido sozinha, em seu carro. Percebeu que os dois queriam falar mais sobre os Gibney, mas se sentiam constrangidos por Nora dividir a sala com Elizabeth e se dar bem com a família. Ocorreu a Nora que fora um erro ir lá daquele jeito. Tinha parecido tão certo no momento em que decidiu fazer aquilo... Nora gostou de Mick Sinnott ter resolvido chamá-la; seria impossível dizer não. Mas agora se perguntava se não era um erro e se não pareceria uma coisa errada para a maioria das pessoas. Se ela sentia a necessidade de se filiar a um sindicato, poderia fazer isso mais tarde. Teria sido fácil concluir que o melhor era esperar um pouco, afinal era nova na empresa e trabalhava só meio expediente. Quando se aproximavam de Wexford, Nora sentiu que se filiar ao sindicato não faria nenhum bem a eles; lhes daria coragem ou os tornaria belicosos, mas no fim, provavelmente, não lhes serviria de nada, a não ser para criar problemas. Nora gostaria de poder voltar para casa, mas não havia como pedir a Passo de Pato nem a ninguém que a levasse para Enniscorthy antes de a reunião começar.

O salão no cais estava cheio até a metade, quando chegaram. Assim que entrou, Nora sentiu que as pessoas olhavam para ela. Trabalhar na mesma sala de Elizabeth a deixara isolada, e Nora nem sabia o nome de várias pessoas que trabalhavam no escritório. Maurice teria dedicado duas semanas de reflexão até se decidir a ir lá. Ele teria discutido o assunto com ela e depois com Jim. Nada nunca fora decidido de modo rápido e fácil, desde a compra da casa até a data em que iriam para Cush todos os anos. E não era só Maurice. A maioria das pessoas, Nora acreditava, precisava de um tempo para pensar antes de tomar uma decisão. Provavelmente todo mundo naquela sala havia refletido por semanas se queria ou não se filiar ao sindicato. Nora tomara a decisão num segundo, e agora via seu ato como pura tolice. Por um momento, se perguntou como explicaria aquilo a Maurice e pensou em como ele ficaria perplexo com o que ela havia feito. Então, num lampejo, quando lembrou que não havia ninguém a quem dar explicações, Nora se sentiu aliviada.

Depois de algum tempo, Nora foi mais para a frente e sentou-se com outras funcionárias do escritório, para que ninguém achasse que ela estava ali como espiã. Com sotaque de Wexford, um homem explicava que eles viviam num tempo de ideias renovadoras, com treinamento gerencial e a chegada aos escritórios e às empresas dos chamados especialistas em eficiência, gente que não sabia quase nada de negócios e absolutamente nada de relações trabalhistas. Para os patrões, disse ele, os métodos antigos estavam mudando, mas para o movimento sindical as prioridades continuavam as mesmas, como todo mundo que fazia parte do Sindicato Irlandês dos Trabalhadores em Transportes sabia. Mas o sindicato não vivia só da sua história, prosseguiu o homem. Para sua reputação, dependia do trabalho que seus membros executavam dia após dia em tempos de paz industrial ou em tempos de crise.

“Em toda crise, chega uma hora em que só uma coisa pode vencer”, disse. “Na luta contra os empregadores, chega uma hora em que a força bruta e a ignorância podem vencer.”

Nora olhou para ele e escutou. Imaginou como Maurice se interessaria por aquela reunião e pelo discurso. Mas então pensou em Elizabeth Gibney, a pessoa com quem agora ela passava a maior parte do dia. Imaginou que imitação bem-feita Elizabeth faria daquele homem e como acharia engraçada a expressão “força bruta e ignorância”.

Todos em volta escutavam com atenção; houve aplausos quando o homem terminou, e as pessoas concordaram a entrar em fila para, uma a uma, assinar seus nomes e se tornarem membros do Sindicato Irlandês dos Trabalhadores em Transportes.

Na manhã seguinte, tudo estava tranquilo no escritório. Pelo jeito de Elizabeth, ficou claro que ela não sabia o que havia acontecido na noite anterior, em Wexford. Ficou de bom humor a manhã inteira e falou sobre planos de passar um fim de semana em Paris, com Roger, no outono, e ver uma partida de rúgbi.

“Se eu ficar lá com Roger, ele fica fora de perigo. Roger tem resacas terríveis, o pobrezinho. E se formos dois dias antes da partida, posso fazer uma porção de compras em todas as lojas chiques.”

Na manhã seguinte, Elizabeth chegou tarde e de óculos escuros.

“Imagino que já saiba da novidade”, disse. “Ninguém dormiu lá em casa na noite passada. O velho William ficou enlouquecido. Começou acusando o Partido Republicano Irlandês, até que o jovem William disse que o sindicato era filiado ao Partido Trabalhista, então ele passou a acusar Thomas de trazer ideias modernas de Dublin. Thomas, claro, permaneceu calmo, o que é sempre um erro com o velho William. Por isso ele gosta tanto da Francie-Calcinha, que vive histérica. Thomas disse a ele que ia cortar metade do pessoal do escritório nos próximos anos e, devagar, passou a descrever todos os métodos que ia empregar, até que o velho William disse que já estava farto de ouvir aquela conversa. Ameaçou vender a empresa e se mudar para Dublin, ir morar em Dartry. Disse que só os prédios e todos os ativos iam dar uma bela soma. Ele tem um primo em Dartry e acha o lugar um refúgio de paz e tranquilidade. E a coisa podia ter ficado nisso, se o jovem William, meu querido irmão, não tivesse dito que nós íamos ter que consultar alguém para saber como lidar com os bolcheviques. Isso me fez rir tanto que a minha mãe ameaçou fechar a cozinha, se houvesse mais confusão. E o velho William ficou pior quando ouviu isso. Ele explicou que poderíamos ganhar o dobro de dinheiro se ele vendesse a empresa, sobretudo a parte do moinho, e investisse o lucro; e que a única razão dele não fazer isso era a lealdade às pessoas que trabalhavam na empresa e a lealdade à cidade. Disse que se sentia realmente apunhalado pelas costas e depois deu o nome dos líderes. Pelo visto, há uma criatura repugnante chamada Mick Sinnott, um motorista de caminhão da Ross Road. Um palhaço. O velho William ficou pálido a essa altura e disse que não se importava da mamãe fechar a cozinha. Depois Thomas disse que ele mesmo ia demitir aquele Mick Sinnott de manhã e transformá-lo num exemplo; e que ia dar telefonemas para garantir que ninguém contratasse o sujeito. ‘Vou fazer picadinho dele’, ameaçou. A essa

altura, o jovem William disse que aquilo também não era o fim do mundo, muitas empresas lidavam com sindicatos. Mas a única coisa que o velho William conseguia falar era que todos eles eram uns safados, todos. Disse que não ia tratar com nenhum sindicato e que o assunto estava encerrado. Então Thomas quis pegar as chaves do caminhão de Mick Sinnott para mudá-lo de lugar antes que o homem chegasse para trabalhar de manhã, mas o jovem William disse para ele não bancar o idiota. Mais tarde, à noite, mamãe disse uma palavra que não sabíamos que ela conhecia. Usou-a para definir todas as pessoas da cidade.”

Nora pensou em interromper Elizabeth para contar que ela também tinha ido à reunião em Wexford e assinado seu nome junto com os outros. Não sabia como Elizabeth iria reagir quando ficasse sabendo, e achou que talvez Elizabeth tivesse uma ideia mais superficial do assunto. Porém, mais tarde naquela manhã, quando a ouviu conversar com Roger ao telefone, se deu conta de como Elizabeth se sentia de fato.

“Fizeram isso pelas costas dele”, disse Elizabeth. “Foram à noite que nem ratazanas e, não, ele não dormiu nada, ficou subindo e descendo a escada, entrava no meu quarto, no quarto de Thomas, no quarto do jovem William, e imaginando como podia estar acontecendo uma coisa daquelas, como ninguém o tinha prevenido de nada, nem a nenhum de nós. Não houve lealdade, disse ele, e se não fosse pelos meus irmãos, ele fecharia a empresa e pronto, depois de ter dobrado seu tamanho, desde quando a herdou do pai. Ficou falando o tempo todo que é um ótimo momento para vender. De manhã, mamãe me disse que aquela história havia partido o coração do papai. Ele não quer ver aquele lugar nunca mais. Alguns funcionários, ele já conhece há quarenta anos e há outros que estão na empresa há mais tempo ainda. Todos o apunhalaram pelas costas. Mamãe tem uma amiga que é freira, um morcego velho chamado irmã Thomas, e precisei lhe telefonar e pedir que ela fosse lá em casa, para você ver como as coisas estão péssimas.”

Quando estava indo para casa, à uma da tarde, Nora topou com Thomas Gibney, que parou e olhou para ela. Sua expressão sugeria uma raiva fria. Nora sabia que em pouco tempo Elizabeth e o

restante dos Gibney iriam descobrir que ela estava entre aqueles que os haviam traído.

11.

A cidade tinha ficado mais fácil. Na Court Street, ou na John Street, ou na Back Road, ninguém mais detinha Nora para lhe dar as condolências, ninguém ficava olhando fixo para os olhos dela à espera de sua reação. Agora, se ela encontrava alguém e a pessoa parava, era para conversar sobre outras coisas. Às vezes, quando a pessoa já estava pronta para ir embora, perguntava como ela estava passando ou como estavam os meninos, e aquilo era um modo de recordar o que havia acontecido. Porém, mesmo assim, ela ainda ficava tensa quando via alguém vindo em sua direção, disposto a recordar sua perda. Às vezes era intrusivo e doloroso.

O pior era a missa de domingo. Em qualquer lugar que se sentasse na catedral, as pessoas olhavam para Nora com uma compaixão especial, ou se mexiam no banco para abrir espaço para ela sentar, ou a esperavam do lado de fora para conversar. Quando aquilo se tornou excessivo, quando todos os olhares pareciam destinados a deixá-la aflita, Nora passou a ir à capelinha em St. John ou à missa das oito da manhã, quando a catedral ficava com metade dos bancos vazios. Ela escolhia um lugar e, no fim, ia embora sem ser surpreendida por nenhuma emboscada.

Um dia, ela estava voltando da loja Barry's, na Court Street, depois de comprar um novo jogo de pilhas para o rádio transístor que ela agora gostava de ter ao lado da cama. Estava pensando em Fiona, que ouvia a rádio Caroline e a rádio Luxembourg nos fins de semana, quando viu Jim Mooney, um ex-colega de Maurice, vindo em sua direção. Ele morava sozinho, ou com um irmão, na zona rural, como havia morado por muitos anos, desde que voltara do seminário sem se ordenar padre. Maurice jamais gostou dele; Nora achava que tinha alguma coisa a ver com sua recusa de se filiar ao sindicato dos professores, mas não sabia bem. Ao contrário da maioria das pessoas que trabalhavam com Maurice, Jim Mooney não escreveu para Nora quando ele morreu.

"Puxa, eu estava justamente pensando em você", disse ele.

"Como vai?", ela disse. Tentou parecer formal.

"Eu estava prestes a telefonar para você."

Nora não disse nada. Não queria que ele telefonasse.

"Perguntei na sala de professores o que eu devia fazer, mas ninguém teve certeza."

Nora se perguntou se o tom de voz dele, ao mesmo tempo cortante e insinuante, teria desagradado a Maurice tanto quanto desagradava a ela agora.

"É um tremendo morceguinho, aquele Donal", disse ele. "Fica sentado no fundo da sala de cara amarrada. Um dia, quando fui ver, ele nem tinha aberto o livro. Estava lendo outro livro, sei lá. E numa outra vez ele me respondeu de um modo muito impertinente. Não sei o que vamos fazer com ele."

Nora estava prestes a dizer alguma coisa, mas então mudou de ideia.

"Em algumas famílias", prosseguiu ele, "os meninos é que são inteligentes. Mas na sua as meninas também são, como o jovem Conor, que, me disseram, é muito esperto. E eu soube também que as meninas são muito aplicadas. A dedicação ajuda demais."

A maneira como pronunciou a palavra "dedicação", como se num sermão, quase fez Nora sorrir. Ficou imaginando o que poderia ter levado Mooney a deixar Maynooth e não se ordenar padre.

“Pensei em dizer isso a você, caso a encontrasse. Não sou o único que reclama de Donal”, disse.

Ela tentou pensar em algo para dizer que calasse a boca de Mooney. Porém a única coisa que conseguiu fazer foi ficar olhando para ele; estava furiosa, porque ela devia estar parecendo muito dócil aos olhos dele.

“Que matéria o Donal faz com o senhor?”

“Ciência e Latim.”

Nora assentiu com a cabeça.

“Mas a matéria não importa. Ele tem um jeito ruim. Falta-lhe alguma coisa também no departamento das boas maneiras, assim como no departamento da inteligência.”

“Bem, muito obrigada por me comunicar”, disse Nora, pronunciando cada palavra com cuidado. Começou a se desviar dele para ir em frente.

“Bom dia para a senhora”, disse Mooney.

Ninguém nunca havia reclamado de Donal. Mesmo quando Nora se preocupou com sua gagueira e achou que o filho podia estar com problemas na escola, não houve anotações negativas em seu boletim de Natal. Ele nunca tinha sido um dos primeiros alunos e houve anos em que suas notas foram baixas, mas os resultados que obteve na prova do Certificado do Primário e da Bolsa de Estudos do Conselho do Condado foram bons. Ele passava quase todas as noites na sala, na frente de seus livros escolares. Nora achava que estivesse estudando, mas muitas vezes imaginava que talvez Donal ficasse vendo seus livros de fotografia. Ela não sabia o que fazer agora, não tinha certeza se devia contar a Donal que havia encontrado Jim Mooney ou se era melhor não dizer nada.

Poucos dias depois, Nora viu Donal vindo do outro lado da rua, voltando da escola para casa. Ele não percebeu a mãe e parecia acabrunhado com alguma coisa; estava concentrado nos próprios pensamentos, a fisionomia tensa.

Quando Fiona foi para casa no fim de semana, Nora quase lhe contou o encontro com Jim Mooney, mas como Fiona ia sair no

sábado à noite e passou a manhã de sábado na cama ouvindo rádio e a tarde de sábado com amigas no centro, Nora achou melhor não incomodar a filha. Além disso, não queria que Fiona dissesse algo sobre Donal que aumentasse ainda mais sua preocupação.

No fim da tarde de sábado, quase como desculpa para sair de casa, Nora foi fazer o cabelo e deixou Bernie ir acrescentando, bem devagar, uma tintura cor de cobre. Quando se olhou no espelho, ficou em dúvida, mais ainda do que havia ficado no primeiro tingimento. Mas pelo menos, pensou, tinha passado o tempo preocupada com outra coisa que não Donal.

À noite, quando uma das amigas de Fiona passou lá, Fiona ainda não estava pronta. Iam dançar no White's Barn. Conor foi escutar a conversa e Donal também espiou para ver quem era, mas depois escapuliu rápido da sala. Quando Fiona apareceu com seu melhor vestido, com brincos de argola e maquiagem, Donal voltou à sala e sentou-se no sofá com ar carrancudo, enquanto as duas jovens admiravam as roupas uma da outra e falavam com Nora por um minuto antes de irem embora.

Depois que saíram, Nora se virou para Donal.

"Encontrei Jim Mooney durante a semana", disse.

"Ele é um gr-gr-grande palerma", disse Donal.

"Ele falou que você não está prestando muita atenção na aula."

"Detesto ele. É um cr-cr-cretino."

"É professor da escola."

Donal começou a gaguejar demais e então tentou se controlar, mas ficou agitado.

"Se a casa dele p-p-pegasse fo-fogo, ia ser m-m-muito legal. Ou ent-t-tão se ele se af-f-fogasse."

"Talvez fosse melhor você prestar atenção na aula", sugeriu Nora.

Na quinta-feira, quando Margaret foi fazer uma visita, parou na saleta para conversar com Donal. Depois, quando Margaret encontrou Nora na outra sala, comentou como Donal era engraçado, e como era inteligente. Nora resistiu ao impulso de dizer que não achava Donal engraçado e que Jim Mooney não o achava inteligente. Margaret contou sobre as horas que Donal passava na câmara escura e sobre as técnicas que usava para revelar os filmes.

Nora não lhe contou que Donal jamais havia mostrado a ela nenhuma fotografia que tivesse revelado na câmara escura que Margaret havia construído para ele.

Nora logo se cansava do bom humor inocente de Margaret; ele a fazia ter vontade de pegar um livro ou ver o *Irish Times* do dia. Em noites como aquela, era um alívio quando Jim chegava e Nora podia ir para a cozinha fazer chá para eles e depois ir ver se os meninos já tinham ido para a cama e se a luz do quarto estava apagada.

Quando eles se levantavam para ir embora, Nora se sentia contente por ter de novo a sala só para si. Na saída, porém, quando se despedia deles, vinha a consciência aguda de que, depois que fechasse a porta, iria ficar sozinha em casa, a não ser pelos meninos, que estavam dormindo, e que ela não teria mais nada pela frente a não ser a noite.

Elizabeth nunca mais falou do sindicato e não deu mais nenhuma informação sobre como o pai e os irmãos, e também a mãe, estavam encarando a nova situação. Nora foi a uma reunião do sindicato; ela foi repleta de discussões acaloradas sobre quem faria parte do comitê ou ocuparia diversos postos. Ela não foi mais às reuniões.

No entanto gostava de ver Mick Sinnott, que não fora demitido, circulando por ali com uma confiança cada vez maior, como o principal representante do sindicato. Nora achou que, depois que se filiara ao sindicato, todos no escritório passaram a falar com ela ou a sorrir quando a encontravam. O sindicato fez pouca diferença para as pessoas no escritório. Sem nenhum protesto, o número de funcionários foi diminuindo aos poucos. Se uma jovem ia embora para se casar, não era substituída e seu trabalho era dividido entre os outros. Thomas se mostrava cada vez mais rigoroso com o horário de trabalho. Observava às escondidas, mandava bilhetes para qualquer um que chegasse atrasado ou que fosse visto conversando ou que cometesse erros no serviço.

Elizabeth readquiriu seu bom humor anterior e, como antes, contava a Nora seus planos para os fins de semana e seus

romances, mas Thomas nunca mais falou com Nora. Em troca, ela passava por Thomas como se ele não existisse. No entanto, algumas vezes em que Thomas entrava na sala que ela dividia com Elizabeth, Nora gostava de cumprimentá-lo com cordialidade, chamando-o pelo primeiro nome, como se nada tivesse acontecido, mas Thomas não respondia. Elizabeth adquiriu o hábito de perguntar a Thomas qual era o assunto assim que ele entrava na sala. Se ela estivesse ao telefone falando alto com uma de suas amigas, ou contando a Nora uma longa história, muitas vezes as duas viam a sombra de Thomas parada do lado de fora, através do vidro fosco da parte de cima da porta. Nora se perguntava se ele também tinha uma ficha das duas, com tudo anotado, como fazia com todos os empregados.

12.

Quando Nora viu Nancy Brophy caminhando na direção de sua casa, afastou-se da janela. Não conseguia imaginar por que Nancy vinha visitá-la. Pensou em deixar Nancy bater na porta, ficar lá esperando e escutando, depois bater de novo, até descer a escadinha da varanda e ir embora, virando-se para uma última olhada na janela, em busca de algum sinal de vida. Nora podia sentir o puro alívio que dominaria todo seu espírito se tivesse coragem de fazer isso.

Na primeira batida, Nora foi até a porta, abriu e convidou Nancy para entrar.

“Olha, espero não estar incomodando”, disse Nancy, “eu nem vou entrar, só queria pedir um favor.”

“Se houver algo que eu possa fazer...”, respondeu Nora.

“Ah, tem sim”, disse Nancy, animada. “Mas não fique com essa cara assustada.”

Nora não soube o que dizer. Nancy estava bem-humorada demais, quase tola, sorrindo para ela na entrada da casa.

“Você sabe que todo ano eu faço aquele teste de conhecimento com a Phyllis Langdon nos salões paroquiais. Ele é patrocinado pelo Guinness. Ela faz as perguntas e eu marco os pontos. Ela tem uma

voz maravilhosa, não precisa de microfone nem nada e nós trabalhamos bem juntas, porque eu jamais me engano na contagem dos pontos.”

Nora não conseguia imaginar por que Nancy estava lhe contando tudo aquilo, como se fossem notícias urgentes e fascinantes.

“Pois bem, a questão é que eu não posso ir amanhã à noite. Preciso pegar o último trem para Dublin hoje, porque Bridie, minha irmã, está no hospital Bon Secours para fazer uma cirurgia. Então pensei em arranjar uma substituta antes de contar a Phyllis, e a Betty Farrell disse que ouviu dizer lá na empresa dos Gibney que você é uma verdadeira maga com os números, por isso eu vim aqui.”

Nora olhou para ela com ar sério.

“Vamos, não me diga que não pode!”, disse Nancy.

“Vai ser só uma noite?”, perguntou Nora.

“Só uma noite”, respondeu Nancy. “Vai ser bom para você dar uma saída e encontrar mais gente, se misturar um pouco.”

“Não tenho saído muito.”

“Sei disso, Nora.”

Na hora em que Nancy estava indo embora, já tinham combinado que, a menos que houvesse alguma mudança, Phyllis Langdon pegaria Nora às sete e meia da noite no dia seguinte. Só quando Nancy estava na escadinha da varanda, Nora perguntou onde seria o teste de conhecimentos e Nancy respondeu que seria em Blackwater.

“Eu não sabia que era tão longe daqui”, disse Nora.

“Só neste ano. É uma experiência”, disse Nancy.

Enquanto estava junto à porta vendo Nancy desaparecer, Nora ficou tentada a ir atrás dela e dizer que havia esquecido que tinha outra coisa para fazer, algo mais urgente do que ficar anotando os pontos de um teste de conhecimentos. Tentou pensar no que poderia ser, mas em seguida concluiu que era tarde demais. Enquanto fechava a porta, lamentou não ter perguntado desde o início em que cidade ia ser o teste. Teria dito, então, que não poderia ir a Blackwater. Era perto demais de Cush e de Ballyconnigar.

Ela pensou em Blackwater no verão, quando as pessoas de Dublin ou de Wexford ficavam alojadas em casas dos arredores e era normal as mulheres irem com os maridos ao pub Etchingham's na sexta-feira ou sábado à noite beberem Baby Cham ou conhaque com soda e deixarem os filhos pequenos aos cuidados de uma babá ou de um filho mais crescido. Muitas vezes, se era julho e se estivesse uma noite bonita, ela e Maurice caminhavam os três quilômetros de Ballyconnigar até lá e depois pegavam carona com alguém na volta. Ou, quando chegava agosto e as noites eram mais escuras e o orvalho pesado baixava bem cedo sobre a grama da alameda que levava da quadra de handebol irlandês até o penhasco, Nora ia dirigindo o velho Morris Minor e os dois ficavam mais relaxados, sabendo que podiam ir embora quando quisessem. Maurice gostava da companhia das pessoas, sobretudo se houvesse gente de Enniscorthy ou de Blackwater, então aos poucos Nora também passou a gostar da companhia deles e se alegrava de ver Maurice com tamanho bom humor.

Ela explicou aos meninos que ia sair. Eles precisavam prometer que não iam brigar, disse Nora, e que iriam para a cama no horário de sempre.

"Será que a gente não p-p-pode ficar acordado um pouquinho mais?", perguntou Donal.

"Deixo para vocês decidirem", respondeu Nora. "Mas não pode ser tarde demais."

"Eu também posso decidir?", perguntou Conor.

"Os dois podem decidir."

Às sete e meia, Nora estava olhando pela janela, quando Phyllis Langdon estacionou um Ford Cortina vermelho junto à calçada. Nora tinha posto um vestido de verão e levava um cardigã no braço, para o caso de esfriar. Os meninos estavam na sala maior, com Fiona, que também ia sair.

"Já estou indo!", gritou Nora. "Não saiam agora nem façam bagunça. Quando eu voltar, vocês já vão estar dormindo."

Nora tinha encontrado Phyllis Langdon diversas vezes ao longo dos anos. O marido dela era veterinário e os dois eram de Dublin. Nora notou a eficiência com que Phyllis manobrou o carro e admirou os lindos anéis nos dedos dela, enquanto ela mudava a marcha e o carro partia rumo a Blackwater.

“É surpreendente”, disse Phyllis, “ver como eles sabem tanta coisa sobre esportes e muito pouco sobre outros assuntos. Em política, veja só, até que não são tão fracos, em geografia talvez, e até história. Mas questões sobre livros e música os deixam desnorteados. A gente até se pergunta se algum dia eles frequentaram mesmo uma escola.”

“Mas quem elabora as perguntas?”, perguntou Nora.

“Ah, eu cuido de tudo. Junto informações sobre esportes. Começamos com perguntas fáceis. E todos têm livros com testes de conhecimentos, mas eu pego apenas umas poucas perguntas dos livros, para que eles sintam que vale a pena se preparar. Na semana passada, em Monageer, havia uma equipe que não sabia nada. E eles nem ficaram embaraçados. Se a gente tivesse perguntado quanto era dois mais dois, iam fazer cara de quem tivesse que explicar a teoria de Einstein.”

“Imagino que eles vão lá só para se distrair.”

“A ignorância é uma felicidade”, disse Phyllis.

“Tenho certeza de que alguns devem ser bem interessantes”, disse Nora.

“Interessantes até podem ser, mas são burros de doer.”

Viraram à direita em Finchogue e não voltaram a falar até chegarem ao outro lado do povoado The Ballagh. Nora sentiu a profunda seriedade com que Phyllis encarava a tarefa que tinha pela frente e resolveu não fazer comentários jocosos sobre o insucesso dos competidores ao responder as perguntas que Phyllis havia preparado. Agora ela entendia por que Nancy Brophy quis uma pessoa boa de números para marcar os pontos.

“A propósito”, disse Phyllis, “trouxe um caderno e umas canetas boas para você. Começamos com duas rodadas de perguntas de dois pontos, que até uma criança é capaz de responder. Serve para aquecer, e depois temos duas rodadas de perguntas de três pontos,

depois quatro pontos, depois cinco rodadas de perguntas de seis pontos, que separam o joio do trigo. Nas primeiras rodadas de seis pontos, só o competidor individual pode responder, mas nas últimas de seis pontos a equipe toda pode responder.”

“Deve dar um bocado de trabalho preparar as perguntas”, disse Nora.

“Gosto de variedade e de uma boa equipe, como a de Oylegate; é preciso semanas para se preparar, pesquisando os assuntos que talvez eles não conheçam muito bem.”

“Então é muito educativo.”

“Para alguns, sim, mas não para outros”, respondeu Phyllis com ar severo.

Phyllis não tinha mencionado Maurice nem dera sinal de que sabia que aquela era uma das primeiras vezes em que Nora saía à noite depois da morte do marido. Nora supôs, no entanto, que Phyllis sabia de tudo, que Nancy Brophy já lhe contara, e resolveu, por uma questão de tato, não dizer nada. Em troca, isso levou Nora a pensar que não devia comentar que conhecia Blackwater, que tinha ido lá de bicicleta na adolescência, que havia conhecido Maurice ali, anos antes de se casarem, e que passara todos os verões nos arredores. Nora ia guardar tudo consigo, levar o teste de conhecimentos tão a sério quanto Phyllis, tomando todo cuidado para anotar com precisão os pontos de cada equipe.

Quando elas chegaram, Phyllis se disse surpresa que o combinado fosse encontrar os organizadores no pub Etchingham's, disse que não costumava frequentar pubs e que elas iriam para o salão atrás da igreja assim que pudessem. Phyllis recusou a bebida gelada que ofereceram às duas.

“Vamos precisar manter a cabeça bem lúcida”, disse, “por isso só queremos uma jarra de água, um pouco de gelo e dois copos. E vamos querer a mesma coisa na mesa do salão paroquial.”

As equipes deviam ser de Blackwater mesmo e também de Kilmuckridge. Nora estava atarefada traçando linhas verticais nas

páginas do caderno, por isso não viu Tom Darcy, de Cush, de pé no bar. Ainda com roupa de trabalho, ele se aproximou da mesa delas.

“Nora, como vai você?”, perguntou.

“Tom, eu nem vi você”, disse Nora. “Veio para o teste de conhecimentos?”

“Talvez a gente fique para se divertir”, disse ele. “Mas pode ser que não também. Claro que sabemos todas as respostas, Nora.”

Nora quase apresentou Tom a Phyllis, mas, por causa da intransigência de Phyllis, Nora sentiu que ela não gostaria de ser apresentada a um homem ainda com trajes de trabalho e, além do mais, com o jeito descontraído e caloroso de Tom Darcy.

“Como vai a sra. Darcy?”, perguntou Nora.

“Com saúde para dar e vender. Ela vai adorar quando eu disser que encontrei você. Mas será que conheço essa mulher a seu lado? Eu gostaria de contar à patroa, lá em casa, quem foi que eu encontrei na rua.”

“Phyllis Langdon, este é Tom Darcy”, apresentou Nora.

Phyllis fez um gesto de anuência com a cabeça, mas não estendeu a mão.

“Ah, Phyllis Langdon”, exclamou ele, “a mulher das perguntas. O terror de Monageer.”

Nora sentiu Phyllis se encolher junto dela para fugir de Tom Darcy, que, por seu lado, não tinha nenhuma intenção de voltar ao bar, antes de extrair o máximo de informação possível para levar para casa.

“Ouvi dizer que o pessoal de Monageer não sabe nada”, disse ele.

Estava claro que Tom se dirigia a Phyllis, mas ela não lhe deu nenhuma resposta.

“Ouvi dizer que a turma lá é tão ignorante quanto o que a gente encontra no chão de um chiqueiro, e não estou falando da palha, não”, prosseguiu.

“E como vão todos lá em Cush?”, perguntou Nora.

“Comendo o pão que o diabo amassou, os poucos que sobraram”, respondeu Tom. “Agora, vou lhe dizer uma coisa. A gente está com uma tremenda saudade de vocês. Outro dia mesmo a gente estava falando disso. Vocês eram os melhores veranistas, sempre foram.”

“Agora, queira desculpar”, interrompeu Phyllis, “mas vamos ter que ir para o salão daqui a pouco e combinar com os competidores onde eles vão sentar.”

“Claro, aquele bando lá de Kilmuckridge não sabe nem contar os dedos da mão”, disse Tom. “Pergunte para eles como se soletra GAA.* Isso vai ensinar aquela gente a se comportar.”

“Comportar?”, Phyllis enfatizou.

“Querem um drinque, vocês duas?”

“Não queremos”, respondeu Phyllis.

Nora observou Tom ir até o bar e indicá-las ao barman.

“Querem um Babycham, um *sherry* ou um conhaque?”, gritou ele.

Nora balançou a cabeça e depois se virou para Phyllis, que estava atarefada conferindo as perguntas. Havia uma mancha vermelha em cada bochecha dela, e as duas pareciam ter se formado durante o encontro com Tom Darcy.

O barman se aproximou com um Babycham e um conhaque com soda.

“Nós não dissemos que só queríamos água?”, perguntou Phyllis. “Além do mais, não temos tempo.”

“Aqui, o freguês manda, madame”, disse o barman. “E podem levar as bebidas para o salão paroquial, contanto que devolvam os copos.”

“Isso vai deixar vocês mais alegres!”, gritou Tom Darcy de longe.

“Você conhece esse homem há muito tempo?”, Phyllis perguntou a Nora.

“Desde que me entendo por gente”, ela respondeu com calma, enquanto sorvia o Babycham. “Infelizmente não posso beber conhaque, fico bem ruim.”

Ela sorriu ao pensar no conhaque. Quando se casou com Maurice, nunca havia bebido álcool. De início, experimentou *sherry*, mas não gostou. Certa noite, naquele mesmo pub, alguém lhe ofereceu um conhaque e depois, como ela e Maurice estavam entre conhecidos, Nora tomou mais três ou quatro. No fim da noite, ela não conseguia parar de rir. De pé junto ao balcão, estava Frankie Doyle, de Enniscorthy, com a esposa, sentada num banco alto ao lado dele. Quando olhou para os dois, Nora percebeu que Frankie e sua

mulher achavam que ela estava rindo deles. Frankie era baixo o bastante para ser jóquei e podia, pensou Nora, se ofender. Além do mais, ele e a esposa estavam sozinhos, não tinham sido convidados a se juntar ao grupo maior dos que também tinham vindo de Enniscorthy. Em todo caso, toda vez que ela olhava para lá os dois a estavam observando e, toda vez que ela via o olhar deles, desatava a rir de novo. Nada conseguia conter seu riso. Daquela noite em diante, nenhum dos dois voltou a falar com Nora. E depois disso ela entendeu que não podia mais beber conhaque.

“Você parece que está num outro mundo, só seu”, comentou Phyllis.

“E estava mesmo”, respondeu Nora, sorrindo em seguida.

“Agora temos de ir, e acho que seria um erro sermos vistas levando bebidas pela rua, ainda que o patrocinador seja a Guinness. Esta foi a última vez que aceitei um encontro num pub.”

E tomou de um gole o conhaque com soda.

O salão paroquial, quando elas chegaram, começava a encher. Nora conhecia algumas pessoas de nome, outras de vista; também havia pessoas que ela não conhecia nem de longe, mas pelo jeito de ficarem paradas na porta, ou perto do salão, nos fundos, ou olhando em volta, algo nelas soava familiar; era um jeito ao mesmo tempo tímido e espontâneo, amistoso e reservado, que dava a Nora a sensação de conhecer muito bem essas pessoas.

Quando as equipes se identificaram, Phyllis se mostrou mais rigorosa. Levantava-se constantemente para se certificar de que o espaço entre a mesa delas e os bancos onde os competidores iam sentar estava livre, e depois fez questão de que ninguém ficasse parado à toa perto dos competidores, durante o teste, para soprar as respostas para eles.

Havia três homens e uma mulher em cada equipe. Ao explicar as regras, Phyllis tirou um cronômetro da bolsa, que ajustou para marcar dez segundos. Nora observou os competidores. Um dos homens, que ela conhecia de Blackwater, era um professor aposentado, e a mulher a seu lado tinha sido membro do comitê da Associação Irlandesa de Mulheres do Campo. O próximo da fileira parecia um aluno de colégio e o último, Nora supôs, um fazendeiro.

Quando Phyllis falou, uma atmosfera solene desceu sobre os competidores. Foi — Nora teve a impressão — como se o padre tivesse subido ao altar ou o professor entrado na sala de aula.

As primeiras perguntas eram tão fáceis que pareciam quase um insulto. Phyllis, no entanto, as formulava como se fossem desafiadoras e exigissem um tremendo esforço de memória. Sua voz era igual à de uma locutora de comerciais para rádio e, quando pronunciava determinadas palavras, o fazia com um acento inglês. Nora viu que ia ser fácil marcar a pontuação das equipes, mas também notou que Phyllis controlava com o rabo do olho suas anotações da segunda e da terceira rodadas, quando os pontos começaram a variar.

Quando ela chegou às perguntas de quatro pontos, um homem trouxe mais um conhaque com soda para Phyllis e outro Baby Cham para Nora. Ela não tinha a menor ideia de quem havia levado as bebidas, pois Tom Darcy não fora com elas até o salão paroquial.

Quando as perguntas de seis pontos começaram, a equipe de Blackwater estava com uma ligeira vantagem. Numa rodada de perguntas sobre esportes, houve aplausos da plateia no salão, pois alguns pertenciam à Associação Atlética Gaélica. Isso fez Phyllis pedir silêncio na rodada seguinte, que era sobre música clássica.

“Quantas sinfonias Brahms compôs?”, perguntou Phyllis.

Nora observou o homem de Kilmuckridge. Seu tempo passava, como se ele tentasse se lembrar de algo que havia sabido um dia. Quando Phyllis avisou que ia ligar o cronômetro, ele respondeu: “Vinte e cinco”.

Phyllis olhou com desprezo para o salão, provocando um silêncio geral. Nora olhou para baixo, para o caderno da pontuação.

“Como todos sabem”, disse Phyllis, “Brahms escreveu quatro sinfonias. Vinte e cinco, francamente!”

Houve um murmúrio geral diante da nova pergunta.

“Quantas sinfonias Schumann compôs?”

Era a vez do professor aposentado de Blackwater.

“Acho que nove”, disse ele com calma.

“Errado”, disse Phyllis. “Ele compôs quatro.”

Phyllis desfilou diante deles os nomes Haydn, Mozart, Schubert, Mahler, Sibelius e Bruckner, para o silêncio perplexo diante de cada compositor mencionado, e todos os competidores não foram capazes de acertar o número de sinfonias de cada um. Quando ela enumerou títulos de óperas e perguntou qual o nome do compositor, tanto o professor aposentado como o jovem da equipe de Blackwater souberam responder. Isso deu a Blackwater quinze pontos de vantagem, quando Phyllis passou para as últimas rodadas, em que os competidores podiam consultar-se uns aos outros. Um deles solicitou uma pausa para ir ao banheiro e Phyllis concordou. Mais um conhaque com soda e um Babycham chegaram à mesa.

Quando Nora olhou na direção da porta, viu alguns homens reunidos ali. Olhavam para ela e para Phyllis com desconfiança e rancor. Um deles, um jovem de cabelo ruivo e rosto queimado de sol, olhou para seus parceiros ao ver que Nora o observava. Ao se aproximar dela, parecia ofendido.

“Ela tem um vozeirão sem tamanho, essa aí”, disse, apontando com a cabeça para Phyllis. “Espero que ela não pense em sair de carro por Kilmuckridge esta noite, porque tem uma rapaziada aí bem enfezada com ela e com essa voz. Se ela acha que é muito importante, vai ver só.”

Nora desviou o rosto e não respondeu.

“Olhe que não estou brincando”, ele continuou para outro homem, “ela vai morrer de susto se alguém meter uma dessas sinfonias no rabo dela. Aí eu queria ver ela fazer perguntas.”

Phyllis sussurrou para Nora que elas deviam continuar com o teste de conhecimentos o mais depressa possível.

“Atenção, todo mundo”, gritou ela, “preparem-se para as últimas e emocionantes rodadas. A sra. Webster vai nos dizer como está a pontuação até agora.”

O homem continuou por perto, até Phyllis voltar toda a sua atenção para ele.

“O senhor está na minha frente”, disse. “Não há motivo para o senhor ficar tão perto. Poderia voltar e sentar no seu lugar?”

O homem hesitou e em seguida lançou-lhe um olhar de puro desprezo antes de voltar para junto de seus amigos, na porta.

Um dos competidores de Kilmuckridge tinha, obviamente, se preparado para aquela rodada de perguntas, que era sobre primeiros-ministros e presidentes de vários países. Ele soube dizer o nome dos primeiros-ministros da Noruega e da Suécia. Quando a equipe teve de dizer o nome do primeiro-ministro da União Soviética, e eles concordaram, primeiro, que era Brejnev e depois mudaram para Podgórní, e os problemas começaram.

“Qual dos dois?”, perguntou Phyllis.

Eles se consultaram por algum tempo, até que Phyllis ligou o cronômetro.

“É Podgórní”, disse um deles.

“Infelizmente vocês erraram nas duas respostas. O premiê da União Soviética é Kossíguin.”

“A senhora perguntou o nome do primeiro-ministro”, retrucou um deles.

“E é Kossíguin.”

“Mas a senhora acabou de dizer que esse é o premiê.”

“É a mesma coisa que primeiro-ministro. Lamento, mas minha decisão é definitiva. Vocês podem discutir o quanto quiserem. Agora, a próxima pergunta.”

Como os murmúrios viessem de todos os lados, Phyllis levantou a voz.

“Não vou aceitar mais nenhuma interrupção”, disse.

Concentrada no papel da pontuação, Nora teve medo de erguer os olhos. No final da rodada, como a equipe de Blackwater não tinha conseguido responder a algumas perguntas, as equipes estavam com apenas três pontos de diferença. Era claro para Nora, e ela supunha que também para muitas pessoas no salão paroquial, que, se a resposta sobre a União Soviética tivesse sido aceita, Kilmuckridge estaria na frente. Na última rodada, que tratava de batalhas famosas, as duas equipes conseguiram responder corretamente a todas as perguntas. Quando o teste de conhecimentos chegou ao fim, Nora tinha totalizado a pontuação das equipes na folha de papel. Blackwater vencera por três pontos.

Phyllis ficou de pé, pediu silêncio outra vez e declarou o resultado com voz imperiosa. Antes mesmo que tivesse tempo de se sentar, um homem se levantou na multidão e avançou na direção dela. Usava boné e um paletó xadrez.

“De onde você é?”, perguntou a Phyllis em tom agressivo.

“E o que você tem a ver com isso?”, retrucou ela.

“Você nem é de Enniscorthy”, disse ele. “Você não passa de uma forasteira. E não tem nenhum direito de falar grosso aqui.”

“Talvez esteja na hora de você ir para casa”, disse Phyllis.

“Você roubou a gente!”, gritou outro homem. “Essa é que é a verdade.”

Foi então que Tom Darcy emergiu da multidão.

“Eu e um amigo, que veio de um lugar bem perto de Kilmuckridge, gostaríamos de convidar as senhoras para uma bebida no Etchingham’s, para agradecermos por seu dedicado trabalho.”

“É melhor irmos com ele”, Nora disse a Phyllis, e ficou aliviada quando ela concordou.

“Você é a mulher de Maurice Webster?”, perguntou o homem que estava com Tom Darcy, quando elas chegaram ao bar.

Por um segundo, Nora ficou em dúvida se o homem sabia que Maurice havia morrido.

“Eu conheci Maurice muito bem”, acrescentou o homem.

Nora olhou para o lado e viu Phyllis, com um copo cheio de conhaque e soda na mão, conversando animadamente com Tom Darcy.

“Fazia muitos anos que você o conhecia?”, perguntou Nora.

“Foi quando ele veio com o irmão e mais alguns amigos. Nós íamos pescar juntos. O irmão dele ainda está no mundo dos vivos?”

“Está, sim.”

“E havia um, mais frágil, que morreu?”

“Isso mesmo.”

“E a Margaret, a irmã, já casou?”

“Não, ela não casou.”

“Era uma boa mulher, todo mundo gostava dela.”

Ele tomou um gole de sua bebida e olhou para Nora.

“Fiquei muito triste quando soube do Maurice. Meu Deus, todos nós aqui ficamos muito tristes.”

“Obrigada por dizer isso.”

“A gente nunca sabe para que lado a vida vai. Uma parte dela não faz nenhum sentido.”

Ficaram parados diante do balcão, em silêncio.

“Gostaria de tomar uma bebida melhor do que essa?”, perguntou o homem afinal.

Nora olhou para o Babycham e hesitou.

“Ouvi falar que é horrível”, disse o homem. “Vodca com soda limonada seria melhor para você. É o que minha mulher e minha filha bebem hoje em dia, quando saem.”

Pedi uma vodca com soda limonada para ela e serviu-lhe a bebida, quando a trouxeram. Nora viu que o grupo de homens que estava na porta do salão paroquial pedia bebidas ali no bar; o local estava enchendo depois do teste de conhecimentos, e havia uma animação na atmosfera. Algo fora do comum tinha acontecido, algo que agitara a noite, dando às pessoas um assunto para conversar. Animados, os homens no bar mais pareciam vindos de uma partida de *hurling*** ou de futebol.

Phyllis continuava conversando com Tom Darcy, que teria uma porção de coisas para contar à esposa quando chegasse em casa. Logo vários outros homens se uniram a eles, falando com Phyllis como se a conhecessem. Phyllis participava da discussão, assentia com a cabeça em resposta e olhava de um homem para outro. Como seu marido era veterinário, pensou Nora, ela devia estar habituada à companhia de homens da roça e sabia quando empregar seu tom de voz imperioso. Ou talvez fosse efeito do conhaque.

Nenhum dos homens quis deixar Nora ou Phyllis pagar uma rodada de drinques, e toda vez que eles pediam uma nova rodada incluíam um conhaque com soda para Phyllis e uma vodca com soda limonada para Nora.

Quando Nora percebeu Phyllis apontando para a porta, viu Tim Hegarty e sua esposa, Philomena, entrando. Tim era um professor com quem Maurice havia estudado. Ela sabia que Tim e a mulher

rodavam pela região rural em busca de companhia, mas não conseguia imaginar o que estariam fazendo em Blackwater. Vinham acompanhados de dois de seus filhos. Pela expressão no rosto de Phyllis, Nora concluiu que ela não gostava deles.

Tim era famoso por sua boa aparência e por sua boa voz de cantor. A esposa cantava com ele, quando não estava embriagada demais, e certa vez, num concerto no Convento da Misericórdia a que Nora havia comparecido, a família inteira deles, pai, mãe e seis ou sete filhos, interpretou a família Trapp da *Noviça Rebelde*, cantando "The Sound of Music". Todos diziam que eles poderiam ser músicos profissionais se Tim e Philomena parassem de beber.

Houve um pedido de silêncio vindo do bar. Ela viu Tim Hegarty de pé, sozinho, de olhos fechados. O cabelo estava desuntado e ele usava gravata-borboleta fina e paletó de riscas brancas e vermelhas. Parecia um astro de cinema americano. Ainda sem abrir os olhos, inclinou a cabeça para trás e cantou com voz suave, mas bastante alta, de modo que foi ouvido por todos:

De início, Nora achou que talvez alguém tivesse cantado essa música no casamento dela; tentou lembrar quem poderia ter sido. Em seguida achou que não, tinha sido depois, numa ocasião em que ela não era o centro das atenções. Foi depois que Fiona nasceu, e a felicidade de Nora talvez viesse do fato de Fiona estar muito bem, de aprender a andar rápido ou de estar começando a falar com facilidade. Então, quando Tim cantou a segunda parte, ficou claro para Nora exatamente quando tinha acontecido. Ela e Maurice haviam deixado Fiona para passar o dia com a mãe de Nora, e talvez a noite também, na casa dela, para que os dois pudessem ir com Tilly O'Neill ao casamento de Aidan, um primo de Maurice. A recepção foi no Talbot Hotel, em Wexford, e o padrinho era Pierce Brophy, filho de Nancy, aquele que mais tarde foi para a Inglaterra e ganhou muito dinheiro. Pierce se levantou e cantou aquela música, que, lembrou Nora, tinha feito grande sucesso naquele ano, e todos ficaram admirados que ele soubesse a letra inteira. Pierce cantou devagar, como Tim cantava agora, e apesar

de não ser o tipo de música de que Maurice gostava, Nora adorou, adorou o jeito lento e triste dela e o modo engenhoso como as palavras tinham sido escolhidas para rimar. Mais do que tudo, adorou ter Maurice a seu lado, adorou terem saído juntos para ir a um casamento, de roupas novas, e adorou que todos na festa soubessem que ela era casada com ele.

Quando a música terminou, a multidão no bar aplaudiu Tim. Só Phyllis não se mostrou impressionada e olhou para Nora levantando os olhos para o teto. Nora notou que ela tinha na mão um copo cheio de conhaque com soda e que alguém havia deixado mais um copo de vodca com soda limonada para ela própria. Nora ouviu Philomena Hegarty afinando o violão no canto do bar.

No meio de todo aquele barulho e confusão, Nora sentiu uma vontade aguda de estar em qualquer outro lugar que não ali. Embora muitas vezes, quando estava em casa, temesse o cair da noite, ao menos naquelas ocasiões estava sozinha e podia controlar o que fazia. O silêncio e a solidão eram um alívio estranho; ela então se perguntava se as coisas estariam melhorando em casa sem ela perceber. Desde menina, Nora nunca estivera sozinha no meio de uma multidão como aquela. Maurice sempre decidia quando ir embora ou quanto tempo ficar, mas eles tinham um modo de consultar um ao outro. Era algo em que Nora nunca pensava; de fato, muitas vezes ela se irritava com a mudança de humor de Maurice, num minuto ansioso para ir para casa e logo depois muito animado, facilmente envolvido pelas pessoas que o cercavam, enquanto ela ficava esperando, com toda paciência, a noite terminar.

Então, ficar sozinha era assim, pensou Nora. Não era a solidão que ela vinha enfrentando nem os momentos em que sentia a morte de Maurice como um choque em seu organismo, como se estivesse num carro que sofreu um acidente; era, sim, aquele movimento à deriva num mar de pessoas com a âncora levantada, tudo parecendo estranhamente sem propósito e desconcertante. Então soou outro pedido de silêncio no bar, o violão começou, tateante, outra melodia e Tim Hegarty se pôs a cantar "Love Me Tender". Pela maneira como se entregava à melancolia e à

nostalgia da canção, Nora teve a impressão de que estava zombando dela, olhando para seu rosto e rindo, mas logo a música falou mais alto, ele suavizava e reforçava a voz conforme a melodia exigia, e também permitia que o violão fizesse sua parte, deixando intervalos para que seu som fosse ouvido plenamente. Quando a música terminou, Nora aplaudiu junto com os demais e ouviu com todos, surpreendida, quando os Hegarty, parecendo ignorar os aplausos, passaram direto para uma canção muito mais acelerada. Tim Hegarty imitou o sotaque americano de Elvis Presley:

*A very old friend came by today
'Cause he was telling everyone in town
About the love that he just found
And Marie's the name of his latest flame.*

Houve urros de alegria e assovios da multidão, quando Philomena vibrou as cordas do violão com mais energia e Tim cantou. Nora inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos, desfrutando a volúpia da melodia, de seu som premente, e recordou o verão em que aquela canção foi lançada, ou talvez o verão seguinte, quando a música chegou a Cush e alguém trouxe um toca-discos, colocou sobre uma mesa na frente do ônibus de Treacys, que, cimentado ao chão, tinha sido adaptado para servir de quiosque no parque. Usaram uma extensão comprida de uma casa próxima que tinha luz elétrica.

Nora lembrou que voltava da casa dos Kavanagh pela rua, em sua caminhada noturna com Maurice, quando encontrou todas as crianças paradas numa roda e os adolescentes dançando ao som da música de Elvis. Viu alguns dos meninos lá, tímidos, e Fiona talvez dançando, Patricia Treacy, Eddie Breen e alguns dos Murphy, Carrolls e Mangan. Aquilo tinha acontecido havia menos de dez anos, talvez fizesse uns seis ou sete anos, e se alguém lhe tivesse dito na época que ela estaria ali agora ouvindo aquela música e

todas as coisas que aconteceriam de lá para cá, Nora não teria acreditado.

Tom Darcy se aproximou quando a música terminou. Segurava Phyllis pela mão e o rosto dela estava ruborizado.

“Ele diz que você canta”, comentou Phyllis.

“Claro que ela canta. Foi no tempo em que a gente se conheceu, ela estava na casa dos Gallagher e havia muitas festas lá.”

“Depois disso nunca mais cantei”, disse Nora.

“Ora, vamos lá”, insistiu Phyllis. “Que música você sabe?”

“Minha mãe era cantora”, contou Nora, como se estivesse falando com pessoas que tivessem conhecido sua mãe.

“Nora é uma ótima cantora”, disse Tom Darcy. “Ou era naquela época.”

“Que música você conhece?”, perguntou Phyllis de novo.

Nora refletiu um momento.

“A cantiga de ninar de Brahms, acho que essa eu sei.”

“Em alemão?”

“Eu também sabia alemão naquela época, mas sei cantar em inglês.”

Phyllis colocou seu copo no balcão do bar.

“Agora a gente tem de fazer isso direito. Vou escrever a última estrofe em alemão e nós duas podemos cantar juntas. Vou cantar a primeira em alemão, você canta a primeira em inglês e cantamos a última estrofe em alemão e depois em inglês, juntas.”

Phyllis, ela percebeu, estava entusiasmada.

“Não seria melhor de um jeito mais simples?”, perguntou Nora. “Faz anos que eu não canto. A última vez que cantei foi logo depois do meu casamento.”

“Vamos, me deem uma folha de papel para eu escrever os versos em alemão. São muito fáceis mesmo.”

No outro lado do pub, um homem estava cantando “Boovalogue”*** com voz vacilante. Phyllis escrevia furiosamente, com letras bem grandes, mandando Nora olhar cada palavra, enquanto cantarolava baixinho a melodia e tomava pequenos goles de conhaque.

Quando o homem acabou de cantar todos os versos de "Boo-lavogue", Nora percebeu uma agitação no bar. A cantoria havia proporcionado cor e animação, mas agora as pessoas queriam voltar a beber sossegadas e bater papo. Havia também, ela sabia, certa desconfiança do exibicionismo, a sensação de que alguém que se expunha cantando em público talvez devesse ser objeto de zombaria ou, educadamente, ser ridicularizado mais tarde.

Phyllis, porém, estava determinada. Ela já tinha a letra anotada em alemão e estava pronta para ir até o centro do bar, onde ela e Nora poderiam ser vistas por todos. Nora sabia que havia gente no bar que iria reconhecê-la e não ia entender por que ela estava cantando num pub quando Maurice tinha morrido não fazia nem um ano.

Tom bateu palmas, pedindo silêncio, e, enquanto Phyllis e Nora o olhavam, esperando ser apresentadas, Tom encolheu os ombros e voltou depressa ao seu lugar, deixando-as sozinhas, com todo mundo olhando para elas.

Quando Phyllis, em voz bem alta, anunciou que ela e a sra. Webster iam cantar um dueto, houve risos. Isso fez Phyllis jogar os ombros para trás e mostrar-se ainda mais combativa do que durante o teste de conhecimentos. Nora ficou feliz por Phyllis começar sozinha, pois ela não tinha a menor ideia de como projetar a voz. Quando Phyllis começou num alemão claudicante, ficou claro para Nora que a voz dela tinha sido exercitada ou demais ou muito pouco. Percebeu os rostos implacáveis em volta. Qualquer exibição os deixava incomodados, mesmo um carro novo, uma nova colheitadeira ou a primeira calça que uma mulher usava. Porém cantar mal, e ainda mais com voz esganiçada numa língua estrangeira, era algo que nunca mais seria esquecido. Iria se tornar motivo de comentários por vários anos. Se Phyllis já não tivesse deixado sua marca em Blackwater durante as perguntas do teste de conhecimentos, sem dúvida deixaria agora.

Nora se concentrou o mais que pôde. Estava ciente de que havia pessoas no pub que conheciam a melodia, ou pelo menos que já a tinham ouvido, portanto achou que devia dar à música um aspecto comum, quando continuou a melodia no lugar de Phyllis e cantou a

estrofe em inglês. Achou que devia baixar a voz, não deixar que saísse nenhum som de soprano, ainda que cantasse alto o bastante para que a ouvissem.

Quando a plateia viu que Phyllis ia ceder a vez para ela, como se aquilo fosse uma espécie de apresentação ensaiada, Nora notou alguns homens mais velhos ficarem confusos e embaraçados. Não era atrás daquilo que estavam quando saíram naquela noite. Mas um grupo a um canto, onde havia algumas mulheres, pareceu achar hilariante.

“*Lullaby and goodnight*”, começou ela, surpresa consigo mesma ao ver como a voz saiu alta. Deu uma olhada para o grupo no canto; estavam se cutucando e rindo dela. Ao prosseguir, Nora tentou suavizar a voz para que a melodia ficasse mais parecida com uma cantiga de ninar, uma música que se pode cantar a uma criança. Nora sabia que, se não conseguisse conquistar a simpatia daquele grupo no fim daquele verso, eles não iriam mais se controlar quando ela e Phyllis cantassem juntas em alemão. Ao chegar ao último verso, Nora manteve os olhos voltados para eles, só para eles, mas dois ou três ainda riam.

Na estrofe seguinte, deixou Phyllis tomar a frente e a acompanhou, de início cantando com ela e depois tentando, discretamente, ficar abaixo dela, mas desistiu, quando atacaram juntas uma nota desastrosa, as duas vozes desafinadas. Como Phyllis olhou para ela quase com medo, Nora deixou Phyllis cantar sozinha o último verso, sem se atrever sequer a olhar para o canto do bar. Manteve os olhos voltados para o chão, rezando para aquilo terminar logo.

Ela conhecia muito bem a última estrofe em inglês; quando viu Phyllis diminuir o andamento, deixando a voz baixar, Nora se sentiu mais confiante, se aproximou e tentou, nos últimos dois versos, fundir sua voz com a de Phyllis, ainda se mantendo abaixo, mas deixando a voz se soltar e soar mais alta, como Phyllis fazia. Nora não se atreveu a olhar para o canto, mas viu que os que estavam na sua frente escutavam com atenção, enquanto a música terminava.

Os aplausos brotaram mais por causa de uma sensação de alívio que de prazer, e Nora jurou nunca mais fazer aquilo na vida. Olhou fixo para o grupo no canto, onde um deles imitava uma voz de soprano desvairadamente desafinada, para a alegria dos demais.

Quando o bar se preparava para baixar as portas e os últimos pedidos foram feitos, Phyllis fez questão de pagar uma bebida para Tom Darcy e alguns amigos, e também para Nora. Tom tentou impedir que Phyllis pagasse, chegou a tomar o dinheiro de sua mão, mas no fim a vontade de Phyllis prevaleceu. Nora observou-a sorver de um trago seu copo de conhaque com soda que estava no balcão, enquanto aguardava que outro fosse servido. Nora se perguntou se seria seguro Phyllis voltar para casa dirigindo. Pelo jeito dela, Nora percebeu que, se houvesse uma chance, ela estava pronta para cantar mais uma música, e achou que seria de grande utilidade, nos próximos minutos, ela fazer tudo que estava a seu alcance para impedir isso.

No carro, depois que, afinal, elas se despediram de todos, Nora se deu conta de que Phyllis se encontrava tão embriagada que, em comparação, ela mesma parecia praticamente sóbria. Phyllis se concentrou bastante para manobrar o carro e dar marcha a ré e parecia dirigir com competência, até Nora perceber que ela não havia acendido os faróis. Uma vez avisada, Phyllis pareceu incapaz de se lembrar onde ficava o botão dos faróis. Acabou se lembrando, e Nora achou que, se conseguisse prender a atenção de Phyllis numa conversa durante o trajeto até a cidade, Phyllis teria mais facilidade para se concentrar também na estrada à frente, sem deixar a cabeça se dispersar nem ela própria adormecer.

Quando chegaram ao entroncamento em Castle Ellis, Phyllis tinha dito várias vezes como gostava de Tom Darcy e como ele era um cavalheiro, como tinha gostado do pub Etchingam's e como, depois do teste de conhecimentos em Monageer, ela e Nancy não haviam sido recebidas com nenhuma hospitalidade. Achava que, quando a temporada dos testes de conhecimento terminasse, Dick, seu marido, podia ir a Etchingam's num sábado à noite, e que seria

ótimo se Nora também fosse com eles. Quando Phyllis disse isso pela terceira vez, Nora percebeu que ela ia cruzar a estrada principal de Gorey para Wexford sem olhar se vinha alguém do outro lado. Pensou o que poderia dizer para Phyllis se concentrar mais na estrada, se haveria algum assunto capaz de obrigá-la a reduzir a velocidade e dirigir com cuidado.

Quando estavam em segurança na estrada estreita que ia de Castle Ellis para Finchogue, passando por The Ballagh, Nora recomeçou a cantar a cantiga de ninar de Brahms. Deixou a voz ainda mais grave, de modo que, quando Phyllis entrou, as duas vozes estavam em harmonia, mas ela fazendo a primeira voz. Elas cantaram os dois versos em inglês.

“Você é quase um contralto”, disse Phyllis.

“Não, eu sou soprano”, rebateu Nora.

“Não, não, agora você é mezzo, mas está na fronteira do contralto. Sua voz é muito mais grave do que a minha.”

“Sempre fui soprano. Minha mãe era soprano.”

“Pode acontecer. A voz da gente às vezes fica mais grave.”

“Faz anos que eu não canto.”

“Bem, estava acontecendo enquanto você ficou em silêncio, e com um pouco de exercício sua voz podia ficar muito boa, bem incomum.”

“Não sei.”

“Às vezes eles fazem testes para cantores no coral de Wexford. É um coral maravilhoso. A gente costuma cantar uma missa.”

“Não sei se vou ter tempo.”

“Vou falar com eles sobre você, e aí vamos ver. Quem sabe você não entra para a Sociedade do Gramofone? A gente se reúne toda terça-feira em Murphy Flood’s. Cada uma de nós escolhe os discos.”

Nora não quis dizer a ela que não tinha nenhum disco em casa e que o antigo toca-discos só era usado pelos filhos para tocar músicas pop. Phyllis recomeçou a cantar a cantiga de ninar, dessa vez mais lentamente e deixando espaço para Nora entrar abaixo de sua voz, depois sustentando a última nota de cada verso, o máximo que Nora conseguia.

As duas cantaram até chegarem a Enniscorthy, e, mesmo enquanto atravessavam a cidade, Phyllis continuou murmurando a melodia. De certo modo, cantar havia revigorado seu ânimo, a acalmara e a mantivera concentrada na estrada, de modo que, enquanto percorria as ruas estreitas, Phyllis dirigia e se comportava como a imitação perfeita de uma mulher sóbria levando uma amiga para casa. Quando saiu do carro na porta de casa, Nora agradeceu a Phyllis e disse que ela também esperava que as duas se encontrassem de novo em breve.

* Associação Atléctica Gaélica. (N. T.)

** Esporte irlandês semelhante ao hóquei. (N. T.)

*** Canção irlandesa composta em 1898, para celebrar a Rebelião Irlandesa de 1778. (N. T.)

13.

Na primeira manhã no trailer que ela havia alugado para eles passarem duas semanas em Curracloe, Nora teve de acordar Donal e Conor e avisá-los de que tinham meia hora para sair de suas camas, para que ela pudesse dobrá-las e armar a mesa entre os bancos. Na outra ponta do pequeno trailer, onde ela, Fiona e Aine dormiam, Nora arrumou as coisas para o café da manhã e depois foi à padaria comprar pão, leite e o jornal matutino. Quando voltou, os meninos continuavam cochilando. Por mais que ela falasse, eles não levantavam, até que disse que ia puxar o cobertor e pôr a mesa em cima deles, deitados. Mesmo assim os dois se moveram com relutância. Em poucos minutos, porém, Conor já estava alegre, embora Donal não tivesse falado enquanto todos tomavam o café da manhã; ele achou o jornal e ficou lendo a última notícia sobre a viagem à Lua e os astronautas com uma atenção feroz, comendo sem sequer olhar para a comida.

Em seguida, deitou-se nas almofadas e ficou olhando para o teto. Depois de algum tempo, pegou sua câmera e apontou-a para os objetos. Fazia o foco com cuidado e estreitava as pálpebras, enquadrando a imagem com atenção, muitas vezes escolhendo um objeto ínfimo, minúsculo. Parecia estar pensando, mas Nora se

perguntou também se ele não estaria apenas tentando incomodá-la.

Ela sabia que duas coisas preocupavam Donal. Primeiro, ele se perguntava quando todos iriam à praia, para que ele pudesse ficar sozinho no trailer; prestava atenção para ver se eles iam levar uma cesta de piquenique, o que significaria que passariam o dia fora. Quando Nora propôs que Donal fosse junto, ele encolheu os ombros e disse que talvez fosse mais tarde. Nora sabia que Donal ia passar a manhã concentrado em suas revistas de fotografia, que chegavam todo mês, assinadas por tia Margaret ou compradas por ele mesmo com os trocados que economizava; as revistas animavam Donal pelo menos por algumas horas, depois disso ele voltava a estudar o grande manual de fotografia que Una lhe dera.

Além disso, ficava olhando as horas, porque a cobertura da viagem à Lua passava todo dia na televisão em um horário diferente. Assim que chegaram lá, Donal foi à sala de televisão do Strand Hotel. Imediatamente, começou a tirar fotos do televisor, usando as lentes grande-angulares que havia ganho de Nora no Natal, e fotos de exposição prolongada, que ela não entendia muito bem. Sabia como Donal estava profundamente envolvido naquilo e como logo se irritava com qualquer pergunta sobre seus objetivos.

Nora tinha visto o filho explicar aquilo com muita ansiedade e entusiasmo, quando Una e Seamus passaram em sua casa naquela primeira noite, e como sua gagueira ficou ainda pior. E Nora notou a perplexidade dos dois.

Era difícil para Donal aceitar que a maioria das pessoas levasse câmeras nas férias para tirar fotografias na praia. Em casa, debaixo da cama, havia uma caixa cheia de fotos em preto e branco, de férias do passado, de campos atrás dos penhascos, em Cush, e também da praia, todas guardadas em pequenas bolsas com divisões internas, as fotos de um lado, os negativos de outro. Quando Seamus perguntou a Donal por que ele não podia simplesmente tirar instantâneos deles se divertindo, Donal quase recuou de susto diante da palavra "instantâneo", e no início gaguejou terrivelmente tentando explicar mais uma vez que ele só estava interessado no televisor do hotel e nas imagens do espaço

que poderiam aparecer na tela. Depois falou muito depressa ao explicar como enquadrava cada fotografia para capturar a superfície da tela do televisor e, dentro dela, as imagens do espaço, e que iria desenvolver um método especial para revelar aquelas fotografias na câmara escura da casa de tia Margaret, quando voltassem.

“Mesmo assim, não seria melhor”, perguntou Seamus, “tirar fotografias de pessoas?”

Donal encolheu os ombros, num misto de tédio e franco desprezo.

“Donal!”, exclamou Nora.

“Eu”, começou Donal, mas sua gagueira não o deixou avançar muito mais. Todos ficaram em silêncio, enquanto ele tentava. Então Donal ergueu a cabeça e se mostrou corajoso e decidido.

“Não tiro mais fotos de pessoas”, disse, calmo.

Na manhã seguinte, uma névoa pairava acima de tudo. Eles encontraram um lugar nas dunas de areia onde puderam estender duas toalhas e se deitar sob o sol pálido. Nora fez Donal ir junto, para que ele ajudasse a carregar a cesta de piquenique e também para que soubesse onde eles estavam, se precisasse encontrá-los.

“A água está linda”, comentou ela. “Pelo menos ontem estava.”

“Não dá para enxergar n-n-nada”, disse Donal. “É assim o d-d-dia todo? Quero f-f-fotografar isso.”

“A névoa vai desaparecer daqui a uma ou duas horas.”

Ele voltou ao trailer para pegar sua câmera. Brincaram com Donal, quando voltou, Fiona e Aine dizendo que Donal só podia fotografá-las depois que elas estivessem bem bronzeadas. Sem dizer nada, Donal se afastou em direção ao mar.

“Ele não vai conseguir nada com essa luz”, comentou Aine. “Está na cara que não dá para ver nada.”

“É isso mesmo que ele quer”, disse Fiona. “Não viu as fotografias que ele revelou? As grandes? São quase apagadas.”

“Onde elas estão?”, perguntou Nora.

“Ele guarda numa espécie de pasta.”

“Ele não me mostrou.”

“Ele não mostrou a ninguém”, disse Fiona. “É que outro dia elas caíram no chão e comecei a ajudar Donal a pegá-las. Ele quase me

atacou. Acho que ainda está aprendendo a revelar as fotografias, mas diz que é de propósito.”

Nora observou Donal caminhando pela praia em direção ao mar. Sorriu quando o viu tirar o pulôver e amarrá-lo na cintura, enquanto segurava a câmera, como um objeto precioso. Quando avançou para a água, ela não conseguiu mais ver Donal com clareza.

O mar estava mais bravo do que ela se lembrava de já ter visto. Nora se perguntou se, por ser mais resguardada pelas pedras, na praia de Cush as ondas quebravam mais mansas. Além disso, a faixa de praia em Cush era mais curta, e havia pedras na beira do mar. Já ali havia dunas de areia, a praia era comprida, sem pedras, o mar era aberto, não havia penhascos de argila e calcário. Nora olhou para o norte, na direção de Keatings’, mas não conseguiu ver nada e ficou feliz com isso, e também porque não era possível avistar Cush, por melhor que estivesse a visibilidade. O provável, pensou, é que numa manhã como aquela não houvesse ninguém em Cush, as pessoas não se aventurariam a descer pelo penhasco antes que a neblina tivesse se dissipado.

As moças tinham vestido seus trajes de banho e, lentamente, Nora fez o mesmo.

“Você não trouxe um livro?”, perguntou a Conor.

“Estou cheio de ler.”

“Não vá pensando que você vai ficar o dia todo sentado aí, olhando para a cara da gente”, disse Fiona.

“E escutando a nossa conversa”, acrescentou Aine.

“Todas as histórias dos seus namorados?”, perguntou Conor. “Mãe, você devia ter ouvido o que elas falaram ontem de noite, só falaram de Adamstown e White’s Barn.”

“Detesto Adamstown”, disse Aine.

“A Fiona gosta”, disse Conor.

“Cale a boca, Conor”, disse Fiona.

“Conor, se um dia desses chover, a gente pode ir a Wexford e arranjar uns livros para você”, disse Nora.

“Ele tem a raquete de tênis”, lembrou Fiona.

“Deixem o Conor em paz”, retrucou Nora.

Fiona desceu até a beira da praia, para experimentar a água.

“As ondas estão muito altas”, disse, quando voltou. “E estão quebrando tão perto que a gente não consegue não se molhar.”

Quando conseguiram convencer Conor a ficar de sunga, os quatro desceram até a beira do mar. De repente, ao longe, soou uma buzina de nevoeiro.

“Deve ser em Rosslare”, comentou Nora. “Nunca ouvi tocar tão alto.”

As ondas quebravam com força suficiente para derrubá-los. Deixando Conor aos cuidados das irmãs, Nora tentou furar uma onda e sair do outro lado, mas a onda a embrulhou de tal modo que por um momento ela se viu totalmente sem forças na água. Conseguiu escapar antes que a próxima onda quebrasse e em seguida nadou de novo para a frente, onde as águas estavam quase calmas, encontrando um banco de areia. Ficou de pé ali e acenou para os outros, mas eles estavam ocupados demais esperando que a onda seguinte quebrasse, Conor correndo para a beira da praia, gritando para as irmãs, rindo.

Teriam mais doze dias, pensou Nora. Se o tempo continuasse assim, as filhas talvez até esquecessem que ela havia prometido levá-las de carro à cidade e deixá-las em casa ao primeiro sinal de tédio ou de mau tempo. Pouco antes de comprarem a casa em Cush, antes de Donal e Conor nascerem, eles haviam alugado o chalé de Kerr, depois do rio, em Keatings'. Choveu todos os dias. Choveu tanto que ela acabou ficando sem roupa seca para Fiona e Aine. No chalé não havia luz elétrica nem calefação, só duas bocas de fogão a gás para cozinhar. Durante um dia, talvez mais, ninguém pôde sair. Nora havia ensinado às filhas alguns jogos de baralho, e todos tinham jogado palavras cruzadas de tabuleiro, mas quando elas se cansaram dos jogos não havia mais nada para fazer. Não podiam voltar para casa, porque eram as únicas férias que iam ter. Como agora aquele tempo parecia distante e estranho, todos eles confinados num chalé de dois quartos, com a umidade gotejando e roupas espalhadas por todo lado, para secar.

Conor tinha se animado com a água. Nora observou-o pegar impulso numa onda e ser levado para a beira da praia. Por um segundo, pareceu que ele ia chorar quando se levantou e ficou

parado ali, em choque, mas então Nora viu Conor sorrir e avisar as irmãs que uma onda ainda maior estava vindo. Conor avançou e ficou no meio das duas, segurando suas mãos, quando a onda quebrou. Nora os observava do banco de areia, percebendo que a buzina de nevoeiro de Rosslare tocava com mais força. Ela sentia o frio da neblina no ar e a força do sol diminuir. Se começasse a chover e se a chuva não passasse, eles iriam voltar para casa e Nora teria de esquecer o dinheiro do aluguel do trailer.

Nos dias seguintes, porém, o tempo não mudou muito. Às vezes, de manhã, o sol ardia através da neblina mais rapidamente; outras vezes, o dia se firmava numa espécie de ar cinzento e sem ventos. O tempo estava sempre ameno o bastante para ficarem na praia, e eles iam sempre ao mesmo lugar, às dunas que encontraram no primeiro dia. Por vezes, Donal ia com eles e andava pela praia com sua câmera. Mas todos os esforços da mãe e dos irmãos para convencê-lo a entrar na água fracassaram.

Todos os dias, ele ia à sala de televisão do Strand Hotel. Sempre havia algumas pessoas, contou, vendo as notícias dos astronautas que se aproximavam da Lua. Às vezes, levavam os filhos também, crianças que queriam falar e gritar, então não dava para ouvir os comentários de Kevin O'Kelly. Donal gostaria que houvesse outro lugar para ele assistir televisão sem interrupções; um homem de Dublin ficava o tempo todo lhe dando conselhos sobre como focalizar a câmera e como tirar fotos melhores.

"Nada é perfeito", Nora disse a ele. "O mundo é feito de pessoas assim. Agradeça a ele, sorria e o ignore."

Fiona já havia feito entrevistas e conseguira um emprego numa escola na cidade, sob a condição de que fosse aprovada nas provas finais. Quando telefonou para a Escola de Formação de Professores numa cabine telefônica do povoado, Fiona recebeu a informação de que tinha sido aprovada e que agora era professora formada. Combinou com uma amiga para ir buscá-la e pediu dinheiro emprestado a Nora, prometendo devolvê-lo quando recebesse o primeiro pagamento. Embora dissesse que ia voltar para ficar com eles no trailer até o fim das férias, Nora não achava que ela voltasse.

Agora estava sozinha com os três. Com seu cartão da biblioteca e os cartões de seus dois irmãos, Aine tinha pego uma pilha de livros sobre história e política, o tipo de livro que interessaria a Maurice. Certo dia, comprou uma cadeira dobrável barata na loja do povoado e começou a levar a cadeira e os livros para a praia. Aine ia nadar com Nora e Conor e se mostrava gentil, porém, depois que a irmã foi embora, passou a ficar estranhamente distante. Quando não estava lendo, mantinha-se calada a maior parte do tempo, e Nora achava que Aine não queria que interrompessem seus pensamentos. Quando passaram pela quadra de tênis, Nora perguntou a Aine se ela não gostaria de entrar para ver um jogo, pois lá havia rapazes e moças da idade dela, mas Aine não se mostrou interessada.

Uma noite, Donal recebeu permissão especial para ficar até tarde no hotel, pois possivelmente a caminhada na Lua teria início, e ele queria ter certeza de que não ia perdê-la. Já havia usado quatro rolos de filmes fotográficos, os quais guardava numa bolsa especial, e Nora sabia que ele passaria o resto do verão revelando os filmes na câmara escura. Ficou combinado que Nora iria pegá-lo às duas da manhã. Embora o estacionamento do trailer ficasse perto do hotel, Nora não queria que ele voltasse sozinho tão tarde.

Nora levou algum tempo esperando na porta do hotel, tocando a campainha a intervalos para chamar o porteiro da noite, que veio atender com o gerente. Quando abriram a porta, olharam-na com ar desconfiado; o gerente perguntou o que ela queria, Nora explicou delicadamente que tinha vindo buscar o filho, que estava na sala de televisão vendo o pouso na Lua. O porteiro ficou com ela no saguão, enquanto seu colega foi buscar Donal. O gerente e o porteiro pareciam hostis e Nora supôs que fosse porque havia perturbado o sono deles.

No dia seguinte, quando os três estavam instalados no lugar de costume na praia, Nora foi para o mar e deixou Aine lendo e Conor espiando as páginas de uma revista em quadrinhos que ele havia comprado com o dinheiro que tio Jim lhe dera. As ondas continuavam altas. Quando Conor estava com ela, Nora precisava tomar conta dele e não relaxava nadando sozinha em águas mais

fundas. Agora, pôde nadar para além das ondas, onde a água era mais calma e ela podia boiar, olhar para o céu e exercitar o nado de costas, que aprendera anos antes, sem nunca tê-lo aprimorado.

Nora não estava prestando atenção em nada, mas quando virou o corpo para passar para o nado de costas, viu Aine na beira da água acenando para ela. Onde estava Conor?, pensou Nora. Para onde Conor tinha ido? Nora começou a nadar em direção a Aine, que estava nitidamente aflita. Como havia outras pessoas na praia, Nora não conseguia entender por que Aine não chamava os outros para ajudar.

Nora chegou nadando, tossindo.

“É o Donal”, disse Aine. “Não sei o que é que ele tem.”

“Ele sofreu algum acidente?”

“Não, mas aconteceu alguma coisa no hotel.”

Aine explicou que tinham dito a Donal, no hotel, que como ele não era hóspede não podia usar a sala de televisão.

“Mas é só esse o problema?”

“É melhor você ver como ele está.”

“Pensei que alguém tinha se afogado.”

“Ele está meio histérico, ou estava, quando o deixei.”

Donal estava sentado numa toalha de praia, longe de Conor, que olhou para a mãe ressabiado quando ela chegou. Donal estava se balançando para a frente e para trás, as mãos juntas em volta dos joelhos, a câmera numa tira pendurada no pescoço.

“O que aconteceu?”

“O g-g-gerente que estava lá na n-n-noite passada estava esp-p-perando por mim hoje. Disse que a s-s-sala era só para os hóspedes e não para g-g-gente dos trailers. Até a n-n-noite passada ele p-p-pensava que eu era ho-ho-hóspede.”

“Você já não tem fotografias suficientes?”, perguntou Nora.

“Vou-p-p-perder o p-p-pouso”, disse Donal, começando a soluçar. “Todas as fotografias que t-t-tirei são só o c-c-caminho para lá.”

“Donal, você não pode ter tudo”, disse ela.

“Não quero ter tudo”, retrucou Donal.

Nora pegou uma toalha e começou a se enxugar. Se Maurice estivesse vivo, pensou, Donal não teria se tornado tão obcecado

pela sua câmara fotográfica. Sem dúvida, Donal não teria uma câmara escura à sua disposição. Nora tentou lembrar como ele era antes de tudo aquilo acontecer. Então lembrou como Donal era ligado a Maurice, como ia passar do primário para o secundário e começaria a frequentar as aulas de Maurice, sentar no fundo da sala e esperar pelo pai, ou desenhar no quadro-negro, se tivesse permissão. Ele sabia de cor o horário das aulas de Maurice, que dias ele terminava mais cedo e em que dias dava aula para os alunos que iam fazer a prova de conclusão do secundário, e por isso não podia ser perturbado.

Nora suspirou quando tirou o traje de banho molhado e trocou de roupa. Suas irmãs lhe diriam para não fazer isso, e provavelmente Josie também, e sua mãe lhe diria palavras duras, se estivesse viva. Mas, a despeito de todas elas, Nora tinha certeza de que era o correto. Fiona, pensou, estava em casa. Portanto, Nora podia levar Donal de carro à cidade e deixá-lo aos cuidados de Fiona. Ele quase não ia dar trabalho, porque as únicas coisas que o interessavam agora eram a televisão e a câmara escura. Nora sabia que Fiona ficaria aborrecida, que ela queria a casa só para ela, e convidar as amigas. Mas Nora sentiu que não tinha escolha. Primeiro, iria ao povoado telefonar para Margaret, no trabalho; sabia que ela adoraria preparar o chá de Donal no fim da tarde e ver, na televisão, o pouso na Lua com ele. Mas Donal não poderia dormir na casa de Margaret; não havia lugar para ele. Tinha de dormir na própria cama. Nora faria Donal prometer que não ia fazer bagunça nem amolar os outros. Pensou em telefonar para Tom O'Connor, seu vizinho, e pedir que avisasse Fiona de que eles estavam indo, mas resolveu que o melhor era apenas levar Donal para casa e deixá-lo lá. Torcia para que não fosse uma surpresa grande demais para Fiona, mas ela que reclamasse o quanto quisesse, pensou Nora. Seria só até terminar a transmissão do pouso na Lua pela televisão.

No carro, Nora olhou com ar severo para Donal, que apontava sua câmara para o para-brisa.

“Donal, guarde a câmera no estojo. Estou tentando dirigir, e a última coisa de que preciso é você apontando essa câmera para as coisas.”

“Posso s-s-sentar lá atrás.”

“Fique onde está e não me perturbe”, disse ela.

Assim que enfiou a chave na porta de casa, Nora sentiu o cheiro azedo de álcool. Olhou na saleta, mas não havia sinal de bagunça. Na sala de estar, teve de acender a luz, pois as cortinas estavam fechadas. Era evidente que tinha havido uma festa. Não importava o que ela fizesse agora, seria só uma encenação. Achou que Fiona estava lá em cima, na certa dormindo. Nora poderia acordá-la, indignada, e obrigá-la a se levantar para que conversassem e ela esclarecesse quem tinha estado na casa na noite anterior e até que horas havia ficado lá. Ou podia começar a limpar a sujeira naquele instante, para deixar Fiona ainda mais envergonhada quando, afinal, aparecesse. Ao examinar a sala com mais atenção, seguiu a direção dos olhos do apavorado Donal. Havia um cinzeiro cheio até a borda, ao lado de uma garrafa vazia de vodca. Nora abriu as cortinas e a janela e, enquanto fazia isso, ouviu barulho no quarto lá em cima, o quarto em que Fiona e Aine dormiam. Rapidamente, Nora decidiu ir embora e fingir que não tinha visto aquilo.

“Fiona vai arrumar tudo isso”, disse, “portanto é melhor você pegar uma cadeira e ligar a televisão antes que os homens acabem indo para outro planeta. Vou deixar dinheiro para a comida, mas você pode ir para a casa da tia Margaret para tomar o seu chá hoje, e sua tia Una também vai dar um pulo aqui.”

“E a F-F-Fiona?”, perguntou ele.

“Conte a ela o que aconteceu no hotel e explique por que precisa da televisão. E diga que voltei para Curracloe e que, se alguém quiser falar comigo, sabe onde me encontrar.”

“Mas como vamos entrar em c-c-contato?”

“Não sei. Peça aos seus homens do espaço que eles ajudem a mandar uma mensagem.”

Ouviram outro barulho no quarto. Fiona tinha saído da cama.

“O que vou dizer para F-F-Fiona sobre isto?”

Ele apontou para a bagunça na sala.

“Diga que esta casa já teve... Não, apenas diga a ela para providenciar comida suficiente para você, e não se meta na vida dela.”

Donal olhou para Nora, perplexo. Então assentiu com a cabeça e sorriu. Quando ouviram a porta abrindo no andar de cima, Nora colocou o dedo sobre os lábios e lhe entregou uma chave de casa.

“Tem certeza de que quer ficar aqui?”, sussurrou.

“Tenho”, respondeu Donal.

Nora chegou bem perto e revirou o cabelo de Donal com carinho, enquanto ele se encolhia, sorrindo.

“Se mudar de ideia...”

“N-n-não vou mudar”, ele sussurrou, e Nora se esgueirou para fora em silêncio e fechou a porta sem fazer barulho.

Nos dias seguintes, no trailer, os três ficaram sossegados. Conor começou a ir à quadra de tênis e fez amizade com dois meninos da cidade de Wexford, que estavam de férias numa das casas de teto de palha perto de Culleton’s Gap. À noite, Nora ia buscar Conor a pé. De manhã, o ar dentro do trailer era quente e sufocante. Quando acordava, Nora ia tomar banho no banheiro da área de trailers e depois caminhava até a praia. Em certas manhãs, a neblina era tão espessa que, apesar de ouvir o rumor das ondas como um rugido abafado, Nora só conseguia ver a água quando chegava bem perto do mar.

Nos últimos dias das férias, Nora começou a se sentir culpada por Donal estar sozinho e longe deles. Foi até o povoado e ficou parada junto ao quiosque do telefone, pensando se ligava para Margaret. Colocou moedas na fenda e tinha discado metade do número do telefone de Margaret, quando se deu conta de que não queria ouvir Margaret questionando se ela havia agido com sensatez ao deixar Donal sozinho. Pôs o fone de volta no gancho, apertou a tecla B para recuperar as moedas e usou-as para telefonar para Una, em seu trabalho. Apressada, perguntou se ela podia levar Donal para o trailer no último fim de semana das férias. Quando sentiu a frieza de Una, Nora fingiu que suas moedas estavam acabando e só teve tempo de ouvir Una dizer que levaria Donal a Curracloe no sábado.

Quando Una chegou com Donal, Nora viu que ele ia ter que começar a fazer a barba e tentou lembrar se em algum lugar da casa ainda havia aparelho e escova de barba e creme de barbear. Mas então pensou que, se ainda não havia jogado tudo aquilo fora, era melhor jogar logo, junto com todas as roupas de Maurice que ainda estavam no armário. Assim que chegassem em casa, pensou Nora, compraria produtos de barbear novinhos para Donal.

Nora não ficou surpresa quando Aine anunciou que ia voltar para a cidade com Una. O resultado de suas provas seria divulgado em breve e, se o resultado fosse bom, ela devia se preparar para ir para Dublin, onde cursaria a universidade. Nos últimos dias, ela quase não havia falado e estava mais envolvida do que nunca com os livros, ia para a praia em horários diferentes de Nora e nadava sozinha, quando as coisas estavam mais tranquilas, às seis ou sete horas da tarde. Muitas vezes armava sua cadeira de praia numa sombra, ao lado do trailer, e não prestava atenção em ninguém.

Nora sorriu quando Una contou que Fiona andava muito serena e ajuizada, e que Nora tinha muita sorte de poder confiar nela e deixá-la sozinha em casa. Expressou surpresa por Nora ter deixado Donal aos cuidados da irmã e disse que a gagueira dele parecia pior do que nunca; ela não sabia como Donal ia lidar com aquilo.

No último dia, Nora arrumou algumas coisas no carro de manhã e deixou os meninos dormindo. Ao caminhar para a praia, sentiu o vento que a havia acordado durante a noite. A neblina tinha ido embora de todo. Nuvens corriam pelo céu, barrando o sol, e depois o sol apareceria de novo com seu calor enfraquecido. Nora nadou para o fundo, enfrentando as águas frias da manhã, e descobriu que o banco de areia, que ficara ali todos os dias em que as ondas estiveram altas, tinha desaparecido, dissolvido pela força da maré. Nora encontrou uma profundidade que lhe agradou e começou a nadar com braçadas largas, que lhe deram velocidade e depois a cansaram. Quando sentiu os braços doloridos demais, Nora virou de costas e flutuou, de olhos fechados, tentando esvaziar a mente. Nadar várias vezes por dia a deixara mais forte. Ela ia voltar mais tarde, antes de devolver as chaves do trailer. Conor também viria nadar pela última vez, pensou Nora, e deixariam Donal fazer o que

bem entendesse, ficar no trailer, se quisesse, apontando a câmera para a parede.

Fiona nunca falou da festa que havia dado em casa e Nora também não tocou no assunto. Ela já tivera problemas de sobra com a própria mãe, pensou, para agora criar problemas desnecessários também para as filhas. Quando saíram os resultados do exame de conclusão do curso secundário de Aine, as notas não podiam ser melhores, e isso significava que Aine iria para o University College de Dublin. Nora gostava quando as pessoas que encontrava na rua lhe davam parabéns. Sentia a tentação de dizer que o sucesso das filhas tinha muito pouco a ver com ela, mas achou que as pessoas poderiam entender mal suas palavras.

Na semana de seu regresso ao trabalho, todos andavam muito atarefados na empresa dos Gibney, pois parte dos funcionários estava cuidando dos negócios com os fazendeiros, medindo a umidade no trigo e calculando o valor de cada carregamento. Nora ficou trabalhando algumas tardes, para garantir que tudo que era de sua responsabilidade estivesse em dia e em ordem. À tardinha, quando ainda estava bem claro, ia de carro a Curracloe para nadar e dava carona para quem quisesse ir junto. Conor ficava na quadra de tênis e não queria ir à praia, e Aine e Donal andavam interessados demais nos protestos de Belfast e de Derry e não queriam perder as notícias. Só Fiona ia com ela. Nora soubera do salário da filha, um cheque todo dia 10 e outro todo dia 24 do mês, cujo total alcançava um valor maior do que o salário de Nora na empresa dos Gibney e de sua pensão, somados. Nora precisou tomar cuidado para não deixar transparecer que achava isso estranho; imaginava que ela e Fiona, a certa altura, iriam discutir com que quantia a filha iria contribuir para as despesas da casa.

No segundo dia, quando voltavam de carro para casa, Fiona disse: "Eu queria pedir a você mais um empréstimo. Pago assim que receber meu salário".

"Você está sem dinheiro?", perguntou Nora.

“Eu queria passar uma semana em Londres antes do fim do verão e de eu começar a trabalhar. Uma porção de garotas da Escola de Formação de Professores foi de novo para Londres este ano e eu tenho onde ficar.”

“Londres? Só nas férias?”

“Sim.”

Nora estava quase dizendo que também gostaria de ir a Londres e que nunca tinha estado lá, mas se conteve.

“E de quanto você precisa?”

“Pensei em cem libras. Eu pago para você com o meu salário. As garotas estão dizendo que as lojas de roupas estão bem mais baratas e melhores este ano. E vou precisar de roupas para trabalhar, e depois... bem, eu saio bastante nos fins de semana. Preciso de roupas.”

Nora se perguntou se havia naquilo alguma crítica implícita à maneira como até então Fiona tinha sido provida, mas não disse nada e se concentrou na condução do veículo. Pensou numa porção de coisas para dizer, inclusive que tinha de levantar todas as manhãs para ir trabalhar a fim de sustentar Fiona e que precisava controlar cada centavo que gastava. A ideia de receber o dinheiro de volta quando Fiona tivesse seu salário não lhe interessava. A questão era o dinheiro ser gasto daquela maneira fútil, o dinheiro ser gasto, e pronto.

Nora pretendia conversar com Fiona sobre o dinheiro no fim de semana, mas não sabia o que dizer. No sábado de manhã, deitada na cama, concluiu que seria melhor recusar, caso Fiona retomasse o assunto, mas no correr do dia sua determinação esmoreceu. Tudo que ela queria, pensou, era não ter que discutir aquilo outra vez, ou imaginar Fiona envolvida numa maratona de compras em Londres. De certo modo, a ideia de ter de conversar sobre aquilo ou ouvir argumentos sobre o assunto despertava em Nora uma raiva estranha.

À tarde, o tempo estava frio, com o céu ameaçando chuva. Sentada na frente da janela, lendo jornal, ela percebeu Donal se aproximando da casa com uma caixa grande. Nora havia se condicionado a não fazer perguntas demais a nenhum de seus

filhos. Quando ela era jovem, se chegava em casa com qualquer tipo de embrulho, sua mãe precisava saber o que havia ali dentro ou, se chegava uma carta para ela, a mãe precisava saber de quem era e qual o conteúdo. Nora sempre achou isso irritante, então tentava não se intrometer nos assuntos dos filhos.

Mais tarde, quando deu uma olhada na sala, viu Aine e Donal ajoelhados com uma pilha de fotografias no chão, ao lado da caixa que Nora tinha visto Donal trazer.

“São as fotos que Donal tirou dos protestos em Derry e dos incêndios em Belfast”, disse Aine.

Donal estava tão concentrado examinando seu trabalho que nem ergueu os olhos.

“Mas como foi que ele tirou as fotos?”, perguntou Nora.

“Pela televisão”, respondeu Aine.

As fotografias eram bem grandes. Nora olhou por um instante, depois se ajoelhou para ver mais de perto. Era difícil distinguir o que estava acontecendo nelas, mas Nora viu vestígios de fogo e vultos correndo. Eram turvas, quase borradas.

“Foi aqui que eu fiz a sobreposição”, disse Donal, como se estivesse falando consigo mesmo. Nora notou que ele não tinha gaguejado e ficou tão grata por isso que decidiu tomar muito cuidado para não criticar nada.

“Você devia pôr as datas atrás delas”, disse Aine, “mesmo que sejam de duas datas diferentes.”

“Vou arranjar umas etiquetas na loja Godfrey’s”, disse ele.

Nora saiu da sala na ponta dos pés e foi para a cozinha. Ela se perguntou se Jim ou Margaret tinham visto as fotografias e se tinham considerado o preço do papel fotográfico e todo o tempo que Donal havia despendido na câmara escura que eles haviam construído para ele.

À noite, viram o noticiário das nove horas. Até Conor assistiu, imóvel, e pareceu sombrio quando o jornal mostrou imagens de Derry e Belfast. Nora não tinha visto nenhum noticiário ao longo da semana. Agora, as pessoas em Belfast corriam pelas ruas, fugiam de prédios em chamas, era como alguma coisa que Nora tinha visto anos antes em cinejornais, imagens da guerra ou do pós-guerra no

cinema Astor. Só que aquilo estava acontecendo naquele momento, e bem perto deles.

“Você acha que vai acontecer também aqui?”, perguntou Fiona.

“O quê?”, perguntou Nora.

“A violência, a revolta.”

“Espero que não”, respondeu ela.

“O que essas pessoas que abandonaram suas casas vão fazer?”, perguntou Fiona.

“Elas vão atravessar a fronteira”, disse Aine.

Donal estava com a câmera em punho, apontada para a televisão.

No domingo seguinte, Nora convidou Jim, Margaret, Una e Seamus para tomarem chá e comemorarem a conclusão do curso de formação de professores de Fiona e a aprovação de Aine nas provas finais. A família, ampliada, sentou-se para o chá às seis horas, e a mesa foi estendida, como faziam no Natal. Seamus sentou-se ao lado de Conor e entabulou uma conversa com ele sobre regras do futebol. Nora observou que Seamus quase não falava com ninguém e concluiu que devia estar nervoso. As jovens tinham feito saladas, havia frios e molho chutney, além de pão integral fresco, que ela mesma havia assado. Una foi a primeira a levantar a questão sobre o que ocorria no Norte.

“É terrível”, disse. “Aquela pobre gente queimada dentro da própria casa.”

Todos assentiram com a cabeça e se fez silêncio.

“Acho que o nosso governo é tão responsável quanto o governo inglês”, disse Aine. “Quero dizer, deixamos isso acontecer.”

“Bem, eu não iria tão longe”, retrucou Jim.

“Não fizemos nada por muitos anos”, disse Aine.

“Deve ser difícil saber o que fazer”, disse Margaret.

“Acho que demos aos protestantes todos os sinais de que eles podiam fazer o que quisessem”, explicou Aine. “Quero dizer, existe todo tipo de discriminação, inclusive a manipulação das zonas eleitorais.”

“O que é isso?”, perguntou Conor.

“É um expediente usado para dividir as zonas eleitorais de modo que o voto de algumas pessoas tenha menos peso do que o voto de outras”, explicou Aine.

Conor se mostrou perplexo.

“Lembro que o dr. Devlin era de Cookstown”, acrescentou Una, “e ele me disse que um católico não conseguia arranjar um emprego digno lá. Mesmo que fosse médico. Por isso ele veio para o Sul.”

“Até hoje eles não conseguem emprego”, disse Aine. “Acho que está na hora do nosso governo se opor.”

“E o que podemos fazer?”, perguntou Una.

“Para que serve o nosso Exército?”, perguntou Aine. “Quem impediria os soldados de marcharem para Derry? Fica a poucos quilômetros da fronteira.”

“Ora essa”, exclamou Seamus.

“Não creio que seria sensato”, disse Jim.

“E de que serve a sensatez quando as pessoas estão vivendo com medo de perder a vida?”, questionou Aine.

“Ah, acho que nós aqui do Sul devemos ser cautelosos sobre o que fazer”, disse Margaret.

“Enquanto as pessoas estão sendo mortas?”, questionou Aine.

“Isso não é nada bom, é verdade”, reconheceu Jim.

“Não é curioso?”, observou Aine. “O Exército irlandês pode ir ao Congo e a Chipre, mas não pode ir a Derry ajudar nosso povo.”

Nora tentava atrair o olhar de Aine para sinalizar que era melhor mudar de assunto, mas Aine não olhava para ela. Tinha os olhos cravados no tio Jim.

“Não sei como tudo isso vai acabar”, disse Una.

“Ah, daqui a pouco acaba”, disse Seamus.

“Eu não tenho tanta certeza”, disse Margaret. “É mesmo um horror. Eu e Jim vimos no noticiário da tevê ontem à noite. Foi difícil acreditar que estava acontecendo no nosso país.”

Aine parecia prestes a dizer alguma coisa, mas desistiu. A mesa ficou em silêncio por alguns minutos.

“Fiona vai para Londres”, disse Conor, olhando em volta à procura de um sinal de aprovação a seu comentário.

“Conor!”, exclamou Fiona.

Jim, Margaret, Una e Seamus olharam para Fiona. Pela reação dela, ficou claro que Conor tinha dito a verdade.

“Londres”, disse Margaret em voz baixa. “Você vai mesmo, Fiona?”

“Eu estava pensando em ir de novo este ano, só por alguns dias, antes de eu começar a dar aula”, disse ela, “e esse malandrinho sem-vergonha deve ter ouvido alguma conversa minha.”

“Vai ter um monte de protestantes em Londres”, disse Conor. “Eles vão tacar fogo em você e fazer você correr pela rua.”

“Em Londres, não t-t-tem p-p-protestantes de verdade”, disse Donal.

“Londres é muito bonita”, disse Margaret. “E onde você vai ficar, Fiona? Sabe, eu tenho anotado em algum lugar o nome do local onde nos hospedamos. É um hotel onde irlandeses são muito bem-vindos, um hotel pequeno. Ou você vai ficar no mesmo lugar do ano passado?”

“Uma porção de garotas da Escola de Formação de Professores foi lá no verão. Elas trabalharam em hotéis e têm um apartamento”, contou Fiona.

“Seria ótimo para passar uns poucos dias”, disse Una.

Fiona tinha vencido a batalha, ou o que quer que fosse, que elas vinham travando sobre dinheiro. De um jeito ou de outro, quando a discussão se voltou para Londres, para os lugares onde ela poderia se hospedar e para os cuidados que devia tomar, a ida de Fiona a Londres tornou-se definitiva, e Jim, Margaret, Una e Seamus concordaram que Fiona merecia a viagem depois de ter estudado tanto e que, depois que começasse a dar aula, ela ficaria contente de ter feito a viagem.

No fim da noite, Jim deu a Fiona e Aine um envelope com dinheiro e, para cada menino, dez *shillings*. Mais tarde, quando estavam tirando a mesa, Nora disse a Fiona que ia sacar o dinheiro do banco quando voltasse do trabalho no dia seguinte e que a levaria de carro para Rosslare, se ela fosse partir de lá.

“Seria ótimo”, disse Fiona, e sorriu. “Vou ver os horários das balsas.”

14.

Nora estava olhando pela janela da frente quando Phyllis manobrou e estacionou seu carro com segurança num espaço reduzido. Nora não estava esperando Phyllis, mas achou que seria cordial e simpático abrir a porta e ficar ali à espera dela.

“Não, eu não vou entrar”, disse Phyllis. “Detesto gente que aparece sem avisar e não tenho a menor intenção de fazer uma visita surpresa.”

“Você é muito bem-vinda”, disse Nora.

“Eu só vim dizer que há um coral em Wexford onde talvez haja vagas. Não sei o que eles pretendem fazer, mas seria uma experiência maravilhosa, eu conheço o maestro do coral, e ele é ótimo, pelo menos quando está de bom humor, então eu tenho uma vaga automaticamente. Pois bem, falei com a Laurie O’Keefe e ela disse que está disposta a ensaiar algumas músicas com você. Para um teste.”

Nora assentiu com a cabeça. Não quis dizer que Fiona e Aine foram aprender piano com Laurie O’Keefe e que depois da primeira aula as duas voltaram para casa jurando que nunca mais iam voltar.

“Ela não é...?”

“Exatamente”, disse Phyllis. “Ela não é para qualquer um, inclusive seus filhos. Mas se ela gosta do aluno, é muito boa, e na verdade ela tem muita afeição por você.”

“Ela nem me conhece.”

“Billy, o marido dela, conhece, ou foi o que ele disse, e os dois garantiram que estão dispostos a fazer tudo por você. Mas não me peça para entrar em detalhes sobre o que eles disseram. Só sei que ficaram entusiasmados quando mencionei seu nome.”

“O que devo fazer?”

“Telefone para ela, combine um horário e deixe que ela ouça sua voz. Depois talvez você possa aprender uma ou duas músicas para fazer o teste para a vaga no coral de Wexford.”

“Vai demorar muito?”

“Bem, conhecendo a Laurie...”

Nora pensou se tomava uma decisão rápida e pedia que Phyllis dissesse aos O’Keefe que ela estava ocupadíssima. Enquanto hesitava, viu Phyllis observando-a.

“Não demore demais”, disse Phyllis. “Eu não gostaria que Laurie se ofendesse. Ela é muito talentosa, sabe, ou era. Eu diria que ela acha a cidade um pouco maçante.”

Nora se lembrou de uma noite no novo auditório do Convento da Apresentação, quando ela, Maurice e Jim foram a um concerto destinado a levantar fundos para a Sociedade São Vicente de Paula. Laurie O’Keefe regeu uma orquestra. Quando seu estilo de reger se tornou mais vigoroso e expressivo, Maurice e Jim começaram a rir baixinho e Nora cutucou Maurice com o cotovelo para censurá-lo. No meio do concerto, Jim teve de ir ao banheiro e foi em silêncio, prendendo o riso. Nora lançou um olhar furioso para Maurice antes de ele seguir Jim. Nenhum dos dois voltou para suas poltronas. Mais tarde, ela recordou, Nora encontrou os dois encabulados no fundo do auditório.

* * *

Antes de Phyllis ir embora, Nora concordou em fazer contato com Laurie O'Keefe, mas nos dias que se seguiram, enquanto o telefonema ia sendo adiado, Nora se perguntava por que se mostrava tão disponível a visitas inesperadas de pessoas que pareciam saber melhor do que ela própria como devia viver e o que devia fazer. Imaginou que Phyllis tentava ajudá-la, mas também se perguntou se não seria uma boa ideia manter a porta fechada para visitantes inesperados, passar seu tempo cuidando de Donal e Conor, deixando que as lembranças de Maurice voltassem à vontade durante o dia e permitindo que tais recordações se prolongassem até se dissolverem sozinhas.

Quando Nora pensava em cantar, o som da voz de sua mãe voltava com nitidez, orgulhosa e confiante nas notas agudas. Mesmo quando a mãe estava velha, Nora conseguia distinguir sua voz das demais vozes no coro da catedral. Nora gostava quando as pessoas lhe diziam que, quando sua mãe era jovem, a voz dela preenchia todos os espaços e que as pessoas iam à missa das onze horas apenas para ouvi-la cantar.

Nora se lembrou que, naquele longo período insone em que Maurice estava morrendo e ela sabia que teria pela frente uma vida solitária com os filhos, ela imaginava ter a mãe a seu lado, ou à sua espera em algum lugar, ou que sua mãe conhecia uma prece poderosa que mudaria tudo. Ela havia cultivado uma imagem da mãe como uma força calma e flutuante naquele quarto de hospital.

Fazia sentido, ou pelo menos fez sentido naqueles dias no hospital, que sua mãe, apesar de toda frieza entre ela e Nora, quisesse estar ali, perto de Maurice. Sua mãe havia partido apenas sete anos antes. Na ânsia de se manter o mais distante possível daquele tempo no hospital, desde então Nora havia tentado manter a mãe longe do pensamento; a presença sonhada da mãe não havia perseguido Nora na vida sem Maurice que ela vivia agora.

Dias depois da visita de Phyllis, quando estava no centro da cidade, após caminhar da Weafer Street à Back Road, Nora se deu conta de que estava perto da casa dos O'Keefe. Pensou se não seria

melhor dar meia-volta, regressar para casa e ir lá em outra ocasião, mas tomou coragem, pensando que, se resolvesse aquilo de uma vez, logo estaria terminado. Laurie O’Keefe, Nora sabia, tinha morado na França e havia sido freira em alguma fase da vida. Era a segunda mulher de Billy. A primeira tinha morrido e os filhos desse casamento já estavam adultos e moravam sozinhos. Havia algo sobre a primeira esposa que Nora não conseguia se lembrar bem; ela fora uma pessoa modesta, tinha certeza disso, lembrava vagamente de ter ouvido que no domingo ela sempre ia à missa das sete da manhã, para que ninguém visse como estava malvestida e parecia pobre, apesar de o marido ter um bom negócio.

Nora abriu e empurrou o portãozinho da casa dos O’Keefe, notou como o jardim estava bem cuidado, como todas as janelas da velha casa estavam limpas e reluzentes e como a residência parecia incomum, quase suntuosa. Billy agora estava aposentado; fora proprietário de uma companhia de seguros, ou trabalhava com seguros, e Nora sabia, como sabia de muitas coisas sobre as pessoas da cidade, que ele ia todas as noites, à mesma hora, tomar uma garrafa de Guinness no Hayes’s, na Court Street, com sua bengala em punho. Quando subiu a escadinha da porta da frente, Nora lembrou algo que Maurice tinha dito certa vez — Billy detestava música e fizera uma obra para que o quarto onde Laurie tocava e dava aulas de música fosse à prova de som. Além disso, ele usava tampões de ouvido toda vez que havia uma ameaça de música na casa. Era o tipo de detalhe de que Maurice gostava.

Billy abriu a porta e imediatamente pediu que Nora entrasse, ao mesmo tempo que segurava um cão labrador pela coleira. O vestíbulo era espaçoso e escuro, com quadros antigos na parede. Havia um cheiro de lustra-móveis. Billy começou a chamar sua esposa no porão, mas como ninguém respondeu, ele trancou o cachorro no cômodo à esquerda e desceu os degraus rangentes da escada do porão, pedindo com acenos de mão que Nora aguardasse na sala.

“Ela nunca me escuta”, disse, parecendo achar graça disso.

Dali a pouco, Billy O’Keefe apareceu de novo.

“Ela disse para você descer.”

Ele conduziu Nora pela escada estreita e margeada de livros, até chegarem a um corredor pequeno, com ladrilhos nas paredes. Abriu uma porta que dava para uma área clara que, sem dúvida, tinha sido acrescentada aos fundos da casa velha. Laurie O’Keefe estava de pé junto ao piano.

“Billy, que tal fazer um chá para nós? Ou você prefere café?”, perguntou. “E biscoitos, Billy. Aqueles gostosos que eu comprei.”

Sorriu para ele, quando o marido fechou a porta ao sair.

“É só um piano de meia cauda”, disse, como se Nora tivesse perguntado sobre o piano, “e é claro que tenho outro ali, um piano de parede antigo, para os alunos martelarem.”

Na sala, não havia outra mobília senão cadeiras velhas. Havia um tapete no chão e partituras espalhadas nele. As paredes estavam pintadas de branco e nelas viam-se gravuras de pinturas abstratas penduradas em diferentes níveis de altura.

“Vamos tomar nosso chá aqui.” Laurie levou Nora para outra sala, que tinha duas poltronas, um toca-discos estéreo, alto-falantes e uma estante do chão ao teto, repleta de discos.

“Ninguém tem a menor pena de uma mulher casada com um homem sem ouvido musical”, desabafou Laurie. “Ninguém!”

Nora não sabia o que aquilo significava nem se devia responder alguma coisa.

“Sabe, há uma coisa que gostaríamos de dizer a você já faz algum tempo”, prosseguiu Laurie. “Quase lhe mandei uma carta, quando mandamos o cartão da missa, mas depois decidi que falaria pessoalmente com você, quando nos encontrássemos.”

Sentaram-se nas poltronas. Nora olhou para o jardim lá fora por um instante, depois olhou de novo para Laurie.

“Estávamos voltando de carro de Dublin, tínhamos ficado fora algum tempo. Ah, primos, sobrinhas, tudo isso! Então, quando estávamos entrando na cidade, vimos o trânsito todo parado. Nem sei quanto tempo tivemos de esperar em Blackstoops. Achamos que devia ter havido um acidente. Nunca passou pela nossa cabeça que fosse um enterro. Não sei por quê. No fim, abri o vidro do carro e perguntei para alguém o que estava acontecendo. Ah, ficamos

chocados quando nos contaram. Sabíamos que Maurice estava doente. Mas ficamos muito chocados. Billy disse que Maurice tinha sido ótimo para os filhos dele, na escola, que tinha sido um professor excelente. Então pensamos que se pudéssemos fazer alguma coisa por você...”

“Vocês são muito gentis”, disse Nora.

“Agora a Phyllis disse que...”

“Não tenho certeza de que a minha voz seja grande coisa”, interrompeu Nora.

“Não existe melhor maneira de se curar do que cantar num coral”, disse Laurie. “Por isso Deus fez a música. Você sabe que eu tive meus problemas. Deixar o convento com cinquenta anos e quase sem amigo nenhum no mundo. Foi o coral que me deu ânimo para recomeçar. Era a única coisa que eu tinha, a minha voz, e o piano, embora eu tenha aprendido primeiro a tocar cravo. Foi meu primeiro amor.”

Billy entrou com uma bandeja.

“E este”, disse Laurie, apontando para Billy, “creio que será meu último.”

“Está se referindo a mim, Laurie?”, perguntou ele.

“Estou, mas agora pode nos deixar sozinhas. Temos coisas para conversar.”

Billy sorriu para Nora e saiu na ponta dos pés.

“Sabe, eu cantei para Nadia Boulanger”, prosseguiu Laurie, “e uma coisa que ela dizia era que cantar não era algo que a gente faz, mas algo que a gente vive. Não é sábio isso?”

Nora fez que sim com a cabeça, sem dar nenhuma indicação de que não sabia quem era Nadia Boulanger. Tentou guardar o nome, para falar com Phyllis depois.

“Mas, de fato, preciso avaliar sua voz antes de começarmos a trabalhar. Sabe ler música?”

“Sei, sim”, respondeu Nora. “Não muito bem, claro, mas aprendi na escola há muitos anos.”

“Talvez seja melhor começarmos com algo que você já conheça.”

Foi à outra sala e voltou com livros de partitura.

“Beba seu chá, dê uma olhada nestas partituras e escolha uma canção que você conheça bem. Vou à outra sala tocar piano. Não sei o que vou tocar, mas será algo de memória; talvez o som sirva para nos aquecer. Só vou receber um aluno às quatro horas, portanto temos tempo de sobra.”

Nora tomou um gole do chá, baixou a xícara e repousou a cabeça no encosto da cadeira. Laurie estava tocando uma música muito rápida e embaralhada, pensou; quem quer que a tivesse composto tinha usado notas demais. Era uma peça para virtuosos, e Nora teve a impressão de que ela queria se exhibir. Quase sentiu pena dela por precisar fazer isso. Sem dúvida, não estava tocando aquilo para relaxar. Se Maurice estivesse vivo, Nora adoraria lhe contar depois o que havia acontecido ali, e ele diria que Billy O’Keefe tinha bons motivos para usar tampões de ouvido. Imagine ser casado com uma ex-freira que tocava piano! Nora podia até ouvir o tom de voz seco de Maurice e ver a expressão de puro divertimento em seu rosto.

Folheou os livros de partituras; a maioria eram canções alemãs que ela nunca tinha ouvido, e se perguntou se Phyllis teria dado a Laurie a impressão de que Nora conhecia mais do que de fato conhecia. Quando pegou um livro de canções irlandesas, todas pareciam tolas demais, ou antiquadas e convencionais demais, canções que ninguém mais cantava. Embaixo da pilha, havia partituras avulsas com algumas Melodias de Moore.* Nora deu uma olhada em “Believe Me, if All those Endearing Young Charms”, mas achou-a muito afetada. Então encontrou “The Last Rose of Summer”; começou a examinar as notas e cantarolava aquela melodia familiar, quando Laurie voltou à sala.

“Então, achou alguma coisa?”

“Bem, achei isto.” Entregou-lhe a partitura de “The Last Rose of Summer”.

“Eu tive uma velha preceptora de noviças, ela era da Alsácia, que me chamava de a última rosa do verão mesmo quando eu não estava atrasada. Ah, ela era uma rabugenta. Está junto a Deus, suponho, mesmo assim era uma velha rabugenta.”

Laurie voltou à outra sala e sentou-se ao piano. Nora a seguiu.

“Agora, isto não é bom para a sua voz”, disse Laurie. “Devíamos fazer uns exercícios de aquecimento, em vez de já começarmos com uma canção. Mas há algo em você agora que talvez não esteja mais daqui a pouco. Percebi quando você entrou. Você tem...”

“O quê?”

“Você esteve perto do outro lado, não foi?”

“O que você quer dizer?”

“Não fale agora. Deixe-me ouvir sua voz. Primeiro vamos passar a melodia.”

Ela tocou e parou.

“Vou tocar num tom mais baixo e ver o que a gente consegue.”

Laurie tocou, concentrando-se na música, desacelerando a melodia à medida que avançava.

“Acho que já posso tentar. Na verdade, não devíamos fazer isto, mas sua voz talvez nunca venha a estar tão boa quanto hoje. Deixe-me tocar mais um pouco, depois dou o sinal e você entra.”

Ergueu as mãos acima das teclas, mas não encostou nelas. O silêncio na sala era tão intenso que Nora supôs que ela devia mesmo ser à prova de som. Nora sentiu-se inquieta, quase alarmada pela força do silêncio, pela necessidade que Laurie parecia ter de uma forte dramaticidade.

Laurie tocou as teclas com delicadeza, movendo os pedais de tal modo que um som grave novo veio do piano. Tocou muito suavemente e então fez um sinal e Nora, olhando para a letra da canção, começou:

Ela não sabia que sua voz podia ser tão grave; e, como Laurie tinha um modo diferente de prolongar as notas, Nora se viu cantando muito mais devagar do que pretendia. Não teve nenhuma dificuldade com a respiração nem medo de atacar as notas agudas. Teve a sensação de que o piano a controlava, a empurrava para a frente, e o andamento pedia que ela desse a cada nota todo seu peso. Por causa dos espaços que Laurie deixava, Nora teve a

impressão de estar cantando no silêncio; estava tão consciente do silêncio quanto das notas. Algumas vezes Nora hesitava, porque Laurie acrescentava floreios e ela não tinha segurança do que fazer, até que Laurie erguia a mão, e depois a baixava ligeiro, para indicar que Nora devia concluir as frases de modo mais incisivo e deixar que o piano acrescentasse os ornamentos.

Quando a música terminou, Laurie não disse nada por algum tempo.

“Por que você não exercitou sua voz?”, perguntou afinal.

“Minha mãe sempre cantou melhor do que eu”, respondeu Nora.

“Se eu a tivesse pegado ainda bem jovem...”

“Nunca gostei de cantar, e depois me casei.”

“Ele alguma vez ouviu você cantar?”

“Maurice? Uma ou duas vezes, nas férias. Mas ficou anos sem ouvir.”

“E seus filhos?”

“Não.”

“Você guardou isso para si. Sonegou.”

“Nunca pensei nisso.”

“Posso preparar sua voz para um teste, e o coral talvez precise de contraltos, eles sempre precisam, é tudo que posso fazer por você. Você deixou para muito tarde, mas isso não a aborrece, não é?”

“Não.”

“Todos nós temos muitas vidas, mas existem limites. Nunca sabemos quais eles são. Se alguém me dissesse que aos setenta anos eu estaria morando numa pequena cidade irlandesa com um corretor de seguros! E aqui estou eu. Sei que quando começamos, há alguns minutos, você não queria mais voltar aqui, porém agora quer. Sei que agora você quer. Vai voltar, não vai?”

“Vou, sim”, respondeu Nora.

* * *

Nas semanas que se seguiram, Nora foi à casa de Laurie O'Keefe às terças-feiras às duas horas, e às vezes ficava aterrorizada só de pensar nisso, quando acordava no dia da aula, terror que aumentava ainda mais quando ela saía pela Back Road em direção à Weafer Street. Esperava que Phyllis e os O'Keefe não tivessem contado a ninguém sobre suas aulas de canto. Nora não contou no trabalho, nem a Elizabeth. Haveria gente na cidade, inclusive Jim e Margaret, que a recriminaria por estar tendo aulas de canto, em vez de estar cuidando de seu emprego, de sua casa e dos filhos.

Na primeira hora de aula, Laurie não a deixava cantar; fazia Nora se deitar no chão e respirar, ou ficar de pé e sustentar uma nota pelo maior tempo possível, ou cantar a escala para cima e para baixo. Depois Nora se concentrava na primeira frase de "The Last Rose of Summer", e Laurie a ensinou a não inspirar após "summer", como estava fazendo, mas cantar sem respirar até o fim da segunda frase e depois respirar de modo natural, como se estivesse falando ou contando uma história.

Era uma forma de passar as tardes de terça-feira, pensava Nora às vezes, um jeito de fazer algo novo, sair de casa e ir para um mundo isolado e à prova de som e de tudo que estava acontecendo de fato. Foi então que Laurie colocou duas pequenas pinturas abstratas em cima do piano e pediu que Nora olhasse para elas, frisou bem que ela não devia fazer nada além de olhar, que a mudança de verdade viria não na sua voz, mas em algo diferente, do qual ela não podia ter certeza.

"Você deve olhar para elas!", ordenou Laurie. "Olhe para elas como se precisasse memorizá-las."

"Quem pintou?"

Laurie sorriu e não respondeu.

"São só linhas?", perguntou Nora. "O que significam?"

"Olhe para elas, apenas olhe."

Uma não tinha nada a não ser riscos; a outra tinha quadrados. A pintura com riscos era marrom; a outra, azul. Alguns riscos estavam em relevo, como que realçados.

"Não pense, apenas olhe", disse Laurie.

Ela não estava bem certa sobre as cores, pois as duas eram tão cheias de sombras quanto de cor. Nora olhou para as sombras, examinou a ponta mais densa das duas pinturas e depois deixou o olho correr da direita para a esquerda, seguindo em direção ao brilho ou a algum início.

“O que eu quero que você faça”, disse Laurie, “é cantar, olhar para as cores e não pensar nas palavras nem em mim nem em mais nada. Faça o som nascer daquilo que você vê.”

Quando a aula acabava, Nora se sentia livre de Laurie, e só pensava nos seis dias que tinha pela frente, em que não teria de ficar parada junto ao piano, obedecendo ordens. Combinou de encontrar Phyllis no sábado, no saguão do Murphy Flood’s Hotel, e perguntou sobre Laurie.

“Ou ela conheceu todo mundo, inclusive De Gaulle e Napoleão Bonaparte”, disse Phyllis, “ou não conheceu ninguém e viveu num convento. Nunca consegui entender qual das duas opções é a verdadeira. E ou era uma ordem com voto de silêncio e adoração perpétua, ou as freiras passavam o tempo todo cantando e batendo papo.”

“Ela me manda fazer uma porção de exercícios”, disse Nora.

“Ela faz as coisas do jeito dela. E nunca dá ponto sem nó. Billy construiu aquelas salas para ela e comprou o piano”, disse Phyllis. “E ela sabe tocar bem. Um dia eu a ouvi falando francês ao telefone, então pelo menos essa parte é verdade.”

“Por que você me mandou lá?”

“Porque ela me pediu. Disse que no dia do enterro prometeu fazer qualquer coisa que pudesse por você. Ela tem um coração muito bom. Acho que todas as ex-freiras têm um bom coração, é um alívio e tanto para elas saírem do convento. Talvez isso seja uma coisa ruim de dizer.”

“Ela me obrigou a ficar olhando para duas pinturas que ela tem.”

“Enquanto cantava?”

“Foi.”

“Ela faz isso com pouca gente. Ela já falou que cantar não é uma coisa que a gente faz, mas que a gente vive?”

“Já.”

“Um dia ela me disse que eu podia cantar tudo o que eu quisesse que não ia adiantar nada. Eu não tinha, disse ela.”

“Não tinha o quê?”

“Uma coisa extremamente essencial. Não sei como se chama.”

Na aula seguinte, Laurie disse para Nora olhar de novo para as cores da pintura e tentar imaginá-las começando a ganhar vida.

“Não existe absolutamente nada e depois, muito devagar, lá está, um tom de cada vez. Emergindo, emergindo.”

Laurie quase sussurrou as últimas palavras e depois fitou Nora com um olhar incisivo, enquanto Nora olhava para as sombras e para os matizes de cor.

Laurie foi até o piano e tocou a introdução. Nora tinha aprendido a esperar o fim de cada frase para respirar, tinha aprendido a seguir o som do piano e a encontrar um ritmo a partir do ritmo em que Laurie tocava. Agora ela cantava com uma voz muito mais grave do que quando falava, e isso a conduzia a uma confiança maior, quando deixava a voz vibrar nas notas, com um timbre escuro. Sabia que Laurie sempre verificava se ela estava mesmo olhando para as cores, e Nora aprendeu a confiar na execução de Laurie, em seu tato, em sua capacidade de reação.

Quando cantava, Nora se concentrava com força num pequeno quadrado de cor. Algo palpitava nas profundezas do quadrado, algo que ela conseguia ver com clareza por um segundo e que depois, quando piscava os olhos, sumia. Quando o piano cessava e a canção chegava ao fim, Laurie não se mexia. Nora também permanecia imóvel.

Só depois de um mês, quando já tivera quatro ou cinco aulas, Nora se deu conta de que a música a estava levando para longe de Maurice, para longe de sua vida com ele e de sua vida com os filhos. E a questão não era só que Maurice não tinha ouvido para música e que a música fosse algo que os dois nunca haviam

compartilhado. A questão era a intensidade do tempo que ela passava ali; Nora ficava sozinha consigo mesma, num lugar para onde ele jamais a teria acompanhado, mesmo na morte.

Quando Phyllis mencionou de novo a Sociedade do Gramofone, Nora assentiu com a cabeça, tentando parecer séria. Entre todas as coisas que aconteciam na cidade, esse era o evento semanal que Maurice e Jim, e por extensão Margaret, achavam mais ridículo. Um de seus luminares era Thomas P. Nolan, e era frequentado regularmente por um homem de Glenbrien, M. M. Roycroft, proprietário de uma casa velha que, Phyllis dizia, era estilo rei Jorge, além de uma grande fazenda. Morava lá sozinho, pelo que diziam, com dois mil discos e várias salas repletas de livros. Chamar Thomas P. Nolan de "Tom Pipi Nolan" e M. M. Roycroft de "Maluco Roycroft" dava um prazer infinito a Maurice e a Jim. Os dois riam, e Margaret também, e as meninas, se estivessem presentes, olhavam para Nora, apreciando o fato de ela nunca achar aquilo engraçado. Nora conhecia Thomas P. Nolan e gostava de seu jeito cortês, e tinha visto M. M. Roycroft algumas vezes dirigindo um carro velho e esquisito; imaginava como seria a vida dele em Glenbrien, perguntando-se se ele ia a Dublin comprar discos e livros ou se pedia que lhe enviassem pelo correio.

Agora Phyllis queria que ela fosse às reuniões da sociedade, toda as quintas-feiras, no Murphy Flood's Hotel. Cada semana, disse ela, um dos membros escolhia a música que iam ouvir.

"Assim você fica conhecendo o gosto de todos eles e, claro, o mau gosto também. O tal dr. Radford é quem tem o pior gosto, coisas grandes, compridas, modernas, alemãs, que deixam a gente nocauteada até o meio da semana seguinte. O melhor de todos é Canon Kehoe, ele só toca sopranos. Conhece mais sobre sopranos do que qualquer padre do mundo ocidental."

"Eu não tenho nenhum disco", declarou Nora. "Ou pelo menos nenhum que já não faça bastante tempo que eu tenha escutado."

"Mais um motivo para você ir lá; eles adoram quando aparece um membro novo."

Todos ali eram pessoas que Nora conhecia por alto, inclusive um professor e um homem que trabalhava num dos bancos. Canon Kehoe, ela viu, estava encarregado do toca-discos e dos alto-falantes.

Nora nunca estivera naquela sala do hotel, pelo menos nunca com o lugar tão cheio de gente como agora, com sofás e espreguiçadeiras. Perguntou-se se eles tinham sido providenciados especialmente para a Sociedade do Gramofone. Talvez, pensou, eles fossem um exemplo do poder de Canon Kehoe. A música da semana, ele informou aos membros, fora escolhida pelo sr. M. M. Roycroft, de Glenbrien, o qual curvou a cabeça num cumprimento e depois entregou um pedaço de papel a cada um dos presentes. Ele não ia fazer nenhum comentário, declarou o sr. Roycroft num tom ligeiramente sério, preferia deixar que a música falasse por si mesma. Começou pondo para tocar uma sonata completa para piano de Schubert. Nora pensou em Maurice e em Jim e concluiu que concordava com eles sobre a Sociedade do Gramofone. Sabia como seria fácil soltar uma gargalhada no meio de toda aquela solenidade. Ninguém dava um pio nem se mexia. Quando, em seguida, o sr. Roycroft tocou uma peça orquestral, Nora percebeu que Betty Rogers, que lecionara por muitos anos na escola protestante, começou a reger a música com a mão, e depois com as duas mãos. Nora pensou que o melhor seria pedir desculpas e se retirar. Em vez disso, fechou os olhos. Imagens de seu trabalho vinham à sua mente, coisas que tinham acontecido ou providências que ela precisava tomar. Quando o intervalo chegou, Nora se deu conta de que não tinha ouvido música nenhuma, na verdade.

Phyllis disse no bar: "A segunda parte vai ser melhor, prometo; a velha Betty Rogers passa o tempo jogando sorrisinhos para cima do sr. Roycroft. Ela teria mais sorte se voltasse a atenção para Canon Kehoe, e isso não é lá grande coisa. Mas pelo menos ele gosta de sopranos."

"Betty é soprano?"

"Não, ela não canta nada."

“Ela sempre rege a música?”

“Quando acha que Maitland Roycroft está olhando.”

A segunda metade do recital foi dedicada à música de violoncelo, e todas as peças foram lentas, tristes e lindas. Nora nunca tinha ouvido nenhuma delas, embora os nomes dos compositores fossem familiares. Algumas vezes, quando abria os olhos, via todo mundo ouvindo com atenção. Olhou em volta para os homens na sala, para o próprio sr. Roycroft, para Canon Kehoe, para o dr. Radford, para Thomas P. Nolan, e todos pareciam não só tristes como estranhamente vulneráveis.

Quando o recital terminou, Betty Rogers foi a primeira a falar.

“Casals, claro, foi o melhor, não acha, sr. Roycroft?”

“Para Bach, talvez”, ele respondeu.

“Meu marido acha Casals muito dissonante, não é, querido?”, acrescentou a sra. Radford.

“Talvez seja a gravação, mas nas sonatas de Beethoven ele perde a beleza, a gente conhece a beleza, e ele busca outra coisa.”

“O que o nosso novo membro pensa sobre isso?”, perguntou Canon Kehoe.

“Eu achei lindas”, respondeu Nora. “Todas.”

Vagarosamente, conduzidos por Canon Kehoe, eles saíram do saguão do hotel.

“Sabe, aquelas gravações de Casals das peças de Beethoven foram feitas ao vivo”, disse o dr. Radford em voz baixa, “e acho que a gravação não ficou boa.”

“Mas a gente tem a sensação do instante”, disse o sr. Roycroft. “Creio que isso compensa.”

“Concordo totalmente com o senhor!”, exclamou Thomas P. Nolan. “A gente tem a sensação de que está presente enquanto a música é executada, não é?”

Olhou para todos em busca de aprovação.

Foi só então que Nora viu Jim tomando um drinque com um homem do Partido Republicano Irlandês. Os dois escutavam a conversa sobre violoncelistas sem disfarçar seu divertimento. A fisionomia de Jim mudou quando avistou Nora. Não conseguiu pensar no que fazer. Obviamente, ela havia comparecido à sessão

da Sociedade do Gramofone, a organização que Maurice e Jim tinham escolhido a dedo para ridicularizarem. Nora virou-se para Phyllis e perguntou se ela havia gostado do recital.

“Prefiro música cantada”, ela respondeu, “mas sou só eu, e como na semana que vem será a vez de Canon Kehoe, vamos ter cantoras de sobra.”

Nora ficou perto de Phyllis na esperança de evitar Jim, que agora dava toda a atenção a seu companheiro.

“É uma coisa democrática”, disse Phyllis. “Cada um tem a sua vez. Só que a gente surpreende com a música de que algumas pessoas gostam.”

Quando ela contou a Laurie O’Keefe sobre a Sociedade do Gramofone, Laurie sorriu e balançou a cabeça.

“Alguém me contou que há uma mulher lá que rege as músicas balançando as mãos.”

“A gente pode fechar os olhos”, disse Nora.

“Eu seria capaz de torcer o pescoço dela. Imagine só, reger quando nem fez curso de regente!”

“Bem, a música era bonita”, disse Nora.

No dia em que Jim e Margaret foram visitá-la, Nora estava preparada caso eles quisessem saber o que ela tinha ido fazer na Sociedade do Gramofone. Nora se perguntou se Donal, que costumava contar à tia todas as novidades que podiam ser do interesse dela, já não teria falado daquilo. Conversaram sobre a cidade e sobre os meninos, e eles perguntaram sobre Aine em Dublin. Quando Fiona chegou, passaram a discutir as vantagens das escolas maiores comparadas às menores e os benefícios da educação livre. Algumas vezes, quando Nora viu Jim olhando para ela, desconfiou que ele estivesse pensando na noite em que a viu no saguão do hotel. Mas Jim não tocou no assunto.

Na quinta-feira seguinte, Nora se encontrou com Phyllis no bar do hotel para tomarem um drinque antes da reunião da Sociedade do Gramofone.

“É difícil saber o que dizer do Canon”, disse Phyllis. “Ele fala das sopranos como se as conhecesse.”

Na sala, a maioria dos membros já estavam reunidos. Canon entregou a todos uma lista das faixas que havia escolhido.

“Primeiro vamos ouvir as duas Marias: Maria Caniglia, que acho a melhor cantora de Verdi, e depois Maria Callas, que é ainda melhor, se é que é possível ser melhor do que a melhor. Depois vamos ouvir Joan, Elizabeth, Rosa e Rita. Vamos ter um banquete.”

Certo dia, quando estava na loja de eletrodomésticos Cloake’s, na Rafter Street, comprando um novo ferro de passar roupa, Nora notou um toca-discos estéreo com um cartaz dizendo que seu preço tinha sido reduzido.

“Há algo errado com o aparelho?”, perguntou ao vendedor.

“Não”, respondeu ele. “Está perfeito, mas vão chegar modelos novos. Todos os outros iguais a este foram vendidos e não recebemos reclamações. Este é o modelo de demonstração, por isso posso ligar para a senhora ouvir.”

Nora olhou na direção da rua e torceu para que nenhum conhecido estivesse passando, quando respondeu que queria ouvir o som do aparelho.

“Procure naqueles discos”, disse o vendedor, “alguma coisa que a senhora gostaria de ouvir, enquanto eu preparo o aparelho. É preciso pôr os alto-falantes bem afastados, ou a uma distância igual do toca-discos.”

Ela examinou os discos, pensando se o melhor seria testar o som com música cantada ou orquestral. Acabou escolhendo um disco intitulado *Sua música favorita* e entregou-o ao vendedor.

“Alguma faixa em especial?”, perguntou ele.

“Não, deixe ir tocando algumas.”

Nora ficou parada nas sombras, para não ser vista da rua. Era um movimento do concerto para piano de Grieg e, embora o volume

não estivesse alto, Nora teve a impressão de que o pianista estava dentro da loja com eles. Ouviu todas as notas com nitidez, mas não foi apenas isso; também sentiu uma energia na execução que fez o som parecer premente e presente.

Tinha havido mais um aumento em sua pensão de viúva, também retroativo. Ela ainda tinha no banco o dinheiro de outros pagamentos retroativos. No entanto Jim, Margaret, Una, e até Fiona, todos iam achar que ter comprado aquilo tinha sido jogar dinheiro fora. Nora pensou se não poderia instalar o som em seu quarto, para que ninguém o visse. Mas então nem valeria a pena comprar.

Quando a primeira faixa terminou, ela ia dizer ao vendedor que precisava de tempo para pensar. Então começou a faixa seguinte, o "Hino da Lua", da ópera *Rusalka*, de Dvořák. Em algum momento do passado, Nora tinha ouvido a "Humoresque" de Dvořák numa versão para solo de violino. Essa era para soprano. Canon Kehoe reconheceria o nome da cantora, pensou Nora, mas para ela o nome não significava nada. A voz cresceu firme com a música e depois pairou acima dela. O que Nora sentiu então, mais que tudo, foi uma tristeza por ter vivido todos aqueles anos sem ter ouvido isso. Mesmo assim não conseguiu se decidir se comprava ou não o toca-discos estéreo. Seria trabalhoso, pensou, pôr o aparelho no carro, instalar uma mesa baixa na sala e tentar pôr o toca-discos para funcionar. Nora não sabia quem poderia ajudá-la que não fosse achar que ela tinha feito uma coisa muito extravagante. Quando a música acabou, ela assentiu com a cabeça para o vendedor, indicando que era o suficiente.

"Vou pensar melhor", disse, sorrindo em seguida.

Algumas semanas depois, ela chegou cedo ao hotel, para a reunião da sociedade, e se viu sozinha na sala com o dr. Radford e sua esposa. Anos antes, ele havia emprestado um livro a Maurice, Nora não se lembrava qual, Maurice esqueceu onde havia deixado o livro, e ele acabou perdido. Procuraram em vão pela casa inteira. Depois de pedir várias vezes o livro de volta, o dr. Radford apareceu

na casa deles, num sábado de manhã, dizendo que precisava consultar o livro para algo que estava escrevendo. Maurice ainda estava de pijama e Nora, de roupão. O dr. Radford ficou parado na entrada, alto e imponente. Disse que não iria embora até que o livro fosse encontrado. Nora lembrava de seu tom cheio de pompa e desdém quando ela lhe ofereceu uma xícara de chá. Maurice vasculhou as estantes da saleta e convidou o dr. Radford para procurar também. Em seguida, Maurice foi procurar no armário grande da sala, onde ele guardava todos os seus papéis. Quando ficou claro para o dr. Radford que o livro não seria localizado, Maurice conduziu-o lentamente para fora da casa, fechou a porta e ficou preocupado o dia todo.

“O senhor anda trabalhando muito?”, ela perguntou ao dr. Radford.

“Ah, a sala de espera enche de manhã e permanece cheia o dia todo”, respondeu o dr. Radford.

Nora pensou se o dr. Radford não iria lhe perguntar se, afinal, o livro tinha sido encontrado. Ele não devia ter esquecido o episódio do sábado de manhã, anos antes.

Quando o recital terminou, a sra. Radford levou Nora para um canto, a fim de ter uma conversa a sós com ela.

“Notamos como você aprecia música”, disse ela. “Você não faz o menor ruído quando um disco está tocando. Adoraríamos que você fosse uma noite dessas à nossa casa, em Riverside. Sabe, muitas vezes tocamos discos à noite.”

“Bem, não tenho certeza se posso”, respondeu Nora. “Veja, tenho os meninos lá em casa e não gosto de ficar fora muitas noites.”

“Nos avise quando quiser ir.”

Nora recebeu um telefonema da sra. Radford no trabalho, perguntando se ela não poderia ir qualquer noite da semana seguinte. Nora ficou tão surpresa que acabou aceitando ir na segunda-feira, às oito horas. Naquela quinta-feira, na Sociedade do Gramofone, os Radford sentaram perto dela, e algumas vezes, entre um disco e outro, a sra. Radford a cutucava com o cotovelo e

fazia algum comentário sobre a música. Na saída, o dr. Radford falou com Nora.

“Pode ter certeza de que na segunda-feira vamos tocar discos de que a senhora gosta, e talvez também possamos lhe apresentar algumas coisas novas.”

Quando Nora contou a Phyllis o que havia acontecido, Phyllis insistiu que ela devia lhes telefonar e cancelar.

“São dois chatos de galocha. Ele só sabe falar do Trinity College e da Igreja da Irlanda. Até chego a duvidar que ele tenha mesmo algum paciente.”

“Por que me chamaram?”

“Eles gostam de impressionar os outros.”

“Eles querem me impressionar?”

“Eles notaram que todos na Sociedade do Gramofone gostam de você.”

“Eu não sabia que alguém tinha sequer notado minha presença.”

“Depois de tudo que você passou, todos pensam que você é...”

“O quê?”

“Bem, uma pessoa muito digna. Entre outras coisas.”

A casa ficava entre Mill Park Road e o rio. Havia uma entradinha com uma tabuleta que dizia “Consultório” e em seguida outra entrada maior que levava a um sobrado de dois andares com jardim na frente.

A porta foi aberta pela sra. Radford.

“Pode me chamar de Ali”, disse. “Não vamos ficar com formalidades. Trevor está no primeiro andar. Um antigo paciente dele, lá dos arredores de Blackstoops, anda muito fraco e, se o telefone tocar, Trevor vai ter que sair. Mas é melhor eu não dizer quem é, senão Trevor me mata. Sabe, aqui nós tratamos as informações de modo muito reservado.”

Trevor apareceu de pulôver vermelho e camisa branca com o colarinho desabotoado.

“Sabe, acho melhor, antes de qualquer coisa, ouvirmos um pouco de Schubert”, disse. “Não acha bom? E também, quem sabe, um

gim-tônica?”

Ele a levou do vestíbulo para a sala comprida, à direita. Em redor, por toda parte, onde outras pessoas tinham cristaleiras com porcelanas ou estantes de livros, os Radford tinham discos. O toca-discos ficava numa bancada, com um enorme alto-falante de cada lado da lareira.

“O velho Roycroft se orgulha muito de sua coleção”, disse o dr. Radford, “e, sem dúvida, ele possui raridades, mas ficou embasbacado quando veio aqui em casa e viu os cômodos do andar de cima, onde guardamos a maior parte dos discos. Eu trabalho duro e, enquanto outras pessoas gostam de golfe ou vão fazer safáris, é disso que eu gosto. Música.”

Nora assentiu com a cabeça e sorriu. Era difícil saber o que dizer em resposta. A sra. Radford trouxe gim-tônica em copos altos, enquanto o marido pôs um disco no aparelho.

“Acho que esta é a canção mais assustadora e mais triste que existe. Sempre faz correr um calafrio na minha espinha. É o ‘Erlkönig’.”

Durante uma hora ou mais, o dr. Radford tocou canções alemãs e francesas, algumas rápidas com acompanhamento do piano saltitante, outras mais lentas e mais melancólicas. Para cada uma, fazia uma introdução, falando como um locutor de rádio. Quando retirava cada disco do aparelho, sua esposa punha-o com todo o cuidado de novo na capa e o recolocava em seu devido lugar na estante. A sra. Radford também enchia os copos deles a intervalos.

“Gostou de Richard Strauss?”, perguntou ele.

“Não sei”, respondeu Nora.

“Bem, achei que devíamos ouvir algumas dessas canções iniciais, que são muito delicadas, e depois tomar coragem e terminar com as Quatro Últimas Canções. Claro, nem sempre elas foram chamadas dessa forma. Sabe, acho que ele era o compositor mais capaz de criar um clímax de intensidade superior do que qualquer outro.”

O que Nora sentia quando a música tocava, uma música que nada significava para ela, com tantas subidas e descidas rodopiantes e muito pouca melodia, era como os Radford eram

solitários. Seus filhos tinham crescido e ido embora. Os Radford estavam sozinhos num lugar onde havia pouca gente como eles. Em Dublin ou Londres, talvez fossem mais felizes. Porém, acima de tudo, enquanto o dr. Radford, animado pelo gim, aumentava o volume do aparelho até ficar alto demais, Nora se perguntava o que havia acontecido com ela para ter ido parar ali, naquela casa, com aqueles dois, numa noite em que podia estar em sua casa. Aliás, por que havia se juntado à Sociedade do Gramofone? Se algum conhecido descobrisse que ela havia passado uma noite com Trevor e Ali Radford, ia pensar que Nora tinha perdido o juízo.

Quando as canções terminaram e Nora se levantou para ir embora, o dr. Radford perguntou qual era seu compositor predileto.

Nora hesitou, sentindo-se mais do que ligeiramente embriagada.

“Acho que Beethoven”, respondeu.

“Algum período em especial?”

“Algo calmo”, respondeu, olhando para ele de modo incisivo.

“Ah, sei. Os trios que temos naquela caixa, com McCullough Pigot’s”, disse a sra. Radford.

“Sim, ainda não tocamos. Guardamos os discos novos aqui em cima.”

Quando ele encontrou o disco, mostrou a capa a Nora. Tinha a fotografia de dois jovens e uma mulher. Ela era loura, com um rosto forte, e sorria discretamente. Nora deduziu que a mulher era a violoncelista e, naquele instante pensou que daria tudo para ser a jovem da capa do disco, ser ela agora, com um violoncelo a seu lado e alguém a fotografando. Quando o dr. Radford pôs o disco para tocar, ela pensou como teria sido fácil ser outra pessoa, pensou nos filhos à sua espera em casa, na cama e no abajur na cabeceira e em seu trabalho de manhã, tudo aquilo era uma espécie de acidente. De certo modo, tudo aquilo era menos sólido do que as notas límpidas do violoncelo que vinham dos alto-falantes.

Nora se concentrou no som grave e suplicante. A energia da execução era triste e depois se tornou mais do que triste, como se houvesse ali algo que os três músicos reconhecessem e em cuja direção estivessem caminhando. A melodia cresceu mais bela e

Nora teve certeza de que alguém havia sofrido, tinha se afastado do sofrimento, depois voltado ao sofrimento e deixado que ele perdurasse e habitasse seu interior.

Quando Nora ergueu os olhos, viu que os Radford estavam cansados. A sra. Radford começou a mexer no fogo da lareira. Nora queria estar longe deles agora, caminhar sozinha para casa, atravessar a Mill Park Road, subir a ruazinha que dava na John Street e depois seguir pela John Street até sua casa. Quando o primeiro movimento terminou, ela se levantou.

“Isso foi lindo”, disse. “E são tão jovens, os músicos.”

“Por que você não leva o disco para casa?”, propôs o dr. Radford.

Ele colocou o disco na capa e entregou a ela. Nora sabia que não podia dizer que não tinha um toca-discos decente, mas também não queria ser objeto da caridade deles. Se aceitasse levar o disco, seria mais difícil recusar a hospitalidade deles, caso fosse oferecida de novo.

“Mas vocês mesmos ainda não escutaram o disco”, argumentou ela.

“Sim”, disse o dr. Radford, “mas temos muitos outros discos que ainda não escutamos, e seria maravilhoso se você ficasse com ele.”

Na saída, encontraram o casaco de Nora e, quando abriu a porta, o dr. Radford disse: “Depois que tiver escutado o disco algumas vezes, nos conte o que achou”. Nora sorriu, agradeceu aos dois e, mais sóbria por causa do ar frio da noite, foi caminhando para casa com o disco embaixo do braço. Ainda que não pudesse ouvir o disco, pensou, poderia ficar olhando para a capa e tentando se lembrar das notas que tinha ouvido. Talvez fosse o suficiente por enquanto.

* Thomas Moore (1779-1852), compositor e poeta irlandês. (N. T.)

15.

Nora tinha medo de gastar dinheiro. Quando recebeu o pagamento retroativo com o aumento da pensão, teve o cuidado de depositá-lo no banco. Para ela, era importante manter o dinheiro lá, caso precisasse, e vivia do que ganhava na empresa dos Gibney, de sua pensão e do dinheiro que Fiona lhe dava.

Nora se interessou pelo ministro da Economia, Charlie Haughey, que havia criado aquelas verbas para as viúvas. Una e Seamus o desaprovavam com firmeza, e Jim e Margaret continuavam a deixar claro que desconfiavam dele.

“Acho que ele é um excelente ministro da Economia e merece uma trégua”, disse Nora.

“Ouvimos uma história”, disse Margaret, “sobre uma bebedeira no começo da madrugada no Groome’s Hotel.”

“Mas sempre há histórias sobre políticos, sobretudo os bons”, rebateu Nora. “Diziam que Valera e a esposa não se falavam e que Seán Lemass tinha dívidas de jogo.”

“Sim, mas essas histórias não eram verdadeiras, Nora”, disse Margaret. “Estas de agora são.”

* * *

Quando Haughey foi preso por contrabando de armas, Mick Sinnott entrou na sala de Nora para dar a notícia, seguido por Elizabeth. Desde que se tornara presidente do sindicato, Mick Sinnott andava mais presente.

“Thomas diz que ele está em Bridewell”, contou Elizabeth, “e que foi algemado. Estava importando armas, vejam só.”

Em sua agitação, Elizabeth não percebeu que tinha falado não só com Nora mas também com Mick Sinnott, com quem normalmente não trocava uma palavra.

“Armas para quê?”, perguntou Nora.

“Para vender para o Norte”, respondeu Mick Sinnott.

“Ah, ele ia nos deixar numa tremenda encrenca”, disse Elizabeth.

Todos no escritório falavam da prisão. Elizabeth chamou uma das moças do escritório e pediu que ela fosse até sua casa pegar o rádio.

“Talvez o resto deles agora crie juízo”, observou Mick Sinnott.

“Desculpe, sr. Sinnott”, disse Elizabeth, a sra. Webster e eu precisamos trabalhar.”

“Ah, não quero atrapalhar o trabalho de vocês”, respondeu Mick Sinnott, e saiu da sala, deixando a porta aberta.

Elizabeth fechou a porta.

“Thomas diz que deve haver uma eleição”, ela disse a Nora, “e o velho William adoraria ver o fim deste governo. E o cara de pau do Sinnott tem o desplante de entrar aqui. É uma pena que alguém não prenda também esse sujeito.”

Quando Jim e Margaret foram visitá-la, Nora notou que Jim estava de bom humor; se movimentava com passos ligeiros e parecia mais jovem.

“No início, ficamos chocados”, disse Margaret. “Sabe, não é bom para um país ter um ministro preso e processado.”

“De qualquer forma, a situação já está sob controle”, disse Jim. “Sabe, algumas pessoas não achavam que Jack Lynch tivesse a intenção de demitir aqueles ministros. Mas qualquer um que o visse

jogando *hurling* não teria a menor dúvida disso. Ele é um cavalheiro até levar um empurrão; depois vira bicho. É um homem com quem eu não gostaria de brigar.”

“Pois eu não consigo me lembrar de nada que ele já tenha feito por alguém”, retrucou Nora. “Se eu estivesse no Norte e alguém fosse incendiar a minha casa, eu gostaria de ter algumas armas.”

“Bem, eles podem obter suas próprias armas”, respondeu Jim. “O que não queremos na nossa parte do país é ministros contrabandeando armas.”

“Haughey sempre deu atenção a pessoas em dificuldade”, lembrou Nora.

“Ele sempre foi nojento”, disse Jim. “Subiu rápido demais, esse foi o problema. Precisava ter passado mais tempo sentado nas últimas filas do Parlamento. Era ambicioso demais.”

“Jim nunca confiou nele”, acrescentou Margaret.

“Bem, ele cuidou das viúvas, quando não precisava ter feito isso”, lembrou Nora.

Certa noite, tia Josie chegou sem avisar. Conversou com Fiona, repassando o nome dos professores com quem havia trabalhado e o início de sua carreira, quando a vida era muito mais difícil e as turmas de alunos bem maiores. Quando Fiona se desculpou e saiu, Nora entendeu que ela não ia mais voltar.

Os meninos vieram e falaram com Josie.

“Eles parecem bem melhor”, comentou Josie depois que os dois se afastaram. “Você tem sido maravilhosa, é o que todos acham.”

“É difícil saber”, respondeu Nora. “A gagueira do Donal às vezes fica péssima.”

“Mas ele parece mais feliz”, disse Josie. “Eu me lembro de você, Catherine e Una, depois que seu pai morreu, e vocês levaram muito mais tempo. Era uma casa muito triste naquela época, mas as suas crianças estão se recuperando bem, isso é que é importante.”

“Não acho que eles estejam se recuperando. Eu nunca me recuperei”, disse Nora. “Qualquer que seja a nossa idade,

aprendemos a guardar essas coisas conosco. Não sei se seria melhor levar Donal a um fonoaudiólogo em Dublin.”

“Deixe Donal se virar sozinho por um tempo. Deixe por conta dele.”

Nora suspirou.

“Eu gostaria de saber o que fazer com ele.”

“O que eu vim falar com você, na verdade”, disse Josie, “é que tenho um dinheiro investido. Não é muito, entretanto. Recebi os dividendos na semana passada e pensei que eu gostaria de fazer alguma coisa agradável com o dinheiro, e me ocorreu que daqui a alguns meses, no fim do verão, quando tudo estiver mais calmo, seria ótimo ir à Espanha com você. Você bem que precisa de uma folga de todos eles.”

“Espanha? Ah, não sei.”

“Falei com Una e ela se dispôs a cuidar dos meninos. Tudo que você tem a fazer é pedir suas férias na empresa dos Gibney.”

“Tenho trabalhado em período integral, quando eles ficam muito atarefados lá, mas não sei se isso significa que tenho direito a dias de folga, além das minhas férias. O que eu sei é que ficarei em Curracloe ou em Rosslare com os meninos por duas semanas, aconteça o que acontecer.”

“Vai pensar nisso?”

“É muita generosidade sua.”

“Umas boas férias e bastante sol. E você sempre foi uma ótima nadadora.”

“Nunca andei de avião. Fui ao País de Gales com Maurice uma vez, mas fomos de barco. E nem tenho passaporte.”

De manhã, quando acordou, Nora achou que não devia ir. Teria que tomar providências demais e acabaria se preocupando por estar muito longe dos meninos, que ainda ficavam perturbados com qualquer coisa. Uma semana depois, recebeu uma carta de Josie com as datas possíveis. Retardou a resposta e, por fim, depois de confirmar na empresa dos Gibney que, em vez de ganhar horas extras, ela poderia tirar alguns dias de folga, Nora estava prestes a

responder a Josie que aceitava ir a Sitges, na Espanha, nas duas primeiras semanas de setembro. Depois, contudo, voltou atrás, pensando que seria bom ficar duas semanas em casa, sem a necessidade de ir trabalhar todos os dias, e também se lembrou que seria nessa época que os meninos iam voltar para a escola.

Passados quinze dias, Nora soube que Josie tinha entrado em contato com Una e com Margaret, pedindo que as irmãs falassem com ela. Quando Margaret tocou no assunto, Nora não disse nada, mas quando Una começou a dizer que umas férias iriam lhe fazer bem, Nora pensou se não devia pedir que todas elas a deixassem em paz.

“É o tipo de coisa que se vê nas propagandas da televisão”, Nora disse, “que umas férias na Espanha fazem muito bem. Pois eu nunca tive uma comprovação disso.”

“Você vai acordar de manhã sabendo que tem sol o dia inteiro”, lembrou Una, “que o mar é quente e que alguém vai cozinhar para você.”

“E o voo?”

“Eu durmo durante os voos”, declarou Una, “e tenho certeza de que você também vai dormir.”

Nora escreveu a Josie dizendo que gostaria de ir, porém rasgou a carta. Às vezes, à noite, achava que adoraria ir, mas de manhã tinha a sensação de que seria um esforço enorme. Só quando se deu conta de que seu silêncio era algo rude e que Josie ficaria ofendida, resolveu que, de um jeito ou de outro, iria escrever a Josie do trabalho e, no caminho de volta para casa, poria a carta no correio. Mas quando começou a escrever a carta, não soube o que dizer. E quando escreveu para aceitar o convite, não teve certeza de estar fazendo a coisa certa. Porém, no dia seguinte, foi tirar o passaporte.

Nas poucas vezes em que Margaret, Una e até Fiona diziam que as férias iam fazer muito bem a ela, Nora se irritava. No entanto, como Josie já havia pago tudo, Nora tinha consciência de que não podia mais cancelar. Quando as férias em Curracloe com os

meninos terminaram, ela foi sozinha a Dublin, num sábado, comprar roupas leves para a Espanha, mas, quando Una perguntou, ela não admitiu ter comprado o que quer que fosse. Parecendo perceber que Nora não queria que ninguém falasse da viagem, Fiona não tocava no assunto com a mãe. Quando Josie mandou uma lista de coisas que ela não devia se esquecer de levar, Nora quase respondeu que podia cuidar sozinha de seus preparativos.

No entanto, ela não se incomodou em estar confinada num avião e achou graça ao ver Josie rezando quando a aeronave decolou e aterrissou, e também sempre que havia turbulência durante o voo. O que mais a surpreendeu foi o calor ao desembarcarem, embora fosse noite, e um estranho cheiro fétido, como se algo estivesse apodrecendo. No ônibus do aeroporto, Josie começou a suspirar e a reclamar, mas Nora achou aquilo quase tranquilizante e imaginou como seria de manhã.

Naquela noite, enquanto ouvia Josie roncar na cama ao lado, Nora achou que não estava conseguindo dormir por causa do calor e da agitação. Na praia, de manhã, dormiu por algum tempo, só tendo sido acordada por Josie, que queria conversar. Como Josie não nadava, Nora se deu conta de que podia se livrar dela entrando no mar e ficando na água morna o maior tempo possível. Toda vez que voltava para a areia, Josie retomava a conversa do ponto onde havia parado.

No quinto dia, quando estavam saindo da praia, Nora revia em pensamento as quatro noites insones que tivera até então em suas férias. Com irritação ouviu Josie contar de um padre que não tinha ido à casa de alguém que estava morrendo, mas que, no mesmo dia, fora visto numa partida de futebol. Pensar em cada uma daquelas noites era uma forma de Nora manter a concentração e de não se deitar ali mesmo, no meio da rua movimentada, ou de não se encostar na parede de uma loja, ou de não se encolher na calçada, sem se importar que ainda fosse dia e as lojas ainda estivessem abertas. Por um segundo, enquanto Josie prosseguia com sua história, Nora detectou na voz dela um toque do mesmo som que ela fazia ao roncar, uma mistura de respiração arfante com ruído de brônquios.

Nora achava que a idade de Josie é que tornava o ronco tão forte e alto. Mesmo quando Nora acendia o abajur da mesa de cabeceira e, delicadamente, mexia em Josie ou a acordava com energia, a tia logo voltava a dormir. Nora ficava deitada na cama ao lado, esperava, e Josie sempre recomeçava a roncar, o ronco subindo e descendo, às vezes se tornando uma sequência de ruídos ásperos, rascantes, e prosseguindo até a luz da alvorada emergir dentre as lâminas da persiana. Nora ficava estirada, exausta, irritada, e depois da quarta noite se deu conta de que ainda tinha pela frente dez dias e dez noites com a tia, até que os quinze dias de férias em Sitges terminassem.

Quando elas enveredaram pela rua sombreada do hotel, Nora viu Carol, a guia turística delas, entrando numa loja. Ela achava que Carol já tivesse voltado para Dublin e agora lhe ocorria que ela havia mesmo feito isso e já estava de volta.

Se não estivesse tão cansada, Nora teria ido atrás de Carol na hora. Mas quando pensou nisso já estava no quarto e Josie no jardim. Pensou se seria sensato falar com Carol sobre seu problema. Em poucos dias, se Josie continuasse roncando a noite inteira, Nora teria de simular uma doença, na esperança de conseguir antecipar seu voo de volta. Contar a verdade a Carol evitaria que ela tivesse de fazer isso. Desconfiava que Carol arrumaria um jeito de deixar claro que o sono leve de Nora era culpa dela mesma e que a companhia de viagens não podia ser responsabilizada pelo fato de sua tia roncar alto. Nora sabia que um quarto individual extra, mesmo que houvesse algum disponível, custaria muito mais do que Josie havia pago.

No saguão do hotel, quando Josie estava no bar, Nora topou com Carol.

“Você está bem?”, perguntou Carol.

Nora não respondeu.

“Vi você na rua mais cedo”, disse Carol.

“Não estou conseguindo dormir”, disse Nora.

“É o calor?”

“Não, eu gosto do calor.”

Carol assentiu com a cabeça e esperou que ela dissesse mais alguma coisa. Nora olhou em volta e depois sussurrou:

“Minha tia ronca à noite. É como estar no quarto com uma buzina de nevoeiro tocando.”

“Você falou com ela?”

“Tentei. Acho que ela não imagina o barulho que faz. Há quatro noites que eu não fecho os olhos. Vou enlouquecer.”

“Não temos quartos individuais”, disse Carol.

“Então, não se preocupe”, respondeu Nora. “Não se preocupe. Vou ficar deitada de olhos abertos todas as noites, até voltarmos para casa.”

“Lamento mesmo”, disse Carol.

Enquanto uma olhava para a outra, Nora ouviu a voz da tia e depois um riso repentino quando Josie se aproximou. Seu humor parecia excelente.

“Ah, aí está você, Carol”, disse ela. “Bem, eu só queria dizer que o quarto é ótimo, não poderia ser melhor. Agora mesmo eu estava dizendo a um homem no bar que não sei como vamos nos acostumar a fazer nossa cama de novo, e nossa comida, quando voltarmos para casa. Mas do calor não vou sentir saudade. Ah, não vou sentir nem um pouco de saudade do calor.”

Nora olhou-a com frieza e viu que Carol também tinha os olhos cravados nela. Por um segundo, as duas trocaram olhares. Josie estava com um vestido azul-marinho que a deixava enorme, com o cabelo desgrehado e suava profusamente. Josie sorriu forçado para as duas.

“Venha tomar um gim conosco”, disse a Carol. “Ou prefere vodca?”

“Não, obrigada. Preciso ir.”

“Já tenho uma bebida no balcão, pronta para você, Nora”, disse Josie. “Ah, que calor!”

Andou até o bar, arrastando os pés. Nora balançou a cabeça para Carol, depois foi pegar sua chave e subiu. Tomou um banho frio antes de descer para se encontrar com a tia no bar. De certo modo, a perspectiva do gim, sobretudo se acrescentasse a ele um pouco

de água tônica, e da comida lhe deu coragem para ir em frente. Mas quando o jantar terminasse, pensou Nora, ela ia implorar que a tia a deixasse ficar sozinha no quarto por algumas horas, para tentar dormir um pouco antes de os roncões da noite começarem.

Depois que Mercè serviu a sobremesa e também mais vinho branco para as duas, acenou para que Nora fosse com ela, indicando a porta do saguão. Levou-a por uma escada rangente e estreita que descia para o porão. O teto do corredor por onde passavam era baixo e a tinta da parede estava descascada. O ar era frio, com um toque de umidade e um cheiro azedo que, para Nora, foi refrescante. Espremeram-se para passar por uma pilha de caixas de papelão empilhadas do chão ao teto e depois Mercè abriu uma porta à direita e acendeu a luz. Era um quarto semelhante a uma cela, Nora percebeu, com uma cama de solteiro e uma janelinha com barras de ferro no alto da parede do fundo. A lâmpada não tinha um lustre. A cama estava feita e os lençóis eram absolutamente brancos sob a luz forte que vinha do teto. Mercè atravessou o corredor e abriu a porta de um banheiro. Ali o ar era ainda mais úmido e sentia-se um cheiro de mofo. Havia uma banheira velha com bicos de plástico presos às torneiras e um chuveiro suspenso no canto. Havia uma privada e uma pia para lavar as mãos. O banheiro também tinha uma janelinha com barras de ferro. Mercè olhou para Nora e abriu os braços, como dizendo que não era muito, mas que estava à disposição dela, se quisesse. Conseguiu dizer em inglês que não haveria acréscimo no preço. Nora fez que sim com a cabeça, entusiasmada. Mercè tinha um conjunto de chaves no bolso e experimentou algumas até encontrar a que fechava a porta do quarto. Tirou-a do chaveiro entregou-a a Nora e depois seguiu com ela pelo corredor e pela escada, de volta ao saguão.

Nora deixou Josie no bar, quando o jantar acabou, levou sua mala e seus objetos de toalete para o porão e depois voltou e disse à tia que haviam lhe oferecido um quarto individual, que ela estava cansada e ia para a cama. Josie, ela notou, estava prestes a se mostrar ofendida, mas Nora não lhe deu tempo para isso. Virou-se e sumiu. A ideia de que poderia dormir, e dormir profundamente, a

inundava de um alívio tão grande que agora nada mais importava. Depois que refez o caminho para seu refúgio no porão, fechou a porta do quarto, trocou de roupa e saboreou os lençóis limpos e frescos da cama estreita. Apagou a luz e tentou ficar acordada o maior tempo possível, a fim de desfrutar a expectativa da solidão e de um sono longo e ininterrupto.

Quando acordou, viu que já era de manhã. Uma luz tênue e insistente entrava pela janelinha, mas não havia nenhum barulho. Teve a impressão de que não dormia tão profundamente desde que se casara com Maurice e começara a dividir a cama com ele e, sem dúvida nenhuma, desde que engravidara pela primeira vez. No entanto, ela lembrava bem de uma vez em que Aine era bebê e chorava todas as noites. Por mais que fosse alimentada, levantada do berço e consolada nos braços, ela chorava. Sem avisar, Nora levou Aine para a casa da mãe, junto com suprimentos para dois dias, deixou Fiona com Maurice e, apesar dos protestos nervosos da mãe, deixou Aine no andar de baixo com ela, subiu para o quarto e dormiu profundamente por doze ou catorze horas seguidas. Foi a única vez na vida, pensou Nora, em que acordara daquele jeito, com a noite de sono apagada no esquecimento e de um vazio totalmente satisfatório e completo.

Agora se sentia alerta, animada com a perspectiva do dia à sua frente. Foi ao banheiro e tomou um banho frio. Quando viu as horas, descobriu que eram apenas cinco da manhã. Pôs o traje de banho, um vestido por cima, calçou uma sandália e enfiou uma toalha e umas roupas de baixo dentro de uma bolsa. Caminhou sem fazer barulho, furtivamente, e saiu do hotel ciente de que qualquer encontro bastaria para quebrar o encanto daquela noite.

Foi andando sob o sol do início da manhã, seguindo por uma rua pequena em direção à praia localizada atrás da igreja, que era mais tranquila do que as outras. Ficou surpresa ao ver algumas pessoas na rua, pessoas a caminho do trabalho. Quando avistou o mar, Nora olhou para o céu pálido da manhã, no alto. Atravessou a esplanada e passou por prédios pintados de branco com persianas azul-escuras.

Ao chegar a um café na esquina, o dono estava levantando as portas de rolo, de aço. Cumprimentou-a com naturalidade, como se a conhecesse. Nora voltaria ali depois de nadar e ficaria sentada a uma das mesas que o dono talvez pusesse no lado de fora, e só voltaria ao hotel um pouco antes das dez horas, quando Josie desceria para o café da manhã.

Havia máquinas grandes na praia, nivelando a areia, deixando tudo liso e perfeito para o dia. Homens escolhiam guarda-sóis e arrumavam as cadeiras de praia. Ainda havia uma brisa fria, um resto de noite vindos do mar, e a água estava mais fria do que ela imaginara, as ondas mais altas do que nos dias anteriores. Nora mergulhou por baixo de uma onda, quando ela veio em sua direção, e sentiu um arrepio ao nadar para o outro lado.

Fechou os olhos e nadou sem fazer muito esforço, margeando a linha da arrebentação. Percebeu o primeiro calor do sol quando se virou de costas e boiou. Agora se sentia relaxada e também cansada, mas a energia que havia surgido nela mais cedo continuava presente. Ia ficar na água o maior tempo possível, pensou; ia esgotar sua energia. Sabia que uma manhã como aquela não se repetiria tão facilmente para ela, a luz do raiar do dia tão calma e bonita, o mar tão acolhedor, além da promessa do longo dia à frente e da noite que viria em seguida, em que estaria sozinha de novo, sem ser perturbada, livre para dormir.

* * *

Nos últimos dias de férias, Josie estava mais calada e as histórias que contou foram mais interessantes. Nora adorava sua cama no porão, embora preferisse usar o chuveiro do banheiro contíguo ao quarto de Josie. Nadava algumas vezes por dia, gostava do jeito como seu traje de banho secava depressa ao sol. Ela e Josie não se importavam de pagar pelas cadeiras de praia e pelos guarda-sóis. E Josie nunca se cansava de fazer comentários sobre qualquer um que passasse. Certo dia, encontraram uma feira, onde Nora comprou roupas baratas e presentes para todos em casa.

Ela observava com atenção os prédios das ruas entre a praia e o hotel, imaginando as pessoas que moravam lá, como seria a vida delas e também como seria a sua própria vida se morasse ali. Durante os últimos dias, Nora andou pensando em sua caminhada para o trabalho todas as manhãs, na capa vermelha que usava, em seu guarda-chuva sempre a postos. Tudo isso lhe parecia distante e estranho, tão distante dali quanto podia ser.

No último dia, comprou um frasco de perfume caro para Mercè, em sinal de gratidão por tê-la salvado.

Era tarde quando chegou em casa. Os meninos estavam dormindo e Nora tomou cuidado para não fazer nenhum barulho que pudesse acordá-los. Fiona tinha ido a um baile e Aine estava sozinha em casa. Pelo jeito de Aine, Nora achou que algo havia acontecido, mas depois, enquanto desfazia as malas sem fazer barulho no andar de cima, sentiu que não era nada, apenas a novidade do lugar onde havia estado e a estranheza de voltar para casa. Mas como o pensamento de que havia algo errado persistiu, ela voltou lá para baixo e perguntou a Aine se tinha havido algum problema enquanto ela esteve fora.

“É só que o Conor foi transferido para a turma B”, disse Aine.

“Turma B? Quem o transferiu para a turma B?”

“O Irmão Herlihy transferiu Conor e mais dois para a Turma B.”

“Quem são esses dois?”

Os dois que Aine mencionou, Nora sabia, estavam, junto com Conor, entre os melhores alunos da turma A.

“Ele deu alguma razão?”

“Não, transferiu e pronto.”

No dia seguinte de manhã, um domingo, Nora conversou com Conor antes de ir à missa. Ele parecia mais preocupado do que ela imaginaria que ele fosse ficar por algo que tivesse feito ou deixado de fazer.

“Ele só transferiu a gente”, disse. “E não conhecemos ninguém na turma B.”

Na missa, Nora mal conseguiu se concentrar. Quando, na saída, uma mulher na frente da catedral admirou o bronzeado de sua pele, Nora mal respondeu, e depois se sentiu culpada enquanto voltava a pé para casa. À medida que o dia avançava, ela foi se sentindo mais decidida, e no final da tarde, quando tocou a campainha na porta do mosteiro dos Irmãos Cristãos, Nora estava resolvida a fazer Conor voltar para a turma A, que era o seu lugar. Quando por fim um jovem Irmão Cristão atendeu à porta, ela pediu para falar com o Irmão Herlihy.

“Não sei se ele pode atender a senhora”, disse.

“Eu espero”, respondeu.

Ele não a convidou para entrar no vestíbulo.

“Diga que é Nora Webster, viúva de Maurice Webster, e que preciso falar com ele agora.”

O jovem Irmão Cristão observou-a com cautela, em seguida a convidou para entrar e fechou a porta.

Enquanto esperava, notou, mais que tudo, o silêncio dentro do mosteiro. Parecia um lugar devastado. Não sabia quantos Irmãos moravam ali, mas calculou entre dez e quinze. Todos tinham suas celas individuais, pensou Nora, como prisioneiros, porém havia ali algo pior do que uma prisão, os ladrilhos nus nas paredes, a janela comprida de vidro manchado, junto à escada, tudo lustroso, grave, hostil, um local onde qualquer som e qualquer movimento podia ser notado e ouvido.

O Irmão Herlihy parecia muito alegre quando chegou e conduziu Nora a uma sala de atendimento, à direita.

“Pois bem, sra. Webster, o que posso fazer pela senhora?”, perguntou.

“Meu filho, Conor Webster, acabou de começar a quinta série. Eu estava fora e, quando voltei, soube que ele foi transferido para a turma B.”

“Ah, bem, não é exatamente a turma B.”

“Não é a mesma turma em que ele estava antes.”

“Sim, estamos fazendo algumas modificações, só para experimentar e nivelar mais as coisas entre as duas turmas.”

“Bem, prefiro que o senhor o transfira de volta para a turma A.”

“Infelizmente isso não é possível.”

“Por que não?”

“Os livros de presença estão todos prontos e os nomes já foram enviados para a secretaria.”

“Isso não é problema. É fácil mudar isso.”

“Sra. Webster, eu dirijo a escola.”

“Irmão Herlihy, tenho certeza de que o senhor dirige a escola muito bem. Como sabe, meu marido foi professor na escola secundária por muitos anos.”

“Sim, ele faz muita falta.”

“E o senhor não transferiria Conor, se meu marido ainda estivesse lecionando.”

“Ah, bem, sra. Webster, muitos fatores pesaram na decisão.”

“Nenhum deles me interessa, Irmão. Só estou interessada na educação de Conor.”

“Infelizmente não posso fazer nada nessa altura dos acontecimentos.”

“Irmão Herlihy, eu não vim até aqui pedir que o senhor transfira Conor de novo para a turma A.”

“Ah, é?”

“Eu vim aqui dizer ao senhor que faça a transferência.”

“Como expliquei, eu dirijo a escola.”

“Espero que o senhor tenha ouvido o que eu disse.”

“Eu ouvi, sra. Webster, mas não pode ser feito.”

Ele se levantou para acompanhá-la até a porta da sala de atendimento. No vestíbulo, colocou a mão no ombro de Nora e disse:

“Como vai toda a família?”

“Não é da sua conta, Irmão Herlihy.”

“Ora essa”, disse ele, e sorriu, esfregando as mãos uma na outra.

“O senhor vai ter notícias minhas”, disse ela, quando o Irmão abriu a porta para ela sair. “E vai descobrir que, quando eu me zango, sou terrível.”

Em casa, achou um bloco de papel e um envelope e escreveu uma carta:

Se até a próxima sexta-feira Conor não tiver voltado para a turma A, esteja certo de que tomarei providências contra o senhor.

Assinou seu nome, voltou ao mosteiro, tocou a campainha outra vez e entregou a carta ao jovem Irmão Cristão que havia atendido a porta mais cedo.

No fim daquela noite, escreveu o nome de todos os professores dos Irmãos Cristãos do curso primário e do secundário que ela conhecia. De alguns, conseguiu lembrar o endereço; para os outros, pôs o endereço da escola.

Escreveu a mesma carta a todos:

Como o senhor deve estar ciente, meu filho Conor Webster, que está na quinta série da escola primária, foi transferido da turma A para a turma B sem nenhum aviso ou justificativa. Como o senhor também deve saber, isso não teria acontecido se o pai dele estivesse vivo e lecionando na escola. Esta carta é para informá-lo de que eu não vou tolerar o que ocorreu. Se Conor não voltar para a turma A até a próxima sexta-feira, na segunda-feira de manhã vou fazer um piquete na porta da escola. Se o senhor for trabalhar de carro, vou ficar plantada na frente do seu carro e impedir que atravesse os portões da escola. Se for ao trabalho a pé, vou ficar na sua frente. Vou continuar o piquete até que Conor volte para a turma A.

Atenciosamente

Nora Webster

Nora não tinha envelopes em número suficiente, mas resolveu comprar alguns quando voltasse do trabalho para casa e escrever o endereço nos envelopes na mesa da agência do correio. Como tinha o nome de catorze professores, escreveu sua carta catorze vezes.

De manhã, quando acordou, sentiu uma energia nova e se deu conta de que não se importava de voltar ao trabalho depois das férias. Escolheu no armário roupas que achou que iriam deixá-la mais respeitável. Enquanto atravessava a cidade a caminho do escritório, a ideia de que as cartas estavam em sua bolsa lhe deu

prazer. No trabalho, encontrou vários bilhetes em sua mesa, com pedidos que tinham aparecido enquanto estivera fora. Despachou todos rapidamente e, às dez e meia, tinha emitido uma pilha de faturas que precisavam ser registradas num livro de contabilidade.

“Acho que, se eu deixasse, você seria capaz de dar conta do meu trabalho e do seu”, disse Elizabeth Gibney.

“Em algumas manhãs, minha mente está mais clara”, disse Nora. “Já sentiu isso?”

“Não numa segunda-feira, nunca”, respondeu Elizabeth.

Postou as cartas naquela tarde e aguardou, mas nada aconteceu. Nos dias que se seguiram, quando caminhava para o trabalho, esperava ver algum dos professores para os quais havia escrito, mas não viu nenhum. Mais próximo do fim da semana, Nora foi a pé ao centro da cidade, quando o horário escolar já havia terminado, mas também não encontrou nenhum professor.

No sábado de manhã, foi à loja de Jim Sheehan, na Rafter Street, e comprou um pedaço de madeira fino, chato e comprido, além de pregos, e depois foi à loja de Godfrey, no Market Square, e comprou uma caneta grossa de tinta preta, uma folha grande de cartolina, papel branco e percevejos. Ficou pensando no que deveria escrever no cartaz e concluiu que o melhor seria não pôr nada sobre a turma A e a turma B nem dar muitos detalhes. Pensou se “EU QUERO JUSTIÇA” seria bom, mas depois achou que “EXIJO JUSTIÇA” ficaria melhor. Também resolveu dizer para Donal e Conor não irem à escola na segunda-feira e explicar aos dois, da melhor maneira possível, que ela estava se preparando para fazer um protesto na porta da escola e que seria uma boa ideia eles ficarem em casa estudando sozinhos enquanto aquilo acontecia. Nora, porém, não tinha certeza de como eles iriam reagir, e pensou se não deveria tentar outra estratégia. Ia esperar até domingo à noite, decidiu, antes de contar a Fiona o que pretendia fazer.

No domingo à noite, por volta das sete horas, um carro estacionou diante da porta de sua casa. Dois professores da escola secundária, Val Dempsey e John Kerrigan, para quem ela havia escrito, saíram do carro. Pela primeira vez, Nora sentiu medo, como se toda a coragem da semana tivesse se dissolvido e não restasse

mais nada senão seu orgulho e as ameaças que havia feito. Nora abriu a porta da frente para os dois professores antes que tivessem tempo de bater, e os fez entrar na saleta.

“Estamos muito preocupados”, disse Val Dempsey, “com a carta que a senhora enviou. Sabe, temos o maior respeito por Maurice.”

Os dois ficaram parados e ela não os convidou para sentar. De algum modo, o tom de voz de Val Dempsey havia restaurado a determinação de Nora.

“Entendo que a senhora esteja aborrecida”, prosseguiu.

“Não estou nem um pouco aborrecida”, cortou Nora. “O que leva o senhor a pensar isso?”

“Bem, sua carta...”

“Minha carta simplesmente disse que, se Conor não voltar para a turma A, vou fazer um piquete na porta da escola. Para isso, já tenho cartazes prontos lá em cima. Gostariam de ver? E não pensem que não vou ficar parada na frente dos senhores amanhã de manhã, porque vou mesmo.”

“Isso não seria prudente”, disse John Kerrigan.

“Não estou pedindo conselhos a ninguém. Se meu marido estivesse vivo, o Irmão Herlihy não teria escolhido Conor.”

“Os outros pais...”

“Não estou interessada nos outros pais.”

“Pensamos que você poderia suspender o piquete de manhã”, disse Dempsey. “Então veríamos o que podemos fazer.”

“Os senhores tiveram três ou quatro dias e não fizeram nada.”

“Houve muitas conversas sobre isso entre os professores.”

“Conversa, tenho certeza, é uma coisa maravilhosa, mas amanhã de manhã vai haver mais do que conversa e, se os senhores falarem com alguns colegas esta noite, talvez possam mencionar que vou rogar pragas contra qualquer professor que passar pelo meu piquete. Creio que já devem ter ouvido falar do poder das pragas de uma viúva.”

“Ah, francamente”, disse John Kerrigan.

“Vou amaldiçoar todos que passarem por mim.”

Os dois olharam um para o outro e depois fitaram o chão.

“Acho que vou falar com o Irmão Herlihy hoje à noite”, disse Val Dempsey.

Ficaram parados em silêncio por algum tempo, depois Nora abriu a porta da saleta e acompanhou os dois até a saída.

“Avisaremos a senhora, se tivermos alguma novidade”, disse John Kerrigan.

Ela não sorriu e olhou para eles muito séria.

Uma hora depois, Val Dempsey e John Kerrigan voltaram. Dessa vez seria mais difícil inventar uma desculpa para a visita deles, caso Fiona ou os meninos perguntassem. Teria que dizer aos filhos que o assunto eram os livros e cadernos que Maurice usava para dar aulas e que ela ia doar o material para a escola. Fiona e Conor foram até o vestíbulo olhar, enquanto Nora levava os dois professores para a saleta e fechava a porta.

“Deixamos um Irmão Cristão abatido lá no mosteiro”, disse Val Dempsey.

“Ele disse que não ia ser intimidado nem receber ordens”, acrescentou John Kerrigan. “Explicamos como a senhora é respeitada na cidade, bem como toda sua família. Ainda assim ele não quis ceder.”

“Então tivemos de explicar a ele”, disse Val Dempsey, “que ele e os outros Irmãos iriam ficar sozinhos na escola, porque nenhum professor passaria pelo piquete. Ele ficou louco quando soube do piquete. Ninguém tinha contado a ele o que estava escrito na sua carta.”

“Ele disse algumas coisas que prefiro não repetir”, lembrou John Kerrigan. “Deveras surpreendentes, vindas de um Irmão Cristão.”

Nora sorriu ao ouvir aquilo e ao ver que os dois professores pareciam sinceros. Porém ficou séria quando Val Dempsey falou.

“Então, sentamos na frente dele e comunicamos que não iríamos embora até a questão ficar resolvida. Meu Deus, a cara dele ficou roxa. Disse que a escola era dele e que ia fazer o que bem entendesse. Então ficamos lá parados, olhando para ele.”

“Por fim, deixei claro”, disse John Kerrigan, “que ele poderia resolver o assunto de um modo muito simples e fácil. Ele perguntou como, e eu respondi, sem rodeios, que ele podia passar o menino de volta para a outra turma, que ninguém ia pensar nada de mau dele por causa disso.”

“Ele respondeu que não ia ser ameaçado, mas que, se deixássemos o assunto por conta dele, ia pensar no que fazer.”

“Então dissemos que não, que precisávamos de uma solução já. Ele ficou andando de um lado para o outro na sala, depois parou e disse que não vai fazer nada amanhã, que não será coagido amanhã, mas que em algum dia da semana vai transferir o menino para a turma A. E nós dissemos que assim estava bom e resolvemos sair de lá enquanto a situação era favorável.”

“Para a senhora está bem assim?”, perguntou Val Dempsey.

“Mais do que bem: está perfeito”, disse Nora. “E sou muito grata a vocês dois.”

Nora estava quase pedindo desculpas por ter ameaçado rogar pragas, mas achou melhor não. Poderia levá-los a pensar que ela não havia falado sério em tudo o que dissera. Ela os acompanhou até a saída e desejou-lhes uma boa-noite; em seguida entrou na saleta e observou o carro partir. Nora não sabia bem como devia se sentir. Ninguém iria acreditar nela, pensou, se contasse que lá em cima, em seu quarto, ela tinha o material pronto para fazer os cartazes e que havia ameaçado rogar pragas contra todos os professores da escola dos Irmãos Cristãos.

Quando Conor chegou em casa na hora do jantar, na quarta-feira, encontrou-a na cozinha.

“Voltei para a turma A”, disse.

“Que ótimo”, respondeu ela.

“Houve muita festa quando entrei. O Irmão Herlihy me chamou na outra turma e disse para eu pegar minha mochila, que eu ia mudar de sala. Achei que ele ia me pôr na turma C.”

“Mas nem existe uma turma C”, disse Nora.

“Bom, podiam inventar uma”, respondeu Conor. “Então ele foi comigo até a sala da turma A e me perguntou do lado de quem eu sentava no ano passado, e aí eu fiquei sentado de novo perto do Andy Mitchell.”

No dia seguinte, quando Conor voltou da escola, procurou Nora.

“Você teve alguma coisa a ver com a minha volta para a turma A?”

“Por que está perguntando?”

“Porque eu vi o Feargal Dempsey aqui no domingo à noite, e hoje, depois de um intervalo, quando o Irmão Barrett tinha ficado de mau humor a manhã inteira, Feargal disse que a gente precisava mandar a mãe do Webster atrás dele.”

“Não sei o que ele quis dizer com isso”, declarou Nora.

* * *

Quando Fiona saiu com um grupo de professores na sexta-feira à noite, mostraram a ela a carta que Nora tinha escrito. No sábado de manhã, Nora estava na saleta de casa, lendo o jornal, quando Fiona entrou.

“Era a sua letra, não há dúvida”, disse. “Senão eu não teria acreditado.”

“Mas agora está tudo resolvido”, disse Nora.

“Pode estar resolvido para você, mas alguns professores acham que eu tive alguma coisa a ver com isso.”

“Espero que você tenha dito que não fez nada.”

“Talvez eu me candidate a outro emprego no futuro, e essa carta vai ficar no meu histórico.”

“Pois eu acho que tudo isso vai ser esquecido.”

“Também ouvi dizer que você rogou pragas contra todos os professores da escola dos Irmãos Cristãos.”

“Ameacei rogar pragas contra qualquer um que passasse pelo meu piquete.”

“Eu preciso viver e trabalhar aqui.”

“Sim, e eu tinha de garantir que Conor voltasse para a turma A.”

“Acho que eu devia ter sido consultada.”

“Você diria para eu não mandar a carta.”

“Claro que sim.”

“Então foi sorte minha não ter consultado você, não é?”

Nora se lembrou que, anos antes, uma freira mal-humorada chamada Irmã Agnes dava aula para Fiona, e como ela ficava mais mal-humorada a cada dia que passava, Fiona começou a ter medo de ir à escola. Nora tinha disfarçado a letra e escrevera uma série de cartas anônimas a Irmã Agnes e sua madre reverenda, ameaçando processá-las na Justiça se a freira não se acalmasse e parasse de dar tapas nas meninas sem motivo. A madre reverenda mostrou as cartas a um dos professores leigos, que a mostrou a Maurice, dizendo que eles achavam que as cartas tinham sido escritas por uma mulher chamada Nancy Sheridan, cujo marido era dono de um supermercado na Market Square e que tinha uma filha na turma da Irmã Agnes. Quando Maurice contou a Nora o que havia ocorrido, em tom de profunda desaprovação, Nora não disse nada. Mas a Irmã Agnes ficou mais calma e mais gentil, como Fiona logo relatou.

Ela ficou tentada a contar a Fiona a história das cartas que escrevera a Irmã Agnes, mas imaginou que a filha não ia achar graça. Também quis dizer a Fiona que ela estava ficando igualzinha ao pai e ao tio Jim, mas achou melhor não fazer isso. Ocorreu-lhe que Fiona teria falado mais, caso não desejasse pedir o carro emprestado naquela noite para ir a um baile no White's Barn, em Wexford.

O confronto com o Irmão Herlihy deu força a Nora. De manhã, quando acordava, pegava-se pensando com uma espécie de serenidade no dia que tinha pela frente. Não queria poder dormir de novo. Começou a somar todo o dinheiro que havia economizado e,

como em breve seria a sua vez de escolher os discos na Sociedade do Gramofone, achou que devia de fato comprar um toca-discos estéreo e até alguns discos também. Resolveu pedir a Phyllis que fosse com ela à Cloake's, para ajudá-la a escolher um toca-discos.

Phyllis levou alguns de seus discos para testar o som com músicas que lhe fossem familiares. Havia dois aparelhos de som estéreo com preço reduzido. Depois de ouvir um disco de Maria Callas cantando Verdi, ela descartou os dois toca-discos. Nora tinha avisado que não pretendia comprar nada muito caro e, enquanto Phyllis examinava os aparelhos em exposição, Nora dizia várias vezes que precisava levar em conta o preço. Não iria fazer nenhuma extravagância, disse, mas ao mesmo tempo não queria comprar algo que tivesse de substituir poucos anos mais tarde. No canto, viu um toca-discos com dois alto-falantes bem pequenos, que só era um pouco mais caro do que os dois aparelhos com preço reduzido.

“Tenho um fraco por aquele ali. Acho que é igual ao que minha irmã comprou, e ela confia demais nele. Não ligue para os alto-falantes pequenos.”

Quando o vendedor tocou um disco para elas nesse aparelho, Nora não teve certeza se sabia avaliar o som. Phyllis, por outro lado, foi capaz de falar com segurança sobre a profundidade do som, sobre os graves e agudos. Apesar de ser mais caro do que os outros dois cujo preço estava com desconto, disse Phyllis, ela tinha certeza de que era um aparelho muito melhor.

Phyllis foi com Nora para casa e ajudou-a a instalar o aparelho na sala. Deixou o disco de Maria Callas e outro que ela havia comprado, de música de piano. Todos agora iam ver, todas as suas visitas, pensou Nora, e iam achá-la uma extravagante. Precisaria se fortalecer e não se importar, quaisquer que fossem os comentários que fizessem. Ela quis ter aquilo e agora tinha.

Algumas semanas depois, num sábado, Nora foi de trem a Dublin com Fiona e os meninos. Encontraram Aine na loja Country Shop, para almoçarem, e depois ela pediu às filhas que cuidassem dos irmãos durante mais ou menos uma hora, pois ela precisava fazer

compras sozinha. Disse que encontraria Fiona e os meninos na estação da Amiens Street, para pegarem o trem de volta para casa. Phyllis lhe dera o nome de três lojas de discos. Disse que uma delas era pequena e que seria fácil passar por ela sem perceber; ficava em frente a um pub chamado Doheny & Nesbitt's, na Baggot Street. A outra se chamava May's e ficava na Stephen's Green, perto do alto da Grafton Street; e a terceira, sobre a qual tinha ouvido um comentário dos Radford, era a McCullough Pigott's, na Suffolk Street, na parte baixa da Grafton Street.

Nora tinha resolvido comprar dez discos. A empolgação que experimentava era nova, parecida com alguma coisa que havia sentido depois que se casou, quando comprava um vestido ou um casaco. Phyllis avisara que ela devia evitar compilações, a menos que o disco contivesse canções e árias de uma só cantora cujo nome ela já conhecesse. Era melhor, disse Phyllis, comprar discos com concertos inteiros, ou com uma sinfonia, ou com um trio ou quarteto. Depois dos recitais na Sociedade do Gramofone, Nora passou a anotar o nome dos compositores e das peças individuais de que gostava. Só que nunca tinha tempo de procurar por eles.

Quando encontrou a loja na Baggot Street, se deu conta de que queria levar quase tudo. Teria de ser rápida e fazer escolhas. Se comprasse três ou quatro discos ali e depois três nas outras duas lojas, já seria o suficiente.

Ao fundo, estava tocando uma música de coral que ela achou linda. Quase perguntou ao homem atrás do balcão o que era aquilo, mas depois achou melhor não perguntar. No fim, embora tivesse certeza de estar fazendo as escolhas erradas, optou por duas sinfonias de Beethoven, as Rapsódias Húngaras de Brahms e um disco da cantora Maria Callas. Na May's, compraria mais discos cantados, talvez até trechos escolhidos de óperas, a despeito do conselho de Phyllis, e depois, na McCullough Pigott's, compraria música de câmara.

Quando estava saindo da McCullough Pigot's, notou uma pilha de discos ainda sem preços. Pareciam saídos da caixa do fabricante. No alto da pilha, havia um disco que ela tinha escutado na casa do dr. Radford, levava emprestado para casa e depois devolvera: o Trio

do Arquiduque; na capa, a fotografia que ficara gravada em sua mente, a jovem de sorriso forte e tímido, olhos azuis e cabelo louro. Nora levou o disco até o balcão e perguntou o preço.

“Ah, ainda não pusemos o preço”, disse a vendedora.

“Não tenho muito tempo”, informou Nora, “mas vou comprar, se não for caro demais.”

“Muita gente veio procurar esse disco”, contou a vendedora. “Temos de cadastrar o preço de novo.”

A empolgação de comprar discos, Nora percebeu, trouxe junto a capacidade de se abater e de facilmente se frustrar.

“O gerente já foi embora”, disse a vendedora, “mas vai voltar na segunda-feira.”

“É que hoje eu vou pegar o trem para Wexford, onde moro”, explicou Nora.

Tentou se mostrar ao mesmo tempo humilde e insistente. Estava claro qual era faixa de preço do disco. Nora olhou uma pilha de discos e achou um com o mesmo selo, *EMI His Master Voice*, e levou-o à vendedora, indicando o preço.

“Acho que subiu”, disse a vendedora. “Desculpe, mas preciso verificar.”

Eram quase cinco e meia da tarde e Nora logo teria de começar sua caminhada em direção à estação da Amiens Street. Mas estava decidida a comprar o disco.

“Venho a Dublin muitas vezes”, disse à vendedora, que estava procurando nos catálogos. “Se o preço for mais alto do que o dos outros discos da *EMI*, pagarei a diferença na próxima vez que eu vier aqui.”

Quando a vendedora ergueu os olhos, a expressão de seu rosto parecia mais branda.

“Vou fazer o seguinte: deixo a senhora levar por uma libra e, na próxima vez que vier, me pergunte o preço, que reembolso a senhora, caso o disco custe menos; se for mais caro, o que acho que será o caso, a senhora me paga.”

Nora fisgou da bolsa uma nota de uma libra, agradeceu à mulher e saiu da loja, seguindo rapidamente para a estação de trem.

No domingo de manhã, quando os meninos estavam na missa e Fiona continuava na cama, Nora pôs o disco para tocar e examinou a fotografia da capa, olhou os homens com seu aspecto moreno e bonito e depois a jovem entre os dois, que parecia mais feliz quanto mais ela a observava. Nora escutou o primeiro movimento várias vezes, saboreando a incerteza que havia ali, como se alguém fizesse um esforço para dizer algo ainda mais profundo e mais difícil, hesitasse e depois optasse por uma melodia mais simples antes de abandoná-la de novo e passasse para momentos estranhos, repentinos e solitários, que o violino ou o violoncelo tocavam com uma tristeza que Nora não entendia como aqueles jovens podiam conhecer.

Daí em diante, até o Ano-Novo, Nora tocava os discos sempre que tinha tempo ou quando ficava sozinha na sala. No Natal, os dois meninos, as duas moças e Una lhe deram de presente três sinfonias de Beethoven que ela não tinha. Aine comprara os discos em Dublin. Margaret telefonou a Phyllis e descobriu que Nora talvez preferisse algo mais sereno e comprou as sonatas para violoncelo de Brahms, tocadas por János Starker. Aquilo significava que Nora tinha opções de sobra para escolher para seu recital na Sociedade do Gramofone.

Jim e Margaret foram à casa dela muitas vezes nos sábados à noite e, quando Fiona saía para dançar no *White's Barn* e Conor ia dormir, eles assistiam ao programa *The Late Late Show* na televisão junto com Nora e Donal. Semana após semana, o programa apresentou debates sobre a Irlanda do Norte, entremeados com debates sobre a liberação feminina e mudanças na Igreja Católica. Jim adquiriu antipatia por vários debatedores do programa, mas Nora muitas vezes concordava com os que defendiam mudanças, como achava que Maurice faria.

Num sábado à noite de fevereiro, quando a discussão começou a se concentrar na falta de direitos civis na República, uma deficiência tão grande quanto a que havia na Irlanda do Norte, Jim ficou tão enfurecido que pareceu à beira de pedir que Nora desligasse a televisão.

Quando houve um intervalo para os comerciais, Nora foi à cozinha, fez um chá e voltou à sala com uma bandeja na hora em que o programa estava recomeçando.

Gay Byrne, o apresentador, obviamente havia conversado com a plateia durante o intervalo, e a câmera focalizava um grupo de mulheres na primeira fila. Nora reconheceu algumas delas, feministas que muitas vezes participavam do programa como debatedoras. Quando Nora colocou a bandeja na mesinha de centro, uma delas falava sobre as condições nas casas das favelas de Dublin e sobre a passeata promovida naquele dia pelo Comitê de Dublin em Defesa da Moradia, que terminara com as pessoas sentadas na O'Connell Bridge.

“O que você diria às pessoas de Dublin”, perguntou Gay Byrne, “que ficaram presas no trânsito durante horas por causa do seu protesto?”

A câmera moveu-se para a mulher seguinte, que Nora imediatamente reconheceu como Aine. Donal gritou o nome dela, mas Jim e Margaret levaram alguns segundos para entender que era mesmo ela.

“Ah, meu Deus”, exclamou Margaret.

“Aumente o volume!”, gritou Nora.

Aine estava no meio de uma frase, explicando que, se as pessoas do Sul estavam de fato tão preocupadas com a discriminação contra os católicos no Norte, talvez fosse bom pôr ordem na própria casa.

“Em vez de contrabandear armas”, prosseguiu ela, “talvez fosse melhor construir sistemas de esgoto e de abastecimento de água eficientes nas residências de Dublin.”

Concluiu dizendo que tinha orgulho de ter participado do protesto e convidava o povo do Norte a descer e ver as condições miseráveis do povo trabalhador de Dublin. Quando estava prestes a acrescentar mais alguma coisa, Gay Byrne ergueu a mão e passou o microfone a outra pessoa.

“Ah, meu Deus”, disse Margaret de novo. “A nossa Aine!”

“E-ela está n-n-uma dessas org-g-ganizações?”, perguntou Donal.

“Tenho certeza de que ela estuda muito durante a semana”, disse Nora.

“E-e-e-la devia t-t-ter contado para a gente. P-p-odia se perder na c-c-confusão”, disse Donal.

O estranho, agora, Nora notou, era Jim. Ele estava quase sorrindo.

“Em vez de contrabandear armas, construir sistemas de esgoto eficientes”, disse ele. “É exatamente isso que eu sinto. Nem eu mesmo expressaria melhor essa ideia.”

“Ela fala muito bem”, observou Margaret. “E devia estar nervosa. Ouvei dizer que é muito difícil falar na televisão.”

“E ali, no meio de todas aquelas feministas”, acrescentou Nora. “Aposto que amanhã, na missa, vai ter muito falatório sobre ela.”

“Ela vai participar do próximo debate”, disse Margaret. “Eu não sabia que Aine se interessava pelo problema habitacional. Talvez faça parte do curso dela.”

Nora olhou para Margaret e serviu o chá. Claro que ela estava muito surpresa e que desaprovava aquilo, porém Nora admirou demais a rapidez com que Margaret disfarçou seus sentimentos.

Assistiram ao restante do programa, para o caso de Aine falar de novo, e uma vez viram a câmera focalizar o lado dela da plateia e Aine de mão erguida pedindo para falar, mas o microfone não foi até ela.

“Ora, ora”, disse Margaret quando o programa terminou. “Essa foi boa, não foi?”

“Ela é s-s-socialista?”, perguntou Donal.

“Não sei”, respondeu Nora. “Quem sabe ela nos explique na próxima vez que vier para casa?”

16.

Semana após semana, Laurie ensaiou com ela "The Last Rose of Summer" e sugeriu acrescentar uma canção alemã.

"Tem que ser uma coisa que surpreenda a banca do teste, talvez uma música de Schubert que mostre o que sua voz tem de melhor. Sabe, eu estava na França quando os alemães chegaram, ocuparam até o convento, e tivemos de nos mudar para uma casa de fazenda, mas nunca deixei de admirar Schubert e escutar sua música. Pois então, acho que sei de uma canção que vai realçar as qualidades da sua voz."

Laurie remexeu seus discos.

"Pronto, aqui está. Vou tocar só esta canção e quero que você escute. Primeiro deixe a música entrar em você, depois vamos ver a letra em inglês, e só depois vamos passar verso por verso para o alemão."

Laurie puxou o disco da capa e pôs no toca-discos. Nora fechou os olhos e ouviu.

"Acompanhe o piano primeiro. Depois vamos ver a voz."

No início, o som do piano era direto e aberto. No entanto, assim que a voz feminina entrou, um contralto profundo e encorpado, o piano se suavizou e se moveu com discrição, às vezes mal dava

para notar sua presença, mas estava sempre pronto para preencher os silêncios, voltar de novo no intervalo entre os versos, com mais complexidade.

“Vamos ouvir de novo”, disse Laurie. “Agora, a voz.”

O que Nora notou foi uma ternura prolongada nas notas, um modo delicado de abordar a melodia. O tom não era nem doce nem incisivo; pairava estranhamente entre um e outro. Uma voz sincera, pensou Nora, e um canto perfeito e belo.

“Esse é o hino à música composto por Schubert”, disse Laurie. “A letra foi escrita por um poeta amigo dele, que viveu até a velhice. Imagine a música que teríamos, se Schubert tivesse também chegado à velhice! Mas as coisas são assim. A letra em alemão é linda e perde muito na tradução. Os primeiros versos em inglês são assim:

*Oh, arte adorável, em quantas e tantas horas cinzentas,
Quando a roda louca da vida me enlaçava,
Tu acendeste em meu coração o cáldo amor
E me transportaste para um mundo melhor.*

“Schubert transpôs esses versos para a sua música de uma forma belíssima. Claro, foi um ato de amor. Ele e o poeta eram amantes, pelo menos é o que dizem.”

“Schubert e o outro homem?”, perguntou Nora.

“Sim, não é maravilhoso? E triste também, porque Schubert morreu tão jovem e o outro viveu anos e anos, até envelhecer. Mas temos essa canção para nos lembrarmos deles, uma canção que nasceu do amor à música e do amor a outra pessoa.”

“Quem é a cantora? Tem uma voz linda.”

“É Kathleen Ferrier. Era de Lancashire e morreu jovem também.”

Laurie fez Nora ler a letra em alemão e tentou corrigir sua pronúncia. Explicou-lhe que, em alemão, o verbo muitas vezes vem no fim da frase. Escutaram a gravação mais uma vez e, para a aula da semana seguinte, Laurie pediu que Nora aprendesse os dois primeiros versos em alemão.

Donal comprou seus próprios discos e os tocava sem parar. Nora não queria impedi-lo de usar seu toca-discos, mas havia ocasiões em que tudo que ela desejava era ouvir algo sentada na poltrona da sala, e, quando chegava, Donal já estava lá.

Tanto Donal como Conor tinham um grande interesse pela vida social de Fiona, aonde ela ia e quem encontrava. Os preparativos de Fiona para o fim de semana, as roupas que vestia, a maquiagem que usava e a chegada de suas amigas davam a sensação de encher a casa com uma coisa nova. Quando Aine foi lá depois de sua participação no programa *The Late Late Show*, fingiu que não havia acontecido nada e não pareceu interessada em discutir o assunto. Fiona achou um jeito de incluir Aine em sua nova vida social e as duas foram juntas a um bar na cidade na sexta-feira à noite.

Perto da Páscoa, num baile em Wexford, Fiona conheceu um homem chamado Paul Whitney, que era advogado em Gorey. Nora e Maurice, bem como Jim e Margaret, haviam conhecido os pais dele. Paul Whitney tinha trinta e poucos anos, e, quando Elizabeth Gibney soube, contou a Nora que tinha ouvido falar que ele podia vir a ser juiz distrital.

“Ele é um excelente profissional”, disse ela, “conseguiu se fazer sozinho, as pessoas falam maravilhas dele. Um amigo de Thomas contratou-o num caso de seguro e ficou contentíssimo com o resultado.”

Fiona começou a convidar Paul Whitney para ir à sua casa. Nas sextas-feiras e sábados à noite, e muitas vezes também nos domingos, ele ficava na sala conversando com a família toda, enquanto Fiona se arrumava para sair. Tinha opinião sobre tudo; sabia muitas coisas não só sobre política mas também sobre a Igreja, pois tratava de questões legais para várias paróquias e tinha ótimas relações com o bispo.

“Ele tem saudade de Roma”, Paul Whitney contou a Nora certa noite. “Vivia apavorado com a possibilidade de ser nomeado bispo e ser enviado para a Irlanda. Alguns padres da diocese não primam

pela agilidade mental, se a senhora me entende. Não são dos mais brilhantes.”

Nora nunca tinha ouvido ninguém falar daquele modo sobre padres e até sobre bispos.

Ele também conhecia música e toca-discos estereofônicos. Uma noite prometeu emprestar a Nora sua caixa de discos com os quartetos de Beethoven, e disse que ela poderia ficar com os discos o tempo que quisesse, pois ele tinha voltado a ouvir Bach.

“Ah, Bach foi o maior gênio de todos”, disse Paul. “Se Deus algum dia existiu na Alemanha, o que eu duvido, veio na forma de Bach.”

Com Conor, conversava sobre *hurling* e futebol e com Donal, sobre tipos de câmeras fotográficas. Era franco e simpático; mesmo aos sábados ia à casa deles de paletó e gravata. Toda semana, o paletó era diferente e a gravata também. Sobre o assunto Charlie Haughey, ele tinha informações de que Nora nunca ouvira falar.

“Se ele conseguisse se manter longe das mulheres”, disse, “seria excelente, para ele e para todos nós. Mas anote o que estou dizendo: ele tem o apoio de boa parte do partido e é o político do futuro.”

Uma noite, no início do verão, quando Jim e Margaret também estavam presentes, Paul chegou e começou a conversar com os dois sobre política. Nora percebeu, então, como Paul se sentia à vontade na companhia de pessoas mais velhas e como Jim foi se entusiasmando com ele. Nora ficou imaginando o que ele e Fiona deviam conversar quando ficavam sozinhos.

Nora começou a esperar com ansiedade as visitas de Paul. Algumas noites, quando Donal e Conor estavam na outra sala e Jim e Margaret não tinham vindo, Paul ficava algum tempo sentado na poltrona em frente a ela, contando histórias e discutindo assuntos do momento com Nora e Fiona. Fiona ficava calada enquanto Paul falava com Nora sobre música, religião ou política, temas sobre os quais Nora, muitas vezes, também tinha muito a dizer. Paul era como Maurice na maneira como se interessava por política, mas ele sabia mais, e também se interessava por música, claro, o que Maurice nunca fizera, e também por teatro, como se viu depois. Lia romances e tinha opiniões sobre os escritores. Nessas noites,

quando Paul e Fiona afinal saíam para ir a um bar ou a um baile, Nora se via sozinha, sentada, quase feliz. Havia desfrutado da companhia dele e estava claro, ela via, que ele também desfrutara da companhia dela.

Certo dia, na Market Square, quando passava pela loja Essie's, Nora viu na vitrine um vestido que achou que ia ficar bem nela. Parecia feito de uma lã fina e era vermelho e amarelo. Fazia anos que não usava um vestido assim. Quando entrou na loja, começou a experimentar outros vestidos feitos com a mesma lã fina, em cores de que ela gostou ainda mais. Aceitou receber três deles em casa, para experimentar, achando que seria necessário analisar como os vestidos ficariam sob a luz de sua casa e também verificar se possuía sapatos que combinavam com eles. O preço era o mais alto que ela já havia pago por um vestido, mas Nora achou que, se esperasse a liquidação, eles poderiam já ter sido vendidos.

Fiona atendeu a porta quando o entregador da loja chegou com o pacote de vestidos. Mais tarde, ela comentou com Nora que a Essie's tinha mandado três vestidos que ela achou que fossem para ela, pois pouco tempo antes tinha ido à mesma loja para comprar um vestido novo, mas os que viu não eram do tamanho dela nem do modelo que ela procurava. Nora foi à saleta, onde o embrulho estava aberto, voltou e disse a Fiona que, na verdade, eram para ela.

"É para alguma coisa especial?", perguntou Fiona.

"Não, não", disse Nora. "Eu só estava passando e vi na vitrine um vestido de que gostei, então entrei e acabei experimentando outros."

"Entendi", disse Fiona.

Lá em cima, depois que os outros foram para a cama, Nora experimentou os três vestidos e, usando cada um deles, desceu três vezes a escada, se olhou no espelho do vestíbulo e, tendo levado para baixo vários pares de sapato para ver se combinavam com os vestidos, entrou na sala como se houvesse outras pessoas ali e sentou-se na poltrona que normalmente usava. Gostou de um dos vestidos que tinha um cinto e cores mais vivas do que os demais. Foi até a entrada, olhou de novo para o pescoço no espelho e viu

que a gola do vestido o cobria melhor do que os outros dois. Decidiu comprar aquele e também um sapato novo, algo mais elegante, com salto, pensou.

No dia seguinte, deixou os outros dois vestidos na loja e pagou pelo vestido com cinto e gola, mas achava que não o usaria, se tivesse de ir a algum lugar. Era um bom vestido para ter no guarda-roupa. Na sexta-feira, depois do chá, porém, quando estava em seu quarto, resolveu usar o vestido naquele momento. Vestiu-o, sentou-se diante do espelho, escovou o cabelo, olhou na bolsa de maquiagem, achou um rímel discreto e um delineador de olhos preto. Quando ouviu um carro, foi até a janela para ver quem era, viu que eram apenas dois vizinhos, desceu a escada, fez uma xícara de chá e pôs um disco para tocar.

Mais tarde, na cozinha, esbarrou com Fiona.

“Você está incrível”, disse Fiona. “Vai sair?”

“Não”, respondeu. “Só achei que devia usar o vestido, já que o comprei.”

Pouco depois, ouviu Fiona saindo. Nora estava na sala, escutando um concerto de piano de Mozart, quando Fiona voltou.

“Vou precisar do carro esta noite”, disse.

“Vocês vão para Wexford?”

“Não sei bem para onde estamos indo”, respondeu Fiona.

Nora esteve à beira de perguntar se o carro de Paul estava com defeito, mas, como no tom de Fiona havia uma espécie de rispidez, Nora não disse nada. Mais tarde, ouviu o carro partindo e achou estranho Fiona não ter se despedido.

Durante as semanas seguintes, Fiona andou emburrada, ia cedo para a cama nas noites em que não saía. Quando Aine veio passar um fim de semana com a família, Nora lhe perguntou se o relacionamento de Fiona com Paul Whitney havia terminado.

“Não, nem de longe”, disse Aine. “Acho que vai de vento em popa.”

“Mas há semanas que ele não vem aqui em casa.”

“Acho que é assim que ela quer.”

“O que você quer dizer?”

“Acho que Fiona sentiu que todo mundo aqui estava ficando amigável demais com ele.”

“Quem é ‘todo mundo aqui’?”

“É melhor você perguntar para Fiona, mas ela disse que houve algumas noites em que ela se sentiu deixada de lado durante a conversa.”

“Todos nós conversamos com ele de um jeito normal.”

“Não pergunte para mim. Eu nem estava aqui.”

“Há alguma coisa que você não está querendo me contar.”

Aine olhou para ela de modo incisivo.

“Numa noite ela viu você toda arrumada, com um vestido novo.”

“E daí?”

“Daí que ela telefonou para Paul e eles se encontraram no Bennett’s Hotel.”

“Ela acha que eu me arrumei e pus um vestido novo porque ele estava vindo para cá?”

“Não pergunte para mim. Pergunte para ela.”

“Mas é o que ela acha?”

“Você vai ter que perguntar para ela.”

“Tenho coisas mais importantes para fazer.”

Com Laurie ao piano, Nora ensaiou muito suas duas canções. Às vezes, esse trabalho caminhava devagar e era frustrante, mas Laurie garantia que ela sabia o significado de todas as palavras alemãs e que sua pronúncia estava perfeita.

Às vezes, Nora duvidava de Laurie, das histórias que ela contava e do modo familiar como falava de pessoas que não tinha conhecido, inclusive algumas que haviam morrido fazia muito tempo. Laurie gostava de viver num reino inventado por ela, o mais distante possível da cidadezinha onde de fato se encontrava. Às vezes, quando estavam ensaiando, Laurie criava a ilusão de que muita coisa dependia daquilo, que elas se encontravam em Paris ou em Londres, e assim, sob seu escrutínio rigoroso, Nora aprendeu as duas músicas e conseguiu cantar uma delas em alemão da melhor

maneira que foi capaz, enquanto a concentração de Laurie não relaxava nem um segundo.

Um dia, Laurie disse a ela que havia convencido Frank Redmond, o maestro do coral de Wexford, a ouvir sua mais nova aluna, Nora Webster, tendo em vista a possibilidade de aceitá-la no coral, embora não estivessem precisando de uma mezzo soprano. Ficou combinado que Nora iria ao convento Loreto num sábado à tarde, quando o piano da sala de música ficava livre.

Nora fez o cabelo na véspera, aplicou uma tintura nova e pôs o vestido que havia comprado na Essie's, com um sapato novo que comprara na Mahady Breen's. Combinou de se encontrar com Phyllis, depois que tudo tivesse terminado, para um café no White's. Quando chegou ao convento e encontrou Frank Redmond na porta, ficou surpresa ao ser levada imediatamente a uma sala de recitais. Além do pianista, havia duas outras pessoas, às quais foi apresentada. Mostrou a Frank Redmond e ao pianista a partitura que havia trazido; o pianista disse que podia tocar a primeira canção de cor e que só precisaria da partitura para a de Schubert. Ele ensaiou um pouco, enquanto Nora foi ao banheiro.

Gostaria de ter tido tempo de fazer os exercícios vocais que fazia antes de Laurie deixá-la cantar. Teria de começar fria. Não havia sequer um copo d'água no palco, e Nora sentiu a boca seca. Estava bem claro que aquelas pessoas tinham trabalho a fazer e que desejavam terminar com aquilo o mais depressa possível. Ficou de pé ao lado do piano e encarou o salão. Primeiro, deixou as mãos ao lado do corpo e depois, como se sentiu exposta e desconfortável, pôs a mão direita sobre o piano, o que logo fez o pianista avisar que ela não devia fazer aquilo. Laurie jamais deixaria Nora cantar antes de se sentir inteiramente confortável, mas agora Nora não tinha escolha, sentia a impaciência do pianista.

No instante em que ele começou, Nora percebeu que havia algo errado. Em vez de tocar a abertura da melodia, ele estava tocando algo mais complicado. Ela não sabia em que momento entrar. O piano continuou a tocar por baixo da melodia, como se o pianista estivesse acompanhando outra pessoa, e depois começou uma série de trinados antes de voltar à melodia original. Impossível

saber o que fazer, portanto Nora simplesmente começou a cantar. Entrou na hora errada, ela notou no momento em que começou, mas não havia o que fazer. Quando chegou ao verso "*no flower of her kindred*", sua respiração falhou e ela tremulou demais na nota aguda.

No segundo verso, o pianista mal tocava, o que facilitou as coisas, mas Nora não estava deixando a profundidade de sua voz vir à tona. Mesmo assim, fez o melhor que pôde e, com algumas frases, concentrando-se demais, encontrou um tom com que trabalhar. Relaxou e cantou como Laurie havia ensinado, controlando a respiração com perfeição, agora, ao chegar ao fim da canção.

As três pessoas na plateia permaneceram em silêncio quando ela terminou. Viu Frank Redmond fazendo um sinal ao pianista, e Nora se virou para ver se ele já estava com a partitura de "An die Musik" no lugar. Em vez disso, ele fechou o piano. Nora pensou se isso significava que, como a execução dele não tinha sido boa na primeira canção, iam deixá-la cantar Schubert sem acompanhamento. Ela não sabia se seria capaz de achar o tom certo.

"Talvez seja melhor irmos lá para fora", disse Frank Redmond, subindo ao palco, dois degraus a cada passo.

Como Nora se mostrasse surpresa, ele tirou a partitura do piano e entregou a ela. Nora supôs que ele fosse levá-la a uma sala menor, com mais privacidade, para cantar Schubert onde ficasse menos nervosa. Ele a retirou do palco e a levou para fora da sala, até o corredor.

"Muito obrigado", disse. "Somos muito gratos por ter se dado a todo esse trabalho."

"Não cantei Schubert", disse ela.

"Sim", respondeu ele.

"Então, há outra sala com um piano?", perguntou.

"Essa é uma das minhas músicas favoritas", disse o maestro, "e eu preferia não ouvi-la agora. De fato, se precisarmos ouvi-la de novo, avisaremos."

“Eu tive um início ruim. O acompanhamento na abertura não era o que eu conhecia.”

“Não era?”, perguntou.

De repente, Nora percebeu que ele estava quase zombando dela, e que ela estava sendo dispensada. Embora soubesse que era melhor não dizer nada, não conseguiu se conter.

“Acho que ele usou um arranjo diferente”, afirmou com autoridade, como se entendesse de arranjos.

“Sim, ficou tudo parecendo a música que fez a vaca velha morrer,* a senhora tem razão quanto a isso.”

Ele estava sendo francamente ofensivo.

“Obrigada”, disse Nora, quando ele abriu a porta para ela.

Estacionou o carro na frente do White’s e fez umas compras antes de ir se encontrar com Phyllis.

“Então, desde Janet Baker ninguém jamais cantou tão bem como você. Não foi o que ele disse?”, perguntou Phyllis.

“O que significa a música que fez a vaca velha morrer?”, perguntou Nora.

“Não sei”, respondeu Phyllis.

“Seja o que for, tenho certeza de que não é nada que soe bem”, disse Nora.

“Então você não triunfou?”

“O pianista tocou uma introdução própria de “The Last Rose of Summer” e eles nem me deixaram cantar Schubert.”

“Quem era o pianista?”

“Um sujeitinho com cara de camundongo, de terno.”

“É o Lar Furlong. Ele já fez a mesma coisa com alguém que eu conheço.”

“Bem, espero nunca mais ver esse sujeito.”

“É um safado bem conhecido.”

“É mesmo?”

“É, sim. Agora vamos tomar café e pensar em como você vai dar essa notícia para a Laurie O’Keefe. Você é a grande descoberta dela.”

Quando chegou em casa, Jim e Margaret estavam lá, conversando com Fiona na sala.

“Estávamos falando sobre o Donal”, disse Margaret, “porque encontrei Felicity Barry, que é fonoaudióloga. Ela trabalha numa porção de escolas, inclusive no St. Peter’s College, em Wexford, e eles têm muitos equipamentos lá, inclusive câmaras escuras para revelar fotografias e um clube da câmera. Alguns garotos obtêm ótimos resultados no exame final do curso secundário.”

“Você está falando do colégio interno?”, perguntou Nora.

“Eu teria todo o prazer de pagar as mensalidades, ainda mais se houver uma fonoaudióloga lá.”

“A gagueira de Donal às vezes melhora”, declarou Nora.

“E depois piora”, acrescentou Fiona.

“Alguém falou com ele sobre isso?”, perguntou Nora.

“Ah, sim”, disse Margaret, percebendo em seguida a irritação de Nora. “Bem, veja, ele ia falar com você sobre isso”, explicou.

“Não sei se um colégio interno seria bom para ele. Em certos aspectos, ele é maduro demais para a idade dele e, em outros, maduro de menos.”

“Conviver com outros meninos da idade dele podia ser bom para o Donal”, disse Margaret.

Nada naquela conversa estava ocorrendo sem a participação direta de Donal, pensou Nora. Ele conversava muito com Margaret, quando ia à casa dela revelar suas fotografias; também conversava com Fiona. Eles lhe faziam perguntas que Nora jamais fazia, porém, de certa forma, tinha a sensação de ser a mais próxima de Donal, e que ele confiava nela de um modo que ninguém entendia. Donal observava e assimilava as coisas como nenhum de seus outros filhos fazia, e Nora tinha a impressão de que ele absorvia os sentimentos dela simplesmente estando em casa, na companhia dela. Donal tinha quinze anos e dali a dois anos iria para a universidade, em Dublin. Talvez precisasse sair de casa mais cedo, a fim de experimentar outras coisas e ser liberado de ter que se preocupar com ela, mas Nora não pensava assim. Donal gostava da liberdade que ela lhe dava, gostava de ser tratado como um adulto, em casa. Os interesses de Donal eram profundos e particulares, ela

sabia, e ele não iria se adaptar com facilidade a uma rotina imposta, à falta de autonomia e à solidão.

No dia seguinte, quando conversou com Donal sobre o assunto, Nora se deu conta de que era algo que ele desejava. Ele queria uma fonoaudióloga, e a ideia de um clube da câmara também o atraía. Nora tentou fazer Donal imaginar como seria dormir num dormitório ou obedecer a uma porção de regulamentos e regrinhas tolas. Porém, como Donal resistisse aos esforços de Nora fazê-lo pensar negativamente sobre o colégio interno, ela soube ser cautelosa. Não queria que ele nem os outros acreditassem que ela dependia dele ou queria mais dois anos com Donal e Conor juntos no quarto vizinho ao dela. Se Nora não tentasse impedir algo que Donal queria, talvez fosse mais fácil para ele resolver não ir. Na segunda-feira, achou o número de telefone de Felicity Barry e ligou para ela da cabine telefônica da Back Road, mas ninguém atendeu. Pensou se não deveria escrever e perguntar se ela aceitaria atender Donal de forma particular. Havia muito tempo que já devia ter feito isso.

Aos poucos, Nora viu a questão de Donal e do colégio interno escapar de seu controle. Gostaria de saber como aquilo tinha começado, quem havia levantado a questão primeiro. Nora não se declarava contra, mas percebia que Margaret, ciente de sua oposição, havia parado de falar do assunto, deixando a cargo de Jim contar que tinha encontrado o padre Doyle, o diretor do colégio, numa reunião da Associação Atlética Gaélica e perguntara se haveria alguma vaga para Donal no St. Peter's College. O padre Doyle respondeu que ficaria encantado de ter um filho de Maurice Webster em seu colégio. Mais tarde Nora descobriu que Donal já havia sabido, antes dela, desse encontro com o padre Doyle.

Quando, mais uma vez, foram passar as férias em Curracloe e ficaram num trailer, receberam a visita de Jim e Margaret na última tarde. Nora viu Donal se demorar no trailer, escutando a conversa. Era fim de julho e, se Donal ia mesmo para o colégio interno no início de setembro, a questão precisava ser resolvida logo. Enquanto conversavam e a luz do entardecer diminuía, Nora entendeu que tudo já estava resolvido. Ela nunca havia se oposto

abertamente a Margaret, mas sentia que devia fazer isso agora, teve vontade de pedir que Jim levasse Donal e Conor para tomar sorvete no Winning Post e, quando tivessem se afastado, dizer a Margaret que ela não devia interferir na vida de seus filhos. No entanto, Margaret podia alegar inocência com plena convicção e também dizer que ela só estava se oferecendo para pagar os estudos de Donal, como havia pago os de Aine, porque era para o bem dele. Nora se veria posta na posição de não querer que Donal tivesse uma educação melhor e de não ser grata pela generosidade de Margaret.

Antes de Jim e Margaret irem embora, ficou combinado que Jim escreveria formalmente ao padre Doyle. Eles falavam do assunto como se ainda não estivessem certos de qual seria a resposta do padre, o que Nora sabia não ser verdade. O colégio aceitaria Donal; o padre Doyle já havia declarado isso a Jim. E Donal sairia de casa e iria para o colégio interno. Nora pensou se tinha havido algo que ela pudesse ter feito para impedir isso ou se ainda havia algo que pudesse fazer agora.

De manhã, quando já tinham arrumado as malas e estavam prontos para ir embora, Nora chamou Donal para dar uma volta a pé com ela. Quando se aproximaram da praia pelo calçadão de madeira, que estava quase todo coberto de areia, Nora percebeu como Donal estava incomodado, ciente de que eles iriam discutir um assunto sério.

“Tem certeza de que quer ir para o colégio interno?”, ela perguntou, quando estavam na praia.

“Acho que s-s-sim”, disse ele.

“É uma mudança grande”, retrucou Nora.

Caminharam pela beira da praia.

“Detesto os Irmãos C-c-cristãos”, disse ele.

“Ah, é?”

“Eu g-g-gostaria de não ir a n-n-nenhuma escola.”

“Só faltam dois anos. Você falou com a Aine sobre o University College de Dublin?”

Donal fez que sim com a cabeça.

“Lá você teria liberdade para estudar o que quisesse.”

“Quero estudar f-f-fotografia.”

“Não seria problema. Deve haver muitos lugares bons para isso.”

Caminharam mais algum tempo calados. Donal começou a colher pedrinhas na beira do mar e a jogá-las na água.

“Existe algum problema específico nos Irmãos?”, ela acabou perguntando.

Donal encolheu os ombros.

“É tudo um p-p-problema.”

“E o colégio interno seria melhor?”

Agora ela podia ouvir a respiração de Donal e viu que ele estava aflito.

“St. Peter’s seria melhor?”

“P-p-papai não d-d-deu aula lá.”

Donal olhou para ela e no olhar havia uma cruzeza que Nora nunca tinha visto nele.

“Isso foi ruim?”

“Todas as salas eram salas em que ele deu aula. Estou na sala onde ele ia todo dia.”

Seu tom era direto e duro; não gaguejava. Ela abraçou Donal e começou a chorar.

“E todos olham p-p-para mim e s-s-sentem pena de mim. E não c-c-consigo est-t-tudar. Não consigo fazer nada. E detesto todos eles.”

Nora manteve o braço em volta de Donal até ele parecer incomodado, e lentamente os dois voltaram para o trailer.

Quando ela, Fiona e Conor acompanharam Donal ao colégio St. Peter’s no início de setembro, Nora imediatamente percebeu como ele iria ficar solitário e isolado. Todos os meninos estudavam lá por cinco anos; Donal ficaria apenas os dois últimos anos. O saguão estava repleto de meninos e pais; a sensação de Nora foi que os meninos estavam voltando para casa, ou pelo menos para um local familiar. Alguns padres que ela viu se movimentavam para todos os lados, muito atarefados. Só Donal parecia desorientado, e Nora precisou achar um padre para explicar que ele era novo, um aluno

interno que ia começar a quarta série e não sabia onde ficava seu dormitório nem onde guardar suas coisas.

“Se a senhora disser para ele ficar ali perto daquela mesa, cuido dele num instante”, respondeu o padre. E desapareceu antes que Nora pudesse perguntar se ela podia esperar com Donal ou se deveria deixá-lo sozinho, com a mala e a bolsa, e voltar para casa. Também não sabia qual era o sistema de visitas, e gostaria de ter visto isso antes, pois assim poderia garantir a Donal que o veria em breve. No final, como viu outros pais indo embora, disse a Donal que ela, Fiona e Conor precisavam sair também, e isso pareceu deixar Donal menos incomodado, enquanto aguardava o padre. Ela sabia que não devia abraçá-lo nem dizer nada que o entristecesse.

“Vou descobrir quais são os horários de visita”, disse, “e vou escrever e avisá-lo. E você me escreva também, se precisar de alguma coisa.”

Donal fez que sim com a cabeça e deu as costas para ela, Fiona e Conor, como se não os conhecesse.

Uma semana depois de ter sido recusada pelo maestro do coral de Wexford, Nora foi visitar Laurie O’Keefe e fez um relato minucioso do que havia ocorrido. Quando Laurie sugeriu que retomassem as aulas de canto, Nora disse que preferia esperar um pouco. Porém, na primeira noite depois de ter deixado Donal no colégio interno, Nora resolveu ir ver Laurie só para conversar, pois a casa dela era o único lugar onde sua mente podia ser capturada e envolvida por outra coisa que não a ideia de Donal sozinho e sem amigos, sua gagueira se mostrando evidente para professores e colegas, o que o deixaria ainda mais isolado do que já era em casa, onde pelo menos podia sair e levar sua câmera para a casa de tia Margaret e passar o tempo na câmara escura, revelando suas fotografias.

Laurie levou-a à sala de música no porão.

“Já cuidei de Frank Redmond”, disse. Seu tom era grave e dramático, como se fosse um primeiro-ministro declarando guerra. “Creio que não voltaremos a ter notícias dele.”

“O que você fez?”, perguntou Nora.

“Dei um jeito de Billy me levar a Wexford”, explicou Laurie. “Quando encontramos a casa de Frank Redmond, pedi que Billy esperasse no carro. O sr. Redmond mora num chalé nos arredores da cidade. Sua pobre esposa abriu a porta e disse que ele estava no jardim. Então eu disse a ela que seu marido viesse me atender imediatamente, pois eu não tinha o dia todo. Quando ele chegou, perguntei de modo direto se havia ofendido uma de minhas alunas. Ah, ele pigarreou, tossiu e me fez segui-lo até a sala de estar. Estava cheia de fotografias da formatura de todos os filhos dele. Seis ou sete, todos com seu canudo na mão. Perguntei de novo se de fato ele havia ofendido uma de minhas alunas. Ah, ele começou a dar uma longa explicação, disse que estavam muito atarefados naquele dia, sob enorme pressão. Então perguntei pela terceira vez: ‘Você ofendeu uma de minhas alunas?’. Ele respondeu que lamentava muito se o que dissera havia sido interpretado dessa forma. Então eu disse que ele podia interpretar o que eu ia lhe dizer como bem entendesse. Lá estava ele, eu falei, em seu chalé todo branco com telhado de telhas vermelhas, como se estivesse no México. Até as janelas tinham o formato errado. E sem nenhum livro na casa e com enfeites horrorosos na lareira. Ele era a ignorância personificada, eu disse, e não estava em condição de julgar nada, muito menos algo belo. Na França, eu falei, existe uma palavra para definir alguém como ele. Dito isto, fui embora. Billy disse que nunca me viu tão furiosa.”

“Puxa vida”, disse Nora.

“Pois bem, o inverno será rigoroso. Eu sinto. Sempre percebo quando o inverno vai ser rigoroso. Portanto devemos fazer planos. Eu gostaria que você aprendesse uma canção francesa. Pensei, talvez, em alguma coisa de Fauré. E depois talvez eu deva dar alguma atenção à sua amiga Phyllis. Ela tem uma voz bonita, e foi bem treinada, talvez até bem demais, mas ela é...”

“Ela é muito gentil”, interrompeu Nora.

“Bem, você viu esse lado dela. Também andei pensando em uma canção de Mahler. Vou tocá-la para você, se eu conseguir encontrar. Pode ficar boa para soprano e mezzo. É do *Des Knaben Wunderhorn*

e tenho a partitura aqui, em algum lugar. O intérprete deve ser Geraint Evans, ele é o barítono, e Phyllis podia cantar as frases dele, depois você entrava com a voz da mezzo. É uma espécie de canção militar, mas toda ela fala de perda. Sabe, acho que Mahler percebeu o que estava vindo, a Primeira Guerra, depois a Segunda Guerra. Às vezes se ouve isto na música, o caos, a maldade, e por fim a perda terrível. Sim, ele sentia a perda.”

Quando as primeiras notas surgiram, Nora percebeu que já tinha ouvido aquela música. E, quando a voz entrou, sentiu-se de novo com o dr. Radford e sua esposa; quase podia sentir o gosto de gim-tônica e o cheiro de madeira encerada com fumaça de lareira. Dessa vez, porém, a canção pareceu diferente. A música era mais suave, a melodia mais tristonha e bonita. Porém era uma melodia que Nora achou que não conseguiria aprender a cantar com facilidade; pensou se não deveria dizer a Laurie que talvez Frank Redmond tivesse razão, quando deixou claro que não queria ver suas canções prediletas destruídas por alguém incapaz de cantá-las.

“Vou telefonar para a Phyllis”, disse Laurie, quando a canção terminou, “mas talvez você possa avisá-la. E, se puder, dê a entender, delicadamente, que ela não deve falar fora de hora. É um de seus hábitos.”

Nora sorriu.

“Tenho certeza de que ela vai ficar muito contente com seu convite.”

“E o que vamos fazer é trabalhar para realizar um pequeno concerto aqui, quando a primavera chegar. Alguns alunos meus vão se apresentar para uma plateia de convidados. Vamos chamar o dr. Radford e sua esposa, e talvez algumas pessoas de Wexford, caso eu ainda esteja falando com elas até lá.”

“Ah, o dr. Radford?”, perguntou Nora.

“Não se preocupe. Sei que você teve uma noite horrível com os dois. Mas eles tinham boa intenção. Queriam impressioná-la, porque eu havia falado de você para eles. Contaram que, depois daquilo, você se mostrou muito fria com eles na Sociedade do Gramofone, que você devolveu um disco que havia emprestado

deles e disse que não tinha escutado. Mas vamos convidá-los para o nosso pequeno concerto e eu vou mantê-los sob controle.”

Na sexta-feira da semana seguinte, quando ela estava saindo do trabalho, William Gibney Junior a esperava com um bilhete.

“Você sabe que aqui na empresa temos uma nova política de não receber recados pessoais de ninguém”, disse ele. “Mas como insistiram que era urgente, anotei o recado.”

Entregou-lhe um pedaço de papel com o nome do padre Doyle e um número de telefone de Wexford. Na mesma hora, ela entendeu que devia estar havendo algum problema com Donal. Pensou em voltar ao escritório para telefonar de lá, mas não queria que Elizabeth ouvisse a conversa, por isso andou ligeiro até a cabine telefônica da agência do correio, onde poderia ter alguma privacidade.

Conseguiu falar com o padre Doyle imediatamente.

“Não quero preocupá-la muito”, disse ele. “Mas o padre Larkin, professor de inglês de Donal, achou que eu devia telefonar para a senhora. Na verdade Donal não está se adaptando nada bem, e sei que ele está tentando entrar em contato com a senhora. Acho que o padre Larkin telefonou para a senhora, mas disseram que estava ocupada.”

“O Donal...?”

“Ele está de cama há alguns dias, não tem se alimentado direito e está sem condições de frequentar as aulas. Já vimos isso acontecer antes. Sabe, é só questão de ele se adaptar.”

“Devo ir vê-lo?”

“O padre Larkin acha que sim.”

“Quando?”

“Bem, pensamos em amanhã, no horário normal de visitas. E a senhora pode levá-lo à cidade. Talvez isso deixe Donal mais calmo.”

“Padre, muito obrigada ao senhor e ao padre Larkin por me avisarem.”

“Vamos ver como ele estará amanhã, sra. Webster, e, de nossa parte, vamos rezar por ele. Muitas vezes é só uma questão de

tempo. Todos nós passamos por isso em algum momento.

“Obrigada mais uma vez, padre. Estarei aí amanhã às duas horas.”

Desligou o telefone.

Nora resolveu não contar nada a Fiona nem a Conor, nem mesmo a Margaret. No dia seguinte, quando foi de carro a Wexford, encontrou Donal à sua espera no saguão da frente do colégio. Estava de uniforme, com o paletó preto. Parecia mais alto, mais magro e mais pálido, e também mais adulto.

“Acho que v-v-você precisa de p-p-permissão para sair”, disse ele.

“Está tudo certo”, respondeu Nora, tentando parecer o mais natural possível. “Recebi autorização do padre Doyle ontem.”

Foram de carro ao centro da cidade, em silêncio. Nora sentiu que ele estava à beira das lágrimas. Ela não sabia se o melhor para Donal era chorar ou não chorar. Talvez alguém soubesse, pensou Nora; ela não sabia. Enquanto caminhavam pela Main Street, Nora só conseguia pensar em como teria sido mais fácil para Donal se ele não tivesse ido para o colégio interno St. Peter’s. No sábado, poderia acordar à hora que quisesse e comer o que quisesse no café da manhã. Se desejasse, poderia ignorar Nora, Fiona e Conor. Poderia ler o jornal e depois ir à casa de Margaret com sua câmera e seus rolos de filme. Poderia voltar para casa na hora que quisesse. A casa era dele; todos estavam habituados a seus silêncios, a seus comentários desdenhosos, a sua gagueira. E agora ele só teria toda essa liberdade nas férias. Era como se tivesse ido para o Exército. O que ele fazia em todos os momentos do dia era decidido por um conjunto de regras. Nora refletiu se tudo que Donal havia perdido, toda a liberdade fácil e espontânea que ele não iria recuperar, não estaria passando pela cabeça dele, assim como passava pela dela. Porém enquanto Nora só estava imaginando tudo isso, Donal sentia isso tudo como algo real.

Entraram na cafeteria White’s ainda em silêncio, e Donal disse que não queria nada. Enquanto tomava um café, Nora não tinha a menor ideia do que fazer. Se tentasse falar com ele como se fosse

um dia comum, de certo modo seria uma afronta àquilo que ele estava sentindo. Se abrandasse a voz e se mostrasse compreensiva, no final teria de deixá-lo de novo no colégio, apesar de tudo. Não falar nada era mais simples, pelo menos por enquanto.

Quando perguntou se ele queria alguma coisa, Donal fez que não com a cabeça, mas acompanhou-a até a quitanda na Main Street e aceitou algumas laranjas e maçãs, e depois que Nora pagou, Donal disse que precisava de suco de laranja concentrado e de uma pasta de dentes. Ainda eram três da tarde. Ela ficou tentada a sugerir que voltassem ao colégio, pegassem as roupas e os livros dele e, sem explicar nada a ninguém, simplesmente fossem embora para casa, Nora e ele, e nunca mais voltassem a falar do colégio interno St. Peter's.

Quando perguntou se ele estava com fome, Donal fez que sim com a cabeça.

"Não c-c-consigo c-c-comer aquela comida", disse. Enquanto caminhavam para o Talbot Hotel, Nora concluiu que não devia lhe oferecer um caminho fácil de fuga, que voltar com Donal para casa e para a escola que ele havia deixado seria uma derrota; isso, de maneira nenhuma, seria encarado de outra forma. Mesmo lhe oferecer um prazo, mais uma semana, ou um mês, ou até o Natal, seria fraquejar. Pediriam uma bandeja de sanduíches no Talbot Hotel e Donal poderia manter silêncio, se quisesse, mas agora o objetivo de Nora era deixá-lo no colégio St. Peter's antes das cinco horas. Talvez no futuro, se as coisas não melhorassem, ela pensaria em vir buscá-lo, mas agora não podia deixá-lo ter a menor ideia de que isso era uma possibilidade. O mais provável era que Donal se acostumasse às novas circunstâncias, caso sentisse que não havia uma alternativa fácil. Ela estava quase zangada com ele por não falar, por não lhe contar como era sua nova rotina ou do que ele menos gostava no colégio.

Enquanto esperavam a comida, ela pensou em romper o silêncio, mas se conteve. Quando os sanduíches chegaram, os dois comeram sem conversar. Donal mal assentiu com a cabeça quando ela perguntou se ele queria mais. Dava para ver que ele estava

sofrendo, que sua vida em casa tinha sido destruída e que ele não podia ter aquela vida de volta, mas havia um elemento de rudeza, e até de agressividade, no que ele estava fazendo. Talvez estivesse se esforçando para não chorar ou pedir ajuda, pedir que ela o levasse para casa. Talvez Donal soubesse que não havia nada que Nora pudesse dizer sobre a lista de queixas que ele lhe faria, assim como não poderia explicar por que ele se sentia daquele modo.

De súbito, Nora pensou numa coisa.

“Vou vir todo sábado”, disse ela, “e mesmo que eu e você não possamos vir aqui ao centro da cidade, você pode ficar no carro comigo ou eu posso entrar no saguão. Vou trazer mantimentos para a semana, o que você precisar. E há também as visitas aos domingos; sei que Margaret virá e cuidará de tudo para que você fique bem. Portanto, assim serão os sábados e os domingos. E acho que também há alguns dias de semana em que você pode passar a tarde lá em casa. Se você for vivendo assim, uma semana de cada vez, as férias de Natal vão chegar logo, sem você notar, e então você vai poder ir todas as tardes para a câmara escura na casa de Margaret.”

Donal olhou para ela com ar sério e fez que sim com a cabeça. Por alguns segundos, pareceu pensar no que ela havia dito. Em seguida, fez que sim com a cabeça de novo e entendeu que ela não tinha vindo lhe dizer que ele podia voltar para casa com ela, se quisesse. Tudo que Nora disse sugeria que ele ia ficar no colégio St. Peter's. Donal olhou-a de um jeito penetrante, como que para se certificar de que ela não iria liberá-lo, que não estava prestes a dizer que aquelas visitas prometidas eram apenas uma opção e que havia outras possibilidades que eles podiam estudar. Nora procurou se mostrar solidária, mas também deixar claro que não tinha mais nada a acrescentar, que ele precisava voltar ao colégio e se virar o melhor que pudesse.

Nora foi ao banheiro e, quando voltou, percebeu uma mudança sutil em Donal. Seu humor parecia menos apagado, menos sombrio.

“Sabe do que eu gostaria?”, disse Nora. “Eu gostaria de receber uma carta sua durante a semana, ou até uma fotografia que você tivesse revelado. E se houver alguma coisa que eu possa fazer para

melhorar a situação, me avise. E se alguma coisa ficar melhor, eu também gostaria de saber. Assim eu não ficarei tão preocupada. Acha que pode fazer isso?”

Ela ter falado de si mesma, de suas necessidades, de sua preocupação, deixou Donal ainda mais alerta. Ocorreu a Nora que nos últimos anos ele havia pensado mais a fundo sobre ela do que ela sobre ele. Nora se perguntou se aquilo seria mesmo verdade. Sabia que a maneira como ela se sentia afetava Donal, e agora, pela primeira vez, a maneira como ele se sentia parecia algo mais premente, mais digno de atenção do que qualquer sentimento de Nora. Tudo que ela podia fazer era deixar bem claro para Donal que ela faria tudo que havia prometido, e fazê-lo acreditar nisso.

Quando estavam sentando no carro, Nora repetiu:

“Todos os sábados, sem falta. E escreva e me diga que comida quer que a gente traga. Ou qualquer outra coisa que precisar.”

Donal assentiu com a cabeça e se virou. Ela notou que ele ia chorar, e achou que talvez fosse mais fácil para Donal ela não falar mais nada, apenas ligar o carro e seguir para o St. Peter's. Se Donal necessitasse que ela parasse o carro no caminho, ela pararia. Só precisavam voltar às cinco horas, portanto, ainda dispunham de quinze minutos. Mas Nora não falou mais nada até estacionar o carro diante do colégio.

* Antiga expressão jocosa inglesa, referente a cantores de péssima qualidade. (N. T.)

17.

Quando Conor perguntou se podia ganhar uma câmera fotográfica no Natal, Nora entendeu que ele andava olhando as revistas de fotografia de Donal. Conor pareceu entender quando ela disse que ele devia pôr as revistas de volta no lugar, exatamente como as havia encontrado. Agora que Donal não estava em casa, Nora notou algumas mudanças em Conor. Ia para cama antes que ela mandasse, pegava carvão nos fundos, para a lareira, antes que ela pedisse. Quando Margaret e Jim iam visitá-los, Conor ficava na sala por algum tempo, escutando a conversa, embora nunca fosse à casa deles sozinho, como Donal fazia. Em troca, muitas vezes ia à casa de Una, onde ela preparava sanduíches de banana para ele.

Embora o boletim da escola o classificasse acima dos demais, Conor não estava satisfeito. Algumas noites, pedia que Fiona repassasse com ele a gramática do irlandês, e depois Fiona comentava com Nora que bastava dizer algo uma vez que Conor logo memorizava. Como ele escutava tudo e não esquecia nada, Nora precisava tomar cuidado com o que falava na frente dele. Conor se preocupava com tudo. Se o carro não pegava de imediato, ficava aflito, achando que teriam de comprar um carro novo. Quando iam buscar Aine na estação de trem, Conor ficava andando

na plataforma de um lado para o outro, preocupado com a possibilidade de o trem não chegar ou de Aine tê-lo perdido. Ele sabia o horário das aulas de Aine e o que ela achava dos diversos professores, assim como obtinha de Fiona todas informações que podia sobre os lugares aonde ela ia com Paul Whitney. Também sabia tudo sobre a empresa dos Gibney e sobre as pessoas que trabalhavam lá, sobretudo Mick Sinnott, que se apresentou a Conor numa partida de *hurling*, perguntou se ele era o jovem Webster e lhe disse que sua mãe era uma grande mulher. Conor era mais interessado na família do que ela, brincava Nora, e sabia mais sobre qualquer pessoa do que elas próprias sobre si mesmas.

Em suas visitas ao colégio interno St. Peter's, Nora não dizia a Donal que ele parecia bem melhor. Donal contava mais coisas sobre suas atividades no colégio e sobre os diversos professores e padres do que jamais havia contado sobre a escola dos Irmãos Cristãos e dos professores de lá. Nora ficou tão aliviada por ele ter se adaptado ao colégio que nem se importou quando descobriu que ele contava mais coisas para Margaret do que para ela. Nora elaborou um método de fazer que sim com a cabeça, dando a entender que já sabia daquilo, quando Margaret mencionava algum detalhe da vida de Donal que ela na verdade ignorava. Gostaria de saber se Donal fazia aquilo de propósito ou se era apenas uma reação às perguntas mais insistentes de Margaret, que o visitava com regularidade aos domingos e indagava sobre os mínimos detalhes da vida dele e de todas as suas opiniões.

Nora soube que não poderia controlar as coisas entre Conor e Donal, quando ele foi para casa nas férias de Natal. Donal não pôde impedir Conor de querer ganhar uma máquina fotográfica de presente, embora pudesse sabotá-lo, recusando-se a dividir qualquer conhecimento ou ignorando o irmão. Conor tinha mais necessidade de aprovação dos outros do que Donal e muitas vezes parecia alheio a todos, exceto a si mesmo. Se Donal resolvesse não incentivá-lo, Conor se empenharia em fazê-lo mudar de ideia. Nora sorriu sozinha, num sábado, quando ela e Conor foram visitar Donal no colégio interno.

“Donal, estou pensando em pedir uma câmera de presente de Natal”, disse Conor.

“Que tipo de c-c-câmera?”

Donal estava no banco do passageiro e olhou para trás, na direção do irmão.

“Não sei.”

“Eu vendo a minha para você. Estava p-p-pensando em arranjar outra.”

“A sua está com algum problema?”

“N-n-não, está boa”, respondeu Donal. “Mas eu q-q-queria uma m-m-melhor.”

Nora pensou se não devia interromper a conversa e dizer a Donal que Conor queria uma máquina nova, ou explicar a Conor que o que Donal queria dizer era que, como ele estava descobrindo coisas novas no campo da fotografia, precisava de uma câmera diferente, mas que a câmera que ele estava usando seria perfeita para um iniciante.

“Quanto custa?”, perguntou Conor.

“Vendo p-p-para você por d-d-duas libras.”

“O que você acha, mamãe?”, perguntou Conor.

“Acho que o que ele quer dizer, na verdade, é que vai vender a máquina para você por uma libra e dez, mas se ela der algum problema no primeiro ano de uso, vai devolver o dinheiro.”

“Não v-v-vai dar nenhum problema”, garantiu Donal.

“Você vai me mostrar como se revela o filme, se eu comprar a câmera?”, perguntou Conor.

“Mostro como se faz para r-r-relevar os filmes, na câmara escura da tia Margaret. Aprendi uma p-p-porção de coisas lá.”

“Quando você vai me mostrar?”, perguntou Conor.

“Quando eu for passar o N-N-Natal lá em casa”, respondeu Donal.

Conor, Nora sabia, iria repassar em pensamento cada palavra daquela conversa, durante dias.

Quando as férias de Natal chegaram, Fiona foi ficar com Aine em Dublin, em seu quarto de pensão na Raglan Road. Donal levava

Conor à casa de Margaret todos os dias. Portanto, à medida que preparava a casa para o Natal, Nora ficava sozinha a maior parte do tempo. Podia ouvir seus discos sem se preocupar com ninguém. Tratava a gravação do Trio do Arquiduque como algo especial; não ouvia o disco todos os dias. Mas se a aborrecessem no trabalho, pensava naquela música e prometia a si mesma tocar o disco assim que entrasse em casa. Escutava com atenção, nunca usava a gravação como música de fundo enquanto trabalhava na cozinha, como fazia com outros discos.

O que não havia contado a ninguém, por ser estranho demais, era o que aquela música passara a representar. Era sua vida de sonho, a vida que poderia ter tido caso tivesse nascido em outro lugar. Todos os dias, Nora se permitia viver por algum tempo no mundo da pura fantasia, onde poderia ter aprendido a tocar violoncelo quando criança e depois ter sido fotografada tal como aquela jovem cheia de ímpeto e talento e com pleno domínio de seu mundo, tendo ao lado homens que dependiam dela e de sua sonoridade mais grave, mais sombria. Nora quase se retraía de constrangimento quando pensava em suas manhãs trabalhando na empresa dos Gibney, entre cifras, carimbos e faturas, em suas caminhadas de manhã pela cidade, na volta para casa todos os dias, e também quando pensava em como eram escassas as coisas que ela almejava, como aquilo tudo se encontrava muito distante de um estúdio de gravação, um palco de concertos, um nome conhecido, como era distante da vigorosa competência musical daquela mulher. Nora se perguntava se ela seria a única a não ter nada entre as atividades maçantes de seus dias e a pura exuberância daquela vida imaginada.

Combinaram que ela não teria aulas de canto até o início de janeiro. Assim, no período que antecedeu o Natal, Nora não teve nada de novo com que se preocupar e, desde a morte de Maurice, o Natal correu mais fácil do que qualquer outra data festiva. Seu relacionamento com Jim e Margaret era amistoso e espontâneo; ela apreciava as visitas de Una e Seamus e quase aguardava com

ansiedade os encontros com Catherine, Mark e a família deles, na casa de Una, no Dia de Santo Estêvão. Ocorreu-lhe que isso era o que Maurice mais temia quando estava morrendo, que um dia ninguém sentiria mais falta dele, que todos conseguiriam tocar a vida sem ele. Maurice seria descartado. Mas Nora se obrigava a acreditar que Maurice gostaria que eles fossem felizes, ou sentissem algo semelhante à felicidade, e que para eles não existia outra forma de viver. Ainda assim, Nora se perguntou se devia mencionar o nome de Maurice à mesa durante a ceia de Natal, mas concluiu que isso deixaria todos tristes ou pareceria forçado demais.

Num domingo à noite, no final de janeiro, com Aine já de volta à universidade e Donal, sem nenhuma dificuldade aparente, de volta ao colégio, Nora estava passando roupa em seu quarto, quando Conor gritou para que ela descesse e fosse ver o noticiário da tevê.

“Mas o que foi?”, perguntou ela.

“Vem ver”, ele respondeu.

“Atiraram numa porção de católicos”, ele contou quando Nora desceu.

“Quem?”

“Os ingleses.”

Logo depois Fiona desceu e os três ficaram vendo juntos, sentados, as notícias vindas de Derry.

“Espero que Aine esteja bem”, disse Fiona.

“O que você quer dizer?”, perguntou Nora. “Ela estava com planos de ir para Derry ou algo assim?”

“Não, mas vai ficar abalada com isso.”

O Exército inglês havia atirado numa multidão que protestava pacificamente em Derry e matado mais de doze pessoas. Quando o noticiário da televisão terminou, ligaram o rádio; ouviram a gravação de pessoas gritando, depois o som de tiros e depois houve entrevistas com testemunhas e com políticos. Nora observou como Conor avaliava bem cada palavra e viu que Fiona também escutava com muita atenção tudo que era dito.

Nora estranhou que na manhã seguinte, a caminho do trabalho, só um homem a deteve para comentar como fora horrível o que tinha acontecido em Derry. Thomas Gibney pareceu ainda mais zeloso com o horário, atento a quem se atrasasse. Quando Elizabeth entrou na sala, mal falou do assunto, e só quando Elizabeth saiu para tomar seu cafezinho da manhã com a mãe, Nora se sentiu livre para circular pelo escritório principal, onde algumas pessoas se aglomeravam em redor das folhas de um jornal aberto numa mesa. Quando Mick Sinnott se juntou a eles, disse:

“Agora acabou. Chega de esperar. Todos nós devemos atravessar a fronteira. Pegar a terra de volta.”

“É melhor ter cuidado”, disse uma das moças. “Vão atirar em você também.”

“Todos nós estaremos armados”, ele rebateu. “E não vamos ficar num lugar fácil de encontrar.”

“Você não consegue acertar um tiro nem num coelho preso numa gaiola”, retrucou outra moça.

Na Slaney Street, a caminho de casa, Nora viu duas conhecidas. Elas pararam quando viram Nora se aproximar.

“Ah”, disse uma delas. “A mãe de um dos rapazes atingidos falou no rádio e disse que ele só tinha dezessete anos e que levou um tiro nas costas.”

“Tudo que podemos fazer é rezar por eles”, disse a outra mulher.

“Foi chocante”, afirmou Nora. “Muito chocante.”

“Depois de todos os incêndios que eles sofreram...”, comentou uma mulher.

“Aqueles soldados são maus”, disse a outra. “Maus mesmo. Dá para ver neles.”

Dias depois, houve um dia nacional de luto e tudo ficou fechado. Nora e Fiona ficaram em casa e assistiram televisão com Conor. A cobertura jornalística dos enterros foi demorada. Conor ficou com elas no início, para o caso de haver mais tiros. Porém os caixões, a

igreja e os comentários não lhe interessaram. Acabou se esquivando para a outra sala, enquanto Nora e Fiona assistiam em silêncio.

“Devíamos ter um telefone”, disse Fiona. “Tentei ligar para a Aine da cabine telefônica da Back Road, mas só consegui falar com uma pessoa que mora no andar de baixo.”

“Seria bom mesmo ter um telefone em casa”, comentou Nora.

“Aposto que Aine foi à passeata em Dublin”, disse Fiona.

“Espero que tenha ido com pessoas que ela conhece”, disse Nora.

“O que você quer dizer?”

“Não sei o que eu quero dizer. Só dou graças a Deus por morarmos aqui no Sul, a quilômetros disso tudo.”

“Somos todos irlandeses”, disse Fiona.

“Eu sei. Tenho muita pena daquela pobre gente de lá.”

Mais tarde, Conor voltou para ver na televisão, com Fiona e Nora, uma multidão aglomerada em volta da embaixada britânica em Dublin.

“Acho que eles vão pôr fogo nela”, disse Fiona.

“Tem gente lá dentro?”, perguntou Conor.

“Tenho certeza de que ela está bem protegida”, disse Nora.

Tão logo ela acabou de dizer isso, viu uma pessoa arrombando a porta da embaixada e depois outros avançando logo atrás. Conor ficou agitado.

“Isso está acontecendo agora?”, perguntou.

“Acho que sim”, respondeu Fiona.

“Mais gente vai levar tiro?”

“Ninguém está armado”, disse Fiona. “Pelo menos acho que não.”

Os comentários na televisão eram confusos e superficiais. Às vezes, a câmera tremia e a imagem era obstruída por mãos ou cabeças em primeiro plano.

“Onde é isso?”, perguntou Conor.

“Em Merrion Square”, respondeu Nora. “Seu pai e eu passamos nossa lua de mel no Mont Clare Hotel, na esquina, logo do lado.”

“Foi mesmo?”, exclamou Fiona.

“Era o lugar aonde as pessoas iam naquela época”, explicou Nora.

“Bom, você tem sorte de não estar passando sua lua de mel lá agora”, disse Conor.

Na noite seguinte, Jim e Margaret foram visitá-la e Nora percebeu que Jim estava agitado com o fato de a multidão da passeata de Dublin ter incendiado a embaixada britânica. Quando o noticiário da televisão foi ao ar, viram em silêncio as ruínas carbonizadas do prédio.

“Os descontentes tiveram uma grande noitada”, comentou Jim. “Construir que é bom, eles não constroem nada, mesmo se alguém ensinar como se faz. Mas para incendiar eles são ótimos.”

“Foi mesmo chocante”, disse Nora.

“O que eles deveriam fazer?”, perguntou Fiona. “Entrar na embaixada e agradecer?”

“Dublin foi um lugar muito perigoso na noite passada”, observou Margaret.

“Pois foi uma noite excelente para a polícia política inglesa”, disse Jim. “Puderam dar uma boa olhada em uma porção de gente, eu garanto. Não vão se afobar, mas imagino que farão algumas prisões.”

“Pois eu acho que os manifestantes fizeram bem em incendiar a embaixada”, disse Fiona.

“Suponho que seja uma forma de mostrar aos ingleses como os irlandeses estão se sentindo”, acrescentou Nora. “Um dos mortos só tinha dezessete anos.”

“Não é horrível?”, disse Margaret.

“O governo vai saber lidar com isso; agora temos de deixar esse assunto por conta deles”, disse Jim.

“E como é que eles vão lidar com esse assunto?”, indagou Fiona.

“Vamos usar todos os nossos embaixadores, eles vão levar a questão para as Nações Unidas. Incendiar a embaixada britânica não ajuda a nossa causa. Vai dar a impressão de que somos uma horda de desordeiros e beberrões.”

“Pois eu acho que os manifestantes deixaram bem clara a nossa posição”, rebateu Fiona.

“Se eu fosse a mãe de um dos rapazes mortos, arranjaría uma arma”, disse Nora. “Teria uma arma em casa.”

Ficaram em silêncio quando Jack Lynch surgiu na televisão e foi entrevistado. O primeiro-ministro irlandês disse que havia conversado por telefone com o primeiro-ministro do Reino Unido, Edward Heath. Quando a entrevista acabou, Jim foi o primeiro a falar.

“Ele é cauteloso”, disse. “Creio que refletiu bastante sobre o que falou, e ouviu muitos conselhos.”

“Eu diria que ele deu um bom puxão de orelha nesse tal de Edward Heath”, disse Margaret. “É um sujeito de cara muito azeda, esse Heath.”

“Bem, espero que ele não fraqueje”, disse Nora. “Se o Exército inglês atirasse no meu filho, eu gostaria que tivéssemos alguém um pouco mais duro no poder.”

“Acho que vai haver muita confusão”, disse Fiona. “E acho que Lynch não vai conseguir muita coisa.”

“Queira Deus que nenhum desses problemas chegue até aqui”, disse Margaret.

Só na sexta-feira Fiona conseguiu falar com a moça que morava no andar de baixo do quarto de pensão de Aine, e ela disse que achava que fazia alguns dias que Aine não ia para casa. Fiona pediu que ela deixasse um bilhete na porta de Aine, dizendo para ela telefonar para sua tia Una. Não quis preocupar Margaret e Jim, por isso não acrescentou o nome deles ao recado. Fiona contou isso a Nora e foi à casa de Una avisar que Aine talvez telefonasse. Lá, ligou para algumas pessoas que Aine conhecia em Dublin. Quando não conseguia falar com elas, deixava recado, pedindo que ligassem para Una. Nora esperou que Fiona voltasse com alguma notícia de Aine e, como ela demorou muito, pediu que Conor fosse com ela até a casa de Una.

“Por que estamos indo lá?”

“Una nos convidou.”

“Por que ela nos convidou?”

Pela maneira como Conor fazia perguntas, muitas vezes era difícil contar uma meia verdade a ele. Ao chegarem, ele percebeu de imediato que havia algum problema e que aquela não era uma visita comum. Nora percebeu que a mente dele estava trabalhando, elaborando possibilidades. Não podia contar a Conor que elas estavam preocupadas com Aine e que desde terça-feira, véspera do incêndio na embaixada, ela não aparecia em sua pensão. Quando Nora foi ao banheiro, Fiona a acompanhou para dizer que havia ligado de novo para o telefone de Aine e que alguém de outro quarto atendeu, tinha ido ver o que estava acontecendo e encontrou o bilhete na porta de Aine. Fiona disse que precisava ver Paul Whitney para que ele a aconselhasse sobre o que fazer.

“Se alguém tiver sido preso na passeata da embaixada, ele deve saber”, disse Fiona.

“Aine estava na passeata?”

“Não sei. Talvez ela telefone esta noite.”

Quando, às dez horas, só uma pessoa havia telefonado para dizer que não tinha visto Aine, Nora e Conor voltaram para casa. Mais tarde, quando ouviu Fiona chegando, Nora desceu a escada na ponta dos pés, para Conor não escutá-la.

“Paul disse que estava mesmo pensando em ir a Dublin amanhã, portanto poderemos ir à pensão de Aine.”

“Tem certeza de que ela foi à passeata?”

“O que eu sei é que ela tem ido a passeatas e aquela foi tão grande que acho difícil Aine não ter participado.”

Nora não queria passar o dia na casa de Una à espera de um telefonema.

“Vou para lá no meu carro.”

“Não há necessidade nenhuma.”

Nora percebeu que Fiona esteve a ponto de sugerir que, se ela queria mesmo ir, podia juntar-se a eles. Decidiu que não ia pedir isso à filha.

“Vamos nos encontrar no Shelbourne Hotel às duas horas”, propôs Nora com firmeza. “Vou pedir a Una que vá ver o Donal no

St. Peter's. E eu vou procurar Aine assim que chegar a Dublin. Na certa não aconteceu nada. Pode ser que ela tenha ficado na casa de alguém e que já tenha voltado para a casa dela quando chegarmos lá."

"Tenho certeza de que você está certa", disse Fiona. "Por isso é que não sei se há necessidade de todos nós irmos para lá."

"Posso fazer umas compras também", disse Nora.

"E o Conor?"

"Eu me encarrego dele depois que eu tiver uma noite de sono."

De manhã, Nora encontrou Conor na cozinha.

"O que você e a Fiona ficaram cochichando de noite?", perguntou ele.

"Ah, eu acordei quando Fiona chegou e vim tomar uma xícara de chá com ela."

Quando Una apareceu, Conor ficou ainda mais desconfiado. Nora fez sinal para Una não falar nada na frente dele. No entanto, aonde quer que elas fossem na casa, Conor ia atrás, às vezes fingia que estava procurando alguma coisa, depois achou uma cadeira junto à janela da sala, onde as duas estavam. Por fim, Nora subiu para seu quarto e esperou que Una a seguisse.

"Uma amiga de Aine telefonou, pareceu muito simpática", sussurrou Una, "e disse que no sábado à noite todos eles costumam se reunir num pubda Leeson Street chamado Hourican's ou Hartingan's."

Una aceitou ir com Conor ao colégio interno para visitar Donal e levar as coisas que ele havia pedido.

Quando Nora saiu do quarto, viu Conor vagando pelo patamar da escada. Elas não o ouviram subir a escada.

"A Aine desapareceu?", perguntou ele.

"Quem disse?"

"Talvez a Aine tenha sido uma das pessoas que puseram fogo na embaixada", disse ele. "O tio Jim falou que a polícia política ia atrás

de todos eles. Talvez ela esteja tentando fugir.”

“Não seja tolo!”, exclamou Nora.

“Então por que vocês todas andam cochichando?”

“A Aine arrumou um namorado novo e eu e Fiona vamos a Dublin para conhecê-lo, mas ela não quer que nem você nem o Donal saibam, porque não quer que vocês fiquem zombando dela e fazendo perguntas enxeridas quando ela vier para casa. Ela vai contar para vocês na hora que achar melhor.”

“Qual é o nome dele?”

“Declan.”

Conor pareceu refletir sobre esse nome por algum tempo e depois fez que sim com a cabeça.

“Portanto, você pode ir para a casa da Una”, disse Nora. “E depois ir ver o Donal com ela. Mais tarde já estaremos em casa.”

* * *

Nora foi de carro a Dublin certa de que Aine, onde quer que estivesse, não tinha sido presa. Se houvesse acontecido alguma coisa, Nora com certeza já teria sido avisada. Só que ela não queria passar o dia todo esperando a confirmação disso; também não queria que Fiona e Paul desempenhassem o papel que caberia a ela e Maurice. Aine era responsabilidade dela, mas Aine, pensou Nora, era como ela própria. Desde muito jovem tinha se mostrado capaz de cuidar de si mesma.

Quando Nora encontrou o prédio onde Aine alugava seu quarto, na Raglan Road, não sabia que campainha devia tocar, por isso tocou todas. Uma jovem com cara sonolenta e de roupão atendeu a porta.

“Ah, sim, ela está no apartamento 4”, disse. “Ela não atendeu a campainha?”

“Você se importa se eu entrar para ir bater na porta dela?”

“Você é a mulher que fica telefonando o tempo todo para falar com ela?”

Apontou para um telefone público no corredor, ao lado da porta aberta de seu quarto.

“Sim, eu tenho tentado falar com ela, é verdade.”

“Pois é, ontem à noite eu fui dar uma olhada, e o bilhete continua na porta. Você pode ir lá ver, mas se tocar a campainha e ela não atender, é porque não está lá. Todas as campainhas funcionam muito bem.”

Fiona e Paul Whitney estavam no saguão do Shelbourne Hotel, quando Nora chegou.

“Telefonei para um amigo meu que é policial”, disse Paul. “Está na polícia política há bastante tempo e sabe das coisas. Ele diz que a situação anda muito turbulenta. O problema é que na quarta-feira havia uma porção de membros regulares na Merrion Square, além dos provisórios.”

“Membros regulares?”, disse Nora.

“Do IRA, o Exército Republicano Irlandês”, explicou Fiona.

“Nossa”, exclamou Nora. “Tenho certeza de que Aine não faz parte de nenhum IRA.”

“Existem tantas organizações novas agora, que é difícil manter um registro de todas”, disse Paul.

“Nós vamos até Earlsfort Terrace”, disse Fiona, “porque Aine muitas vezes estuda lá. Depois vamos a Belfield.”

“Se ela não aparecer até o fim do dia”, disse Paul, “não fará mal nenhum registrarmos um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida. A polícia a encontrará bem depressa.”

“Vamos esperar até mais tarde”, disse Nora.

Combinaram de se encontrar de novo no Shelbourne, às seis horas.

Nora desceu a Grafton Street, olhou discos na McCullough Pigott's, depois pegou o carro e voltou ao prédio da Raglan Road. Tocou a campainha do apartamento 4 e, como ninguém atendeu, voltou ao carro, sentou e ficou esperando a hora de se encontrar com Fiona e Paul.

Paul gostava do Shelbourne Hotel e pareceu ter prazer de pedir chá e sanduíches para os três, no bar.

“Eu diria que esta foi uma semana em que as pessoas andaram circulando muito em Dublin e ficaram em todo tipo de lugar”, ele disse. “Acho que é o caso de Aine.”

“Sim”, disse Fiona, “mas é estranho que ela não tenha voltado para o prédio da Raglan Road.”

“Quando eu era estudante”, disse Paul, “eu ia todos os anos às corridas de cavalo em Cheltenham. Meu Deus, se alguém me procurasse naquela semana, não ia me encontrar de jeito nenhum. Houve um ano em que alguns de nós tivemos sorte nas apostas e de lá fomos direto a Paris.”

“E os estudos?”, perguntou Nora.

“Era possível fazer tudo em um mês. No curso de direito com certeza era possível”, respondeu. “Até os estudantes de medicina pouco faziam antes de abril.”

“Tenho certeza de que Aine estuda muito”, disse Nora. “E que não foi a Cheltenham e muito menos a Paris.”

“Na verdade, as corridas em Cheltenham são em março”, disse Paul. “Portanto ela não teria ido para lá.”

Nora olhou para Fiona, que parecia tão ciente quanto ela que faltava a Paul senso de humor. Quando ele se esticou na cadeira e apoiou o tornozelo direito no joelho esquerdo, Nora notou sua meia. Era vermelha, felpuda e, era evidente, havia sido cuidadosamente escolhida. Olhar para a meia fez Nora se perguntar não só o que ela estava fazendo ali no hotel com Fiona e Paul, mas o que estava fazendo em Dublin. Recapitulou tudo que a levava até ali; quanto mais se lembrava, mais encarava tudo aquilo como uma série de mal-entendidos provocados pela aparição de Aine no *The Late Late Show*, um ano antes, mas provocados ainda mais intensamente pelos tiros disparados em Derry, pelos enterros e pelo incêndio da embaixada britânica, e talvez também, pensou, por um contínuo desassossego subjacente em sua casa, ao qual todos já tinham se acostumado, mas que qualquer crise, mesmo uma passada na televisão, podia trazer à tona.

Nora tinha vontade de dizer que agora ia voltar para casa e que estava certa de que Aine entraria em contato com eles quando achasse conveniente. E que, ainda que Aine estivesse desaparecida mesmo, sua permanência em Dublin não iria ajudar em nada. Caso não recebessem nenhuma notícia de Aine logo, teriam de tomar alguma decisão, e Nora preferia fazer isso sozinha, ou com Una, do que em companhia de Paul Whitney ou de qualquer pessoa capaz de dar telefonemas informais para membros da polícia política. Quando pensou nisso, lhe ocorreu perguntar a Fiona se ela havia telefonado a Una.

“De fato, é melhor telefonar”, respondeu Fiona.

“Vou com você”, disse Nora.

Tiveram de esperar a recepcionista fazer a ligação para Una. Quando a linha deu sinal de ocupado, elas ficaram esperando junto à mesa da recepção e Nora supôs que a recepcionista iria discar o número novamente.

“Nós vamos passar a noite em Dublin”, disse Fiona.

“Onde?”

“Ah, Paul tem amigos aqui, nós vamos ficar com eles.”

“Acho que é melhor eu voltar para casa agora”, disse Nora.

“Não vamos passar na Leeson Street para ver se Aine está num daqueles bares?”

“Não há necessidade de todos nós fazermos isso. Você pode telefonar para Una e nos avisar, se ela estiver lá.”

Fiona virou o rosto. Nora ia dizer a ela que tinha sido casada com um professor e que a forma como os professores exprimiam seu aborrecimento não era nenhuma novidade para ela. Em vez disso, pediu que a recepcionista discasse o número mais uma vez. Quando a ligação foi transferida para uma das cabines, Nora indicou a Fiona que ela devia falar com Una. Porém, assim que Fiona fechou a porta de vidro, Nora se arrependeu. Era óbvio que havia alguma novidade, e achou que Fiona deveria comunicá-la no mesmo instante. Mas Fiona deixou Nora esperando do lado de fora e a ignorou, quando a mãe bateu no vidro da porta com os nós dos dedos. De novo, sentiu o impulso de ir embora dali, entrar no carro e voltar para casa. No dia seguinte, depois de ir à missa e ter

certeza de que Conor estava bem, iria passar o dia ouvindo música. Se houvesse alguma notícia de Aine, de um jeito ou de outro acabaria chegando a ela.

No entanto, quando Fiona saiu da cabine, Nora tinha resolvido ser mais forte, permanecer ali e escutar. Nora se deu conta de que estava extremamente preocupada.

“Marian O’Flaherty telefonou para Una e disse que, até onde ela sabia, hoje Aine iria ao protesto organizado pelo Comitê de Dublin em Defesa da Moradia, na O’Connell Street, depois ela e os amigos iriam a um pub chamado Bachelor Inn, em Bachelor’s Walk, e depois a um daqueles bares da Leeson Street.”

“Marian esteve com ela?”

“Sim, ela acha que Aine passou a semana toda assistindo palestras.”

“Então ela não está desaparecida?”, perguntou Nora.

“Você vai conosco àquele pub na Bachelor’s Walk?”

“Vou para casa.”

“Nós devíamos ir ver se Aine está lá mesmo”, disse Fiona.

“Não há nenhuma necessidade de irmos todos juntos”, respondeu Nora.

Fiona e Nora voltaram ao bar.

“Paul”, disse Nora, parando na frente dele, “estamos muito agradecidas a você por tudo que fez. Agora, vou para casa cuidar do Conor, portanto gostaria muito que você e Fiona telefonassem para a minha irmã e a avisassem, quando vissem a Aine.”

Ele assentiu com a cabeça. Por um segundo, pareceu quase com medo dela. Nora cumprimentou Fiona com a cabeça e os deixou.

Quando Nora chegou à casa de Una, soube que Fiona tinha telefonado para dizer que haviam localizado Aine, com um cartaz na mão, na O’Connell Street Bridge, e que ela estava sã e salva. Não estivera na pensão porque estava na casa de uma amiga cujos pais tinham viajado.

“Espero que tudo isso seja por uma boa causa”, disse Nora.

“Ela foi um pouco atrevida, por nos deixar tão preocupados, não acha?”, disse Una.

Quando Conor apareceu, estava sorrindo. Contou que Una tinha feito batatas fritas para ele comer com o chá.

“E como é o Declan?”, perguntou ele. “Aposto que é baixinho. Ele também é socialista?”

“É muito simpático”, disse Nora.

“Quem é Declan?”, perguntou Una.

“Você não lembra? Conte para você hoje de manhã. É o novo namorado de Aine.”

“Ah, é. Também o achei muito simpático.”

Conor observou as duas.

“Acho que ela não tem nenhum namorado novo”, disse.

Certa manhã, no final de fevereiro, a caminho do trabalho, Nora viu o carro de Phyllis estacionado na John Street. Ao se aproximar, viu Phyllis no banco do motorista, lendo um jornal. Por um segundo, Nora pensou em dar uma batidinha na janela, mas depois decidiu que era melhor passar direto. No entanto, na segunda manhã, quando o carro estava parado de novo no mesmo lugar, Phyllis viu Nora se aproximando e baixou o vidro do carro.

“Conto a história toda para você lá na Sociedade do Gramofone”, avisou Phyllis, “mas estou aqui vigiando Mossy Delaney, que está pintando a minha casa, caso ele decida ir pintar a casa de outra pessoa e deixar a minha pela metade. Ele sabe que estou aqui, por isso vai ter de ir comigo, quando se dignar a sair da cama. Ah, quantos problemas!”

No final da tarde de quinta-feira, durante a pausa para o chá na Sociedade do Gramofone, Phyllis contou a Nora que, no primeiro dia, quando Mossy não apareceu no serviço, ela rodou a cidade de carro e não o encontrou. Então foi à casa dele, na John Street, e foi recebida com petulância pela esposa. Em seguida, Phyllis fez uma ronda completa pela zona rural, perguntando a todo mundo que encontrava se tinha visto a van de Mossy, que era verde e parecia uma ruína ambulante. No final, contou ela, acabou achando Mossy

no casarão de Deacon, perto da estrada para Bunclody. Phyllis entrou na casa sem ser anunciada e viu Mossy em cima de uma escada, pintando uma parede.

“Sacudi a escada, dei um berro e deixei Mossy morto de medo”, disse Phyllis. “Depois a sra. Deacon me levou para fora, mas não sem antes eu ter dito a Mossy que estava falando muito sério. Portanto, a única maneira de eu garantir que o serviço será feito é ficar plantada na porta da casa dele todas as manhãs. Não vou repetir a você o que a esposa dele me falou ontem. Mas lhe garanto que ela é uma pessoa com pleno domínio do vernáculo.”

Nora ficou interessada quando Phyllis mencionou que Mossy estava pintando por cima do papel de parede, com um novo tipo de tinta que o papel de parede absorvia. Na última vez em que pusera papel de parede na sala, Nora jurou nunca mais fazer isso. Com Fiona e Aine, Nora tivera de raspar todo o papel velho. Por mais cuidado que tomassem, a raspadeira acabava tirando o emboço. E depois ela percebeu que havia escolhido o papel de parede errado: era muito espalhafatoso, com flores demais, num padrão repetitivo. Nora havia se condicionado a ignorar isso, mas às vezes o papel de parede chamava tanto sua atenção que ela não fazia outra coisa senão ficar olhando para ele.

Phyllis garantiu que, quando Mossy afinal chegava para trabalhar, ele era um perfeccionista; descreveu como trabalhava com grandes pinceladas, que davam a impressão de que a tinta iria se espalhar para todos os lados. Mossy explicou, disse Phyllis, que era importante a tinta ser aplicada em camadas finas e com rapidez, para não encharcar demais o papel.

Nora não tinha certeza de que estava disposta a gastar dinheiro com um pintor. Além do mais, a ideia de alguém tumultuar a casa, não aparecer na hora combinada e deixar o serviço incompleto por muito tempo não era algo que Nora fosse capaz de enfrentar. No entanto, começou a observar o papel de parede da sala e pensou se ela mesma não poderia aplicar uma pintura sobre ele, e também imaginou como ficaria a sala pintada de branco ou creme. Todo o resto ia parecer velho, concluiu. O piso de linóleo estava gasto, os ladrilhos da lareira, lascados, a sanefa da cortina no alto das

janelas era de um tipo de madeira fina que parecia frágil. As cortinas nunca tinham sido trocadas naqueles anos todos, e era cada vez mais difícil fechá-las à noite sem que ficassem meio tortas.

A dúvida sobre o que fazer com as salas não deixava Nora dormir. Precisou se lembrar que agora era livre, que não existia nenhum Maurice para temer as despesas e se irritar com qualquer coisa que perturbasse sua rotina. Nora era livre. Podia tomar qualquer decisão que quisesse a respeito da casa. Sentiu-se quase culpada quando lhe ocorreu que podia fazer o que bem entendesse. Tudo podia ser feito, o que ela quisesse, contanto que tivesse dinheiro para pagar. Se Jim e Margaret desaprovassem, ou se suas irmãs e filhas viessem com recomendações, ela poderia ignorar todos eles.

Precisaria tomar cuidado com os meninos. Eles desconfiavam de tudo e a observavam com uma atenção nervosa quando ela falava de dinheiro. Conor tinha adquirido o hábito de verificar o preço das coisas e comentar as compras que ela fazia. Se reparasse que Nora andava olhando tapetes na Dan Bolger's, iria ficar preocupado; talvez fosse melhor o tapete chegar de repente, antes de ele saber que Nora o havia comprado.

Ela fez uma lista de coisas que deixariam as salas mais modernas. Um tapete novo e uma lareira nova na sala maior; pintar as paredes. Ela mesma podia cuidar da pintura, se observasse como Mossy Delaney trabalhava na casa de Phyllis e descobrisse que tinta ele usava. Levaria a mesa de jantar da sala maior para a saleta e, talvez, também pusesse um tapete na saleta, talvez até pintasse as paredes de lá também. Conor poderia fazer os deveres da escola na mesa, ou Fiona poderia usá-la. E Nora levaria o sofá e as duas poltronas da saleta para a sala e jogaria fora as duas cadeiras da lareira, que estavam velhas e não eram muito confortáveis.

Na loja Dan Bolger's, em Market Square, procurou tecidos para cortina e viu um catálogo em que as cortinas se estendiam sobre a parede toda, embora sua janela só precisasse de metade daquele pano para cobri-la. Nora pensou se aquilo ficaria bom em sua sala. Se as paredes fossem pintadas de branco, ela poderia escolher uma cor mais viva e quente para as cortinas. A sala de estar retratada

no catálogo era iluminada por luz de abajures à noite, em vez de uma única luz no teto. Ela poderia pegar a luminária vertical da saleta, onde ela quase não era usada, e colocá-la na sala maior. Talvez comprasse mais abajures em Dublin — na Arnott's ou na Clery's — ou em alguma loja de Wexford.

Nora começou a pesquisar preços. Alguns dias, no trabalho, pegava sua lista para dar uma olhada. A pintura teria que vir no fim, depois que toda a poeira tivesse assentado; a substituição da lareira teria de ser feita logo no início.

Quando Nora explicou a Phyllis que não pretendia usar os serviços de Mossy Delaney, Phyllis disse que era uma decisão sensata.

“Me arrependo de não ter ficado aqui com ele para aprender como se faz. Assim, eu mesma teria começado a trabalhar no momento em que ele fosse embora. Teria me poupado muito aborrecimento, e além do mais deve ser um ótimo exercício.”

Em poucos dias, Phyllis foi à casa de Nora, depois de ter recebido instruções minuciosas de Mossy Delaney sobre pincéis e tintas. Phyllis tinha até descoberto a melhor forma de aplicar o novo tipo de tinta e como evitar que escorresse. Fez uma imitação das pinceladas na parede.

Um dia Dan Bolger viu Nora em sua loja e se aproximou para dizer que tinha conhecido bem Maurice, quando estavam tentando fundar a Cooperativa de Crédito. Ele e Jim Farrel sempre comentavam, ele contou a Nora, que, se não fosse Maurice, teriam demorado mais um ano para conseguir que as coisas andassem direito.

“Eu não sou do Partido Republicano Irlandês, como a senhora deve saber”, afirmou, “mas sempre digo que, se Maurice Webster tivesse se candidatado ao Parlamento irlandês, eu seria o primeiro a lhe dar meu voto, e isso é o maior elogio, vindo de um convicto partidário do Fine Gael* como eu.”

Nora sorriu.

“Portanto, se houver algo que eu possa fazer pela senhora em termos de papel de parede, tecido para cortina ou tapete, estou às ordens.”

Nora se deu conta de que, se pedisse, Dan Bogler lhe faria um desconto em tudo. De certo modo, sentiu que seria um ponto a seu favor poder dizer a todo mundo que tinha conseguido fazer a reforma a um custo baixo. Mostrou sua lista.

“Vou telefonar para a Smyth’s agora mesmo, porque essa tinta eu não tenho, mas eles têm”, disse Dan Bolger. “E posso fazer um preço bom para a senhora no tecido da cortina, na lareira e nos tapetes. E só existe um homem capaz de instalar uma lareira sem deixar a sua casa parecendo a entrada do Croke Park num típico domingo chuvoso irlandês, e o nome dele é Mogue Cloney. A senhora não vai conseguir conversar muito com ele, mas no serviço ele é muito bom.”

Depois que Nora escolheu o tecido da cortina e os tapetes, Dan Bolger mandou um funcionário ir tirar as medidas. Quando Nora disse que queria as cortinas cobrindo toda a extensão da parede, ele explicou que havia um novo sistema de suspensão que não ia requerer uma sanefa grande.

“O senhor pode instalar as cortinas?”, perguntou Nora.

“Normalmente não fazemos isso. Os tapetes de fato nós instalamos”, explicou. “Mas deixaremos as cortinas prontinhas para a senhora pendurar.”

Nora ficou em silêncio e nem se mexeu, como se o que ele tinha dito lhe causasse alguma aflição. Nora quase pôde ouvi-lo pensando como ia fazer para sair da casa dela sem precisar se oferecer para pendurar as cortinas. Por um segundo, Nora desejou saber o nome do funcionário, ou alguma coisa sobre ele, para poder amolecer sua determinação.

“Não sei quem poderia pendurar as cortinas”, ela disse afinal.

“Ah, bem... Não vou deixar a senhora na mão.”

“Muito obrigada”, disse ela. “É muita gentileza sua.”

Um dia Mogue Cloney chegou às oito e meia da manhã com um ajudante. Nora explicou a Conor que ela ia tirar a lareira velha e instalar uma nova.

“Como é que se tira uma lareira?”, perguntou Conor.

“Algumas pancadas da marreta numa talhadeira vão soltar o cimento”, explicou Mogue Cloney.

“Não vão sair pedaços da parede junto?”, perguntou Conor.

“Puxa, você parece aquele guarda de trânsito velho que me fez parar outro dia por causa dos pneus carecas”, disse Mogue Cloney, e ele e seu ajudante riram.

Quando Nora chegou em casa, a sala estava coberta de poeira e a lareira velha largada no meio da sala. Assim que Conor chegou, foi com Fiona inspecionar tudo, como se os dois homens estivessem trabalhando para ele.

“Onde está a lareira nova?”, perguntou.

“Está lá na van”, respondeu Mogue Cloney.

“Vocês têm certeza de que ela vai caber aqui?”

“Temos”, respondeu Mogue.

Conor olhou a sala em volta. Pareceu estar verificando se tudo estava em ordem e se Mogue Cloney não tinha danificado alguma coisa.

Quando Conor e Fiona voltaram para a escola depois do almoço, Nora achou melhor sair também. Mas depois ficou em dúvida se não devia permanecer em casa para supervisionar o trabalho.

“Se a senhora nos der uma boa vassoura e um bom escovão”, disse Mogue, “nem vai notar que a gente esteve aqui.”

Logo que a tinta foi entregue, Nora seguiu para Wexford, num sábado, com o objetivo de comprar exatamente os mesmos pincéis que Mossy Delaney tinha usado na casa de Phyllis. Quando foi buscar uma escada emprestada na casa de Una, sua irmã lhe disse que ela não devia tentar pintar sozinha.

“É trabalho para uns poucos dias”, disse Nora.

“Acho que você já se ocupa com uma porção de coisas”, ponderou Una.

Um dia, assim que Fiona e Conor voltaram para a escola, Nora começou a trabalhar. Se ficasse de pé no degrau mais alto da escada e pusesse a lata de tinta na base do topo da escada, conseguiria alcançar o teto. A tinta era fina e escorreu em seu cabelo, por isso ela teve de achar uma touca de banho para cobrir a cabeça. Nora estava decidida a fazer aquilo em três ou quatro dias e também já ter alcançado progressos visíveis na hora em que Fiona e Conor chegassem. Cada pincelada demandava esforço e concentração, ela precisava se equilibrar com cuidado e espalhar a tinta por igual. O teto ia ser a parte mais difícil, pensou; as paredes dariam menos trabalho.

A atividade lhe proporcionou uma estranha alegria e, no dia seguinte, ela não via a hora de voltar do escritório para continuar a pintura. Foi só no fim de semana que as dores no braço e no peito começaram. Nora precisou pedir a Fiona que fosse visitar Donal no sábado, pois achou que não conseguiria dirigir; à tarde, sentia dores tão fortes que ficou claro que teria de procurar um médico. Como a dor parecia aumentar e causar pontadas, Nora achou que podia estar tendo um ataque cardíaco.

Ela se encolheu toda quando o dr. Cudigan tocou seu braço e quase chorou quando ele afundou o polegar no espaço mole abaixo da clavícula.

“Você já havia pintado um teto?”, perguntou ele.

“Não.”

“Não é uma coisa que se possa fazer sem preparo”, disse ele. “Você forçou músculos que normalmente não usa. Vou receitar um analgésico forte, isso vai diminuir a dor, e depois os músculos vão voltar para o lugar, se você não forçá-los mais.”

“Não vou poder mais pintar?”

“Você podia ter sofrido uma lesão muito grave”, disse ele. “Portanto, o melhor é deixar a pintura para os pintores.”

* * *

Naquela noite, Nora olhou a sala. Três quartos do teto estavam pintados, e não muito bem. Pediu que Fiona telefonasse a Phyllis e perguntasse se ela podia vir vê-la quando tivesse tempo.

No dia seguinte, quando Phyllis chegou, inspecionou a sala.

“Bem, só há uma solução”, disse. “Chamar Mossy Delaney. Hoje é domingo e talvez seja possível pelo menos encontrá-lo. Se eu fosse você, faria o papel da pobre mulher que achou que podia pintar o teto sozinha. Ele faz mais objeções quando eu me mostro superior e importante, portanto a humildade talvez dê resultado com ele. Mas é claro que o dinheiro também funciona. Ele sempre larga um trabalho no meio para começar outro, portanto ele pode largar outro trabalho para pegar o seu, se você pagá-lo já no primeiro dia. Mas você precisa fazer a cara certa.”

Naquela noite, quando Nora bateu na porta da casa de Mossy Delaney, a mulher dele atendeu a perguntou o que ela queria.

“Eu queria falar com o sr. Delaney”, disse Nora em voz baixa.

Quando Mossy apareceu, ficou claro que ele estava dormindo. Nora tentou falar baixo, para que a esposa não ouvisse. Explicou o que havia acontecido.

“Pois é, eu devia ter procurado o senhor desde o início. Agora estou numa situação muito ruim. É um problema sério. Posso pagar ao senhor antes de começar.”

“É só uma salinha?”, perguntou ele. “Não é a casa toda?”

Ela fez que sim com ar humilde.

“Faço isso para a senhora de manhã. Tem a tinta?”

“Tenho.”

“Chego lá às oito e meia.”

Nora fez que sim outra vez.

“Precisa que minha mulher acompanhe a senhora até em casa? A senhora parece muito fraca.”

“Não, pode deixar, eu consigo chegar em casa sozinha”, respondeu. “Mas estou muito agradecida ao senhor.”

* Partido irlandês de linha unionista, ou seja, contra a autonomia em relação à Inglaterra. (N. T.)

18.

Os comprimidos que o dr. Cudigan receitou afastaram a dor, ou mascararam o que estava acontecendo em seu peito e braços. Ainda havia um peso e uma sensação de tensão. Na terceira manhã, ela voltou a achar que estava tendo um ataque cardíaco. Mas a dor aguda esmoreceu assim que Nora levantou.

Moveu-se com cuidado e lentamente, ainda mais agora, que não conseguia dormir. Não sabia se os analgésicos é que a mantinham acordada à noite, com os pensamentos em disparada, para depois cair num estado de vazio mental, com a mente apenas semialerta, ou se a causa era mesmo a dor contínua que sentia nos braços e peito.

Mossy Delaney e um ajudante terminaram a pintura num dia e meio de trabalho. Quando acabou, Nora disse que estava muito agradecida por ele ter sido tão prestativo.

“O problema”, disse ele, “é que a gente trabalha para um pessoal cheio de dinheiro que trata a gente com muita ignorância. O dinheiro faz esse pessoal ficar ignorante. Não vou dar o nome de ninguém, mas nesta cidade tem muita gente ignorante e, se a senhora quiser conhecer, é só trabalhar para eles. Tem uma mulher, eu até podia dar o nome dela. Só sei que vou receber minha

recompensa no Céu por não ter derramado uma lata de tinta na cabeça dela. Olhe que cheguei bem perto de fazer isso, é sério. Bem que eu teria adorado ouvir a gritaria. Mas sempre gosto de ajudar os outros, e a senhora é uma mulher de fibra por ter achado que podia pintar o teto sozinha. Meu Deus, como a gente deu risada quando viu o que a senhora fez! Pintar parede é como qualquer outra coisa. Tem que saber fazer, dona, tem que dominar os macetes. A senhora não ia procurar o Larry Kearney se precisasse de um gerente de banco? Ou o Babby Rourke, se precisasse de um bispo?"

Fiona ficou supervisionando os funcionários que vieram pôr o tapete, e ela e Conor também receberam o homem da loja de Dan Bolger que veio instalar as cortinas. Ainda faltavam algumas coisas, como uma nova luminária para a lâmpada pendurada no teto, no meio da sala. Além disso, as paredes brancas, sem nenhum quadro, pareciam estranhas, nuas. Durante o dia, as cortinas pesadas faziam a sala parecer escura; depois do trabalho, Nora ficava na sala reformada, com cheiro de tinta fresca, cochilando e acordando. Sabia que precisava ficar acordada de dia, para poder dormir direito à noite, mas era difícil. Agora, a noite toda, Nora desejava que a manhã chegasse logo, porém, depois de meia hora de trabalho, sentia um cansaço desesperador.

Na empresa dos Gibney, adquiriu o hábito de ir ao banheiro, sentar numa das cabines sanitárias, apoiar a cabeça na parede e dormir alguns minutos. Depois lavava o rosto com água fria antes de voltar ao trabalho. Como Elizabeth havia deixado os dois namorados em troca de um novo, e esse novo parecia, para Nora, ser um caso mais sério e constante, além de muito dedicado a Elizabeth, as duas tinham muito que conversar, e isso a ajudava a se manter desperta.

* * *

Nora descobriu que, se tomasse uma xícara de café instantâneo de manhã com três colheres de café solúvel e o máximo de açúcar

que seu estômago aguentasse, ficaria bem durante a primeira hora, ou talvez mais. Quando Elizabeth saía da sala, Nora fervia a chaleira de água que Elizabeth mantinha junto à sua mesa e tomava mais uma xícara grande de café. Aquilo quase lhe dava enjoo, mas se Nora se concentrasse não sentiria de manhã a necessidade premente de deitar a cabeça nos braços, na mesa, e dormir.

Quando voltou ao dr. Cudigan sete dias depois, ele disse que seria um erro tomar comprimidos para dormir junto com os analgésicos. Ele tomou seu pulso, auscultou seu peito e suas costas com o estetoscópio e disse que, como ela havia forçado demais os músculos, talvez devesse continuar com os analgésicos por mais ou menos uma semana ainda, e depois, caso continuasse com dificuldade para dormir, ele suspenderia os analgésicos e lhe receitaria comprimidos para dormir.

Nora sentia-se tão exausta à noite que tinha o cuidado de olhar se Fiona ou Conor não estavam por perto, para que não a vissem subindo a escada e parando no meio dela, ofegante e sem fôlego, segurando-se com força no corrimão, para não cair para trás. Sem nem tirar a roupa, deitava na cama com a luz acesa, e então seu sono era igual ao de total alheamento de quando ela havia dormido no porão do hotel em Sitges. Porém, às vezes, durava menos de dez minutos. Em seguida, via-se completamente desperta, com os pensamentos em disparada. Quando punha o pijama, apagava a luz e deitava na cama, se esforçava para pegar no sono. Contava carneirinhos; deitava de um lado, depois do outro. Não deixava nenhum pensamento entrar em sua mente. Mas nada adiantava. Teria que voltar ao dr. Cudigan e insistir que precisava de comprimidos para dormir, ou então que já podia parar com os analgésicos.

Deitada e desperta no escuro daquele jeito, ela podia ser qualquer pessoa do passado, pensou Nora. Podia ser suas avós, que ela nem havia conhecido. As duas tinham morrido antes de Nora nascer e agora eram apenas pó, um crânio e um punhado de ossos embaixo da terra, em algum lugar. Sua mente ia e vinha em torno das avós e do pouco que sabia sobre elas, até que se desviou e

focalizou sua mãe, cujo rosto lhe surgiu e cuja presença lhe pareceu próxima. Nora podia ver a mãe deitada ali. Era uma diferença só de alguns anos. Estava deitada no escuro, de olhos abertos, respirando, depois não ouviu mais a respiração dela. Semiadormecida, a mãe se aproximou. Devagar, a imagem da mãe deitada depois da morte surgiu para Nora como se a mãe estivesse deitada naquela cama, naquele instante, sem ver nem ouvir nada. Não importava o que fizesse para evitá-lo, aquele último momento com o corpo da mãe voltava à tona, com detalhes muito vivos.

Nora não tinha amado a mãe quando ela era viva. Gostaria de saber se Una e Catherine pensaram nisso quando a mãe delas morreu, quando as três deixaram o corpo ao cuidado das freiras, que a tinham trazido para um quarto daquela casa. Nora ficou sentada na cozinha, sem falar com elas, sabendo que, na próxima vez que visse a mãe, ela estaria dura, na posição formal dos mortos. O quarto estaria na penumbra. Haveria a luz trêmula de uma vela; sua mãe estaria em repouso, não mais presente, teria ido embora. Ficaria ali deitada durante a noite e boa parte do dia seguinte.

Com um choque, pensou no que ela faria. Já tinha visto aquilo, quando o pai morreu. Tia Josie e tia Mary, a irmã mais velha de sua mãe, ficaram sentadas uma de cada lado do corpo estendido e não falaram nada até os homens da funerária chegarem com o caixão. As duas bebiam chá algumas vezes, mas em geral recusavam. Também quase não comiam nada. Às vezes rezavam, às vezes se limitavam a olhar com atenção o cunhado morto, algumas vezes cumprimentavam com a cabeça algum conhecido que chegava ou saía. Vigiavam e esperavam, tendo encontrado um lugar onde ninguém as perturbava. Fizeram a vigília.

Nora sabia que no quarto de sua mãe havia uma poltrona do outro lado da cama, em frente à porta, uma poltrona velha que antes ficava no andar de baixo. Sua mãe a usava para deixar as roupas em cima dela. Nos velhos tempos, a mãe teria cuidado para que todas as suas roupas ficassem dentro do armário ou da cômoda. Mas, no final, estava fraca demais. Mover-se era difícil. A mãe fazia apenas o mínimo necessário. Nora lembrava que,

naquele momento, de repente sentiu uma tristeza, algo que nunca havia sentido. Num segundo, entendera o que a morte significava: sua mãe nunca mais ia falar, nunca mais ia entrar numa sala. A mulher que tinha dado à luz Nora não respirava mais nem iria respirar de novo. De certo modo, Nora não havia contado com aquilo, sempre tivera a impressão de que haveria tempo para ela e a mãe se encontrarem e conversarem com naturalidade e afeição, ou algo próximo da afeição. Mas nunca aconteceu, e agora nunca mais ia acontecer.

Sem levantar a cabeça, Nora esperou até alguém avisar que o quarto estava pronto. Passou pelas outras sem falar nada. Quando Catherine fez uma pergunta, ela não escutou nem respondeu. O que quer que Catherine precisasse saber, poderia descobrir de outro modo. Nora era a filha mais velha; agora seria a primeira a entrar no quarto. Subiu a escada e assentiu com a cabeça para a jovem freira junto à porta. As cortinas tinham sido fechadas e havia um cheiro de linho recém-engomado. Esperou um instante e entrou no quarto. Foi no queixo de sua mãe que Nora reparou primeiro; de algum modo, ao acomodarem a cabeça no travesseiro, as freiras fizeram o queixo parecer mais comprido do que era. Ele parecia fora do lugar. Nora pensou se não devia dizer alguma coisa à freira, se alguma coisa ainda podia ser feita a respeito daquilo. Depois achou que não. Tarde demais, pensou. Talvez não fizesse diferença.

Nora viu a poltrona do outro lado do quarto. As roupas que ficavam em cima dela tinham sido colocadas em algum outro canto. Nora esperava que sua permanência ali não desse às irmãs ou aos vizinhos a sensação de que fazia aquilo por remorso ou por necessidade de reparar seu erro com a mãe, mostrar arrependimento pelo que tinha feito ou não tinha feito no passado. Nora não sentia remorso. Em vez disso, quando olhava para o rosto morto da mãe, sentia-se próxima a ela, uma ligação que, de certo modo, sempre havia sentido, mas nunca expressado com gestos ou palavras.

Despido de sofrimento e de qualquer expressão familiar, o rosto se assemelhava ao da mãe em fotografias antigas, quando ela tinha uma beleza magra, morena, tímida, vigilante. Aquilo, ou

vestígios daquilo, havia regressado. A mãe teria apreciado a ideia de que sua juventude, ou parte dela, voltara.

Suas duas irmãs entraram e olharam a mãe morta. Catherine se ajoelhou, curvou a cabeça numa prece e se benzeu ao se pôr de pé. Nora observou-a parada junto à cama e um pouco alheia, no papel de filha devota e enlutada. Ela gostaria que Catherine fosse lá para baixo. Quando seus olhos cruzaram com os da irmã por um instante, captou uma expressão em que não confiava e decidiu que, o que quer que acontecesse nos anos futuros, jamais ficaria a sós com Catherine; ela iria permanecer a noite inteira ali no quarto, se necessário. Não se levantaria da poltrona. Quando Maurice chegou para ficar com ela, Nora disse que ia passar a noite no quarto. Maurice segurou sua mão por um momento e depois disse que ia trazer os filhos de manhã, e que agora iria para casa ficar com eles. Nora sorriu para Maurice, quando ele saiu. A mãe de Nora adorava Maurice. Isso não era algo incomum, pensou Nora, pois todos adoravam Maurice.

Nas horas que se seguiram, vieram os vizinhos. Todos se ajoelhavam e rezavam. Uns poucos se inclinavam para tocar as mãos da morta, enroladas nas contas do rosário, ou tocar sua testa. Cumprimentavam Nora com a cabeça e alguns sussurravam para ela, diziam que sua mãe parecia em paz, que tinha ido para um lugar melhor, que ia deixar muita saudade.

Quando Nora ficou sozinha no quarto, ouviu vozes no andar de baixo e imaginou que as pessoas estavam tomando chá e comendo sanduíches. As velas haviam queimado até a metade. Sua mãe, agora, nada mais era do que uma velha que tinha morrido. Não havia em seu rosto feições que Nora pudesse interpretar, só a pele embranquecida e enrugada e um queixo que ainda chamava a atenção de um jeito estranho. Sem os olhos abertos, sem a voz, sua mãe não era ninguém, não havia nenhuma vida nela.

Por fim a casa ficou em silêncio. Una se ofereceu para ficar em seu lugar, mas Nora recusou e sugeriu que as irmãs tentassem dormir um pouco. Ela cuidaria para que as velas continuassem acesas e a mãe não ficasse sozinha em sua última noite no mundo. Houve silêncio na casa, às vezes rompido pela passagem de carros

ou pelo trepidar das janelas do quarto, sacudidas pelo vento da noite.

Nora pensou se era o cansaço ou a luz das velas que lançava sombras na parede, mas agora ela não ficaria surpresa se a mãe se mexesse ou falasse. A conversa entre as duas teria sido fácil.

O estranho, quando começou a olhar de novo a mãe, era como ela estava segura de tão poucas coisas. Os detalhes do rosto de sua mãe tinham se apagado, mas ainda havia ali uma expressão, a sensação de alguém. Depois essa impressão foi se tornando mais precisa, mais clara, quanto mais ela olhava. Nora viu outras pessoas no rosto da mãe — o rosto de primas, os Holden, os Murphy, os Bailey, os Kavanagh; o rosto de Catherine e Una; o rosto da própria Nora; o rosto dos filhos de Nora, sobretudo de Fiona. Era como se a mãe, naquela noite longa e solitária, se tornasse todos eles.

Toda a vida natural tinha ido embora e outra coisa havia tomado seu lugar, algo formado por muito tempo. Permaneceu ali por alguns momentos, depois se apagou e foi substituído por outra coisa. O rosto exalava uma expressão mais vigorosa do que qualquer outra vista nos dias e nas noites em que havia ali respiração e voz.

Nora não tinha certeza. Tentou retratar a mãe tal como mais se lembrava dela — uma velha de casaco cinzento de lã macia, um broche na lapela do casaco, um cachecol. Uma velha caminhando em sua direção; ou uma jovem numa fotografia. Mas nenhuma dessas imagens era tão real quanto o rosto da cama naquela noite. Nora pensou como iria se lembrar disso depois, mesmo sabendo que a lembrança nada seria comparada com ela estar ali, olhando de fato, na intensidade do aqui e agora.

O queixo já não tinha importância, era mero detalhe, e agora os detalhes eram irrelevantes. O que importava não podia ser denominado ou visto com facilidade; se os outros entrassem no quarto, talvez nem vissem aquilo. Talvez fosse o que ela e a mãe tinham esperado. Nora se perguntou se havia mantido aquilo à distância a fim de permitir que o encontro com o corpo da mãe, com a imagem da mãe morta, ganhasse mais importância ou

simplesmente fosse possível. O rosto da mãe parecia ao mesmo tempo mais uma máscara e também mais individual do que jamais tinha sido. Nora era a única que poderia perceber isso. Ninguém mais seria capaz de ver isso, estavam atarefados demais, próximos demais, envolvidos demais. A distância é que tornava possível. E foi a distância, agora, que permitiu a Nora dormir um pouco e depois acordar assustada em seu quarto, entendendo que havia sonhado, que a vigília noturna junto ao leito da mãe era parte de um sonho. Nora se encontrava em sua própria casa, e estava na hora de levantar, acordar os outros, fazer o café da manhã e ir trabalhar.

Naquele dia, no escritório, quando foi pegar uma pasta no arquivo, Nora desabou. Quando acordou, Elizabeth estava ao telefone falando com Peggy Gibney, que deu ordens para que a sra. Webster fosse levada à casa dos Gibney, se estivesse em condições de andar. Assim que Nora conseguiu se manter de pé, Elizabeth fez questão de acompanhá-la até a saída do escritório, atravessar o depósito ao lado e cruzar a rua, até a casa da família Gibney.

“Falando sério, estou bem”, disse Nora.

“Minha mãe é a maior especialista do mundo em determinar se as pessoas estão bem”, respondeu Elizabeth.

Peggy Gibney estava sentada em sua poltrona de sempre. Quando Elizabeth e Nora entraram, ela pediu chá.

“Nossa, acho que você está muito pálida”, comentou. “Quem é o seu médico?”

“O dr. Cudigan.”

“Ah, nós o conhecemos bem. Vou telefonar para ele e perguntar se é melhor ele vir aqui ou você ir até ele, ou se você deve ir para a sua casa e esperá-lo lá.”

Foi para o corredor, seguida por Elizabeth. Nora tinha medo de fechar os olhos, medo de pegar no sono ali, na sala dos Gibney. Achou que, se pudesse ir para casa agora, dormiria o resto do dia. Mas sabia que, se fizesse isso, não ia dormir novamente à noite, ou então teria mais sonhos. Seria melhor tomar os comprimidos para dormir do dr. Cudigan, ainda que ele achasse que não iam fazer

bem junto com os analgésicos. Nora tocou seu peito, braços e sentiu uma dor residual nos músculos. Estava demorando para desaparecer.

“O dr. Cudigan saiu, foi atender alguém”, informou Peggy Gibney quando voltou. “Ele atende no asilo de pobres, portanto deve estar lá. Não sei quem atendeu o telefone. Pensei em ligar para o dr. Radford. Ele é o nosso médico.”

A insinuação de que havia algo de errado em relação ao dr. Cudigan e de que o dr. Radford de alguma forma era superior a ele despertou Nora.

“Ah, não”, ela disse. “Veja, eu conheço os Radford socialmente, por isso acho melhor não.”

Peggy Gibney recostou-se na poltrona. A ideia de que uma funcionária do escritório encontrasse seu médico socialmente pareceu ofendê-la.

“Acho melhor Elizabeth levar você para casa, de carro, e depois eu combino com o dr. Cudigan dele ir vê-la assim que possível. Mas primeiro vamos tomar um chá. Você estava pálida como um fantasma quando chegou. E Elizabeth vai avisar o Thomas que você passou mal. Talvez amanhã você esteja melhor. Thomas sempre gosta de saber o que está acontecendo. E eu gostaria de saber o que está fazendo essa criatura de Deus, a Maggie Whelan, demorar tanto com o chá.”

Quando veio o chá, elas ficaram em silêncio. De algum modo, Nora teve a impressão de não haver se mostrado grata o bastante por ter sido trazida àquela casa, em vez de ser levada diretamente para a sua ou ao médico.

“Elizabeth, você pode ceder um pouco de seu tempo e transportar a sra. Webster até o outro lado da cidade?”, perguntou a sra. Gibney.

A maneira como disse “o outro lado da cidade” sugeria um lugar muito distante de sua confortável residência.

“Minha mãe não é maravilhosa?”, disse Elizabeth assim que as duas entraram no carro. “Podia muito bem ser a prefeita da cidade. Ela é o verdadeiro poder por trás do trono.”

Nora assentiu com a cabeça. Estava cansada demais para imaginar algo para dizer. Pensava nos comprimidos para dormir. Era uma coisa perigosa para se ter em casa. Decidiu que, se tivesse de tomá-los, guardaria o frasco dentro do guarda-roupa e, assim que voltasse a dormir normalmente, jogaria tudo fora.

Quando chegou em casa, viu que não se lembrava se havia conversado sobre mais algum assunto com Elizabeth Gibney no carro. Deviam ter falado sobre alguma coisa, refletiu, e ela decerto teria agradecido pela carona. Ou talvez tivesse dormido no carro; a viagem havia se apagado de sua lembrança; Nora nem tinha ideia de que caminho fizeram para chegar à sua casa.

Foi para a sala, sentou na poltrona e dormiu, só acordando com batidas insistentes na porta. Quando consultou o relógio, viu que eram só onze da manhã, portanto, não podia ser Conor nem Fiona. Então lembrou que os dois, na verdade, tinham a chave da casa. Quando foi até a porta, ouviu alguém chamando por ela e reconheceu a voz do dr. Cudigan.

“Ah, graças a Deus”, disse ele. “Eu já ia chamar o corpo de bombeiros. Recebi um recado urgente de Peggy Gibney. Ela telefonou para a cidade inteira atrás de mim. Liguei para a irmã Thomas no convento São João de Deus e então me localizou. Há um velho muito doente no convento.”

Nora levou-o para a saleta e contou que não conseguia dormir.

“Acontece com todo mundo”, disse ele. “Todos nós precisamos dormir menos à medida que envelhecemos.”

“Mas eu não estou dormindo nada.”

“Há quanto tempo?”

“Já contei ao senhor. Faz oito dias, desde que comecei com aqueles comprimidos.”

“Eu poderia receitar comprimidos para dormir, mas não gosto de fazer isso. Já tentou parar de tomar chá e café?”

Uma onda de raiva tomou conta de Nora.

“Eu vou acabar enlouquecendo”, disse ela. Ficou imaginando se o dr. Cudigan tratava suas pacientes mulheres de um modo diferente dos pacientes homens.

“Peggy Gibney levou a pobre irmã Thomas a acreditar que você estava às portas da morte. Agora vou ter que encontrá-la para dizer que está sã e salva.”

“Não consigo dormir”, disse ela.

“Vou lhe receitar comprimidos para dormir. Um comprimido vai nocautear você por seis horas. Não tome por muito tempo, senão vai se acostumar, e também não dirija enquanto estiver tomando os comprimidos, ou então dirija bem devagar, e só pela cidade, mas não conte a ninguém que eu disse isso. E vá me ver daqui a mais ou menos uma semana, e vamos ver como você está. Não tome nenhum comprimido antes desta noite, e tente ficar acordada até lá, se puder.”

“E devo continuar com os analgésicos?”

“Até a próxima consulta, na semana que vem.”

Nora esteve a ponto de lembrar ao médico que ele tinha dito que ela não devia tomar os dois remédios juntos.

“Obrigada por ter vindo”, agradeceu Nora.

“A irmã Thomas me contou que elas fazem uma exposição do Sagrado Sacramento todos os dias às três da tarde, e ela vai à capela das freiras e reza por você todos os dias. Ela é a mais santa das freiras, eu acho. Foi ela quem me encontrou, quando Peggy Gibney telefonou para ela.”

“Peggy Gibney”, disse Nora, suspirando.

“Ouvi dizer que ela fica o tempo todo naquela casa, cercada de atenções”, comentou o dr. Cudigan. “Mulheres têm uma vida fácil.”

“Foi muita bondade dela telefonar para você”, disse Nora.

O dr. Cudigan lhe entregou a receita e saiu.

Quando Fiona e Conor chegaram, Nora não contou que tinha voltado mais cedo para casa. Tomou uma xícara de café na cozinha, o que lhe deu energia bastante para poder conversar como se não houvesse nenhum problema. Quando Fiona se preparava para regressar à escola, Nora lhe entregou a receita e perguntou se ela podia comprar os comprimidos na farmácia Kelly's, quando voltasse.

“Quando você pegou essa receita?”, perguntou Fiona.

“O dr. Cudigan mandou a receita para a empresa dos Gibney”, ela respondeu.

“Você está bem? Você começou a falar alguma coisa e de repente parou.”

“Estou bem. São só os comprimidos, que estão me deixando um pouco amolecida.”

“E para que é esta receita?”

“São comprimidos para dormir. Ando com dificuldade para dormir.”

Quando os dois foram embora, ela voltou para sua poltrona. Sentiu o coração acelerado e alguma dificuldade para respirar. Pensou que ouvir um pouco de música poderia tranquilizá-la. Levantou-se, atravessou a sala e procurou entre os discos, mas nenhum deles era aquilo que ela desejava; eram muito distantes e barulhentos, cheios de suas próprias paixões, mas quando viu o Trio do Arquiduque, olhou para a capa mais uma vez e achou que, mesmo que a música não produzisse nenhum efeito, ela poderia sonhar que era jovem como os músicos, e também livre. Se escutasse com atenção, pensou, e acompanhasse cada nota do violoncelo como se ela mesma estivesse tocando, a música poderia distraí-la e mantê-la desperta.

As notas do violoncelo levaram Nora a ficar ereta na poltrona de forma quase involuntária. Os músicos se moviam em direção a uma melodia apenas fazendo alusões a ela e depois se detinham. Nora adorava o som gemido do violoncelo. Às vezes, quando sua mente divagava, Nora a obrigava a voltar, a escutar todas as notas, todas as sugestões da melodia. Sorria quando os músicos tocavam com desenvoltura e destemor, antes de cederem à tristeza, à hesitação.

Quando o movimento lento começou, ela percebeu que estava fazendo força para respirar de segundo em segundo. Fechou os olhos e começou a tremer. A sala pareceu muito mais fria e ela pensou se não seria melhor acender a lareira. Resolveu não se mexer, apenas ficar parada escutando e acompanhando as notas graves do violoncelo.

Quando o movimento lento deu uma guinada e fez a transição para um movimento mais rápido, como se estivesse indo naquela direção desde o início, e a música se tornou quase alegre, Nora ouviu um barulho no andar de cima. Atravessou a sala devagar e abriu a porta sem fazer o menor ruído. Escutou. Algo se movimentava lá em cima; alguém estava empurrando um móvel. Não podia haver ninguém lá, Nora tinha certeza. Tinha visto Fiona e Conor saírem de casa e eles não poderiam ter voltado sem ela perceber.

De novo um barulho, e mais alto. Pensou se não seria melhor ir ao vizinho ver se os O'Connor estavam lá e se Tom se dispunha a vir com ela ver que barulho era aquele no primeiro andar. Nora foi verificar se a porta da frente estava trancada. Também deu uma olhada na porta dos fundos. Por algum tempo, não houve mais barulho, mas depois o silêncio foi rompido, e o som de um móvel sendo empurrado recomeçou, mais alto. Nora subiu a escada depressa, gritando:

“Quem está aí? Quem é?”

A porta de seu quarto estava fechada. Nora costumava deixar a porta aberta, quando não estava lá dentro. Ouviu com atenção de novo. Um barulho. De repente, ela se encolheu de dor e ergueu a mão para olhar. Havia fincado as unhas com tanta força na palma da mão que havia sangue ali. Agora, quando ouviu o barulho, ele lhe pareceu ser uma voz. Abriu a porta do quarto.

“Maurice!”, gritou.

Ele estava sentado na cadeira de balanço, junto à janela, de frente para Nora.

“Maurice”, ela sussurrou.

Ele estava com o paletó esporte de flocos azuis e verdes que eles haviam comprado na Funge's, em Gorey, calça cinzenta, camisa cinzenta e gravata cinzenta. Sorriu por um instante, quando Nora fechou a porta, empurrando-a com as costas. Ele estava como era antes de ficar doente.

“Maurice, você pode falar? Consegue dizer alguma coisa?”

Ele deu seu sorriso tímido, de lábios contraídos.

“A música é triste”, ele murmurou.

“Sim, a música é triste”, disse ela. “Mas nem sempre.”

“Irmã Thomas”, disse ele. Sua voz estava mais fraca.

“Sim, ela reza por nós todos os dias. Ela me encontrou na praia de Ballyvaloo.”

Maurice fez que sim com a cabeça.

“Eu senti que você estava lá, mas não por muito tempo. Foi a única vez.”

“Eu sei.”

A voz de Maurice estava suave como Nora nunca tinha ouvido.

“Sua voz”, disse ela, e depois sorriu, “mudou.”

Ele olhou para Nora com ar triste, como se quisesse dizer que não havia nenhuma resposta apropriada para lhe dar.

“Maurice, você pode ficar aqui por algum tempo?”

Então ele se mexeu e sua presença se tornou menos completa, seu rosto voltado para baixo ficou mais velado e até as cores do paletó pareceram menos vivas para ela.

“Você está...?”, começou Nora. “Quero dizer, há alguma coisa...?”

Ele deu de ombros e esboçou um sorriso.

“Não”, murmurou. “Não.”

“Nós vamos ficar bem? Não sei se vamos ficar bem.”

Ele não respondeu.

“Fiona vai ficar bem?”

“Sim, vai.”

“E Aine, ela vai ficar bem?”

Maurice assentiu com a cabeça.

“E Donal?”

“Sim, Donal.”

“E Conor?”

Ele baixou a cabeça e pareceu não ouvir.

“Maurice, Conor vai ficar bem?”

Seus olhos pareceram se encher de lágrimas.

“Maurice, preciso que você responda. Conor vai ficar bem?”

“Não pergunte”, ele murmurou com uma voz rouca e vacilante.

“Não pergunte.”

Quando Nora se moveu em sua direção, ele estendeu as mãos para a frente, indicando que ela não devia chegar mais perto.

“Você soube...?”, começou ela.

“Sim, sim”, disse ele.

“Só quando você ficou doente é que eu soube...”

“Sim, sim.”

“E alguma vez você se arrependeu..?”

“Se me arrependi?”, perguntou ele, a voz mais alta.

“De nós?”

“Não, não.”

Ele sorriu de novo e depois a expressão em seu rosto foi de perplexidade.

“Maurice, há mais alguma coisa?”

“Há mais alguém. Há mais alguém”, disse ele.

“Você está falando do Jim?”

“Não.”

“Margaret?”

“Não.”

“Quem?”

“O outro.”

“Não há nenhum outro.”

“Há, sim.”

“Maurice, diga o nome. Não há mais ninguém.”

Ele cobriu o rosto com as mãos. Ela o observou; ele estava sofrendo. Depois olhou para ela. Pareceu prestes a sorrir outra vez, mas não sorriu.

“Maurice, fique mais um pouco.”

Ele fez que não com a cabeça.

“Maurice, é a música? Se eu tocar música, você virá de novo?”

“Não, não é a música.”

“Maurice, fale sobre o Conor. Há alguma coisa...?”

“Há outra pessoa.”

“Maurice, não há mais ninguém. Diga um nome.”

Ele se apagou um pouco mais e ela ouviu um soluço grave.

“Maurice, você vai estar lá quando eu chegar?”

“Ninguém sabe”, ele respondeu. “Ninguém.”

Então Nora ouviu o som de uma buzina na rua. Estava deitada na cama, com a mesma roupa de antes. Quando sentou, o quarto

estava vazio. Quando atravessou o cômodo e tocou na cadeira de balanço, ela balançou de leve, para a frente e para trás, sobre suas molas velhas. Nora pôs as mãos onde ele estivera sentado, mas não havia nenhum calor, nenhum sinal de que alguém estivera lá.

No andar de baixo, pegou a chave de casa e a chave do carro. Pôs um casaco sobre o braço e saiu, fechando a porta. Ao ligar o carro, ficou pensando aonde iria, mas isso não tinha a menor importância. Foi só quando se viu saindo da estrada que ia para Dublin e pegando a direção de Bunclody, é que Nora se deu conta de que estava indo para a casa de tia Josie. Concentrou-se com força na estrada à frente, obrigou-se a ficar desperta. Quando se afastou do rio e subiu a ladeira para a casa de tia Josie, pensou no que iria dizer, como iria explicar por que estava ali. Havia um portão à esquerda com espaço para um carro ou um trator. Estacionou nessa vaga e desligou o motor. Descansou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos. Pensou se não seria melhor dar meia-volta e regressar à cidade, porém não se sentiu capaz de se concentrar o bastante na direção. Descansaria no carro por algum tempo, pensou, torcendo para que Josie, John ou a mulher de John não passassem e a vissem ali. Dormiria um pouco e depois iria para qualquer outro lugar. Para onde, não sabia.

Quando acordou, John estava batendo na janela do carro. Nora levou um susto ao vê-lo e baixou o vidro.

“Por um momento, não entendi quem era”, ele disse e depois sorriu. John tinha deixado o trator ligado.

“Eu estava descansando um pouquinho”, disse ela, mesmo sabendo que aquilo não fazia nenhum sentido.

“Mãe está no jardim”, disse John.

“Você vai subir até a casa?”, perguntou Nora.

“Vou, sim”, ele respondeu.

“Então eu vou junto.”

Quando Nora se sentou na cozinha de Josie, John acendeu a chaleira e foi procurar a mãe. Nora, até então inteiramente desperta, observando as cores da cozinha e ouvindo os barulhos do lado de fora, passou a ter uma sensação de sonolência e depois uma vontade forte de dormir, de deitar em qualquer lugar e fechar os olhos.

Quando John e Josie entraram na cozinha, Nora percebeu a preocupação no rosto deles. John ficou de pé junto à porta por um instante e depois se afastou. Josie estava com as roupas de trabalho e começou a tirar as luvas de jardinagem.

“Aconteceu alguma coisa?”

“Maurice voltou. Ele estava no quarto, no nosso quarto.”

“O quê?”

“Ele falou comigo, Josie. Disse coisas.”

Como a chaleira ferveu, Josie foi até o fogão e apagou o fogo.

“Nora, o que você tem?”

“Não consigo dormir, e quando eu durmo...”

“Está tomando algum remédio?”

“Sim, forcei muito o braço e os músculos do peito. Estou tomando analgésicos.”

“Há quanto tempo você não dorme?”

“Há mais de uma semana. Às vezes caio num sono profundo, só que nunca dura.”

“Já falou com os médicos?”

“Sim, e Fiona vai me trazer comprimidos para dormir quando voltar da escola.”

Josie encheu o bule com água quente.

“Maurice estava no quarto e falou”, disse Nora.

“Você contou isso a alguém?”

“Não, vim direto para cá. Não tinha outro lugar para ir.”

“John me contou que você estava dormindo a sono solto no carro.”

“Não sei o que fazer”, prosseguiu Nora. “Ele disse, Maurice disse, quando eu perguntei se Conor ia ficar bem... ele disse para eu não perguntar. O que ele quis dizer com isso?”

“Você estava sonhando, Nora. Não apareceu ninguém.”

“Ele estava no quarto”, insistiu Nora. “Sei o que é um sonho, mas ele estava no quarto. E ele disse...”

“Ele não estava no quarto.”

“Estava sim, estava, estava.” Nora começou a balançar para a frente e para trás, chorando. “Quem dera eu estivesse com ele...”

“O que você disse?”

“Quem dera eu estivesse com ele, foi isso que eu disse.”

Josie e John a levaram para o quarto, no andar de cima, e lhe deram uma camisola. Josie voltou um minuto depois, trazendo um copo d'água.

“Pronto, este comprimido vai fazer você dormir profundamente e, quando acordar, vai se sentir grogue por algum tempo, mas vou estar aqui, é só me chamar. Não tente andar sozinha. São os comprimidos de dormir mais fortes que existem, portanto, vamos usar com cuidado. E eu preciso da chave da sua casa.”

Nora entregou a chave.

“Agora vou à cidade resolver algumas coisas e o John vai cuidar de você.”

“E o Conor...?”

“Não se preocupe com o Conor nem com ninguém. Sua tarefa é dormir.”

Quando acordou, sentiu um peso nos braços e nas pernas. Tentou mexer os braços, porém eles estavam doloridos e o peito também. Nora tentou lembrar onde tinha posto os analgésicos. Achou que estavam na gaveta da mesinha de cabeceira, mas não tinha certeza. Quando estendeu a mão para a mesinha, não encontrou nada. Não era seu quarto. Estava escuro e um som fraco vinha de algum lugar, mas não conseguia imaginar o que era. Então se lembrou de Josie e do comprimido, da sensação dos lençóis, do travesseiro grande e do colchão mole. Imaginou que haveria um abajur e estendeu a mão, caso houvesse uma mesinha de cabeceira um pouco mais afastada da cama, mas parecia não haver.

Chamou em voz alta, Josie veio e acendeu uma luz perto da janela.

“Vim ver como você estava um pouco antes”, disse Josie, “e você estava dormindo bem fundo.”

“Que dia é hoje?”

“Sexta-feira.”

“Que horas?”

“Nove horas.”

“Preciso ir embora. O Conor... e o Donal amanhã.”

“Você não vai a lugar nenhum. Conor está bem. Expliquei a ele que você vai ficar conosco no fim de semana, liguei para Margaret, e ele vai passar o dia na casa dela, mexendo com suas fotografias. Una vai visitar Donal amanhã, e talvez Fiona vá com ela. Una e Seamus também vão cuidar para que Conor fique bem, e talvez Conor venha aqui no domingo, se você já estiver melhor. Liguei para a irmã Thomas, você sabe que muitas vezes eu falo com ela quando estou preocupada com você, e ela vai falar com os Gibney e dizer que você voltará ao trabalho assim que melhorar. E estou com os comprimidos para dormir que o dr. Cudigan receitou e os outros que Fiona encontrou. São analgésicos muito fortes. Não se deve dar isso nem a um cavalo. Mas talvez você precisasse deles. Portanto, está tudo arranjado. Só o que você precisa fazer é dormir, só isso, mais nada. Em troca, quando eu ficar doente, você pode vir tomar conta de mim, quando os outros não me aguentarem mais. É para isso que cada um de nós serve.”

Josie pegou o roupão pendurado atrás da porta.

“Agora você precisa levantar. Vou preparar um banho para você e pôr uma música para tocar, para que você não pegue no sono no banheiro; é melhor deixar a porta aberta. Depois vamos arranjar alguma coisa gostosa para você comer, e você pode voltar para a cama e tentar dormir naturalmente. Se não conseguir, deixo um comprimido para você.”

“Por favor, não ponha música nenhuma”, disse Nora.

“Tudo bem, mas não vá dormir no banho.”

“Não vou.”

Nora sentou-se na sala, enquanto Josie fazia espaguete com molho de tomate. Josie abriu uma garrafa de vinho.

“Comprei esta garrafa em Dublin”, disse. “Vamos tomar uma ou duas taças esta noite. Dizem que não se deve tomar álcool junto com comprimido para dormir, mas muitas vezes vi que é justamente o contrário.”

“Você não acreditou em mim quando eu disse que vi Maurice.”

“Não, não acreditei.”

“Era ele mesmo, igualzinho.”

“Nós, todos nós, mal conseguimos enxergar o que existe”, disse Josie. “É a coisa mais difícil, embora ninguém diga. Quem dera a gente pudesse enxergar o que existe!”

“Você não acredita em nada...?”

“Eu vivo o dia a dia, Nora. Só isso. E deixo o resto para lá.”

“Conor, ele disse...”

“Ele não disse nada, Nora. Conor está ótimo agora, mas ele percebe de longe quando há um problema no ar, portanto, não o deixe preocupado.”

De repente, Nora sentiu-se presa numa armadilha. Pensou onde estaria a chave do carro e a chave de casa e que, se pudesse encontrar as chaves, assim que Josie saísse iria embora dali e voltaria para casa.

“Ah, e não se esqueça de tomar os analgésicos antes de ir para a cama”, disse Josie. “A pobre Fiona ficou muito preocupada com você e está contente por você estar aqui. Essas duas meninas são uma honra para você. E a Aine, agora, ficou toda politizada. Nisso, puxou o lado paterno, o lado Webster. O nosso lado da família não tem nada disso. Fiona me mostrou a sala e achei que ficou linda. Vai ser um lugar maravilhoso para você.”

“Maurice perguntou se não havia outra pessoa, mas não consegui pensar em mais ninguém. Não sei o que ele quis dizer. Você acha mesmo que sonhei tudo isso?”

“Acho.”

“Mas foi real. Quer dizer, ele era real.”

“Claro que era. Mas ele se foi. Você tem que aceitar que ele foi embora e não vai voltar.”

O vinho amoleceu-a outra vez e, quando se acomodou de novo na cama, não conseguia imaginar que algum dia fosse voltar ao normal e não querer mais dormir o tempo todo. Tomou o comprimido para dormir e também o analgésico antes de apagar a luz do abajur.

Quando acordou, o quarto estava iluminado e era possível ouvir o som de um rádio, barulho de pratos e corvos esvoaçando em torno de uma das árvores velhas que havia ali. Olhou para a mesinha de cabeceira, mas não havia um relógio. Esticou-se de novo na cama e suspirou.

Nora passou o dia entre a sala de estar e o quarto. Josie ia e vinha; como fazia um dia bonito, ela quis cuidar das plantas no jardim. À tarde, John e sua mulher vieram, porém não ficaram muito tempo. Josie tinha trazido algumas roupas limpas de Nora, que pegara na casa dela, caso ela quisesse vestir, mas Nora continuou de roupão, camisola e descalça.

Quando a luz começou a minguar, Josie foi sentar perto dela.

“Sei que não é da minha conta”, disse, “mas ontem, quando fui procurar roupas para você, fiquei chocada ao ver o armário cheio de roupas de Maurice. Paletós, calças, ternos, gravatas, camisas e até sapatos.”

“Não tive coragem de jogar fora. Não consegui.”

“Nora, faz mais de três anos que ele morreu. Você precisa fazer isso logo.”

“Vai ser o fim, então, não vai?”

“Seus filhos sabem que as roupas dele ainda estão lá?”

“Meus filhos não ficam bisbilhotando o meu armário, Josie.”

“Sua mãe iria rir se ouvisse você falar isso.”

“Minha mãe?”

“Um filho ingrato é como um dente de serpente, é o que ela dizia.”

“Isso quando ela estava de bom humor.” Nora riu.

Nora deitou no sofá e dormiu. Quando acordou, estava escuro. Desceu a escada e viu Josie pondo a mesa para quatro.

“Quem vai vir?”, perguntou.

“Pedi que Catherine viesse. Ela vai chegar daqui a pouco.”

“Não quero ver Catherine.”

“Bem, o que você quer ou não quer não interessa. Dê um jeito no cabelo e vista uma roupa limpa, porque também convidei sua amiga Phyllis. Você não pode ficar dormindo o tempo todo.”

* * *

Quando as quatro terminaram o prato principal, outro carro parou na porta. Nora foi até a janela e viu Una.

“É Una. Ela devia estar com o Conor”, disse.

“Ela disse que ia deixar o Conor com Fiona, para que ele não ficasse preocupado”, explicou Josie.

Ela serviu mais vinho, quando Una se juntou a eles na mesa.

Nora passou para uma das poltronas e começou a cochilar, embalada pelo som das vozes em volta. Quando acordou, percebeu que falavam sobre ela.

“Ela era um demônio”, disse Catherine. “É só o que tenho a dizer sobre ela.”

“Era mesmo?”, perguntou Phyllis.

“Mas aí ela conheceu o Maurice. Desde a primeira vez que saiu com ele, ela virou outra pessoa. Quer dizer, não se tornou propriamente mansa e dócil. Mas mudou.”

“Ela devia estar se sentindo feliz”, disse Una.

“Maurice foi o amor da vida dela”, declarou Catherine.

“Ah, é a pura verdade”, interveio Josie.

“Mesmo assim ela ainda sabia ser um demônio”, disse Una. “Lembra quando ela ficou sem falar com a mãe? Todos nós morávamos na mesma casa e Nora não falava com ela nem olhava para ela.”

“Ah, eu lembro muito bem”, disse Josie. “Eu e sua tia Mary, que Deus a tenha em Sua santa paz, ficávamos doidas com aquilo.”

“Mas por que ela não falava com a mãe?”, perguntou Phyllis.

“Maurice teve um irmão que morreu de tuberculose”, contou Catherine. “Era um rapaz encantador, foi uma coisa muito triste, e não sei para quem foi que a mamãe falou isso, mas ela falou para alguém que, quando Nora começou a sair com Maurice, ela teve medo de que Maurice também pegasse tuberculose. Ou pelo menos alguma coisa sobre Maurice e tuberculose. Depois essa pessoa falou para alguém que acabou contando para Nora. Aí ela meteu na cabeça que mamãe andava falando de Maurice para a cidade toda, falando da família dele, de tuberculose, e Nora simplesmente parou de falar com ela.”

“Nada no mundo fazia Nora descer do pedestal”, disse Catherine.

“Depois”, prosseguiu Una, “o padre Quaid descobriu. Ele era muito amigo da mamãe, porque ela era do coral e muitas vezes cantava na catedral. Perguntou a mamãe sobre o caso e ela confirmou. Então um dia, perto do Natal, ele pegou Nora de surpresa e disse que ela precisava parar com aquele absurdo, e ficou acertado que ela ia desejar feliz Natal para a mãe no dia de Natal, e seria o fim daquela história.”

“Ficamos aliviadas”, disse Una. “Acho que cidade inteira ficou aliviada, ou pelo menos as pessoas que nos conheciam.”

“E o que aconteceu?”, perguntou Phyllis.

“Ela esperou”, respondeu Catherine, “mamãe se abaixar para tirar o peru do forno e aí se inclinou e desejou feliz Natal para ela, mas parecia que estava desejando feliz Natal para o traseiro dela.”

“Lembro que eu quase explodi de raiva”, disse Una.

Nora começou a rir.

“Olhem, ela está acordada”, disse Phyllis.

“Estávamos justamente falando de você”, disse Catherine.

“Eu ouvi tudo”, respondeu Nora.

Quando voltou ao trabalho, Nora começou a dormir a noite inteira. Aos poucos, as dores foram embora. Ela não contou a mais ninguém o que havia acontecido no quarto. Supôs que fosse um sonho, como disse Josie. Mas parecia mais forte do que um sonho. À noite, quando apagava a luz, Nora se consolava pensando que

Maurice tinha estado no quarto, e de modo muito vivo. Tentava não sussurrar para ele, mas não conseguia impedir, e ela sentia que isso a fazia dormir com mais facilidade e vencer a noite.

No trabalho, não via a hora de voltar para casa e ficar sozinha na sala que havia decorado. Pegava livros na biblioteca e à noite, com a lareira acesa e todas as luzes também, lia ou deixava a mente se esvaziar. Gostava quando Fiona saía e ela ficava sozinha em casa, com Conor na saleta fazendo os deveres da escola, até que ele ia para a sala, sentava no sofá e ficava vendo suas fotografias ou lendo revistas e manuais que Donal deixara com ele. Diferentemente de Fiona, que muitas vezes achava a música irritante, Conor mal escutava os discos. Nora tinha a impressão de que ele associava a música a bem-estar e conforto, ou à ausência de tensão, no entanto às vezes sentia que ele a observava e que a expressão no rosto dele continuava preocupada e indecisa. Conor sempre seria daquele jeito, pensou Nora; ia se tornar um homem preocupado com as coisas, que vigiava o mundo em busca de sinais de que algo ia dar errado.

Em Dublin, certo dia, Nora viu uma liquidação na loja de discos May's, em Stephen Green; cada disco de uma grande coleção da Deutsche Grammophon tivera o preço reduzido para menos de uma libra. Ela comprou o máximo que podia carregar. Quando encontrou Aine e Fiona na National Gallery, entraram na loja de suvenires e escolheram gravuras que ela poderia pendurar na parede da sala. Quando foi para casa, mandou emoldurar as gravuras. Depois outra pessoa penduraria as gravuras, quando elas voltassem da oficina de molduras, pensou.

Josie combinou com Nora que Catherine e Una levariam caixas, esvaziariam o guarda-roupa onde ela mantinha as roupas de Maurice. Nora esperou um fim de semana em que Fiona iria a Dublin com Paul e se certificou de que Aine não viria para casa. Combinou com Margaret que Conor ia tomar chá na casa dela e ficar lá até a noite. No início da tarde, Nora foi de carro a Wexford. Tinha escrito a Donal e avisado que chegaria cedo. Comprou

galinha e batatas fritas para ele na lanchonete mais próxima do colégio, além de algumas garrafas de refrigerante Miranda, sabor limão, o seu predileto. Donal preferia, Nora sabia, que ela fosse com Conor, ou Fiona, ou Aine, pois assim os outros podiam conversar e discutir entre eles quando ele quisesse ficar calado. Sozinho com Nora, sempre havia alguma tensão. Donal se ressentia quando Nora lhe dava conselhos.

“Você c-c-conhece o p-p-paradoxo da fé?”, ele perguntou, quando terminou de comer.

“Acho que não.”

“O p-p-padre Moorehouse fez um sermão sobre isso. Só para um g-g-grupo p-p-pequeno, que faz um estudo especial de r-r-religião.”

“E como é?”, perguntou Nora.

“P-p-para acreditar, a pessoa t-t-tem de acreditar”, disse. “Se você tem fé, consegue acreditar m-m-mais, só que você não c-c-consegue acreditar, se não c-c-começar a acreditar. Essa p-p-primeira fé é um mistério. É como um d-d-dom. Depois o r-r-resto é r-r-racional, ou p-p-pode ser.”

“Mas isso não pode ser provado”, disse ela. “Só se pode sentir.”

“Sim, mas ele d-d-diz que não é uma questão de p-p-provar. Não é c-c-como somar dois mais dois, é mais parecido com pôr luz na á-á-água.”

“Isso parece muito profundo.”

“Não. Na verdade, é simples. Explica as coisas.”

Ela percebeu que Donal não gaguejou na última frase.

“A gente precisa t-t-ter alguma coisa primeiro”, prosseguiu ele. “Acho q-q-que é isso que ele está dizendo.”

“E se não tiver?”

“Essa é a posição ateísta.”

Nora olhou para baixo, para os telhados das casas, as torres das igrejas e para a luz calma do porto mais ao longe. Donal tinha dezesseis anos, e ela pensou em como tudo pareceria mais incerto à medida que os anos passassem por ele, e como era importante ela não dizer nada que o fizesse saber disso, pois Donal ainda não precisava saber.

Como Nora havia chegado cedo, Donal deixou claro que entendia que ela tinha alguma coisa para fazer e disse que, se ele tivesse uma hora livre agora, quando muitos dos meninos estavam jogando *hurling* ou futebol, ou andando em volta do campo e fumando disfarçadamente, ele ficaria com a câmara escura só para ele, e havia um tipo novo de papel fotográfico sem brilho que ele queria experimentar. Nora não entendeu se ele a estava dispensando porque queria que ela fosse embora ou se estava tentando facilitar as coisas para ela. Nora se acomodou no carro e, pelo espelho lateral, observou Donal caminhando de volta para o colégio com ar confiante.

Em casa, Nora ficou ouvindo Victoria de los Angeles cantando Schubert e Fauré e depois uma gravação do concerto para violino de Beethoven, enquanto esperava a chegada de Catherine e Una.

Torcia para que fossem embora assim que tivessem acabado; iam levar as roupas de Maurice, Nora esperava, sem dizer a ela o que iam fazer com aquilo tudo. Depois que fossem embora, Nora teria algumas horas sozinha, com a lareira acesa e música. Talvez procurasse um livro que havia pertencido a Maurice e o deixasse perto de si. Esperaria Conor chegar e iria para a cama logo depois dele. Prepararia um chá para Catherine e Una, para que elas não se queixassem muito dela a Josie e a seus maridos, mas decidiu não lhes dar nada para comer, assim elas não se sentiriam estimuladas a permanecer ali depois que acabassem o que tinham vindo fazer. Nora sabia que as duas estavam juntas agora, em algum lugar, dizendo uma porção de coisas sobre ela, sobre Josie e sobre o sábado delas ter sido ocupado daquela maneira.

Quando elas chegaram, Nora não as convidou para entrar na sala.

“Todas as coisas dele estão naquele guarda-roupa ao lado da janela”, disse. “Só há isso no guarda-roupa.”

As duas olharam para a irmã, esperando que Nora as acompanhasse até o andar de cima, mas em vez disso Nora voltou para a sala, acrescentou mais lenha e blocos de serragem ao fogo

da lareira, substituiu o concerto de violino por uma música de piano mais calma e diminuiu bastante o volume. O que elas iam fazer era fácil: apenas tirar tudo do armário, pôr dentro de sacolas e caixas, levar para baixo e depois para o carro. Nora não abria aquele guarda-roupa desde um pouco depois da morte de Maurice, quando havia colocado o restante das roupas dele lá dentro. Traças poderiam muito bem ter aberto buracos na lã, mas os sapatos estariam do mesmo jeito, os cadarços estariam do mesmo jeito que ele havia deixado, e dentro de um ou outro bolso dos paletós podia até haver um pouco de giz da sala de aula. Nora quase se arrependeu de permitir que tudo aquilo fosse embora, ou de não ter feito aquilo ela mesma, aos poucos, ao longo do tempo. Agora gostaria que elas fizessem tudo mais depressa. Pareciam estar se movimentando demais lá em cima.

* * *

Quando elas tinham enchido as sacolas e as caixas, levado tudo para o hall e subido de novo a fim de dar uma última olhada no guarda-roupa, alguém bateu na porta. Nora ficou surpresa ao ver Laurie O'Keefe. Laurie nunca tinha ido à sua casa. Por um segundo, Nora não conseguiu pensar no que devia fazer. De certo modo, o mundo de Laurie não casava com o mundo em que Catherine e Una habitavam; elas iam achar que Laurie era maluca. Nora ia dizer a Laurie que aquele não era um bom momento, mas foi impedida pelo entusiasmo e pela simpatia de Laurie. Laurie também parecia sem fôlego. Nora levou-a para a sala, enquanto Catherine e Una desciam a escada, e Nora apresentou-as. Preparou um chá, imaginando quanto tempo Laurie e suas irmãs ficariam ali.

"Não gosto de visitar ninguém sem avisar", disse Laurie. "E vocês?"

Olhou para Catherine, para Una e depois para Nora.

"Bem que eu gostaria que Nora tivesse um telefone", disse Catherine.

“Bem, isso existe”, disse Laurie. “Mas há pessoas que não gostam de telefones.”

“E pessoas que não têm dinheiro para comprar um”, acrescentou Nora, enquanto sentava.

“Ou que preferem comprar discos”, disse Una.

“É verdade”, admitiu Nora.

“Bem, tenho boas notícias”, disse Laurie, quando o chá foi servido, “e queria que você soubesse. Sei que é um dia difícil para você, Nora, no entanto ponderei bem e achei que uma boa notícia não lhe faria mal nenhum num dia como hoje.”

“Como soube o que ia acontecer hoje?”, perguntou Nora.

“Detesto mistérios, portanto vou lhe contar. Sua tia contou à irmã Thomas e ela me contou, e ela também me aconselhou a vir aqui.”

“Ela é uma tremenda intrometida”, disse Una.

“É uma forma de encarar a questão, de fato”, disse Laurie. “O que aconteceu é que uma mulher morreu, não sabemos quem ela é, e deixou dinheiro em seu testamento para um recital de música religiosa em Wexford, Kilkenny ou Carlow. Quem quer que ela seja, deve ter sido uma alma adorável, para ter uma ideia como essa; além do dinheiro, claro. Portanto, procuraram Frank Redmond e, apesar de eu não estar falando com ele, Redmond me procurou e pediu que eu organizasse o coral, pois está ocupado demais para cuidar do assunto, e me ocorreu que tudo isso foi uma dádiva de Deus.”

Parou e olhou para as três mulheres, acreditando que elas tivessem entendido. Nora viu que Catherine, a mais religiosa delas, observava Laurie com toda a atenção.

“É o vigésimo quinto aniversário da reabertura do convento e da nova consagração da igreja depois da guerra,” informou Laurie em tom dramático. “Os nazistas a tomaram de nós e lá aconteceram coisas indescritíveis.”

“Laurie foi freira no Sagrado Coração, na França, durante a guerra”, disse Nora.

“Tínhamos uma grande madre reverenda”, disse Laurie. “Era de uma família muito antiga da França. Estávamos em 1947 e ela disse que íamos apresentar um concerto para agradecer a Deus pelo fim

da guerra e em comemoração à reabertura da nossa igreja e do nosso regresso ao antigo prédio. Organizamos um coral maravilhoso, mesmo naquela época, embora tivéssemos perdido muitos homens na guerra, além de mulheres. Ela queria apresentar o Réquiem Alemão, de Brahms, como uma ação de graças e também como uma expiação, e ela mesma ia tocar o piano, escolheu a melhor soprano e o melhor barítono para os trechos mais importantes, e as freiras e o povo da aldeia formariam o coro. Ah, as pessoas da aldeia protestaram e algumas freiras também quiseram protestar, mas, claro, tínhamos feito nosso voto de obediência. Foi difícil, mesmo para as freiras. A língua alemã tinha sido um pesadelo para toda a Europa e era a primeira coisa que ninguém queria ouvir, muito menos cantar. Além do mais, não é uma composição católica, mas aquilo também fazia parte do sonho dela, estender a mão para o outro lado. Nenhum homem queria ir, então Mère Marie-Thérèse se aproximou de um deles, o que ela conhecia melhor. O homem tinha uma voz linda, mas havia perdido os dois filhos na guerra, um dos corpos nunca fora encontrado, sua mulher tinha morrido e o coração dele estava muito fechado. A madre pediu que ele fosse com ela até a capela recém-consagrada, para rezarem juntos. Pediu que ele rezasse, foi só isso que ela fez. Pediu que ele rezasse.”

Laurie parou, como se já tivesse dito o suficiente.

“E o que ele fez?”, quis saber Catherine.

“Implorou que a madre o deixasse cantar um réquiem católico, em francês, pelos mortos franceses, mas ela recusou. Vamos cantar à glória de Deus, que é capaz de perdoar tudo, foi o que ela disse, e vamos cantar em alemão, para mostrar que somos feitos à imagem de Deus e também podemos perdoar. Todo dia ela ia à casa do homem rezar com ele. Levava duas novças com ela.”

“E ele aceitou?”, perguntou Catherine.

“Não, nunca aceitou, mas muitos outros aceitaram. Ela visitava todos. Então, em outubro de 1947, apresentamos o concerto. Sempre acreditei que aquele dia foi o início da paz. Quando era difícil perdoar, cantamos em alemão e, quando nossas palavras se

elevaram, eles se elevaram. Foi para lá que eles foram, para o alto.”

Um pedaço de lenha escorregou e afundou na chama da lareira e começou a arder com mais força. Ninguém falou nada por um minuto.

“E a senhora estava na França naquela época?”, perguntou Catherine.

“E agora, para marcar os vinte e cinco anos, vou montar um coral e vamos ensaiar o Réquiem Alemão em Wexford, e Frank Redmond vai montar uma pequena orquestra para acompanhar, ou pelo menos dois pianos, além de providenciar os dois cantores principais. E a sua irmã, a sra. Webster, é a primeira pessoa que eu quero no meu coral.”

“Nora?”, perguntou Catherine.

“Sim, é a minha melhor aluna.”

“Bem, vou lhe dizer uma coisa”, começou Catherine. “Se minha mãe estivesse viva, ficaria surpresa, porque ela era uma excelente cantora e sabia que Nora também era, mas Nora nunca quis saber de cantar.”

“Todos nós mudamos, Catherine”, disse Laurie.

Catherine olhou para ela com ar descrente.

“Agora preciso ir”, disse Laurie. “Vim aqui só para dizer isso.”

Depois que ela se foi, Catherine e Una voltaram com Nora para a sala.

“Ela está falando sério?”, perguntou Catherine.

“Já ouvi falar dela, é uma pessoa muito séria”, disse Una. “É muito respeitada.”

“Tem sido uma amiga muito boa”, disse Nora.

“Você vai mesmo cantar num coral?”, perguntou Catherine.

“Farei o melhor que eu puder”, disse Nora.

Una e Catherine levaram as caixas para o carro, enquanto Nora ficou no vestíbulo, segurando a porta aberta para elas. Quando tudo havia terminado, Una subiu mais uma vez e desceu com uma caixinha de madeira, que estava trancada.

“Isto estava no fundo do guarda-roupa.” Sacudiu a caixa, mas não se ouviu barulho nenhum.

Nora encolheu os ombros. Ela sabia o que era.

“Não tenho mais a chave. Uma de vocês podia me ajudar a abrir.”

“Vai ser preciso arrombar, mas a caixa vai ficar destruída”, alertou Catherine.

“Tudo bem”, disse Nora.

Catherine tentou usar uma ferramenta que achou na cozinha, mas não funcionou.

“Eu preciso abri-la”, disse Nora.

“Certo, mas eu não consigo.”

“Una”, chamou Nora. “Você poderia levar a caixa à casa do vizinho, o Tom O’Connor? Ele tem todas as ferramentas do mundo.”

Quando Una saiu, Catherine foi ao banheiro. Nora percebeu que ela tinha ficado abalada por manusear as roupas de Maurice e que a irmã não queria ficar sozinha com ela. Catherine só desceu quando Una voltou.

“Ele teve dificuldade para abrir”, contou ela. “Precisou quebrar a madeira.”

Nora colocou a caixa na mesa a seu lado e voltou ao vestíbulo, onde estavam as irmãs.

“Você vai ficar bem sozinha?”, perguntou Catherine.

“Conor vai chegar daqui a pouco.”

Nora esperou enquanto as duas pegavam seus casacos.

“Eu nunca teria conseguido fazer isso”, disse ela.

“Se soubéssemos, teríamos vindo antes”, disse Una.

Nora ficou parada na porta observando as irmãs irem embora, vendo Catherine manobrar o carro com cuidado e todas as roupas de Maurice, todas as peças compradas sem a menor ideia do que ia acontecer com ele, sendo levadas para algum lugar, para serem jogadas no lixo ou doadas. Nora fechou a porta, voltou para a sala e esvaziou o conteúdo da caixinha de madeira.

Todas as cartas que Maurice escrevera para ela antes do casamento estavam ali. Nora havia guardado naquela caixa e trancado à chave. Lembrou como o tom de Maurice era tímido quando escrevia para ela. Muitas eram cartas breves, apenas sugerindo um lugar na cidade onde poderiam se encontrar, e um horário.

Nora não deu uma olhada nelas; já as conhecia. Muitas vezes, ele falava de si como se fosse outra pessoa, dizia que tinha conhecido um homem que havia lhe contado que gostava muito de determinada garota, ou que ele tinha um amigo que, enquanto voltava para casa, depois de ter estado com a namorada, só conseguia pensar em como gostaria de vê-la outra vez, em breve, ou como gostaria de ir a Ballyconnigar com ela e fazer caminhadas pelos penhascos, em Cush, e talvez nadar com ela, se o tempo estivesse bom.

Nora se ajoelhou e, lentamente, alimentou o fogo com as cartas. Pensou em quanta coisa havia acontecido depois que essas cartas tinham sido escritas e em como elas pertenciam a um tempo que havia terminado e não voltaria mais. As coisas eram assim; era assim que as coisas funcionavam.

Quando Conor chegou em casa, notou a caixa de madeira queimada até a metade na grelha da lareira, junto com pedaços de lenha, carvão e blocos de serragem. Perguntou o que era.

“Só uma coisa que joguei fora”, disse Nora.

Conor olhou o objeto com ar desconfiado.

“Vou cantar num coral”, disse ela.

“O da cathedral?”

“Não, em outro coral. O de Wexford.”

“Pensei que aquele homem não tinha gostado de você.”

“Bem, eles mudaram de ideia.”

“E o que você vai cantar?”

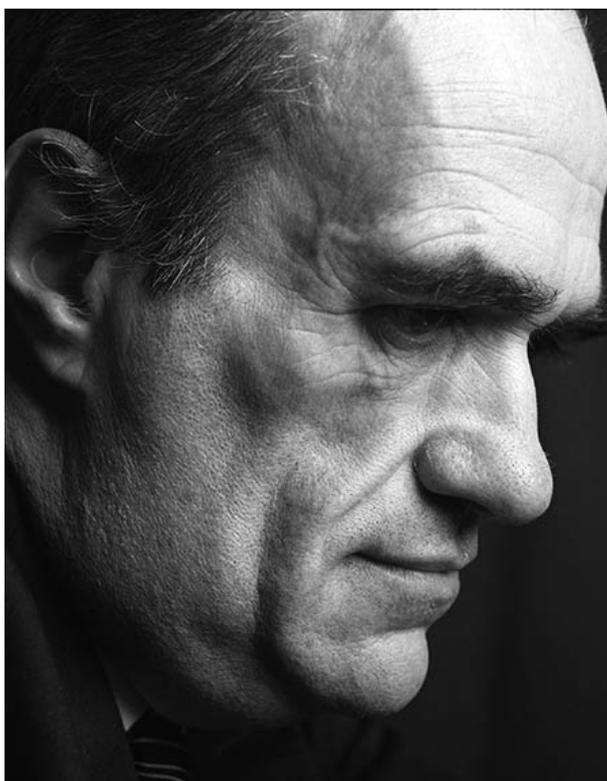
“O Réquiem Alemão, de Brahms.”

“É uma canção?”

“É uma série de canções, só que para muitas vozes.”

Conor ficou pensativo, parecendo ponderar bem cada aspecto, depois assentiu com a cabeça. Sorriu para ela, satisfeito, depois subiu para seu quarto. Nora se acomodou perto da lareira e pensou em pôr uma música no toca-discos, algo especial. Esperava que Conor ficasse um pouco com ela antes de ir dormir. Nesse meio-tempo, a casa permaneceu em silêncio, um silêncio rompido apenas

pelos barulhos suaves de Conor no andar de cima e pelos estalos da lenha queimando lentamente na lareira.



STEVE PYKE

COLM TÓIBÍN é autor de sete romances, entre os quais *A luz do farol* (2004), *O mestre* (2005), *Mães e filhos* (2008), *Brooklyn* (2011) e *O testamento de Maria* (2013), todos publicados pela Companhia das Letras. É ganhador do Costa Book Awards e do Los Angeles Times Book Prize, entre diversos outros prêmios. Vive entre Dublin e Nova York.

Copyright © 2014 by Colm Tóibín
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Nora Webster

Capa
Victor Burton

Foto de capa
Lauren Naimola/Dear Golden, Inc (acima à esq.); © The Inge Morath F/Magnum
Photos/Latinstock (acima à dir.); Igener/ ©Istock (abaixo à esq.); Jose AS Reyes/
©Bigstock (abaixo à dir.)

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Jane Pessoa
Márcia Moura

ISBN 978-85-438-0356-2

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

Sobre o autor

Créditos